

“OUVI DIZER DE UM VIZINHO”: ASSIM TAMBÉM SE FAZ HISTÓRIA.

Banco de dados sobre escravidão e análise de processos crimes –

Vassouras / RJ, século XIX

Camilla Agostini

SUMÁRIO

Apresentação.....	4
Parte I – A PESQUISA	8
A pesquisa nos processos-crimes do CDH-FESS.....	9
Metodologia.....	9
Análises	13
Parte II – OS PROCESSOS.....	18
A amostra: características gerais da série	19
Processos-crimes arrolados entre os anos de 1820 e 1880, referentes à antiga Comarca de Vassouras	28
Relação percentual das partes envolvidas em homicídios e ofensas físicas	30
Parte III – AS PESSOAS	31
População de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos, 1820 – 1880.....	32
Dados gerais	32
Sexo	32
Referências de Cor	33
Naturalidades	33
Naturalidades genéricas de africanos e afrodescendentes em números absolutos	34
Naturalidades genéricas de africanos e afrodescendentes em percentual	34
Naturalidades específicas de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – 1 ^a ½ XIX	35
Naturalidades específicas de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1850.....	36
Naturalidades específicas de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1860.....	37
Naturalidades específicas de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1870.....	38
Atividades de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – 1 ^a ½ XIX	39
Atividades de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1850	40
Atividades de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1860	41
Atividades de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1870	42
Memória: nas respostas de africanos, 1820-1880.....	44
Filiação e local de origem.....	45
Referências à filiação materna e paterna I	53
Referências à filiação materna e paterna II.....	54
Laços de parentesco por região	56
Referências de naturalidade e nacionalidade para a mesma pessoa.....	61
Memória nas respostas de crioulos, 1820-1880.....	70
Memória – pessoas de origem indeterminada.....	74
População de cidadãos brasileiros e imigrantes livres, 1820-1880.....	75
Atividade por local de registro do processo, com naturalidade e cor associadas.....	77
Atividade, com naturalidade e cor associadas (total amostra de 506 indivíduos).....	85
Naturalidade – forma resumida (total amostra de 430 indivíduos).....	89

Atividades da população de cidadãos brasileiros, e imigrantes livres; população africana e afrodescendente, escravos e libertos, 1820 – 1880.....	91
Intermediários (administradores, feitores e capatazes): informações pessoais e profissionais.....	92
Intermediários (tropeiros e carreiros): informações pessoais e profissionais	96
Parte IV – REDES SOCIAIS.....	98
Análise de Redes Sociais e o diz-que-me-disse.....	99
Exemplo: a rede de fofocas sobre Chico Mandú	102
Vizinhança em rede a partir do processo O Crime do Pocinho: representação em mapa com dinâmica de espaços, movimentos e dizeres	106
Parte V – ÍNDICE TEMÁTICO	108
Agressões (cabeça)	108
Alimentação.....	110
Armas	112
Cabeça (referências)	114
Cachimbo	115
Castigos	117
Circunstância fúnebre	119
Conflitos entre escravos e dívidas	120
Conflitos entre homem e mulher	121
Cultura Material	123
Espaço das Fazendas e Senzalas.....	128
Espaços alternativos	135
Ferreiros e caçadores	138
Festa, descanso, prazeres	139
Fogo.....	142
Liberdade.....	145
Nomeação.....	147
Padrinho	151
População transeunte e liminar.....	153
Quilombolas e fugitivos	154
Relações familiares, amizades e etc.	156
Relações de trabalho.....	161
Roça de escravo e aluguel	165
Rotina do trabalho escravo	166
Tempo.....	171
Termos, dizeres, gestos.....	172
Tratamento medicinal / Plantas e ervas	176
Vendas	180
Vestimenta.....	182
Lista dos processos transcritos	185
Índice com notação dos processos no Banco de dados // CDH – Cadastro Geral	192
Bibliografia	195

Apresentação

Este livro tem dois objetivos em linhas gerais. Primeiro o de apresentar possibilidades de análises para processos criminais, fazendo uso de ferramentas de disciplinas variadas (história, antropologia, sociologia, arqueologia). Por outro lado, compartilhar uma série de dados sistematizados que dizem respeito a uma amostra da população Vassourense, referente à região do Vale do Paraíba fluminense do século XIX, a partir da criação de bancos de dados montados com informações quantitativas e qualitativas extraídas de uma série de processos.

O livro se divide em uma primeira parte com a apresentação da metodologia, das ferramentas utilizadas e as análises empreendidas em uma pesquisa que deu suporte a todo este trabalho inicialmente, e que agora são compartilhadas juntamente com algumas séries de dados. Nas partes II e III são apresentados os dados, em diversos quadros e gráficos que caracterizam o conjunto dos processos analisados (em um total de 127 processos), a partir do qual se buscou, à época, a observação de populações no contexto das *plantations* caracterizadas pela historiadora Hebe Mattos (1995) por “comunidades escravas”, “comunidades de lavradores livres” e “comunidade política”. Naquela ocasião, o foco da pesquisa observava aspectos de relações interétnicas no âmbito desta sociedade, havendo para isso bipartido o olhar sobre a mesma para fins de análise em “comunidades escravas” (agora renomeadas como *população de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos*) e “comunidades de lavradores livres” (em sua maioria luso-brasileiros, atualizando nesse momento sua denominação para *população de cidadãos brasileiros e imigrantes livres*).¹

Vale ressaltar que esse olhar bipartido, especialmente nesse contexto das *plantations* do chamado segundo escravismo na região de Vassouras,² não implica considerar tais “comunidades”, populações ou amostras – definidas primeiramente pela condição etnocultural – como completamente antagônicas. Lembrando, nesse sentido, que a condição de cor, fortemente silenciada na documentação desse período, interfere na localização de personagens liminares, como libertos, pardos, africanos livres, etc. Lembrando ainda que figuras como a do africano livre ou o liberto, por exemplo, que a princípio poderiam pertencer ambas, são consideradas como constituintes das

¹ A pesquisa que deu base a esse levantamento e análises empreendidas agora compartilhadas é referente ao desenvolvimento da dissertação de mestrado, sob os auspícios da FAPESP, *Africanos no cativo e a construção de identidades no além-mar*. Vale do Paraíba, século XIX. Unicamp, 20002.

² Tomich, 2011; Chalhoub, 2012; Sallles e Muaze, 2015.

população de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos. Não apenas pelo interesse etnocultural reforçado da pesquisa, mas porque legalmente apesar de livres não eram juridicamente cidadãos. Como mostrou Mamigonian, Africanos, mesmo livres, não eram considerado cidadãos plenos no século XIX; e libertos não tinham plenos direitos políticos, ou seja, não eram eleitores nem eram elegíveis, apenas votantes em primeira instância.³

Portanto, ainda que personagens minoritários demograficamente no contexto em questão, a condição de cidadão brasileiro implícita na amostra da *população de cidadãos brasileiros e imigrantes livres*, por exemplo, poderia incluir um afrodescendente liberto que por condições que o afastavam do cativeiro o fizeram não ser incluído no banco de *africanos e afrodescendentes, escravos e libertos*, como, por exemplo, ter sua cor silenciada nos autos ou mesmo por ter sido designado como pardo, mas, que por ter um sobrenome, acabou se distanciando das fronteiras da chamada “comunidade escrava”, pensada aqui em uma perspectiva extensiva, quase metafórica.⁴

Os personagens, ou as categorias sociais, que nortearam o olhar da pesquisa, não eram, assim, categorias internas às fontes, mas uma construção prévia da pesquisadora que olhava para o século XIX a partir do século XX.⁵ Nos processos oitocentistas, encontram-se categorias como escravos, libertos, livres, africanos (referidos por inúmeras designações), crioulos, especificações de profissões, idades, etc. “Africanos e Afrodescendentes” como categoria social,⁶ portanto, foi uma abstração genérica escolhida pela pesquisadora interessada em compreender os processos de transformação de identidades na experiência da diáspora. Em última instância, o objeto de análise foi a experiência desses indivíduos, suas “ações práticas” em determinada sociedade (em “um mundo que os escravos criaram”⁷), bem como as relações estabelecidas entre eles, para observar solidariedades, coalizões ou conflitos – uma estratégia inspirada na bibliografia sobre etnicidade consultada à época e, especialmente, nos trabalhos sobre Redes Sociais desenvolvidos pela antropologia e pela sociologia na década de 1970, em

³ Mamigonian, 2017

⁴ Ver Agostini, 2010.

⁵ A pesquisa de mestrado que resultou na dissertação Agostini, 2002, desenvolveu-se entre princípios de 1999 até junho de 2002.

⁶ Seria impossível enumerar as obras que se dedicam a discutir a formulação desses conceitos, nem é o objetivo historicizar a mesma nesse volume. Ver por exemplo trabalhos de autores como Nei Lopes, Kabenguele Munanga, Joseph Ki-Zerbo e Stuart Hall, para algumas e diferentes abordagens.

⁷ Gevovese e Genovese, 1988.

diálogo com a historiografia sobre escravidão dedicada aos estudos das chamadas “comunidades escravas” da década 1990.⁸

Com isso, no momento da consulta, seleção dos processos e montagem dos bancos de dados, essas categorias abrangentes (Africanos e Afrodescendentes) tinham que ser procuradas e/ou construídas, elas não estavam lá. O critério para encontrá-las onde elas *a priori* não existiam (segundo a lógica interna do documento) foi o de incluir as categorias existentes nos processos que representassem africanos e seus descendentes e escravos e seus descendentes: tais como escravo; liberto; africano (e suas inúmeras formas referências); crioulo; preto; pardo; e negro, como constituintes dessas abstrações mais genéricas.

A questão da cor, tão complexa, e, em particular, a referência a “pardo”, como já exemplificada anteriormente, pareceu relativamente segura de ser incorporada a esse mesmo grupo, pela especificidade do contexto e da população da região no século XIX e seu perfil demográfico; bem como por ter sido essa uma designação de relativa baixa frequência entre os escravos e ex-escravos identificados. Assim, os equívocos que possivelmente fossem incorporados (como descendentes diretos de indígenas, por exemplo) foram considerados como “margem de erro” e incluídos. Uma decisão importante, pois, com essa inclusão, os personagens com tal designação acabaram por se impor em algumas análises de caráter qualitativo, em especial com a aplicação das redes sociais a determinadas vizinhanças, chamando a atenção para categorias sociais em construção naquele contexto, como a do próprio liberto.⁹

É importante destacar que essas categorias abrangentes, que permitiram a inclusão de uma série de categorias internas às fontes com relativa segurança como representativas de certa população, não são possíveis de serem aplicadas a todo e a qualquer contexto. No litoral fluminense, nesse mesmo período do século XIX, por exemplo, seria impossível incluir o critério de pardo para a definição de uma população “africana e afrodescendente” pelo alto fluxo populacional ao longo do tempo, pela presença indígena permanente e demograficamente marcante, bem como pelos processos de mestiçagem de longa duração.

⁸ Posteriormente Rafael Marquese sugeriu a expansão desse diálogo para a noção de vizinhanças a partir dos trabalhos de Kaye, 2007. Mais adiante essa bibliografia será apresentada de forma detalhada.

⁹ Em Agostini 2015, os casos de transeuntes, suspeitos e liminares trazem a tona tais situações – exemplo das análises qualitativas trazendo a luz os difíceis caminhos dos libertos no contexto do segundo escravismo na região de Vassouras oitocentista.

Na parte IV são apresentadas estratégias mais dinâmicas de análise, que têm como foco a “ação prática” de diferentes personagens na vida cotidiana em determinadas vizinhanças – ou “fragmentos de sociedade”. Já citada, a análise de Redes Sociais inspirou a construção de mapas e diagramas que podem ser associados a dinâmicas de “ouvir dizeres” (fofocas) e de movimentos de pessoas por determinado espaço, sejam em situações liminares,¹⁰ sejam em momentos do cotidiano. O foco em pessoas e espaços intermediários e/ou liminares foi, nesse caso, central para a observação da dinâmica de fronteiras sociais e identitárias.¹¹

Após comentários gerais sobre o potencial dessas análises é oferecida uma outra estratégia também com seu conteúdo compartilhado. Trata-se de um índice temático, composto por extratos das transcrições de todos os processos – uma metodologia inspirada nas análises temáticas realizadas na literatura de viajantes que facilita o estudo das fontes por assunto.¹²

Por fim, índices dos processos que permitem formas de busca variadas dentro dos bancos de dados associando a notação interna à pesquisa a do Arquivo – o Centro de Documentação Histórica de Vassouras.

¹⁰ Victor Turner, 1957, 1969, 1974.

¹¹ Fredrik Barth, 1970 além da própria bibliografia sobre redes sociais referida mais a diante. Para exemplo de como isso foi aplicado, ver Agostini, 2010.

¹² Leite, 1997.

Parte I – A PESQUISA

A pesquisa nos processos-crimes do CDH-FESS

Entre janeiro e junho de 2000 foram consultados e transcritos os processos criminais existentes no Centro de Documentação Histórica, em Vassouras, que se mantém até hoje sob os cuidados da Universidade Severino Sombra. O Arquivo apresentava a documentação em bom estado de preservação e guarda, não havendo dificuldades para o acesso.

Um levantamento inicial foi realizado no catálogo de fontes da mesma instituição.¹³ No entanto, com a consulta presencial à documentação, um novo número de documentos foi selecionado. Vale ressaltar que tive a chance de consultá-los diretamente nas caixas onde ficavam guardados, nas estantes, uma prática recorrente em arquivos locais nas cidades de interior. Isso significa que tive a oportunidade de conferir um a um, todos os processos-crimes existentes à época, nas estantes do CDH. O arquivo estava então em processo de expansão, com alguns documentos recém-chegados e ainda “fora das caixas” e não catalogados, mas que também foram consultados.

A seguir, apresento em detalhes a metodologia que guiou o levantamento e os critérios de seleção dos processos; a criação de bancos de dados de caráter quantitativo e qualitativo; a criação de tabelas, exemplo de diagrama/mapa e índices de busca; bem como as possibilidades de análise e pesquisa que se descortinaram e que, nesse momento, compartilho em forma e conteúdo.

Metodologia

Optou-se por partir de um levantamento e análise de processos criminais datados entre os anos de 1820 e 1880, para antiga região da Comarca de Vassouras, uma importante região cafeeira do Vale do Paraíba fluminense em meados do século XIX. Para ter uma visão mais ampla do acervo presente no arquivo foi feito, num primeiro momento, um Cadastro Geral de todos os processos que apresentavam interrogatórios de africanos e descendentes; ou escravos e ex-escravos, fossem estes apresentados como partes nos processos (réus ou vítimas), fossem como testemunhas; nesse caso, incluindo também os crimes cujas partes não envolviam cativos – informações observadas nos

¹³ CDH-FESS. 1995. Fontes Primárias para História da Escravidão em Vassouras, Vassouras, 2 vols.

Autos de Qualificação, momento no processo quando se coletam informações objetivas e pessoais dos interrogados.

Nesse primeiro momento, foi feito apenas um cadastro dos processos e não a sua leitura efetiva com a realização de transcrições, o que foi realizado em momento posterior. Levantou-se os documentos mais antigos do arquivo para o século XIX,¹⁴ compondo um conjunto de 127 processos criminais entre as décadas de 1820 e 1870, cobrindo o período da implantação dos grandes cafezais na região e de sua opulência, isto é, até o ano de 1880, excluindo, com isso, os anos que antecederam a abolição, quando então a região do Vale do Paraíba fluminense se viu em uma nova dinâmica de crise econômica (v. Slenes, 1985; Stein, 1985; Salles e Muaze, 2015).¹⁵ O intuito era enfocar o auge do período no qual se formaram as chamadas “comunidades escravas” na região, um período de alta africanidade e negritude da população rural vassourense.

Neste sentido, optou-se por fazer um levantamento, durante a elaboração do Cadastro Geral dos processos, considerando os tipos de crimes, seus personagens e contextos, para uma melhor avaliação do potencial da documentação frente às questões propostas na pesquisa. Este levantamento, que gerou os grupos de fichas descritos a seguir, foi feito ao longo de um mês aproximadamente e ofereceu um panorama mais fidedigno da documentação a ser pesquisada, assim como a organização da mesma em um sistema que facilitava o cruzamento de informações provenientes de documentos diversos.

O sistema de fichas adotado, que veio a constituir o banco de dados a partir dos processos, compreendeu os seguintes grupos: 1) Cadastro dos processos-crimes; 2) Cadastro dos africanos e afrodescendentes (ou escravos e ex-escravos); 3) Cadastro dos senhores de escravos; 4) Cadastro de fazendas; 5) Cadastro de negociantes.

- 1) Cadastro dos Processos-Crimes: cadastrados todos os processos criminais que envolvem africanos e seus descendentes diretos e/ou escravos e libertos como partes ou como testemunhas de crimes ocorridos entre os anos de 1820 e 1880.

Os processos envolvem homicídios, ofensas físicas, furtos e fugas. Cada

¹⁴ O Documento mais antigo se refere ao ano de 1821, não tendo sido identificados processos para as duas primeiras décadas do século XIX.

¹⁵ As décadas de 1860 e de 1870 não foram incorporadas ao projeto inicial, uma vez que o objetivo do mesmo era enfatizar o período de entrada de um grande número de africanos na região, antes do aumento do deslocamento de cativos proporcionado pelo tráfico interno (direção nordeste-sudeste) para suprir a demanda por escravos nos cafezais após o término do tráfico transatlântico de escravos. No entanto, foram exatamente as décadas de 1850, 1860 e 1870 o período de maior riqueza da região, e, por conseguinte, o período com maior número de documentos produzidos e que estão disponíveis no arquivo.

processo recebeu um número; sendo anotados o ano e o local do crime (exp.: PC 001, 1870, Vassouras); as informações objetivas e pessoais de todos os réus, vítimas e testemunhas envolvidos em cada processo (mesmo os não escravos); e um resumo do ocorrido. Foram consultados um total de 131 documentos que representam 127 processos-criminais, nos quais africanos, descendentes, escravos ou libertos de alguma forma se manifestaram.

Dos 127 processos cadastrados, foram selecionados 101 para análise e transcrição, conforme sua condição de leitura e estado de conservação, e com o fim de organizar grupos de processos envolvendo africanos, descendentes, escravos ou libertos entre as partes de um crime. Os processos selecionados foram, assim, separados em grupos de acordo com as partes envolvidas e os tipos de crime:

Para os homicídios e ofensas físicas (total 84 processos = 100%):

Entre “escravos”¹⁶ (27 = 32% do total):

escravo → escravo (13 processos);
escravo → escrava (12 processos);
escrava → filho(a) (02 processos).

Entre escravos e senhores (26 = 31% do total):

senhor (e/ou feitor) → escravo (08 processos);
escravo → senhor (e/ou feitor) (18 processos).

Entre escravos e a população livre (31 = 37% do total):

homem livre → escravo (total de 18 processos);
escravo → homem livre (total de 13 processos).

Para os furtos:

escravos → objetos e gêneros (total de 06 processos).

Para as fugas:

escravos fugidos das residências de seus senhores (total de 11 processos).

¹⁶ Uma alusão às chamadas “comunidades escravas” – entendidas aqui de maneira extensiva, quase metafórica. Chamando a atenção que nesse contexto a grande maioria trata-se efetivamente de pessoas em condição escrava.

- 2) Cadastro de africanos, afrodescendentes, escravos ou libertos: para cada cativo, liberto ou livre descendente de escravo, foi feita uma ficha com nome, nacionalidade, naturalidade, cor, idade, estado civil, filiação, parentes, residência, senhor, atividade e a referência dos documentos nos quais é referido. É importante notar que não só réus, vítimas ou testemunhas ganharam uma ficha, mas também os indivíduos referidos nos processos que não chegaram a ser interrogados – informações que foram acrescentadas, posteriormente, no momento das transcrições.
- 3) Cadastro dos senhores de escravos: todos os indivíduos referidos como proprietários de escravos receberam uma ficha onde foram anotados seus nomes, filiação, cônjuge, parentes, local de residência e a referência dos documentos nos quais são referido.
- 4) Cadastro de fazendas: todas as fazendas referidas nos processos ganharam uma ficha com sua localização, proprietários e a referência dos documentos nos quais são referidas.
- 5) Cadastro de negociantes: também ganharam fichas os indivíduos que possuíam uma casa de negócio, venda, secos e molhados, etc., com seus nomes, funcionários, localização da venda, objetos comercializados e a referência da documentação.

No encaminhamento da pesquisa essas fichas incluíram, na maior parte dos casos, apenas as informações apresentadas nos processos criminais, e, para os casos analisados mais densamente para a dissertação, incluídos testamentos e inventários. A ampliação do cruzamento de informações com outros documentos para todo o banco pode ser realizada, com informações provenientes de outras pesquisas, com uma diversificação de tipos de documentos, tais como jornais, certidões de batismo, óbito, casamento – documentos que permitem a ampliação das informações sobre os

personagens e suas redes de relação, presentes em processos com maior potencial interpretativo.¹⁷

Depois de feito esse levantamento de criação de bancos de fichas de cadastro (que se interligam pelos códigos dos processos co-relacionados no verso das fichas), iniciou-se a fase de leitura e transcrição dos processos, seguindo os grupos definidos no cadastro. Com esta leitura procurou-se observar as motivações dos crimes e seus sentidos para os personagens envolvidos; as redes de interação entre os personagens; a construção e uso de nomes como referenciais de identidade; detalhes secundários (as entrelinhas) sobre organização do espaço, uso de objetos, atividades, etc. que vieram a compor o índice temático.

Foram transcritos os processos que envolviam os conflitos gerados no convívio entre as forças dominantes, manifestadas nas ações de senhores ou feitores, e seus subalternos; os conflitos entre escravos e a população livre, normalmente constituída de homens livres e pobres, proprietários de pequenos sítios, casas de negócio ou trabalhadores agregados, na maioria das vezes portugueses ou brasileiros; e os conflitos entre escravos, entre escravos e escravas, além dos que envolviam o infanticídio.

É interessante notar que, enquanto o número de conflitos entre homens e entre homens e mulheres escravos/as é praticamente equivalente, o infanticídio apresenta-se com uma percentagem muito baixa. Dos dois processos envolvendo o infanticídio, apenas um deles apresenta a intenção do crime, sendo o outro, aparentemente, um acidente. Com isso, não há indícios de um desespero generalizado por parte de mães cativas querendo livrar seus filhos da escravidão conferindo-lhes, para isso, a morte.¹⁸ Este trabalho realizado no CDH permitiu a consulta de cada um dos grupos de processos por um período médio de duas semanas.

Análises

A estratégia de análise da documentação criminal apoiou-se fundamentalmente nas sugestões de J. A. Van Velsen sobre análise situacional, considerando ainda as colocações sobre a teoria de redes e dinâmicas sociais de MacFarlane, Barnes, Bott,

¹⁷ Para um belo exemplo de cruzamento dessa natureza, v. Carvalho, 2015; ver também importante exemplo de costura das diferentes fontes mapeando personagens no contexto das fontes aqui apresentadas: Pessoas, 2015.

¹⁸ Nota-se a ausência de suicídios (embora dois sejam referidos ao longo de processos que tratam de outros crimes). Esta ausência pode se dar, da mesma forma que os infanticídios, por uma baixa ocorrência dos mesmos. Por outro lado, é bastante provável que suicídios evidentes não chegassem a virar processos.

Turner, Boissevain, Mitchell e Van Velsen e Thoden por um lado; observando a metodologia empregada nesse tipo de documento histórico nos trabalhos de Chalhoub, Xavier, Mattos e Wissenbach, por outro.¹⁹

Para processos particularmente interessantes foram construídas redes que sintetizavam as interações sociais entre os personagens em determinadas vizinhanças referidas nos mesmos. As redes, os personagens e os *dramas*²⁰ foram trabalhados de forma a observar a tradução de regras gerais de conduta da *ação prática*²¹ em determinados espaços sociais.

No trabalho de história oral e de etnografia as declarações feitas pelos entrevistados e suas ações observadas e registradas pelo pesquisador podem ser melhor definidas e diferenciadas, uma vez que a realidade se passa logo ali diante dos seus olhos. No caso do estudo com manuscritos, as declarações e o “comportamento observado” (a ação prática) se confundem, uma vez que é preciso, a partir do discurso sobre determinados personagens, traduzir a ação real dos mesmos em seu cotidiano; além, é claro, dos responsáveis pelo registro escrito daquele que fala, sob a pressão de um interrogatório policial.²² Vale a ressalva de que a depender da questão colocada pelo pesquisador, não importa tanto confirmar se uma determinada ação de fato aconteceu no passado – um ideal pela Verdade do fato – mas, detectar alternativas possíveis na escolha de indivíduos, seja dentro de uma norma ideal de comportamento, seja no âmbito de situações conflitantes – isso é, fossem mentiras ou verdades, o trabalho do pesquisador é o de verificar se “as coisas contadas” teriam sido possíveis no contexto em questão.²³

Esse princípio de análise pode ser utilizado na observação de dizeres e ouvir dizeres de vizinhos, parentes, conhecidos e desconhecidos em determinada localidade, tal como apresentado mais adiante na rede de fofocas do “Crime do Pocinho”.

¹⁹ Van Velsen, 1987; MacFarlane, 1977; Barnes, 1969, 1972; Bott, 1957; Turner, 1957, 1969, 1974; Boissevain, 1968, 1971, 1974, 1979; Mitchell, 1969; Van Velsen e Thoden, 1973; Chalhoub, 1998; Xavier, 1996; Mattos, 1995; Wissenbach, 1989.

²⁰ v. Turner (1974). Van Velsen (1987) usa o termo ‘contextos situacionais’, que, em alguns aspectos, se assemelha com a concepção de ‘drama social’ de Victor Turner.

²¹ Sahlins, 1990.

²² Aqui vale lembrar as interessantes questões de método apontadas por Ginzburg, 1991; 2007.

²³ Isto é, comportamentos tidos como exceções que se revelam reguladas por um corpo de normas que, por sua vez, se estabelece em conflito com a norma dominante e ideal. Quando alguma dessas normas conflitantes, com o passar do tempo, é escolhida coletiva e culturalmente como uma nova norma ideal, pode-se observar o processo de mudança. Ver Van Velsen, 1987. Algo que se assemelha ao princípio do paradigma indiciário a Micro História, ver Ginzburg, 2007.

No que diz respeito aos personagens observados através dos processos criminais, procurou-se fugir da dicotomia senhor – escravo, tanto na definição destes como principais atores, quanto na manutenção do foco central nas relações estabelecidas entre eles, nas margens de dominação e resistência. Neste sentido, a população livre e pobre se destacou na construção das redes, assim como agentes *intermediários*,²⁴ tais como feitores, capatazes e administradores de fazendas, ou negociantes e mascates. Além das diferenças sociais desses personagens, foram consideradas também questões de gênero, das diferenças etárias e étnicas, observando a dinâmica da identidade pessoal que engloba definições/categorizações segundo cada um desses aspectos e da interação entre eles. Desta maneira, lembra-se que uma pessoa não se define apenas pela sua condição social, ou de gênero, ou étnica, etc., mas por um conjunto de posições socioculturais que a leva a agir e ser de forma variada.

A montagem de redes mostrou-se uma estratégia analítica interessante, na medida em que, a partir dos dramas apresentados em meio às mesmas, pode-se vislumbrar as relações estabelecidas entre os diversos personagens que se apresentam nos documentos, referentes a determinadas vizinhanças.²⁵ Se por um lado permite uma análise que vai além das relações dicotômicas entre senhores e escravos; africanos e crioulos; ou cativos e libertos, mostra-se complexa e de difícil manipulação.

A construção dessas redes foi, então, realizada com a produção de mapas ou diagramas, com a indicação de habitações, relações parentais e as dinâmicas de espaços, movimentos e dizeres (focas) entre os personagens – trata-se de uma representação sem possibilidade de precisão espacial-geográfica, ainda que haja um esforço de aproximação interpretativa nesse sentido junto aos relatos.

A partir dos mapas e dos dramas estabelecidos em diferentes circunstâncias foi possível observar a formação de fronteiras que participavam ativamente na formação de identidades sociais e culturais, que foi o problema central que guiou a pesquisa à época.²⁶ Outras e inúmeras questões, contudo, podem ser colocadas pelos pesquisadores, levando o foco para diferentes personagens, dinâmicas, espaços, fluxos, relações, etc. Na parte IV Redes Sociais, esses mapas são apresentados em forma de diagramas e redes de fofoca, com mais detalhes, como exemplo prático de como pode ser aplicado a um processo.

²⁴ v. Boissevain, 1974.

²⁵ Kaye, 2007.

²⁶ v. Agostini, 2010.

A transcrição quase integral dos documentos foi inevitável, devido a complexidade demandada para as análises e a riqueza de detalhes necessária para a mesma. Na medida em que eram transcritos, especialmente os interrogatórios, foram feitos sinais nas margens, indicando informações específicas de possível interesse para a pesquisa ou pesquisas futuras. Uma vez concluídas as transcrições de todos os grupos de crimes foi montado um índice temático, repassando todos os sinais feitos ao longo das transcrições. Este índice permitiu agregar informações sobre vestuário, alimentação, tratamentos medicinais, cultura material, espaços de habitação, quilombos, construção de nomes, atividades paralelas ao trabalho nas fazendas, jogo, diversões, entre outros. O resultado dessa compilação também é aqui compartilhado na íntegra.

Além da construção de redes e da organização de temas específicos através de um índice, foram realizadas as análises de conflitos propriamente. Com o objetivo de detectar padrões de comportamento em situações de conflito,²⁷ os crimes foram divididos em grupos de acordo com as partes envolvidas (personagens), conforme apresentado anteriormente. Para cada grupo procurou-se observar os tipos de crime que eram frequentes, as motivações dos mesmos, as circunstâncias e as expectativas com relação à perpetração de tais crimes, para que, posteriormente, se pudesse inferir sobre os significados de certos comportamentos nas relações cotidianas entre determinados personagens.

Desta maneira, de uma maneira geral, três linhas de análise foram estabelecidas: uma guiada por um índice temático, com informações específicas sobre determinados assuntos; outra com foco em padrões de comportamento em situações de conflito (atuação de personagens em ‘dramas sociais’), a partir dos cadastros por tipo de crime; e, finalmente, uma terceira, que, através da construção de redes, em mapas ou diagramas, que contextualiza a atuação desses personagens, potencializando a análise das diversas interações estabelecidas entre eles, tanto nas situações de conflito quanto no cotidiano, ou, ainda, associadas a questões particulares (que se relacionam aos temas do índice). Há, por fim, como recurso básico para busca dos documentos, para fins de análise quantitativa, os cadastros gerais de processos, personagens, lugares, etc., que permitiram a elaboração das tabelas apresentadas na parte III deste livro. Eles também servem como eixo articulador de todos os bancos de fichas, como recurso de reconhecimento e interrelação dos documentos.

²⁷ v. Van Velsen, 1987.

Vale ressaltar que esta metodologia foi desenvolvida manualmente, sem qualquer auxílio de programas especializados de computação, seja para criação dos bancos de dados, seja de computação gráfica. A introdução dos mesmos nos procedimentos de manipulação e análise dos dados potencializaria suas possibilidades de consulta integrada e compartilhamento público.

Parte II – OS PROCESSOS

A amostra: características gerais da série

A partir dos cadastros acima descritos, pode-se estabelecer algumas características gerais a respeito dos personagens em foco. Com informações um tanto flexíveis, como são as dos processos criminais, seria difícil fundamentar análises quantitativas. No entanto, por mais objetivos que se pretendam dados estatísticos é evidente que seria impossível, qualquer que fosse a natureza da documentação trabalhada, encontrar uma ausência total de subjetividade na construção dos mesmos.²⁸ Neste sentido, a flexibilidade das informações retiradas dos processos pode indicar caminhos interessantes de inferência à documentação, apesar dos limites impostos pelas características da fonte e de uma amostra numericamente não tão expressiva para o tratamento de questões específicas, como será proposto a seguir, com a apresentação de quadros estatísticos.

As informações sobre a *população de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos* foram obtidas primeiramente na identificação das pessoas formalmente inquiridas nos processos nos Autos de Qualificação (como réus, vítimas ou testemunhas), acrescentadas por informações apresentadas em meio aos relatos, ou seja, resultado de “ouvir dizeres” ou, em outras palavras, fofocas. A relativa falta de controle na coleta desses dados está em que nem sempre as autoridades faziam as mesmas perguntas para todas as pessoas e nem sempre estas respondiam de forma equivalente. Há dúvidas, ainda, quanto a certas referências feitas ao longo dos relatos que podem ter sido palavras das testemunhas inquiridas ou ajustes feitos pelo escrivão, muitas vezes estando os interrogados em “condições adversas”.²⁹ Se isto torna a construção de um quadro estatístico bastante complexa, indica também uma flexibilidade real acerca dos aspectos identitários, manifesta nas respostas diferenciadas das pessoas, assim como evidencia características específicas da construção desse tipo de documentação que filtram e determinam, sob certo aspecto, os dados e que devem ser consideradas.

A amostra de *africanos e afrodescendentes, escravos e libertos* a partir da qual se apresentam os quadros abaixo se constitui de 397 indivíduos. O levantamento desses indivíduos foi realizado a partir dos 127 processos selecionados (todos os processos que

²⁸ Slenes (1999:45) mostra como os resultados obtidos através de análises demográficas variam muito, levanto até mesmo a um certo ceticismo por parte dos historiadores que acabam por não considerar os mesmos como fonte potencial para mudança historiográfica.

²⁹ Quanto a este segundo problema a tentativa de solucioná-lo é através da comparação entre vários relatos e o contexto em que determinadas referências são feitas, observando se corresponde a dizeres das testemunhas ou ajustes feitos pelo escrivão. Ver Ginzgurb, 1991.

envolvem “escravos”³⁰ como uma das partes, além dos que apresentam escravos como testemunhas em processos cujas partes não envolvem escravos). Dos 397 escravos e ex-escravos que constituem essa amostra, apenas 24 são libertos ou livres (sendo 6 da primeira metade do XIX, e o restante da segunda metade) e sobre 12 há dúvidas da sua condição sócio jurídica (sendo 2 da primeira metade do XIX e o restante da segunda metade). É certo, contudo, que os 361 restantes tratam-se de escravos, isto é, 91% da amostra. Neste sentido, as diferenças da condição sócio jurídica das pessoas que compõem a amostra total não impedem uma análise de seu conjunto.

No que diz respeito à representatividade de homens e mulheres, esta se manteve praticamente a mesma tanto nos processos relativos à primeira metade do século XIX (décadas de 1820, 1830 e 1840) quanto para a segunda metade (décadas de 1850, 1860, 1870):

	Homens	Mulheres	Total
1ª ½ XIX (até 1850)	67 (81.7%)	15 (18.3%)	82 (100%)
2ª ½ XIX (até 1880)	251 (79.7%)	64 (20.3%)	315 (100%)
Total	318 (80.1%)	79 (19.9%)	397 (100%)

Para o mesmo período, através de um levantamento a partir de inventários e testamentos, Stein (1985:107) encontrou uma proporção de 70% de homens para 30% de mulheres, em média, entre os cativos da região de Vassouras, na primeira metade do século XIX; alterando-se em 10% esta relação, na segunda metade (sem contar a década de 1880), numa tendência ao equilíbrio. Os números encontrados a partir da documentação criminal indicam (mesmo que sutilmente) uma mesma tendência, com uma variação de apenas 2%. A pequena escala desta variação e um índice maior da presença masculina no quadro apresentado acima podem ser entendidos pelas características da documentação, que envolve crimes, que, por sua vez, são cometidos majoritariamente por homens, além de uma preferência das autoridades por relatos ‘mais confiáveis’ (dos homens) e pela ‘preservação’ da mulher (que a princípio – ou por princípio – não deveria se expor numa delegacia de polícia. Isto se refere particularmente ao caso da população livre).

³⁰ Como mencionado, uma alusão às chamadas “comunidades escravas” – entendidas aqui de maneira extensiva, quase metafórica. Chamando a atenção que nesse contexto a grande maioria trata-se efetivamente de pessoas em condição escrava.

Também se pode avaliar, em termos genéricos, o quadro de naturalidades desta amostra, no que se refere às proporções de africanos e brasileiros entre escravos e ex-escravos envolvidos nos processos:

		Africanos/as	Brasileiros/as	Total
1ª ½ XIX	Déc.20, 30, 40	55 (74.3%)	19 (25.7%)	74 (100%)
2ª ½ XIX	Déc. 50	28	33	61
	Déc. 60	25	31	56
	Déc. 70	27	83	110
	Déc.50, 60, 70	80 (35.2%)	147 (64.8%)	227 (100%)
Total	1820-1880	135 (44.9%)	166 (55.1%)	301 (100%)

Em um estudo comparativo de Campinas com as diversas regiões cafeeiras do Vale do Paraíba, Slenes (1999: 70-72) verificou proporções semelhantes no que se refere aos números de africanos e crioulos em municípios do interior paulista e fluminense.³¹ Para a região de Bananal, no Oeste Paulista, no final da década de 1820, o autor indica que 78% da população escrava era africana, notando proporções semelhantes para os municípios do Vale do Paraíba fluminense em 1850, o que se aproxima aos números obtidos através dos processos. Para a região de Campinas, o autor identificou uma população predominantemente crioula a partir da década de 1870, justamente quando a diferença entre africanos e brasileiros se altera radicalmente na série dos processos. A semelhança dessas proporções indica que o quadro estabelecido através dos processos não informam sobre maiores índices de criminalidade entre a população crioula ou africana (como seria o caso dos homens com relação às mulheres), mas, provavelmente, espelha a situação demográfica da região. Posteriormente Ricardo Salles, revê o quadro demográfico para o Vale do Paraíba oitocentista. Vale notar que os autores tomam como base dados de relatórios de presidente de província e extraídos de inventários *pós-mortem*, diferente dos dados do presente trabalho. No entanto, em linhas gerais, pode-se dizer que os dados não são contraditórios com os apresentados pelos autores.³²

No caso dos processos crimes, devemos sempre lembrar a preferência das autoridades na escolha de testemunhas e informantes a serem inquiridos, marcando alguns aspectos da sua especificidade como fonte. Apesar de essa preferência variar de

³¹ Slenes, 1999, pp. 70-72.

³² ver Salles, 2008.

acordo com o crime (crimes entre escravos e homens livres nota-se uma baixíssima frequência de testemunhos escravos, enquanto que, em crimes onde senhores são vítimas de seus escravos, encontram-se as maiores concentrações de escravos testemunhando num processo), a tendência a buscar testemunhos “mais confiáveis” provavelmente levava as autoridades a preferir ‘crioulos’ e não ‘africanos’; homens e não mulheres.

Observando os quadros apresentados na parte III a seguir, incluindo um arrolamento das naturalidades específicas da população africana e afrodescendente, podemos notar características da descendência africana na composição desta população. Para a primeira metade do século XIX, entre os cativos brasileiros, aqueles provenientes de Minas Gerais aparecem em maior número (15.8%), seguidos daqueles provenientes da província do Rio de Janeiro (10.5%) e Bahia (5.3%). No entanto, estes percentuais são pouco representativos para este período uma vez que apenas 31.6% da amostra tem sua naturalidade especificada, além da referência a ser ‘brasileiro’, ou melhor, na maior parte dos casos, ‘crioulo’. Ao contrário do que acontece com os africanos que 96.4% deles têm as suas naturalidades especificadas.³³

Para as décadas que se seguiram, na segunda metade do XIX, há uma tendência inversa: aumentam progressivamente as especificações feitas pelos brasileiros, com uma ligeira queda no final do período em estudo (54.5% na década de 1850; 80.6% na década de 1860; 73.5% na década de 1870), enquanto que as referências específicas à naturalidade dos africanos tem uma queda, embora permaneça sempre a maior parte da amostra com tais especificações (67.9% na década de 1850; 60% na década de 1860; 59.3% na década de 1870). Se africanos não deixam de se dizer e serem identificados segundo suas origens particulares, outras identidades específicas são admitidas, uma vez que, até o final da década de 1870, africanos não são referidos (e se referem) apenas como ‘pretos’ ou ‘africanos’, na maior parte dos casos. Esta é uma ressalva importante para pensar o processo de ‘crioulização’ da população cativa e sua relação com a ‘africanidade’ dessa mesma população, no contexto da região de Vassouras, nos oitocentos.

Se o número de africanos representava indiscutivelmente a maior parte da população escrava na primeira metade do XIX, na segunda metade, teve sua proporção reduzida, com um crescimento da população nascida em terras brasileiras. Se para

³³ Estas especificações de “naturalidade” podem variar entre nomes de portos de embarque, reinos e grandes mercados africanos, região (macro e micro) na África, cidades, aldeias, etc.

primeira metade não temos como avaliar a naturalidade desta população ‘crioula’, como mencionado anteriormente, para a segunda metade nota-se que a maior parte desta população crioula é natural da província do Rio de Janeiro, com uma percentagem de mais de 30% para as décadas de 1850 e 1860 e de mais de 50% para a de 1870. Das referências ainda mais específicas, relativas às regiões, cidades ou freguesias dentro da província do Rio de Janeiro, evidenciam-se majoritariamente indicações de locais nas proximidades de Vassouras.

Na sequência dos quadros apresentados a seguir, pode-se notar que até o final da década de 1860 a população africana ainda compunha quase a metade dos escravos em Vassouras. Por outro lado, o aumento progressivo de crioulos na região não significou, logo de início, um alto crescimento de cativos deslocados de outras províncias, o que indica tratar-se provavelmente de filhos e netos da população africana local. O estabelecimento de cativos provenientes de outras províncias na região deve ter tomado vulto como uma presença estrangeira entre eles mais comum só a partir da década de 1860.³⁴ É também na década de 1860 que aparece a maior diversidade de procedências entre os escravos envolvidos no tráfico interprovincial. Embora esta presença de africanos entre os escravizados nas fazendas de Vassouras tenha se feito notar neste momento, nenhuma província chegou a superar, é claro, a representação dos escravos nascidos nas redondezas de Vassouras; a que teve um número mais representativo foi, sem qualquer novidade, a Bahia.

A década de 1870, quando se vê a explosão da população crioula frente à africana, volta a apresentar um maior percentual de naturalidades no Rio de Janeiro (51.8%) se comparado com todas as outras províncias juntas (20.4%). Aqui provavelmente já teremos um contexto de reprodução da população crioula seja local, seja dos ‘estrangeiros’, que, por sua vez, ainda continuavam a chegar.

Aparentemente, esses ‘estrangeiros’ vindos de outras províncias não foram identificados como africanos, mas sim crioulos naturais das mesmas províncias. Slenes pontua que a preferência dos compradores e proprietários de escravos, com o final do tráfico transatlântico e início do tráfico interno, era por “crioulos” e “africanos ladinos” que melhor se enquadravam às expectativas disciplinares dos senhores.

³⁴ Somando as percentagens das proveniências de todas as províncias e comparando com a do Rio de Janeiro, nota-se que enquanto na década de 1850 33.3% dos brasileiros eram da província do Rio de Janeiro, 21.2% provinham das outras províncias do Império. Já na década de 1860, o Rio é representado por 35.5% da população brasileira local e as outras províncias somadas, 45.1%.

Um dos argumentos centrais do autor, e de interesse para a discussão acima apresentada, é de que o tráfico interno de escravos, em direção ao centro-sul, teria sido consideravelmente maior na década de 1870 ao compará-lo com as duas décadas anteriores, quando então teria se desenvolvido em maior escala um tráfico “intra-regional”, e não “inter-regional” como seria o caso da década de 1870. O estudo apresentado pelo autor pode indicar que as taxas encontradas entre a população ‘estrangeira’ (de outras províncias) da nossa amostra tenham sido sub-estimadas pela representação da reprodução local, fossem os filhos e netos de africanos, crioulos do Rio ou crioulos de outras províncias, na década de 1870. Neste caso, a análise do aumento do tráfico “inter-regional”, na passagem da década de 1860 para a de 1870, ficaria prejudicada.³⁵

Slenes (ibid.), que trata da região centro-sul em conjunto, chega a fazer referências específicas a determinadas regiões para esclarecer um quadro geral para esta região. Sobre a região de Vassouras, particularmente, o autor nota que Herbert Klein sugere uma transferência significativa de escravos das áreas mais antigas de plantação de café (entre elas Vassouras) para áreas mais novas (oeste paulista e zona da mata, em Minas), neste período.

Com mais este elemento, não parece uma tarefa muito fácil interpretar todas as nuances da dinâmica do tráfico interno com os dados e leituras que dispomos pelo momento, contudo, dentro dos objetivos desta pesquisa, nos interessa enfatizar que, aparentemente, grande parte dos ‘crioulos’ de nossa amostra, pelo menos até 1860, são de descendentes de africanos, de uma primeira, segunda ou terceira geração em contato constante com africanos já estabelecidos há algum tempo na região e recém chegados do além-mar. Um processo de ‘crioulização’ como é normalmente referido na historiografia – como um abasileiramento de indivíduos, famílias e comunidades então ligadas fortemente a sua herança africana – deve ter sido notado na região, de forma menos ambígua (ou talvez mais evidente, já que a ambiguidade neste caso parece ser um elemento sempre existente), provavelmente a partir da década de 1860, com especial vulto na década seguinte, de 1870, com a queda brutal da população africana frente a presença de crioulos na região.

³⁵ Vale lembrar que pelo fato dos dados se basearem em documentação criminal, o que os quadros apresentados podem representar são maiores índices de criminalidade entre uma determinada população. Por outro lado, colocamos isto novamente em dúvida, uma vez que a amostra não é composta apenas por pessoas envolvidas diretamente em crimes, mas constitui-se de toda a ‘vizinhança’ de determinados locais onde crimes ocorreram.

As referências à cor feitas nos processos, não se mostraram significativas para análises mais aprofundadas. O “silêncio da cor”, apontado por Mattos (1995) com relação a ausência dessas referências na documentação da segunda metade do XIX, é observado também nos questionários feitos pelas autoridades no caso dos processos criminais da região de Vassouras. Com uma frequência relativamente baixa da amostra para primeira metade deste mesmo século, não foi possível arrolar um grande número dessas referências, mas que seguramente contaria com uma grande maioria de ‘pretos’, em virtude do alto índice de africanos na região. Abaixo apresentam-se os números de indivíduos que tiveram algum tipo de referência da sua cor explicitado nos processos, fosse em resposta às perguntas das autoridades, fosse em referências feitas por outras pessoas ao longo dos relatos. O que se supõe é uma maioria de negros e de mestiços escuros entre escravos e ex-escravos na região, como constatou Stein (1985:152), a partir do recenseamento de 1872, que 75% da população das cinco freguesias de Vassouras era de pretos ou mulatos.

	Preto/a	Pardo/a	Cabra	Pardo/Cabra	Mulato/Caboclo
1^a ½ XIX	22				
2^a ½ XIX	52	08	02	01	01

Dois quadros sobre as atividades desempenhadas pela população escrava foram montados. O primeiro deles associa cada atividade, de forma específica, à naturalidade. O segundo apresenta de forma gráfica as concentrações de escravos em diferentes tipos de atividade, comparando com as concentrações equivalentes da população livre.³⁶ Observa-se uma evidente concentração da maior parte da população escrava no trabalho do campo. Em seguida, a maior concentração se dá em trabalhos manuais pesados,

³⁶ Os grupos de atividades são: trabalho no campo (incluindo os serviços de lavoura, carapina e serrador para escravos e lavoura, jornal, ‘trabalhador’, matador de formigas e serrador para homens livres); supervisão do trabalho do campo (incluindo capatazes e feitores entre os escravos e feitores, administradores e fazendeiros entre a população livre); trabalho manual especializado (incluindo serviços de ferreiro, carpinteiro, pedreiro, telheiro, sapateiro, costureira e alfaiate entre escravos e o mesmo para homens livres, excluindo telheiro e incluindo maquinista, marceneiro, pintor e alferes); trabalho doméstico (incluindo os serviços de pagem, mucama, copeiro, cozinha e serviço doméstico para escravos e cozinha e serviço doméstico para população livre); serviços ligados à atividades comerciais (sendo apenas carreiros/carroceiros ou tropeiros para os escravos e carreiros/carroceiros, tropeiros, caxeiros, gerente de casa de negócio, negócio para os homens livres); atividades diversas (que incluem serviços de torração de farinha, caldeireiro, enfermaria, quitandeira, padaria, caça e trabalho na Fábrica de formicida para escravos e uma lista de mais de vinte atividades diversas para homens livres, coincidindo com os serviços de cativos apenas os de enfermaria e padaria, sendo os outros normalmente associados à vida em torno da Vila, como a de profissionais liberais, religiosos, funcionários públicos, entre outros). Ver tabela comparativa das populações na Parte III.

normalmente ligados a obras, como o de ferreiros, carpinteiros e pedreiros, e serviços manuais “mais leves” como o de costureiras, alfaiates e sapateiros. O restante da população cativa parece ter estado distribuída nos serviços domésticos, do comércio, e, em menor escala, de supervisão do trabalho nas lavouras.

Vale lembrar que essas concentrações, embora possam relacionar-se com espaços de maior ocorrência de crimes (esta seria uma boa justificativa para um percentual relativamente baixo de escravos domésticos), ultrapassam a mera representação de criminosos, mas incluem toda uma vizinhança que é acionada no momento de resolução dos crimes. As redes de sociabilidade montadas a partir dos processos mostram como o espectro alcançado a partir dos processos não se restringe aos personagens diretamente envolvidos no crime. Vale a ressalva de que, uma vez que há uma tendência a preferir os relatos de homens livres ao de cativos, sem dúvidas, esta vizinhança, composta de indivíduos de todas as classes sociais, será numericamente mais representada pela população livre, embora isso possa variar de processo para processo, como mencionado anteriormente, justificando, assim, a amostra de cativos ser inferior a da população livre.

Uma característica interessante pode ser observada pela flexibilidade das informações obtidas através dos processos: um número relativamente alto de escravos que se refere à mais de um tipo de serviço, dentro de suas atividades cotidianas. Se estas indicações reduzem a proporção dos outros grupos de atividade, nos aponta para um aspecto interessante tanto do caráter do trabalho escravo, quanto da formação de identidades entre os mesmos, como foi apresentado em outro momento na análise do Crime do Pocinho.³⁷

É importante notar que as referências de origem, trabalho e cor não existem para todos os indivíduos da amostra, tendo, cada um dos quadros apresentados, uma representatividade diferente com relação à mesma.

Representatividade das referências à naturalidade, atividade e cor de escravos/as feitas nos processos criminais:

	Naturalidade	Atividade	Cor
1ª ½ XIX	74 (24.6%)	45 (20.6%)	22 (25.6%)
2ª ½ XIX	227 (75.4%)	173 (79.4%)	64 (74.4%)
Total	301 (100%)	218 (100%)	86 (100%)

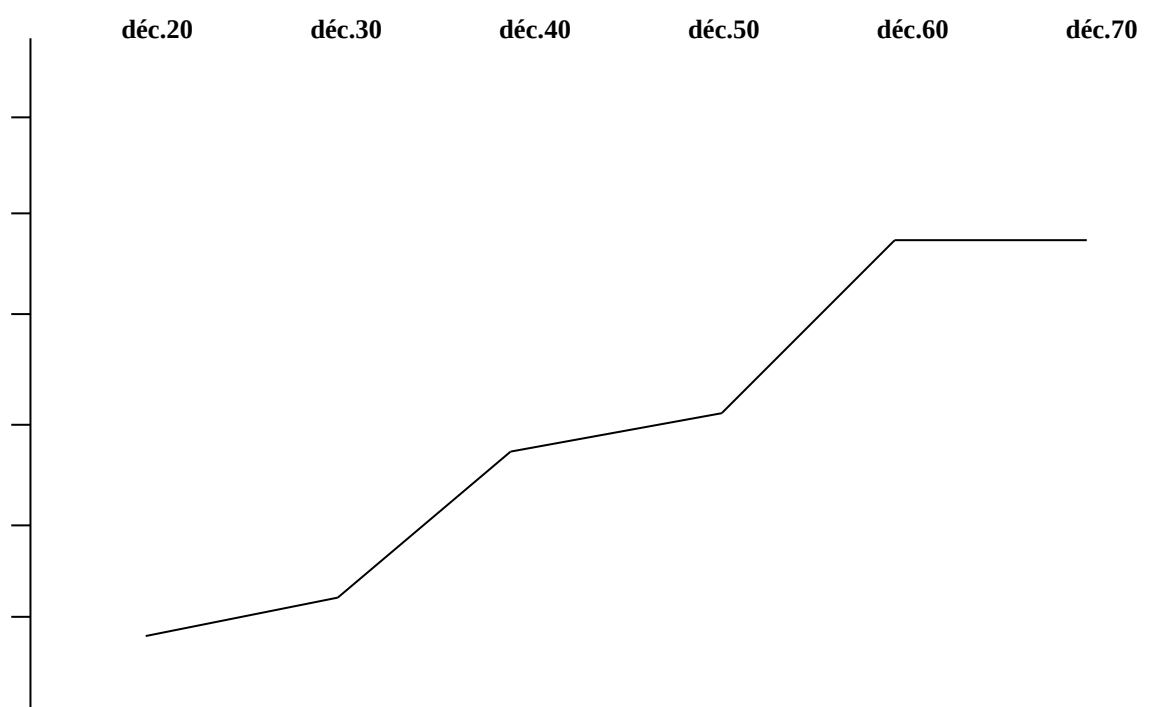
³⁷ Agostini, 2010.

Desta forma, o quadro de naturalidades representa cerca de $\frac{3}{4}$ da amostra total, enquanto que o quadro de atividades, apenas a metade da mesma. Já as referências de cor se referem a menos de $\frac{1}{4}$ da amostra total, não sendo possível admiti-la como representativa da mesma.

A seguir, um balanço estatístico geral do conjunto dos processos e, na sequência, os dados disponibilizados para futuras pesquisas e para descendentes interessados em informações sobre população e memória afrodescendente na região do Vale do Paraíba.

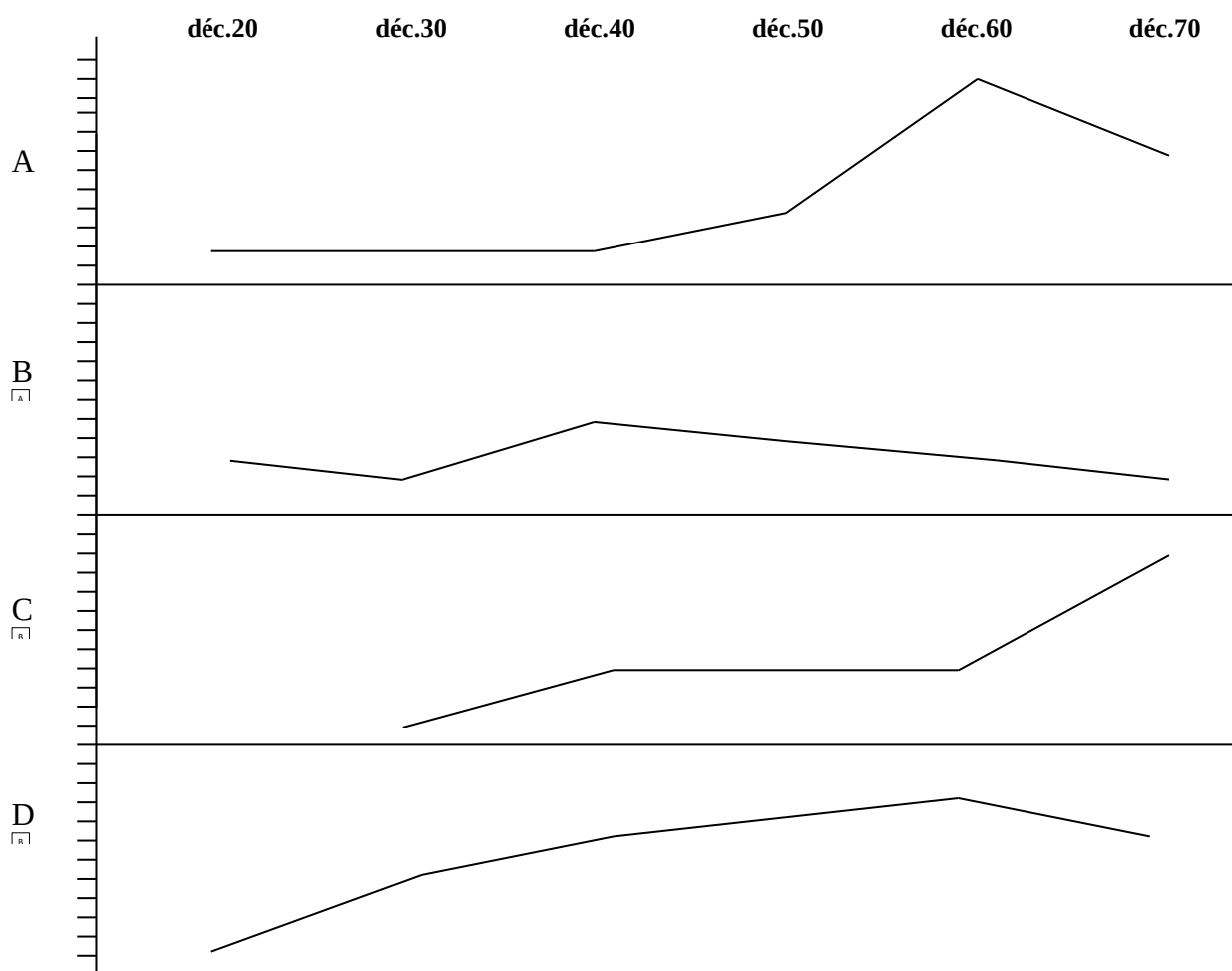
Processos-crimes arrolados entre os anos de 1820 e 1880, referentes à antiga Comarca de Vassouras

Dentre o total de processos cadastrados e analisados, foram identificados um total de 84 sob registro de Homicídios e Ofensas Físicas. Considerando esse montante, pode-se observar a incidência dos crimes ao longo das décadas de 1820 a 1870 na região nos gráficos abaixo:



Recorrência dos crimes ao longo das décadas de 1820 a 1870

A - Crimes entre escravos e livres:	total de 31 – c.37%
B - Crimes entre escravos:	total de 28 – c.33%
C - Crimes entre escravos e feitores, capatazes ou administradores:	total de 18 – c.22%
D - Crimes entre escravos e senhores:	total de 07 – c. 8%



Relação percentual das partes envolvidas em homicídios e ofensas físicas

Homicídios e Ofensas Físicas cadastrados: total 84 = 100%

Entre escravos: 27 processos = 32% do total

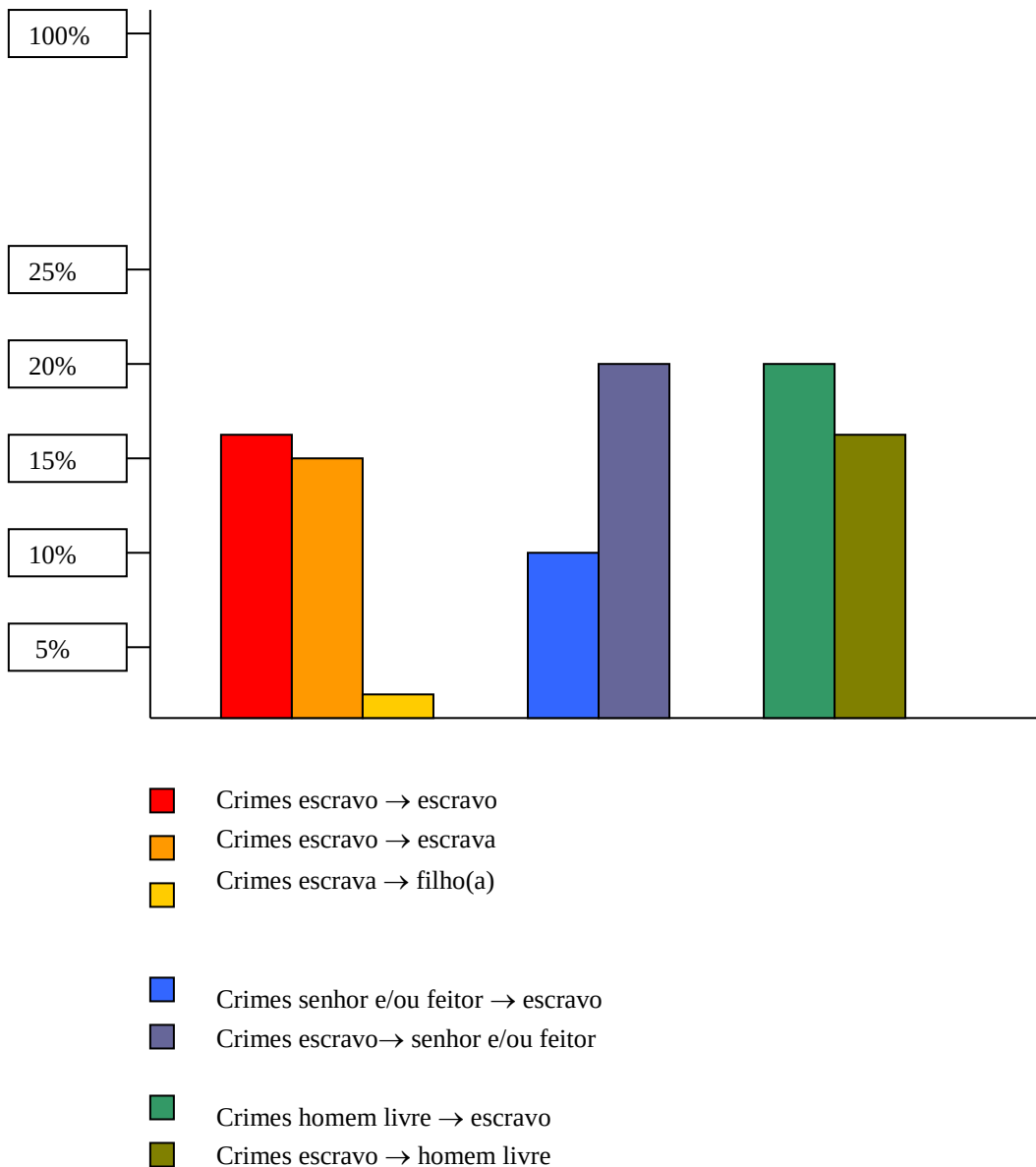
Partes envolvidas	Número de processos	%	% do total
escravo → escravo	13	48.1%	15.5%
escravo → escrava	12	44.5%	14.3%
escrava → filho(a)	02	7.4%	2.4%

Entre escravos e senhores: 26 processos = 31% do total

Partes envolvidas	Número de processos	%	% do total
senhor e/ou feitor → escravo	08	30.8%	9.5%
escravo → senhor e/ou feitor	18	69.2%	21.4%

Entre escravos e a população livre: 31 processos = 37% do total

Partes envolvidas	Número de processos	%	% do total
homem livre → escravo	18	58.1%	21.4%
escravo → homem livre	13	41.9%	15.5%



Parte III – AS PESSOAS

População de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos, 1820 – 1880

Dados gerais

Amostra total de 397 indivíduos (1820 a 1880)

	Naturalidade/Nacionalidade	Atividade	Cor
1ª ½ XIX	74 (24.6%)	43 (20.4%)	22 (25.6%)
2ª ½ XIX	227 (75.4%)	168 (79.6%)	64 (74.4%)
Total	301 (100%)	211 (100%)	86 (100%)

301 = 75.8% de 397 ou c. ¾ da amostra

211 = 53.1% de 397 ou c. ½ da amostra

86 = 22% de 397 ou menos de ¼ da amostra

Sexo

	Homens	Mulheres	Total
1ª ½ XIX (até 1850)	67 (81.7%)	15 (18.3%)	82 (100%)
2ª ½ XIX (até 1880)	251 (79.7%)	64 (20.3%)	315 (100%)
Total	318 (80.1%)	79 (19.9%)	397 (100%)

1ª ½ XIX (até 1850)	Homens	Mulheres
0 – 9		
10 – 15		
16 – 30	07	05
31 – 40	05	
41 – 60	05	
+ 60	01	01
?	49	09
Total 1820-1850	67	15

2ª ½ XIX (Déc.1850)	Homens	Mulheres
0 – 9		
10 – 15	04	01
16 – 30	22	09
31 – 40	07	01
41 – 60	05	
+ 60	01	
?	17	09
Total 1851-1860	56	20

2^a ½ XIX (Déc.1860)	Homens	Mulheres
0 – 9		03
10 – 15	01	01
16 – 30	23	02
31 – 40	15	01
41 – 60	09	
+ 60	01	
?	29	04
Total 1861-1870	78	11

2^a ½ XIX (Déc.1870)	Homens	Mulheres
0 – 9		02
10 – 15	04	
16 – 30	41	15
31 – 40	18	04
41 – 60	24	06
+ 60	01	
?	29	06
Total 1871-1880	117	33

Referências de Cor

	Preto	Pardo	Cabra	Pardo/Cabra	Mulato/Caboclo
1^a ½ XIX	22				
2^a ½ XIX	52	08	02	01	01

Naturalidades

		1^a ½ XIX	2^a ½ XIX		
		déc. 20, 30, 40	déc. 1850	déc. 1860	déc. 1870
África	c/ especificação da nat.	96.4%	67.9%	60%	59.3%
	s/ especificação da nat.	3.6%	32.1%	40%	40.7%
Brasil	c/ especificação da nat.	31.6%	54.5%	80.6%	73.5%
	s/ especificação da nat.	68.4%	45.5%	19.4%	26.5%

Naturalidades genéricas de africanos e afrodescendentes em números absolutos

		Africanos	Afrodescendentes	Total
1 ^a ½ XIX	Déc.20, 30, 40	55	19	74
2 ^a ½ XIX	Déc. 50	28	33	61
	Déc. 60	25	31	56
	Déc. 70	27	83	110
	Déc.50, 60, 70	80	147	227
Total		135	166	301

Obs1. 301 é o número total de escravos e ex-escravos (de um total de 397) que tiveram suas naturalidades ou nacionalidades especificadas.

Obs2. Dos 397 escravos e ex-escravos que constituem a amostra total, 24 são libertos ou livres (6 da primeira metade do XIX) e 12 há dúvidas sobre sua condição sócio-jurídica (sendo 2 da primeira metade do XIX). É certo, assim, que os 361 restantes tratam-se de escravos.

Obs3. Não foram só consideradas as referências de cor das informações objetivas sobre partes e testemunhas, mas também as referências feitas ao longo dos relatos/testemunhos

Naturalidades genéricas de africanos e afrodescendentes em percentual

	1 ^a ½ XIX		2 ^a ½ XIX	
	décs. 20, 30, 40	déc. 1850	déc. 1860	déc. 1870
África	74.3% (55)	45.9% (28)	44.6% (25)	24.5% (27)
Brasil	25.7% (19)	54.1% (33)	55.4% (31)	75.5% (83)
Total	100% (74)	100% (61)	100% (56)	100% (110)

Naturalidades específicas de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – 1^o ½ XIX

País/Macro Região	Província/Região	Freguesia/Cidade	Outros
África: total de 55			
África Centro-Occidental: total de 39	11 Congo 08 Benguela 07 Cabinda 04 Angola 04 Rebolo 02 Quiçaman 01 Cassange 01 Mussumbe 01 Muange		
África Oriental: total de 11	09 Moçambique 02 Inhambane		
África Occidental: total de 03	03 Mina		
Brasil: total de 19	RJ: total de 02 MG: total de 03 BA: total de 01	01 S.Ant ^o Jacutinga 02 S.J.del'Rey	

Naturalidades específicas de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1850

País/Macro Região	Província/Região	Freguesia/Cidade	Outros
África: total de 28			
África Centro-Occidental: total de 16	01 Quango 05 Congo 03 Cabinda 03 Angola 01 Luanda 02 Monjolo (total)	01 Quinuso	
	01 Rebolo (total)	01 Panga	
África Oriental: total de 01	01 Moçambique		
África Occidental: total de 02	02 Mina		
Brasil: total de 33	RJ: total de 11	01 Rio Preto 01 Jacutinga 06 Vassouras (total) 02 Serra Grande 02 Rio Bonito 02 Pati do Alferes (total) 01 Divisa	
	MG: total de 04	01 S.J.del'Rey	
	PE: total de 02		
	PB: total de 01	01 cidade da Paraíba	

Naturalidades específicas de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1860

País/Macro Região	Província/Região	Freguesia/Cidade	Outros
África: total de 25			
África Centro-Occidental: total de 09	03 Cabinda (total)	01 Luanda	
	02 Angola (total)	01 Munhanhane 01 Mombaca (e Luanda)	
	02 Benguela 01 Benguela/Angola 01 Cassange		
África Oriental: total de 05	05 Moçambique		
África Occidental: total de 01	01 Mina		
Brasil: total de 31			
	RJ: total de 11	02 Barra Mansa 04 Vassouras (total) 02 S.Família do Tinguá 01 Municipio Neutro (total) 01 Campo Grande	
	MG: total de 03	01 Pouso Alto 01 S.J.del'Rey	
	SP: total de 01	01 Imbaú	
	BA: total de 05	01 Lagarto 01 Purificação dos Campos 01 Cachoeira	
	PE: total de 02		
	PA: total de 01		
	MA: total de 01		
	CE: total de 01		

Naturalidades específicas de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1870

País/Macro Região	Província/Região	Freguesia/Cidade	Outros
África: total de 27			
África Centro-Occidental: total de 10	03 Benguela 02 Cassange 02 Cabinda 01 Congo 01 Ganguela 01 Monjolo		
África Oriental: total de 03	02 Moçambique 01 Moçambique/Luanda		
África Occidental: total de 03	03 Mina		
Brasil: total de 83			
	RJ: total de 43	16 Vassouras 06 S.Família do Tinguá 06 Pati do Alferes 03 S.Sebastião dos Ferreiros 01 Iguassú 01 Valença 01 Itapemirim 01 Município de Pirai 01 Município Neutro 01 Angra dos Reis	
	RJ/BA: total de 01		
	MG: total de 03	01 Massambará	
	BA: total de 06	01 Cachoeira	
	PE: total de 04	01 Recife	
	CE: total de 01		
	AL: total de 01		
	RGS: total de 02	01 Pelotas	

Atividades de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – 1ª ½ XIX

Atividade	Atividades	Naturalidade
Lavoura 26		ÁF: total de 21 África Centro Ocidental: total de 14 04 Benguela 05 Congo 02 Angola 01 Mussumbe 01 Rebolo 01 Cabinda África Oriental: total de 06 05 Moçambique 01 Inhambane África Ocidental total de 01 01 Mina
Carapina 01 / BR Arreiro de tropa 01 / BR		Brasil total de 03 02 RJ
Carreiro / Carreador 03		01 Rebolo 01 Angola (carreador – testar em busca no banco) 01 Moçambique
Torração de farinha 01		Brasil total 01
Caldereiro 01		01 Rebolo
Ferreiro 03		01 Congo Brasil total 02 01 MG
Carpinteiro 01		Cabinda 01
Pedreiro 01		01 BA
Enfermeira 01		Brasil total 01
Sapateiro 01		Benguela 01
Costureira 01		Brasil total 01
	S.doméstico e lava roupa 01	01 Congo
	Lava roupa e cose 01	01 MG

Atividades de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1850

Atividade	Atividades	Naturalidade
Lavoura 19		ÁF: total de 14 África centro-ocidental: total de 12 05 Congo 02 Angola 01 Quango 01 Monjolo 01 Cabinda África Ocidental total de 02 02 Mina BR: total de 04 02 RJ 01 PB
02 Tropeiro		01 Luanda 01 MG
01 Carreiro		01 RJ
01 Serrador		01 RJ
02 Carpinteiro		01 ÁF 01 MG
01 Pedreiro		01 RJ
02 Alfaiate		01 MG 01BR
05 Costura		03 RJ 01 MG 01 PE
01 Sapateiro		01 PE
01 Telheiro		01 RJ
01 Quitandeira		
02 Lavoura e Pagem		02 RJ
01 Lavoura e Capataz		01 Rebolo

Atividades de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1860

Atividade	Atividades	Naturalidade
Lavoura 20		ÁF: total de 12 África centro-ocidental: total de 04 02 Benguela 01 Mombaca 01 Munhanhane África Oriental: total de 02 02 Moçambique BR: total de 08 05 RJ 01 SP 01 BA
02 Capataz de terreiro		01 Moçambique 01 PE
02 Feitor de terreiro		01 MG
01 Carroceiro		01 PE
01 Ferreiro		01 BA
01 Carpinteiro		01 RJ
02 Alfaiate		01 MG 01 CE
03 Pagem		01 PA 01 BA 01 RJ
01 Mucama		01 ÁF
01 S.Doméstico		01 BA
02 Cozinha		01 ÁF
01 O que o sr. manda, no momento carroceiro		01 Cassange
01 Lavoura e Carreiro		01 BA
01 Lavoura, Mucama e S.Doméstico		01 BR
01 Lavoura e Pagem		01 Cabinda
01 Lavoura e Tropa		01 Moçambique 01 Benguela/Angola 01 RJ
01 Lavoura e oficial de Pedreiro		01 Mina
01 Lavoura e Alfaiate		01 RJ
01 Lavoura e Feitor		01 Moçambique
01 Lavoura e Domador		01 MG
01 Lavoura e Matador de formigas		01 MA
01 Lavadeira e Engomadeira		01 Cabinda
01 Lavadeira e Engomadeira		

Atividades de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos – década de 1870

Atividade	Atividades	Naturalidade
Lavoura 41		ÁF: total de 12 África centro-ocidental: total de 04 02 Benguela 01 Cabinda 01 Monjolo África Oriental: total de 02 02 Moçambique África Ocidental: total de 02 02 Mina BR: total de 28 11 RJ 04 BA 01 PE 01 RGS
03 Capataz		01 BR
01 Feitor		01 Alagoas
01 Feitor / Capataz		01 Congo
01 Tropeiro		01 BR
02 Carreiro / Carroceiro		01 PE 01 RJ
01 Caçador		01 AF
03 Carpinteiro		02 RJ 01 BR
01 Pedreiro		01 CE
03 enfermeiro / empregado na enfermaria		
01 Alfaiate		
01 Costureira		01 RGS
03 Pagem		01 RJ 01 BR
01 Copeiro		
03 S.Doméstico		03 RJ
01 Serviço na padaria (vendedor de pão)		
01 Fábrica de Formicida de Capanema		01 RJ
01 Lavoura e Tropa		01 BA
01 Lavoura e Cocheiro		01 MG
02 Lavoura e Cozinha		01 RJ
01 Lavoura e Maquinista do Vapor		01 Loanda
02 Lavoura e Carroceiro		02 RJ
01 Lavoura e Mestre de aguardente e açúcar		01 Ganguela
01 Lavoura e Capataz		01 RJ
01 Lavoura e Copeiro		01 RJ

01 Capataz e Cozinheiro		
01 Pagem e Copeiro		01 RJ
01 Lavadeira e Cozinheira		01 PE

Memória: nas respostas de africanos, 1820-1880

Pode-se observar nos processos a relação das respostas que africanos davam sobre sua naturalidade, nacionalidade e filiação e uma possível referência de memória quando diziam que não lembravam sobre sua naturalidade (“nomes de Nação”; nomes de regiões de embarque na Costa da África; nomes de portos; referências etnoculturais específicas) ou quem eram seus pais. O conjunto de dados arrolados abaixo são disponibilizados para pesquisa, como exemplo da possibilidade de se abordar a memória de africanos (de seu lugar de origem e de seus pais) a partir dos interrogatórios.

Uma ressalva importante sobre a leitura da fonte é estar atento para o fato de que quem tem a pena nas mãos são escravos, junto a autoridades policiais, fazendo-nos questionar sobre o real entendimento que esses estrangeiros africanos tinham sobre as perguntas sobre suas “naturalidades” e “nacionalidades”, sempre indagadas uma seguida da outra. Respostas genéricas, invenções do tráfico e outras bastante específicas podem ser observadas.³⁸ A seguir, apresentam-se quadros que incluem dimensões temporais e de referência de origem.

Dentre a amostra de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos, constam os que:

fazem referência à filiação entre 1820-1850: 09
fazem referência à filiação entre 1820-1860: 30
fazem referência à filiação entre 1851-1880: 83
fazem referência à filiação entre 1861-1880: 62
fazem referência à filiação entre 1820-1880: 92

(92 representam c.23% da amostra total de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos)

³⁸ Para uma análise sobre os dados a partir dessa perspectiva ver Agostini, 2008.

Filiação e local de origem

PC, Ano	Nome	Nome Pai	Nome Mãe	Idade	Naturalidade	Nacionalidade	Tempo de Residência
PC 007, 1828	Joaquim	-	Mãe (preta)	-	-	Crioulo	-
PC 112, 1835	João	Antonio (cabinda) (padrasto)	-	-	-	Crioulo	-
PC 112, 1835	José	Antonio (cabinda) (padrasto)	-	-	-	Crioulo	-
PC 087, 1840	José Leandro (liberto)	Antonio Pedro	Ana Joaquina	24	Cidade de S.J. del' Rey	Crioulo	6 anos
PC 038, 1843	Joaquim	Ignora	ignora	20	Da Costa / Moçambique / África	-	c. 3 meses
PC 114, 1845	Antonio	Ignora	ignora	50	Rebollo	Nação Rebolo / Africano	-
PC 089, 1846	Maria Joana (liberta)	Manoel da Costa (já falecido)	Marcelina Antonia	20 e tantos	S.J. del' Rey / Minas	-	4 anos
PC 092, 1849	Francisco Mariano (liberto?)	Theodoro (escravo Sr. T.J.)	Eva (escrava Sr. T.J.)	c. 40	Sto. Anto. Da Jacutinga / Prov. RJ	Brasileiro	-
PC 045, 1850	Valentim	'filho de pais africanos'	'filho de pais africanos'	24	Moçambique	Nação Moçambique	2 anos
PC 028, 1852	Claudina	-	Maria do Rosário	c. 28	Pernambuco	Brasileira	-
PC 019, 1853	Antonio Manoel (liberto)	-	Maria Antonia (falecida)	c. 15 / 16	Rio Bonito, vila de Vassouras / das Portellas	Brasileiro	2 anos
PC 046, 1853	Quintiliano	-	Rosária	30	Minas Gerais / Santa Luiza	-	16 anos
PC 047, 1855	Rafael	-	Joana	23	Prov. MG, termo de S.J. del' Rey	Brasileiro	4 / 5 anos
PC 115,	Albino	-	Mariana	c. 24	Divisa, freg. Pati do	Crioulo	não sabe / desde que

1856 / PC 050, 1858			(já falecida)		Alferes		nasceu
PC 115, 1856	Antonio	Ignora	ignora	c. 35 ñ sabe	Panga / Rebolo / África	Nação Rebolo	muitos anos ñ sabe quantos
PC 115, 1856	Bonifácio	Ignora	ignora	c. 40 ñ sabe	Monjolo / Quincuso	Nação Monjolo	muito tempo
PC 115, 1856	Francisco	Ignora	ignora	c. 22 ñ sabe	Quango / Congo	Nação Angola	não sabe
PC 115, 1856	Jerônimo	José Pereira Calisto	Maria	23 p/ 24	Pernambuco	Brasileiro	-
PC 115, 1856	João	-	Domingas	c. 16 ñ sabe	Rio Preto	Crioulo	3 anos
PC 115, 1856	João (João Moleque)	Gangá (já falecido)	Dona (já falecida)	c. 20 ñ sabe	Congo	Congo	não sabe
PC 115, 1856	Joaquim	Infáio	Insulá	c. 25 ñ sabe	Luedá / Costa da África	Nação Mina	c. 12 muito tempo
PC 115, 1856	José	Joaquim Maria	Margarida	c. 20 ñ sabe	Cidade da Paraíba / Paraíba do Norte	Crioulo da Paraíba do Norte	muito tempo
PC 115, 1856 / PC 050, 1858	Juvenal	Ignora	ignora	c. 20 c. 30	Cabinda	Nação Cabinda / Africano / Cabinda	muito tempo / não sabe
PC 115, 1856	Maria	Ignora	ignora	c. 40 ñ sabe	não sabe / Mina	Mina	-
PC 115, 1856	Rufina	Ignora	ignora	c. 18 a 20 / ñ sabe	não sabe	Congo	muito tempo
PC 115, 1856	Victorino	Magená	Necanda	c. 25 ñ sabe	Matombe	Nação Congo	não sabe

PC 017, 1857	José Maria	Ignora	ignora	c. 40	não tem recordação pq. veio pequeno para esta terra / Congo / África	Nação Congo	4 anos
PC 052, 1858	Limão	-	Maria Ganguela	ñ sabe	Pati do Alferes	Brasileiro	não sabe
PC 053, 1859	Ignácio	Ignora	ignora	c. 26	Costa da África	-	-
PC 055, 1860	João	-	Albina	24	desta Freg. (Vassouras)	Brasileiro	desde que nasceu
PC 058, 1862	Bonifácio	Ignora	ignora	50 / 30 e tantos	d' Angola / Mombaca	Loanda	ñ se lembra
PC 058, 1862	Carlota	Anacleto (de nação)	Mãe (já falecida)	-	-	-	-
PC 059, 1862	Deolinda	Ignora	ignora	ñ sabe	Costa da África	Africana	não sabe
PC 060, 1862	Victor	Ignora	ignora	ñ sabe/ c. 35	não sabe / Costa da África	Nação Africana / Nação Cassange	muitos anos
PC 061, 1863	Arminda	-	Rita	menor	-	-	-
PC 061, 1863	Margarida	-	Rita	menor	-	-	-
PC 098, 1863 / PC 105, 1865	Manoel (Manoel Baiano)	-	Josefa	c. 30	Freg. do Lagarto	Prov. do Pinhaly (?) / próximo do Pyarhy (?)	1 ano / pouco tempo
PC 061, 1863	Rita	Rufo	Maria	27	Rio de Janeiro	Crioula	8 anos
PC 104, 1864	Floriano	-	Maria	ñ sabe	Prov. da Bahia	Brasileiro	5 anos / não sabe
PC 103,	Silvino	-	Izabel	25 /	Cidade do	Crioulo /	16 anos

1864				ñ sabe, mas tem + de 20	Ceará	Brasileiro	
PC 105, 1865	Jerônimo	-	Ignês	25	Freg. da Purificação dos Campos, Fazenda do Itheuguí (?)	Prov. da Bahia	quase 1 ano
PC 109, 1865	Sebastião (Sebastião Crioulo)	-	Valentina	21	S.J. del'Rey / Minas Gerais	Crioulo	-
PC 064, 1866	Emeliano	Ignora	ignora	c. 30	Costa da África / Moçambique	Nação Moçambique / Africano	3 anos
PC 064, 1866	Francisco	Ignora	ignora	c. 24	Brasil / desta Freg. (SFT)	Brasileiro	-
PC 065, 1866	José (José Crioulo)	Sebastião (escravo de seu Sr.)	Mãe (que mora na fazenda)	ñ sabe / menor / c. 12	Retiro da Fazenda do Barão R. / Vassouras	Brasileiro	7 anos
PC 064, 1866	Lucas	Ignora	ignora	30 e tantos	Benguela / Costa da África	Africano	-
PC 064, 1866	Ricardo	Ignora	ignora	c. 35	África / Moçambique	Africano	-
PC 066, 1866 / PC 003, 1867	Adão	Francisco	-	45	Barra Mansa	Crioulo	-
PC 066, 1866	Augusto	Ignora	ignora	40 / 30 - 40	Costa da Mina	de Nação / Nação Mina / Africano	-
PC 066, 1866 / PC 024 – 025, 1867	Elias	Ignora	ignora	22 / c. 30	Barra Mansa	Crioulo / Brasileiro	-
PC 066, 1866	Francisco (Chico	Ignora	ignora	45 / 50 e	Costa de Moçambique	Africano	-

	Tropeiro)			tantos	/ Moçambique		
PC 066, 1866	João (João Moçambique)	Ignora	ignora	40 e tantos	Moçambique	Africano	-
PC 066, 1866	Lúcio	Salvador	-	40 / 55	São Paulo / Imbaú - SP	Brasileiro	10 anos
PC 066, 1866 / PC 024 – 025, 1867	Sebastião Soares	Francisco de Nação	-	+ de 20 / 28	Pouso Alto / Minas	Brasileiro	não sabe
PC 070, 1867	Gabriel	Ignora	ignora	30 a 35 / ñ sabe	Angola	Nação Benguela	muitos anos não sabe quantos
PC 070, 1867	Rodrigo	não se lembra do nome de seu pai	-	ñ sabe / 30 e tantos	Angola / da Costa	Munhanhane	anos / poucos anos
PC 099, 1867	Valentim	Ignora	ignora	ñ sabe / c. 60	Moçambique	Africano	desde pequeno
PC 100, 1869	Estebão	-	Felisbina (já falecida)	17	Freg. Vassouras	Brasileiro	-
PC 100, 1869	Justino	Francisco Leite	Mariana	31	Prov. Minas	Brasileiro	-
PC 100, 1869	Paulino	-	Jovita	20	Freg. de Campo Grande, Município Neutro	Crioulo	-
PC 100, 1869	Paulo	Domingos	Maria Francisca	28	Bahia	Crioulo	-
PC 100, 1869	Sandro	-	Martiniana	16	Freg. Vassouras	Brasileiro	-
PC 068, 1870	Manoel (Manoel Maranhão)	-	Catharina	c. 30	Prov. do Maranhão	Brasileiro	c. 9 anos

PC 020, 1872	Antonio Bolieiro	-	Preta Paulina de Nação	c. 50	Massambará, Prov. MG	-	muitos anos
PC 009, 1872 / PC 075, 1873	Lino	não sabe que são seus pais por ser africano e ter vindo pequeno para o Brasil	não sabe que são seus pais por ser africano e ter vindo pequeno para o Brasil	40 / não sabe	Nação Moçambique / África / Cidade de Loanda	Africano	muitos anos
PC 069, 1872	Possidônio	-	Rosa (escrava do finado MAM)	14	Vassouras	Brasileiro	desde que nasceu
PC 072, 1873	Felizardo	Joaquim Engenheiro	Quitéria (escrava de seu sr.)	c. 25 / 24	Fazenda do seu sr. / Prov. RJ	Brasileiro	-
PC 013, 1874	Francisco	Ignora	ignora	24 / 30 e tantos	Freg. Vassouras	Crioulo / Brasileiro	7 anos incompletos
PC 074, 1874	Hilário	Geraldo (escravo de seu sr.)	Brasília (escrava de seu sr.)	22 p/ 23	Vassouras	Brasileiro	desde que nasceu
PC 013, 1874	Primo	vindo da África pequeno, não conhece seu pai	-	50 / 40	Costa da África / Ganguela	Africano	7 anos incompletos
PC 116, 1875	Fabio	-	Angélica	20 a 25	-	Crioulo	-
PC 116, 1875	Felisberto (Felisberto Marcolino)	Eugênio Crioulo	Benedicta Crioula	14 / 14 p/ 15	Baiano / Bahia / Cidade de Cachoeira, prov. BA	-	2 anos / perto de 2 anos
PC 073, 1875	Marcos	-	M... Rita (crioula)	não sabe	Cidade de Pelotas, do RGS	Brasileiro	2 semanas e meia
PC 014, 1875	Victória	Ignora	ignora	20 a 30	Freg. SFT	Brasileira	desde que nasceu
PC 078, 1876	Honorata	-	Michaela (preta)	c. 24	-	-	-

PC 078, 1876	Julião	-	Clemência Crioula	39	Prov. Bahia	Brasileiro	2 anos
PC 078, 1876	Marcelina	-	Michaela	20	-	-	-
PC 076, 1877	Brasília	-	filha da preta	menor	-	Crioula	-
PC 008, 1877	Braz	-	Rita Africana	20	Pati do Alferes / Fazenda do Retiro	Brasileiro (referido como preto crioulo)	10 anos
PC 010, 1877	Malachias	Ignora	ignora	53 / 40 e tantos	Benguela / Costa da África	Africano	25 anos
PC 077, 1877	Thomaz	Joaquim José	-	30 / 33	Bahia	Brasileiro	12 anos
PC 111, 1878	Anibal	Angelo	Faustina	c. 20	Fazenda das Antas	Crioulo	muito tempo
PC 015, 1878 / PC s/no., 1878	Graciano	Bernardo (crioulo)	Maria (crioula)	33	Rua Direita, Cidade do Recife, Prov. PE	Brasileiro	18 p/ 19 anos
PC 012, 1878	José Maria Manso (livre)	Silvestre (escravo)	Ana maria da Conceição (liberta)	25	Freg. Pati do Alferes, Município de Vassouras	-	sempre
PC 080, 1879	Gil	não conheceu seus pais	não conheceu seus pais	c. 50 / ñ sabe	Costa da África	Nação Mina / Africano	6 anos e 8 meses / 6 anos e 7 meses
PC 032, 1879	Manoel	-	Maria	-	Rio de Janeiro	Crioulo	fugido de casa há 3 anos
PC 080, 1879	Manoel	-	Felizarda (já falecida)	c. 47	Prov. RJ / Queimados, Município de Iguasú	-	muitos anos
PC 082, 1879	Umbelino	-	Mariana (já falecida)	c. 25	Prov. RJ	Crioulo	
PC 083,	Bernardo	Antonio da	-	24	Freg. Pati do	Brasileiro	5 p/ 6 anos /

1880		Silveira			Alferes		3 p/ 4 anos
PC 083, 1880	Irineu	Ambrósio	-	27 / ñ sabe ao certo	Freg. Pati do Alferes	Brasileiro	desde que nasceu
PC 084, 1880	Manoel	Isidoro	-	35 / c. + 21	Bahia	Brasileiro / Crioulo	7 anos
PC 004, 1880	Máximo	André Africano	Rosa de Nação	c. 35	Freg. SFT	Brasileiro	-

Referências à filiação materna e paterna I

Período		%		%
1820-1880	Referência à Mãe	65% (52)	Referência ao Pai	50% (30)
1820-1880	Ignora a Mãe	35% (28)	Ignora o Pai	50% (30)
	Total	100% (80)	Total	100% (60)
1820-1850	Referência à Mãe	71.4% (05)	Referência ao Pai	75% (06)
	Ignora a Mãe	28.6% (02)	Ignora o Pai	25% (02)
	Total	100% (07)	Total	100% (08)
1820-1860	Referência à Mãe	63% (17)	Referência ao Pai	52.4% (11)
	Ignora a Mãe	37% (10)	Ignora o Pai	47.6% (10)
	Total	100% (27)	Total	100% (21)
1851-1880	Referência à Mãe	64.4% (47)	Referência ao Pai	46.2% (24)
	Ignora a Mãe	35.6% (26)	Ignora o Pai	53.8% (28)
	Total	100% (73)	Total	100% (52)
1861-1880	Referência à Mãe	66% (35)	Referência ao Pai	48.7% (19)
	Ignora a Mãe	34% (18)	Ignora o Pai	51.3% (20)
	Total	100% (53)	Total	100% (39)

Referências à filiação materna e paterna II

Período		%				
1820-1880	Referência à Mãe e Pai	42.9% (21)	Referência só à Mãe	32	Referência só ao Pai	09
1820-1880	Ignora Mãe e Pai	57.1% (28)	Ignora só a Mãe	00	Ignora só ao Pai	02
	Total	100% (49)	Total	32	Total	11
1820-1850	Referência à Mãe e Pai	66.7% (04)	Referência só à Mãe	01	Referência só ao Pai	02
	Ignora Mãe e Pai	33.3% (02)	Ignora só a Mãe	00	Ignora só ao Pai	00
	Total	100% (06)	Total	01	Total	02
1820-1860	Referência à Mãe e Pai	38.5% (05)	Referência só à Mãe	09	Referência só ao Pai	02
	Ignora Mãe e Pai	61.5% (08)	Ignora só a Mãe	00	Ignora só ao Pai	00
	Total	100% (13)	Total	09	Total	02
1851-1880	Referência à Mãe e Pai	40% (17)	Referência só à Mãe	31	Referência só ao Pai	07
	Ignora Mãe e Pai	60% (26)	Ignora só a Mãe	00	Ignora só ao Pai	02
	Total	100% (43)	Total	31	Total	09
1861-1880	Referência	44.4% (16)	Referência só	23	Referência só	07

	à Mã e Pai		à Mã		ao Pai	
	Ignora Mã e Pai	55.5% (20)	Ignora só a Mã	00	Ignora só ao Pai	02
	Total	100% (36)	Total	23	Total	09

Laços de parentesco por região

PC, Ano	Freguesia	Nome	Nome Pai	Nome Mãe	Cônjuge	Filhos	outros
PC 007, 1828	PA	Joaquim (crioulo)	-	Mãe (preta)	-	-	-
PC 112, 1835	PA	Antonio (Cabinda)	-	-	casado	pelo menos 2 (um estava no Rio, sendo um deles com 9 p/ 10 anos)	-
PC 112, 1835	-	João (Congo)	Antonio (Cabinda) (padrasto)	-	casado c/ Rosa (Angola)	-	-
PC 112, 1835		José	Antonio (cabinda) (padrasto)	-			
PC 087, 1840		José Leandro (liberto)	Antonio Pedro	Ana Joaquina			
PC 038, 1843		Joaquim	ignora	ignora			
PC 114, 1845		Antonio	ignora	ignora			
PC 089, 1846		Maria Joana (liberta)	Manoel da Costa (já falecido)	Marcelina Antonia			
PC 092, 1849		Francisco Mariano (liberto?)	Theodoro (escravo Sr. T.J.)	Eva (escrava Sr. T.J.)			
PC 045, 1850		Valentim	‘filho de pais africanos’	‘filho de pais africanos’			
PC 028, 1852		Claudina	-	Maria do Rosário			
PC 019, 1853		Antonio Manoel (liberto)	-	Maria Antonia (falecida)			
PC 046, 1853		Quintiliano	-	Rosária			
PC 047, 1855		Rafael	-	Joana			
PC 115, 1856 / PC 050, 1858		Albino	-	Mariana (já falecida)			
PC 115, 1856		Antonio	ignora	ignora			
PC 115, 1856		Bonifácio	ignora	ignora			
PC 115, 1856		Francisco	ignora	ignora			
PC 115, 1856		Jerônimo	José Pereira Calisto	Maria			

PC 115, 1856		João	-	Domingas			
PC 115, 1856		João (João Moleque)	Gangá (já falecido)	Dona (já falecida)			
PC 115, 1856		Joaquim	Infáio	Insulá			
PC 115, 1856		José	Joaquim Maria	Margarida			
PC 115, 1856 / PC 050, 1858		Juvenal	ignora	ignora			
PC 115, 1856		Maria	ignora	ignora			
PC 115, 1856		Rufina	ignora	ignora			
PC 115, 1856		Victorino	Magená	Necanda			
PC 017, 1857		José Maria	ignora	ignora			
PC 052, 1858		Limão	-	Maria Ganguela			
PC 053, 1859		Ignácio	ignora	ignora			
PC 055, 1860		João	-	Albina			
PC 058, 1862		Bonifácio	ignora	ignora			
PC 058, 1862		Carlota	Anacleto (de nação)	Mãe (já falecida)			
PC 059, 1862		Deolinda	ignora	ignora			
PC 060, 1862		Victor	ignora	ignora			
PC 061, 1863		Arminda	-	Rita			
PC 061, 1863		Margarida	-	Rita			
PC 098, 1863 / PC 105, 1865		Manoel (Manoel Baiano)	-	Josefa			
PC 061, 1863		Rita	Rufo	Maria			
PC 104, 1864		Floriano	-	Maria			
PC 103, 1864		Silvino	-	Izabel			
PC 105, 1865		Jerônimo	-	Ignês			

PC 109, 1865		Sebastião (Sebastião Crioulo)	-	Valentina			
PC 064, 1866		Emeliano	ignora	ignora			
PC 064, 1866		Francisco	ignora	ignora			
PC 065, 1866		José (José Crioulo)	Sebastião (escravo de seu Sr.)	Mãe (que mora na fazenda)			
PC 064, 1866		Lucas	ignora	ignora			
PC 064, 1866		Ricardo	ignora	ignora			
PC 066, 1866 / PC 003, 1867		Adão	Francisco	-			
PC 066, 1866		Augusto	ignora	ignora			
PC 066, 1866 PC 024- 025, 1867		Elias	ignora	ignora			
PC 066, 1866		Francisco (Chico Troeiro)	ignora	ignora			
PC 066, 1866		João (João Moçambique)	ignora	ignora			
PC 066, 1866		Lúcio	Salvador	-			
PC 066, 1866 / PC 024 – 025, 1867		Sebastião Soares	Francisco de Nação	-			
PC 070, 1867		Gabriel	ignora	ignora			
PC 070, 1867		Rodrigo	não se lembra do nome de seu pai	-			
PC 099, 1867		Valentim	ignora	ignora			
PC 100, 1869		Estebão	-	Felisbina (já falecida)			
PC 100, 1869		Justino	Francisco Leite	Mariana			
PC 100, 1869		Paulino	-	Jovita			
PC 100, 1869		Paulo	Domingos	Maria Francisca			

PC 100, 1869		Sandro	-	Martiniana			
PC 068, 1870		Manoel (Manoel Maranhão)	-	Catharina			
PC 020, 1872		Antonio Bolieiro	-	Preta Paulina de Nação			
PC 009, 1872 PC 075, 1873		Lino	não sabe quem são seus pais por ser africano e ter vindo pequeno para o Brasil	não sabe quem são seus pais por ser africano e ter vindo pequeno para o Brasil			
PC 069, 1872		Possidônio	-	Rosa (escrava do finado MAM)			
PC 072, 1873		Felizardo	Joaquim Engenheiro	Quitéria (escrava de seu sr.)			
PC 013, 1874		Francisco	ignora	ignora			
PC 074, 1874		Hilário	Geraldo (escravo de seu sr.)	Brasília (escrava de seu sr.)			
PC 013, 1874		Primo	vindo da África pequeno, não conhece seu pai	-			
PC 116, 1875		Fabio	-	Angélica			
PC 116, 1875		Felisberto (Felisberto Marcolino)	Eugênio (crioulo)	Benedicta (crioula)			
PC 073, 1875		Marcos	-	M... Rita (crioula)			
PC 014, 1875		Victória	Ignora	ignora			
PC 078, 1876		Honorata	-	Michaela (preta)			
PC 078, 1876		Julião	-	Clemência (crioula)			
PC 078, 1876		Marcelina	-	Michaela			
PC 076, 1877		Brasília	-	filha da preta			
PC 008, 1877		Braz	-	Rita Africana			
PC 010, 1877		Malachias	ignora	Ignora			
PC 077, 1877		Thomaz	Joaquim José	-			
PC 111, 1878		Anibal	Angelo	Faustina			

PC 015, 1878 / PC s/no., 1878		Graciano	Bernardo (crioulo)	Maria (crioula)			
PC 012, 1878		José Maria Manso (livre)	Silvestre (escravo)	Ana maria da Conceição (liberta)			
PC 080, 1879		Gil	não conheceu seus pais	não conheceu seus pais			
PC 032, 1879		Manoel	-	Maria			
PC 080, 1879		Manoel	-	Felizarda (já falecida)			
PC 082, 1879		Umbelino	-	Mariana (já falecida)			
PC 083, 1880		Bernardo	Antonio da Silveira	-			
PC 083, 1880		Irineu	Ambrósio	-			
PC 084, 1880		Manoel	Isidoro	-			
PC 004, 1880		Máximo	André Africano	Rosa de Nação			

Referências de naturalidade e nacionalidade para a mesma pessoa

PC, Ano	Nome	Naturalidade	Nacionalidade
PC 005, 1822	José (José Cabinda)	-	Cabinda
PC 005, 1822	Pedro	-	Nação Benguela
PC 007, 1828	Francisco (Francisco Congo)	-	Nação Congo
PC 007, 1828	Joaquim	-	Crioulo
PC 007, 1828	Manoel Rodrigues Moreira (liberto: crioulo forro)	-	-
PC006, 1832	José (José Crioulo)	-	Crioulo
PC s/no, 1834	Antonio Jacinto (liberto?)	Benguela	-
PC 112, 1835	Antonio	-	Nação Cabinda
PC 112,1835	Antonio Carimasme ou Caromano (?) (liberto)	-	Nação Congo
PC 040, 1835	João (João Congo)	-	Congo
PC 040, 1835	Rosa	-	Nação Angola
PC 112, 1835	João (Crioulo)	-	-
PC 112, 1835	José (Crioulo)	-	-
PC 085, 1836	Luís	-	Nação Cabinda
PC 041, 1836	Matheus	-	Nação Rebolo
PC 026, 1838	Antonio (Antonio Nação Cabinda)	-	Nação Cabinda
PC 026, 1838	Luiz	-	Nação Crioulo
PC 117, 1838	Rita	-	Crioula
PC 117, 1838	Mariana	-	Crioula
PC 117, 1838	Lourença	-	Crioula
PC 117, 1838	Josefa (Josefa Angola)	-	Nação Angola
PC 117, 1838	Joana (Joana Mussumbe)	-	Nação Mussumbe
PC 117, 1838	Emília (Emília Conga)	-	-
PC 117, 1838	Brisida	-	Crioula
PC 117, 1838	Pedro Dias	-	Nação Angola
PC 117, 1838	Miguel	-	Crioulo
PC 117, 1838 PC 042, 1838	Manoel (Manoel Congo)	-	Congo / Nação Congo
PC 117, 1838	Justino (Justino Benguela)	-	Nação Benguela
PC 117, 1838	Adão	-	Nação Benguela
PC 117, 1838	Epifânio	-	Nação Moçambique
PC 117, 1838	Camuto	-	Nação Moçambique

	(Camuto Moçambique)		
PC 117, 1838	Belarmino	-	Cabinda / Nação Cabinda
PC 117, 1838	Antonio Magro	-	Nação Benguela
PC 117, 1838	Antonio	-	Nação Rebolo
PC 117, 1838	Afonso (Afonso Angola)	-	-
PC 033, 1840	João (João Congo)	-	-
PC 033, 1840	José (José Crioulo)	-	Crioulo
PC 034, 1840	José (José Muange)	-	-
PC 087, 1840	José Leandro (liberto: crioulo forro)	Cidade de S.J. del' Rey	-
PC 035, 1840	Matheus	-	Nação Rebolo
PC 033, 1840	Pedro (Pedro Hinabane / Inhâbane)	-	-
PC 034, 1840 PC 033, 1840	Ventura (Ventura Quiçamam)	-	-
PC 023, 1842	Antonio (escravo Mina)	-	-
PC 108, 1842	Maria Eufrasia (liberta?)	-	Nação Benguela
PC113, 1842	Pedro	-	de Nação
PC 037, 1842	Pedro	Bahia	Crioulo
PC s/no, 1843	Ignácio	-	Nação Moçambique
PC 038, 1843	Joana	-	Nação Inhambane
PC s/no, 1843	João	-	Nação Congo
PC s/no, 1843	Pedro	-	Nação Congo
PC 038, 1843	Joaquim	Da Costa / Moçambique/ África	-
PC 027, 1843	José (José Cassange)	-	-
PC s/no, 1843	Margarida	-	Nação Moçambique
PC 088, 1844	Antonio	-	Moçambique
PC 088, 1844	Ciro	-	Nação Congo
PC 088, 1844	Dário	-	Nação Cabinda
PC 088, 1844	João	-	Congo
PC 088, 1844	Luiz (Luiz Monjolo)	-	-
PC 088, 1844	Miguel	-	Nação Benguela
PC 088, 1844	Roberto	-	Nação Quiçamam
PC 039, 1845	Antonio		Nação Congo
PC 114, 1845	Antonio	Rebollo	Nação Rebolo / Africano
PC 114, 1845	Antonio	-	Nação Moçambique
PC 114, 1845	Damásio	-	Nação Cabinda
PC s/no, 1845	Domingo José Soares	-	Nação Benguela

	(liberto)		
PC 039, 1845	Evaristo	-	Crioulo
PC 089, 1846	Antonia Maria Teresa do Espírito Santo (liberta?)	Rio de Janeiro	Crioula
PC 089, 1846	Joaquim Jorge (liberto: crioulo forro)	Minas	-
PC 089, 1846	Maria Joana (liberta)	S.J. del' Rey / Minas	-
PC 091, 1848	Joana	-	de Nação
PC 092, 1849	Francisco Mariano (liberto?)	Sto. Anto. Da Jacutinga / Prov. RJ	Brasileiro
PC 045, 1850	Agostinho	-	Nação Moçambique
PC 045, 1850	Jacintha	-	Nação Mina
PC 045, 1850	Joaquina	-	Nação Mina
PC 045, 1850	Justino José Dias (livre/liberto?)	Prov. RJ	-
PC 045, 1850	Valentim	Moçambique	Nação Moçambique
PC 028, 1852	Claudina	Pernambuco	Brasileira
PC s/no, 1852	Eufрасina Maria de Jesus (liberta: crioula forra)	Minas	-
PC s/no, 1852	Francisco Pereira dos Santos (liberto)	Freg. Jacutinga	-
PC 022, 1852	José (José Moçambique)	-	Nação Moçambique
PC s/no, 1852	Nicoláo	-	Crioulo
PC 019, 1853	Antonio Manoel (liberto: cabra forro)	Rio Bonito, vila de Vassouras / das Portellas	Brasileiro
PC 019, 1853	Bárbara Maria da Conceição (livre/liberta?)	Rio Bonito	-
PC 046, 1853	Claudina (crioula)	-	-
PC 019, 1853	Estevão	-	Crioulo
PC 019, 1853	Francisco Apolinário (livre)	Vila de Vassouras	-
PC 019, 1853	Jeremias (liberto)	-	Nação Angola
PC 046, 1853	João (crioulinho)	-	-
PC 046, 1853	João (João Mineiro)	-	Africano, filho de Luanda / Luanda
PC 019, 1853	Joaquim da Silva Pereira (liberto)	Minas	-
PC 046, 1853	Manoel (Manoel Crioulo)	-	Crioulo
PC 046, 1853	Manoel Ignácio de Santa Rita (livre/liberto?)	Rio de Janeiro	-
PC 019, 1853	Maria Caetana (liberta)	Serra Grande, Vila de Vassouras	-

PC 019, 1853	Maria Luiza de Jesus (livre/liberta?)	Serra Grande, Vila de Vassouras	-
PC 046, 1853	Narciso	-	-
PC 046, 1853	Quintiliano	Minas Gerais / Santa Luiza	-
PC 047, 1855	Casimiro	-	Crioulo
PC 047, 1855	Delminda	-	Crioula
PC 047, 1855	Honório	-	Crioulo
PC 047, 1855	Paulina	-	Crioula
PC 047, 1855	Rafael	Prov. MG, termo de S.J. del' Rey	Brasileiro
PC 047, 1855	Romão	-	Crioulo
PC 048, 1856	Agostinho	Costa da África	Africano, de Nação Monjolo
PC 115, 1856 PC 050, 1858	Albino	Divisa, freg. Pati do Alferes	Crioulo
PC 115, 1856	Antonio	Panga / Rebolo / África	Nação Rebolo
PC 115, 1856	Bonifácio	Monjolo / Quincuso	Nação Monjolo
PC 030, 1856	Firmina	-	de Nação
PC 115, 1856	Francisco	Quango / Congo	Nação Angola
PC 115, 1856	Jerônimo	Pernambuco	Brasileiro
PC 115, 1856	João	Rio Preto	Crioulo
PC 115, 1856	João (João Moleque)	Congo	Congo
PC 115, 1856	Joaquim	Luedá / Costa da África	Nação Mina
PC 115, 1856	José	Cidade da Paraíba / Paraíba do Norte	Crioulo da Paraíba do Norte
PC 115, 1856 PC 050, 1858	Juvenal	Cabinda	Nação Cabinda / Africano / Cabinda
PC 115, 1856	Maria	não sabe / Mina	Mina
PC 115, 1856	Rufina	não sabe	Congo
PC 115, 1856	Sofia	-	Crioula
PC 115, 1856	Victorino	Matombe	Nação Congo
PC 017, 1857	José Maria	não tem recordação pq. veio pequeno para esta terra / Congo / África	Nação Congo
PC 051, 1858	Adão	-	de Nação
PC 051, 1858	Antonio	-	de Nação
PC 052, 1858	Firmiano	-	Nação Cabinda
PC 051, 1858	João	-	de Nação
PC 052, 1858	Jorge	-	Nação Angola
PC 052, 1858	Limão	Pati do Alferes	Brasileiro
PC 051, 1858	Pedro	-	Nação Angola
PC 051, 1858	Rogero	-	de Nação
PC 029, 1859	Ana	-	Crioula
PC 053, 1859	Balduíno	Costa da África	-
PC 054, 1859	Benedito Rodrigues Manso	da Costa	-

	(liberto)		
PC 054, 1859	Fregório Rodrigues Manso (livre/liberto?)	-	Nação Congo
PC 053, 1859	Ignácio	Costa da África	-
PC 054, 1859	Mariana de tal (liberta: crioula forra)	-	Crioula
PC 055, 1860	Albano	Costa da África	-
PC 031, 1860	Honorato	-	Crioulo
PC 055, 1860	João	desta Freg. (Vassouras)	Brasileiro
PC 056, 1860	Maria	-	Crioula
PC 031, 1860	Rita (Rita Cabinda)	-	-
PC 058, 1862	Anacleto	-	de Nação
PC 058, 1862	Bonifácio	d' Angola / Mombaca	Loanda
PC 059, 1862	Deolinda	Costa da África	Africana
PC 059, 1862	Jacinto	-	de Nação
PC 060, 1862	Justiniano	Prov. Pernambuco	-
PC 052, 1862	Marcos	-	de Nação
PC 058, 1862	Ventura	-	de Nação
PC 060, 1862	Victor	não sabe / Costa da África	Nação Africana / Nação Cassange
PC 061, 1863	Arminda	-	-
PC 061, 1863	Francisco	Costa da África	de Nação
PC 098, 1863 PC 105, 1865	Manoel (Manoel Baiano)	Freg. do Lagarto	Prov. do Pinyaly (?) / próximo do Pyarhy (?)
PC 061, 1863	Rita	Rio de Janeiro	Crioula
PC 062, 1864	Adolfo	-	de Nação
PC 062, 1864	Agostinho	-	Crioulo
PC 103, 1864	Angélica	Prov. da Bahia	Crioula
PC 103, 1864	Eleodoro	Prov. do Pará	-
PC 104, 1864	Floriano	Prov. da Bahia	Brasileiro
PC 062, 1864	José (José Cabinda)	veio de Loanda / Loanda	de Nação
PC 103, 1864	Silvino	Cidade do Ceará	Crioulo / Brasileiro
PC 101, 1864	Thomaz Séghr (?)	Liverpool, Estados Unidos	-
PC 105, 1865	Jerônimo	Freg. da Purificação dos Campos, Fazenda do Itheuguí (?)	Prov. da Bahia
PC 109, 1865	Sebastião (Sebastião Crioulo)	S.J. del'Rey / Minas Gerais	Crioulo
PC 064, 1866	Emeliano	Costa da África / Moçambique	Nação Moçambique / Africano
PC 064, 1866	Francisco	Brasil / desta Freg. (SFT)	Brasileiro
PC 065, 1866	José (José Crioulo)	Retiro da Fazenda do Barão R. / Vassouras	Brasileiro
PC 065, 1866	Justino	Freg. Vassouras	Crioulo
PC 065, 1866	Laura	-	Crioula
PC 064, 1866	Lucas	Benguela / Costa da África	Africano
PC 064, 1866	Pedro	Freg. SFT	-
PC 064, 1866	Ricardo	África / Moçambique	Africano

PC 066, 1866 PC 003, 1867	Adão	Barra Mansa	Crioulo
PC 066, 1866	Augusto	Costa da Mina	de Nação / Nação Mina / Africano
PC 066, 1866 PC 024-025, 1867	Elias	Barra Mansa	Crioulo / Brasileiro
PC 066, 1866	Francisco Bernardo da Costa (Francisco Bernardes) (livre/liberto?)	Prov. de Minas / Filho de Baependi, Prov. MG	-
PC 066, 1866	Francisco (Chico Tropeiro)	Costa de Moçambique / Moçambique	Africano
PC 066, 1866	João (João Moçambique)	Moçambique	Africano
PC 066, 1866	João (João Congo)	-	-
PC 066, 1866	Lúcio	São Paulo / Imbaú - SP	Brasileiro
PC 066, 1866	Manoel (Manoel Moçambique)	-	-
PC 066, 1866 PC 024- 025, 1867	Sebastião Soares	Pouso Alto / Minas	Brasileiro
PC 003, 1867	Clemente	-	Nação Cabinda
PC 070, 1867	Gabriel	Angola	Nação Benguela
PC 099, 1867	Generoso	-	de Nação
PC 070, 1867	Helena	-	Nação Cabinda
PC 070, 1867	Jorge	Benguela	-
PC 099, 1867	Paulo	-	Crioulo
PC 070, 1867	Rodrigo	Angola / da Costa	Munhanhane
PC 099, 1867	Valentim	Moçambique	Africano
PC 100, 1869	Estebão	Freg. Vassouras	Brasileiro
PC 100, 1869	Justino	Prov. Minas	Brasileiro
PC 100, 1869	Paulino	Freg. de Campo Grande, Município Neutro	Crioulo
PC 100, 1869	Paulo	Bahia	Crioulo
PC 100, 1869	Sandro	Freg. Vassouras	Brasileiro
PC 068, 1870	Domingos	Pernambuco	-
PC 068, 1870	Eulália (crioulinha)	Rio de Janeiro	-
PC 068, 1870	Guilhermina	Costa da África	-
PC 068, 1870	Manoel (Manoel Maranhão)	Prov. do Maranhão	Brasileiro
PC 068, 1870	Martha	Costa da África	-
PC 069, 1872	Ambrósio	-	Africano
PC 069, 1872	Antonio	Pernambuco	-
PC 020, 1872	Antonio Bolieiro	Massambará, Prov. MG	-
PC 069, 1872	Bibiano	Vassouras	-
PC 069, 1872	João	Município de Vassouras	-
PC 020, 1872	Leandro	Prov. do Rio de Janeiro	-
PC 009, 1872 PC 075, 1873	Lino	Nação Moçambique / África /	Africano

		Cidade de Loanda	
PC s/no, 1872	Luísa Maria do Carmo (liberta?)	Pernambuco	Crioula
PC s/no, 1872	Marcos	-	de Nação / Cabinda
PC s/no, 1872	Maria Antonia	Rio Grande do Sul	-
PC 069, 1872	Possidônio	Vassouras	Brasileiro
PC s/no, 1872	Tito	Itapemirim	-
PC 072, 1873	Felizardo	Fazenda do seu sr. / Prov. RJ	Brasileiro
PC 074, 1874	Álvaro	Vassouras	-
PC 013, 1874	Francisco	Freg. Vassouras	Crioulo / Brasileiro
PC 074, 1874	Hilário	Vassouras	Brasileiro
PC 074, 1874	Josefina	Município de Valença	-
PC 074, 1874	Lucrécia	Município de Vassouras	-
PC 074, 1874	Nicolau	Costa da África	-
PC 013, 1874	Primo	Costa da África / Ganguela	Africano
PC 074, 1874	Sara	Bahia	-
PC 074, 1874	Solidômio	Município de Vassouras	-
PC s/no, 1874	Antonio (Antonio Benguela)	-	-
PC s/no, 1874	Francisco (Francisco Mina)	-	-
PC s/no, 1874	Izahú (crioulinho)	-	-
PC s/no, 1874	José	-	Crioulo
PC s/no, 1874	Maria Antonia (Maria Ferro)	Prov. Rio de Janeiro	-
PC s/no, 1874	Napoleão	-	Benguela
PC 014, 1875	Agostinho	-	Crioulo
PC 116, 1875	Ambrósio	Moçambique	-
PC 014, 1875	André de Castro (livre)	-	Africano / de Nação
PC 116, 1875	Fabio	-	Crioulo
PC 021, 1875	Antonio (Antonio Cabinda)	-	-
PC 001, 1875	Felício	SFT	-
PC 116, 1875	Felisberto (Felisberto Marcolino: crioulo)	Baiano / Bahia / Cidade de Cachoeira, prov. BA	-
PC 073, 1875	José (José Mina)	-	-
PC s/no, 1875	Limão	-	Crioulo
PC 110, 1875	Ludovina Maria Rosa da Conceição (liberta/livre?)	Angra dos Reis	-
PC 073, 1875	Marcos	Cidade de Pelotas, do RGS	Brasileiro
PC 073, 1875	Mariano (Mariano Velho)	-	Monjolo
PC 073, 1875	Mariano Alves	-	Brasileiro

PC 116, 1875	Raimundo	Ceará	-
PC 014, 1875	Victória	Freg. SFT	Brasileira
PC 078, 1876	Domingos	-	Crioulo
PC 078, 1876	Honorata	-	-
PC 078, 1876	Julião	Prov. Bahia	Brasileiro
PC 078, 1876	Rufina (crioulinha)	-	-
PC s/no, 1877	Antonio	Município de Pirai	Crioulo
PC 076, 1877	Brasília	-	Crioula
PC s/no, 1877	Benedicto	Município Neutro	Crioulo
PC 008, 1877	Braz	Pati do Alferes / Fazenda do Retiro	Brasileiro (referido como preto crioulo)
PC s/no, 1877	Fortunata	Fazenda do Pocinho	Crioula
PC 008, 1877	Jacinto	Cassange	-
PC 077, 1877	Januária	Prov. do Rio de Janeiro	Crioula
PC 010, 1877	Malachias	Benguela / Costa da África	Africano
PC 077, 1877	Malvina	Prov. Minas Gerais	Crioula
PC 010, 1877	Manoel (Manoel Moleque)	-	Africano
PC 008, 1877	Manoel	Costa da África	-
PC010, 1877	Pedro	-	Crioulo
PC 077, 1877	Roque	-	de Nação
PC 077, 1877	Thomaz	Bahia	Brasileiro
PC 085, 1877	Thomé	Cassange	-
PC 015, 1878	Agostinho (liberto)	Filho natural da Prov. das Alagoas	-
PC 107, 1878	Alexandre	-	Crioulo
PC 079, 1878	Alexandre	-	Crioulo
PC s/no, 1878	Ambrosino	Freg. de PA	-
PC 012, 1878	Ana Maria da Conceição (liberta)	Sertão / Freg. de PA	-
PC 079, 1878	Anacleto	-	Crioulo
PC 111, 1878	Anibal	Fazenda das Antas	Crioulo
PC 107, 1878	Augusto	Crioulo da Freg. PA	-
PC 015, 1878	Benedicto	Freg. Vassouras	-
PC 111, 1878	Celestina	Freg. PA	-
PC 079, 1878	Conrado	-	Crioulo
PC 079, 1878	Delphim	-	Crioulo
PC 015, 1878	Graciano	Rua Direita, Cidade do Recife, Prov. PE	Brasileiro
PC s/no, 1878			
PC 079, 1878	Henrique	-	Crioulo
PC 011, 1878	João	-	Africano
PC 012, 1878	José Maria Manso (livre)	Freg. Pati do Alferes, Município de Vassouras	-
PC 111, 1878	Manoel Cipriano	-	Crioulo
PC 111, 1878	Messias	-	Crioulo
PC 015, 1878	Maximiano	Freg. Vassouras	-
PC 015, 1878	Sebastião	Pernambuco	-
PC 079, 1878	Seveerino	-	Crioulo

PC 111, 1878	Rufina	-	Crioula
PC 079, 1878	Valentim	-	Africano
PC 082, 1879	Ana	-	Crioulo
PC s/no, 1879	Augusto	-	Crioulo
PC s/no, 1879	Crescencio	-	Crioulo
PC 080, 1879	Custódio	Freg. SSF	Crioulo
PC 080, 1879	Eva	Costa da África	Aricana
PC 080, 1879	Joaquim	Prov. Bahia	-
PC 080, 1879	Gil	Costa da África	Nação Mina / Africano
PC 082, 1879	Graciana	-	Crioula
PC 080, 1879	Lúcia	Freg. SFT	Brasileira
PC 032, 1879	Manoel	Rio de Janeiro	Crioulo
PC 080, 1879	Manoel	Prov. RJ / Queimados, Município de Iguasú	-
PC s/no, 1879	Manoel Pereira dos Santos (liberto?)	-	Africano
PC 080, 1879	Marciano	“Deste Município” (Vassouras?)	-
PC 080, 1879	Mathias	Freg. SFT	Brasileiro
PC 080, 1879	Narciso	Fazenda do seu senhor, Freg. SSF	Brasileiro
PC 081, 1879	Pedro	Belem, segundo Distrito de SFT	-
PC 080, 1879	Quintiliano	cria da fazenda do seu senhor (SSF)	-
PC 082, 1879	Umbelino	Prov. RJ	Crioulo
PC s/no, 1879	Victorino	-	Africano
PC 004, 1880	André	Rio de Janeiro, Freg. Ferreiros	-
PC 083, 1880	Bernardo	Freg. Pati do Alferes	Brasileiro
PC 004, 1880	Emigdio	RJ	-
PC 083, 1880	Irineu	Freg. Pati do Alferes	Brasileiro
PC 004, 1880	José	-	Moçambique
PC 084, 1880	Manoel	Bahia	Brasileiro / Crioulo
PC 004, 1880	Máximo	Freg. SFT	Brasileiro

Memória nas respostas de crioulos, 1820-1880

PC, Ano	Nome	Nome Pai	Nome Mãe	Idade	Naturalidade	Nacionalidade	Tempo de Residência
PC 007, 1828	Joaquim	-	Mãe (preta)	-	-	Crioulo	-
PC 112, 1835	João	Antonio (cabinda) (padrasto)	-	-	-	Crioulo	-
PC 112, 1835	José	Antonio (cabinda) (padrasto)	-	-	-	Crioulo	-
PC 087, 1840	José Leandro (liberto)	Antonio Pedro	Ana Joaquina	24	Cidade de S.J. del' Rey	Crioulo	6 anos
PC 089, 1846	Maria Joana (liberta)	Manoel da Costa (já falecido)	Marcelina Antonia	20 e tantos	S.J. del' Rey / Minas	-	4 anos
PC 092, 1849	Francisco Mariano (liberto?)	Theodoro (escravo Sr. T.J.)	Eva (escrava Sr. T.J.)	c. 40	Sto. Anto. Da Jacutinga / Prov. RJ	Brasileiro	-
PC 028, 1852	Claudina	-	Maria do Rosário	c. 28	Pernambuco	Brasileira	-
PC 019, 1853	Antonio Manoel (liberto)	-	Maria Antonia (falecida)	c. 15 / 16	Rio Bonito, vila de Vassouras / das Portellas	Brasileiro	2 anos
PC 046, 1853	Quintiliano	-	Rosária	30	Minas Gerais / Santa Luiza	-	16 anos
PC 047, 1855	Rafael	-	Joana	23	Prov. MG, termo de S.J. del' Rey	Brasileiro	4 / 5 anos
PC 115, 1856 / PC 050, 1858	Albino	-	Mariana (já falecida)	c. 24	Divisa, freg. Pati do Alferes	Crioulo	não sabe / desde que nasceu
PC 115, 1856	Jerônimo	José Pereira Calisto	Maria	23 p/ 24	Pernambuco	Brasileiro	-
PC 115, 1856	João	-	Domingas	c. 16 ñ sabe	Rio Preto	Crioulo	3 anos
PC 115, 1856	José	Joaquim Maria	Margarida	c. 20 ñ sabe	Cidade da Paraíba / Paraíba do Norte	Crioulo da Paraíba do Norte	muito tempo
PC 052, 1858	Limão	-	Maria Ganguela	ñ sabe	Pati do Alferes	Brasileiro	não sabe
PC 055, 1860	João	-	Albina	24	desta Freg. (Vassouras)	Brasileiro	desde que nasceu
PC 098, 1863 PC 105, 1865	Manoel (Manoel Baiano)	-	Josefa	c. 30	Freg. do Lagarto	Prov. do Pinhaly (?) / próximo do Pyarhy (?)	1 ano / pouco tempo
PC 061, 1863	Rita	Rufo	Maria	27	Rio de Janeiro	Crioula	8 anos
PC 104, 1864	Floriano	-	Maria	ñ sabe	Prov. da Bahia	Brasileiro	5 anos / não sabe

PC 103, 1864	Silvino	-	Izabel	25 / ñ sabe, mas tem + de 20	Cidade do Ceará	Crioulo / Brasileiro	16 anos
PC 105, 1865	Jerônimo	-	Ignês	25	Freg. da Purificação dos Campos, Fazenda do Itheuguí (?)	Prov. da Bahia	quase 1 ano
PC 109, 1865	Sebastião (Sebastião Crioulo)	-	Valentina	21	S.J. del'Rey / Minas Gerais	Crioulo	-
PC 064, 1866	Francisco	ignora	ignora	c. 24	Brasil / desta Freg. (SFT)	Brasileiro	-
PC 065, 1866	José (José Crioulo)	Sebastião (escravo de seu Sr.)	Mãe (que mora na fazenda)	ñ sabe / menor / c. 12	Retiro da Fazenda do Barão R. / Vassouras	Brasileiro	7 anos
PC 066, 1866 PC 003, 1867	Adão	Francisco	-	45	Barra Mansa	Crioulo	-
PC 066, 1866 PC 024- 025, 1867	Elias	ignora	ignora	22 / c. 30	Barra Mansa	Crioulo / Brasileiro	-
PC 066, 1866	Lúcio	Salvador	-	40 / 55	São Paulo / Imbaú - SP	Brasileiro	10 anos
PC 066, 1866 PC 024- 025, 1867	Sebastião Soares	Francisco de Nação	-	+ de 20 / 28	Pouso Alto / Minas	Brasileiro	não sabe
PC 100, 1869	Estebão	-	Felisbina (já falecida)	17	Freg. Vassouras	Brasileiro	-
PC 100, 1869	Justino	Francisco Leite	Mariana	31	Prov. Minas	Brasileiro	-
PC 100, 1869	Paulino	-	Jovita	20	Freg. de Campo Grande, Município Neutro	Crioulo	-
PC 100, 1869	Paulo	Domingos	Maria Francisca	28	Bahia	Crioulo	-
PC 100, 1869	Sandro	-	Martiniana	16	Freg. Vassouras	Brasileiro	-
PC 068, 1870	Manoel (Manoel Maranhão)	-	Catharina	c. 30	Prov. do Maranhão	Brasileiro	c. 9 anos
PC 020,	Antonio	-	Preta Paulina de	c. 50	Massambará,	-	muitos anos

1872	Bolieiro		Nação		Prov. MG		
PC 069, 1872	Possidônio	-	Rosa (escrava do finado MAM)	14	Vassouras	Brasileiro	desde que nasceu
PC 072, 1873	Felizardo	Joaquim Engenheiro	Quitéria (escrava de seu sr.)	c. 25 / 24	Fazenda do seu sr. / Prov. RJ	Brasileiro	-
PC 013, 1874	Francisco	ignora	ignora	24 / 30 e tantos	Freg. Vassouras	Crioulo / Brasileiro	7 anos incompletos
PC 074, 1874	Hilário	Geraldo (escravo de seu sr.)	Brasília (escrava de seu sr.)	22 p/ 23	Vassouras	Brasileiro	desde que nasceu
PC 116, 1875	Fabio	-	Angélica	20 a 25	-	Crioulo	-
PC 116, 1875	Felisberto (Felisberto Marcolino)	Eugênio Crioulo	Benedicta Crioula	14 / 14 p/ 15	Baiano / Bahia / Cidade de Cachoeira, prov. BA	-	2 anos / perto de 2 anos
PC 073, 1875	Marcos	-	M... Rita (crioula)	ñ sabe	Cidade de Pelotas, do RGS	Brasileiro	2 semanas e meia
PC 014, 1875	Victória	ignora	ignora	20 a 30	Freg. SFT	Brasileira	desde que nasceu
PC 078, 1876	Julião	-	Clemência Crioula	39	Prov. Bahia	Brasileiro	2 anos
PC 076, 1877	Brasília	-	filha da preta	menor	-	Crioula	-
PC 008, 1877	Braz	-	Rita Africana	20	Pati do Alferes / Fazenda do Retiro	Brasileiro (referido como preto crioulo)	10 anos
PC 077, 1877	Thomaz	Joaquim José	-	30 / 33	Bahia	Brasileiro	12 anos
PC 111, 1878	Anibal	Angelo	Faustina	c. 20	Fazenda das Antas	Crioulo	muito tempo
PC 015, 1878 PC s/no, 1878	Graciano	Bernardo (crioulo)	Maria (crioula)	33	Rua Direita, Cidade do Recife, Prov. PE	Brasileiro	18 p/ 19 anos
PC 012, 1878	José Maria Manso (livre)	Silvestre (escravo)	Ana maria da Conceição (liberta)	25	Freg. Pati do Alferes, Município de Vassouras	-	sempre
PC 032, 1879	Manoel	-	Maria	-	Rio de Janeiro	Crioulo	fugido de casa há 3 anos
PC 080, 1879	Manoel	-	Felizarda (já falecida)	c. 47	Prov. RJ / Queimados, Município de Iguasú	-	muitos anos
PC 082,	Umbelino	-	Mariana	c. 25	Prov. RJ	Crioulo	

1879			(já falecida)				
PC 083, 1880	Bernardo	Antonio da Silveira	-	24	Freg. Pati do Alferes	Brasileiro	5 p/ 6 anos / 3 p/ 4 anos
PC 083, 1880	Irineu	Ambrósio	-	27 / ñ sabe ao certo	Freg. Pati do Alferes	Brasileiro	desde que nasceu
PC 084, 1880	Manoel	Isidoro	-	35 / c. + 21	Bahia	Brasileiro / Crioulo	7 anos
PC 004, 1880	Máximo	André Africano	Rosa de Nação	c. 35	Freg. SFT	Brasileiro	-

Memória – pessoas de origem indeterminada

PC 058, 1862	Carlota	Anacleto (de nação)	Mãe (já falecida)	-	-	-	-
PC 061, 1863	Arminda	-	Rita	menor	-	-	-
PC 061, 1863	Margarida	-	Rita	menor	-	-	-
PC 078, 1876	Honorata	-	Michaela (preta)	c. 24	-	-	-
PC 078, 1876	Marcelina	-	Michaela	20	-	-	-

População de cidadãos brasileiros e imigrantes livres, 1820-1880

(total de 453 indivíduos)

Vale notar, como no caso anterior, que o número de um critério para outro pode não ser equivalente, pois nem todos os documentos apresentam as mesmas informações (assim pode ter um quantitativo de uma determinada profissão que não condiz com o mesmo número de pessoas por referência de cor, por exemplo, impossibilitando uma correlação estatística absoluta entre cor e profissão) – sobre isso o leitor pode encontrar importante discussão sobre o silêncio da cor, no estudo de Hebe Mattos (1995).

Outra questão que dificulta o estabelecimento de um quadro estatístico absoluto, ou invariável, no caso de informações extraídas de fontes qualitativas como as dos processos, são as referências ao lugar, como “Vassouras”, por exemplo, que podem ser referências a uma Freguesia, a uma Cidade ou à Comarca. Para pessoas, há casos de homônimos que são difíceis de precisar se tratam-se da mesma pessoa; alguns foram identificados, e, ainda que essa possibilidade exista e não tenha sido identificada, não chega a deturpar o quadro geral.

A maior parte é de homens, como são as pessoas arroladas nos processos de uma maneira geral, como mencionado anteriormente. Dentre as profissões, há aquelas que têm variações como a de feitor: de roça; de terreiro. Outra característica são aqueles que têm mais de uma atividade descrita ao longo do interrogatório, mas que no Auto de Qualificação pode ou não ser especificada. Geralmente no Auto de Qualificação é referida apenas uma atividade, ainda que ocorra casos de menção a mais de uma atividade. Exemplos:

- 1) Referido ao longo do interrogatório: feitor e lavrador, de São Tiago de Piães – Sacra Família do Tinguá (registrado nos Autos de Qualificação como feitor e trabalhador de enchada)
- 2) Referido ao longo do interrogatório: lavrador de Pati do Alferes – Vassouras (registrado nos Autos de Qualificação como lavoura)
- 3) Referido ao longo do interrogatório: lavoura e comércio de Portugal (Sacra Família do Tinguá) (registrado nos Autos de Qualificação como lavoura)
- 4) Referido ao longo do interrogatório: lavrador e feitor – Pati do Alferes (registrado nos Autos de Qualificação como feitor)
- 5) Referido ao longo do interrogatório: pintor e roça – Pati do Alferes (o único que tem duas funções bem distintas, registrado nos Autos de Qualificação como pintor).

As mulheres chamadas a testemunhar, muitas não aparecem com profissão, mas “casadas”. As que aparecem com profissão foram acrescentadas no quadro, são muito poucas (uma mulher de trabalho doméstico do Rio de Janeiro – Sacra Família do Tinguá / costureira de Pati do Alferes – Pati do Alferes / uma casadeira do Porto – Barra do Piraí). As crianças não foram contadas.

**Atividade por local de registro do processo, com naturalidade e cor associadas
população de cidadãos brasileiros e imigrantes livres**

Vassouras

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
08 Vassouras 01 Pati do Alferes 01 São Sebastião dos Ferreiros 01 Piraí 01 Iguassú 14 RJ 02 SP 08 MG 01 BA 05 Brasil 01 Espanha 01 Ilha de S.Miguel 08 Portugal 01 Porto	55 lavoura	10 brancos 01 pardo
03 RJ 01 Jacuandoa (MG)	04 jornaleiro	01 pardos
02 Porto 01 Ilha de S.Miguel 01 Portugal 02 Paraguai	07 trabalhador	
01 SP 02 Portugal 01 Espanha	03 trabalhador no caminho de ferro	
01 Portugal 01 MG 01 São João	03 camarada	
01 Brasil 01 Portugal	02 empregado	
	02 carapina	
01 MG	01 matador de formigas	
01 Ilha Terceira	01 serrador	
01 Braga 01 Portugal	02 ferreiro	01 branco
01 Vassouras 02 RJ 01 S.J.del'Rey 04 MG	11 carpinteiro	02 brancos 02 pardos
01 Brasil		

01 Ilha do Faiol 01 Portugal		
01 S.J.del'Rey	01 oficial de carpinteiro	
02 MG 01 Porto 01 Ilha de S.Miguel 05 Portugal	11 pedreiro	01 branco
01 Portugal	01 oficial de pedreiro	01 brancos
01 Brasil	01 marceneiro	
01 Vassouras 01 Bahia	02 pintor	
01 Portugal	01 oficial de sapateiro	
01 MG 01 Porto 01 Portugal	03 alfaiate	
01 Porto 01 Portugal	02 sapateiro	01 branco
01 Vassouras	01 caboqueiro	
01 Ilha de S. Miguel	01 hortelão	
01 Bahia 02 Portugal 01 Lisboa	04 enfermeiro	02 brancos
01 Portugal	01 boticário	
01 Sta. Rita de Ipitipoca (MG) 01 Brasil	02 tropeiro	
01 Porto	01 carroceiro	
01 Porto	01 adm. de carroças	
01 Vassouras	01 seleiro	
02 Vassouras 04 Ilha de S.Miguel 05 Portugal 01 RJ	12 feitor	
01 Ilha de S. Miguel 01 Porto 03 Portugal 01 Brasil	05 administrador 01 fazendeiro	01 branco

01 MG 01 01 Barcellos 03 Porto 01 Ilha do Pico 04 Portugal	10 caxeiros	05 brancos
01 Vassouras 01 Pilar (RJ) 01 Corte (RJ) 04 RJ 02 MG 01 Brasil 01 Viana 01 S. Miguel	29 negócio (venda)	08 brancos
01 Ilha do Faial 01 Coimbra 01 Porto 11 Portugal		
01 Itália		
01 Ilha dos Açores	01 estalagem	
01 SP	01 padaria	
01 Brasil	01 cigarreiro	
01 Vassouras	01 agência própria	01 branco
01 Portugal	01 padre	01 branco
01 RJ	01 advogado	
01 Corte (RJ)	01 professor	
01 MG	01 médico	
01 Campo Grande 01 Arrozal 01 RJ 06 MG	11 oficial de justiça	
01 RJ	01 Secretário da Câmara Municipal	
01 RJ	01 fiscal	
01 Vassouras	01 solicitador	
02 Vassouras 01 RJ	03 tabelião público	
01 Portugal	01 guarda livros	
01 S.João de Meriti (RJ)	01 pedestre	

01 Vassouras 01 Brasil	02 praça da guarda municipal	
02 RJ 02 SP	03 praça do corpo policial	
01 RJ	01 militar	

Pati do Alferes

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
20 Pati do Alferes 01 Pilar 01 Cebolas 12 RJ 05 MG 04 Brasil 01 Vila de Monteigos 01 Vila do Sexo do Esvedal 01 Ilha Terceira 01 Porto 04 Portugal	85 lavoura	10 brancos 16 pardos
	01 jornaleiro	01 pardo
01 RJ 03 Portugal	05 trabalhador	
01 Portugal	01 matador de formigas	
01 Portugal	01 ferreiro	
01 Pati do Alferes 01 Portugal	04 carpinteiro	
01 Braga 01 Portugal	03 pedreiro	
	01 pintor	
	01 alferes	
01 Pati do Alferes 01 RJ	04 sapateiro	01 brancos 02 pardos
01 Pati do Alferes	01 costureira	
01 RJ	01 farmacêutico	
01 RJ 01 Espanha	02 enfermeiro	

01 RJ	04 tropeiro	03 pardos
01 Pati do Alferes	02 arreiro de tropa (arreador)	
01 RJ	09 feitor	03 pardos
01 MG		
01 Portugal		
01 Pati do Alferes	02 administrador	01 branco
01 Portugal		
03 Pati do Alferes	06 caxeiro	
01 Iguassú		
01 Portugal		
01 Alemanha		
01 Pati do Alferes	10 negócio (venda)	01 pardo
01 Brasil		
01 Porto		
01 Ilha dos Açores		
04 Portugal		
01 Ilha de Cantão (China)		
01 Portugal	05 agência própria	01 branco 04 pardos
01 Pati do Alferes	01 professor	
	01 estudante de medicina	
02 Portugal	02 senador	
01 Pati do Alferes	01 procurador	
01 Portugal	01 guarda livros	

Sacra Família do Tinguá

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
03 Vassouras	44 lavoura	06 brancos 07 pardos
05 S.Família do Tinguá		
01 Bananal		
01 Município Neutro		
14 RJ		
01 SP		
01 Barbacena		
05 MG		
02 Brasil		
01 Porto		
01 Ilha da Madeira		
10 Portugal		
03 RJ	03 jornaleiro	01 branco

01 RJ	01 maquinista	
01 Baependi	01 ferreiro	
01 MG	05 carpinteiro	03 brancos
01 BA		01 pardo
02 Porto		
01 Portugal		
02 Portugal	02 farmacêutico	
01 Portugal	01 enfermeiro	
01 Portugal	01 ajudante de enfermeiro	
01 Portugal	01 barbeiro	
01 Portugal	01 alfaiate	
01 RJ	01 trab. doméstico	
01 RJ	04 feitor	01 branco
01 MG		01 pardo
01 S.Tiago de Piães		
01 Ilha de S.Jorge		
01 RJ	02 administrador	
01 MG		
01 Lisboa Frade	01 caxeiro	01 branco
01 Brasil	09 negócio (venda)	
03 Portugal		
01 Itália	01 gerente casa de negócio	
01 Portugal	01 negócio volante	
01 Pará	01 vigário	
01 RJ	01 sacristão	
01 PE	01 professor	
03 Itália	03 artista	
01 França	01 engenheiro	
03 RJ	03 militar	03 brancos

Santa Cruz dos Mendes

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
03 Brasil 01 Portugal	04 lavoura	
01 das Ilhas	02 trabalhador	
01 Portugal	01 ferreiro	
01 Portugal	01 feitor	
01 Brasil	01 administrador	
01 RJ 04 Portugal	05 negócio (venda)	
01 BA	01 vigário	
01 S.Cruz dos Mendes	01 professor	
02 Brasil	02 oficial de justiça	
01 Angra 02 RJ	04 praça do corpo policial	

São Sebastião dos Ferreiros

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
01 S. Sebastião dos Ferreiros 01 RJ 01 PE 02 Brasil	05 Lavoura	

Barra do Pirai

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
01 Vassouras 01 Cantão (China) 01 MG	01 carpinteiro 02 cozinheiro (a)	
01 Porto	01 casadeira	
01 Brasil	01 administrador	
01 RJ	01 caxeiro	
01 Vassouras 01 Portugal	02 negócio (venda)	
01 RJ	01 comerciante	

01 Português	01 capitalista	
01 Jacarepaguá 02 RJ	03 praças do corpo policial	

Massambará

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
01 Vassouras	01 lavoura	
01 Massambará	01 matador de formigas	
01 Iha de S.Miguel 01 Portugal	02 feitor	
01 RJ	01 fazendeiro	

Ipiranga

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
01 Ipiranga (RJ)	01 lavoura	
01 Portugal	01 alfaiate	
01 Portugal 01 MG	02 caxeiro	
01 Portugal	01 negócio (venda)	

Vila de São João Neponucemo (não entrou na contagem geral)

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
01 Pati do Alferes 01 MG	02 lavoura	01 branco
01 Arraial de S.Antonio do bacalhau	01 oficial de seleiro	01 branco
01 Arraial do enfecionado	01 negócio	01 pardo

**Atividade, com naturalidade e cor associadas (total amostra de 506 indivíduos)
população de cidadãos brasileiros e imigrantes livres**

Naturalidade	Atividade	Cor (branco/pardo)
12 Vassouras 21 Pati do Alferes 05 Sacra Família do Tinguá 02 São Sebastião dos Ferreiros 01 Ipiranga 01 Iguassú 01 Piraí 01 Cebolas 01 Bananal 01 Município Neutro 01 Pilar 41 RJ 03 SP 18 MG 01 BA 01 PE 16 Brasil 01 Espanha 01 Ilha terceira 01 Ilha da Madeira 01 Ilha de S.Miguel 01 Vila de Monteigos 01 Vila do Sexo do Ervedal 03 Porto 23 Portugal	195 lavoura	26 brancos 24 pardos
01 Jacuandoa (MG) 06 RJ	08 jornaleiro	01 branco 02 pardos
01 RJ 01 Porto 01 das Ilhas 01 Ilha de S.Miguel 01 Porto 04 Portugal 02 Paraguai	14 trabalhador	
01 SP 02 Portugal 01 Espanha	04 trabalhador no caminho de ferro	
01 Portugal 01 MG 01 São João	03 camarada	
01 Brasil 01 Portugal	02 empregado	
	02 carapina	
01 Massambará 01 MG 01 Portugal	03 matador de formigas	
01 RJ	01 maquinista	
01 Ilha Terceira	01 serrador	

01 Baependi 01 Braga 03 Portugal	05 ferreiro	01 branco
02 Vassouras	21 carpinteiro	05 brancos
01 Pati do Alferes 02 RJ 01 S.J.del'Rey 05 MG 01 BA 01 Brasil 01 Ilha do Faiol 02 Porto 03 Portugal		03 pardos
01 S.J.del'Rey	01 oficial de carpinteiro	
02 MG 01 Porto 01 Braga 01 Ilha de S.Miguel 06 Portugal	14 pedreiro	01 branco
01 Portugal	01 oficial de pedreiro	01 brancos
01 Brasil	02 Marcineiro	
01 Vassouras 01 BA	03 pintor	
	01 alferes	
01 Pati do Alferes 01 RJ 01 Porto 01 Portugal	06 sapateiro	02 brancos 02 pardos
01 Portugal	01 oficial de sapateiro	
01 MG 03 Portugal 01 Porto	05 alfaiate	
01 Pati do Alferes	01 costureira	
01 RJ	01 trab. doméstico	
01 Cantão (China) 01 MG	02 cozinheiro (a)	
01 Porto	01 casadeira	
01 Vassouras	01 caboqueiro	
01 Ilha de S. Miguel	01 hortelão	
02 Portugal	02 farmacêutico	
01 RJ 01 Bahia 01 Lisboa 03 Portugal 01 Espanha	07 enfermeiro	02 brancos
01 Portugal	01 ajudante de enfermeiro	
01 Portugal	01 boticário	
01 Portugal	01 barbeiro	
01 RJ 01 Sta. Rita de Ipitipoca 01 Brasil	06 tropeiro	03 pardos

01 Pati do Alferes	02 arreiro de tropa (arreador)	01 pardo
01 Porto	01 carroceiro	
01 Porto	01 adm. de carroças	
01 Vassouras	01 seleiro	
02 Vassouras 03 RJ 02 MG 01 S.Tiago de Piães 01 Ilha de S.Jorge 05 Ilha de S.Miguel 02 Portugal	28 feitor	01 branco 04 pardos
01 Pati do Alferes 01 RJ 01 MG 02 Brasil 01 Ilha de S. Miguel 01 Porto 04 Portugal	11 administrador	01 branco
01 RJ 01 Brasil	02 fazendeiro	
03 Pati do Alferes 01 Iguassú 01 RJ 02 MG 01 Barcellos 01 Ilha do Pico 01 Lisboa Frade 03 Porto 06 Portugal 01 Alemanha	20 caxeiro	06 brancos
01 Pati do Alferes 02 Vassouras 01 Pilar (RJ) 01 Corte (RJ) 05 RJ 02 MG 03 Brasil 01 Viana 01 S. Miguel 02 Portugal 01 Ilha do Faÿal 01 Ilha dos Açores 01 Coimbra 02 Porto 22 Portugal 01 Itália 01 Ilha de Cantão (China)	56 negócio (venda)	08 brancos 01 pardo
01 RJ	01 comerciante	
01 Portugal	01 Negociante Volante	
01 Itália	01 gerente casa de negócio	
01 Vassouras	06 agência própria	02 branco

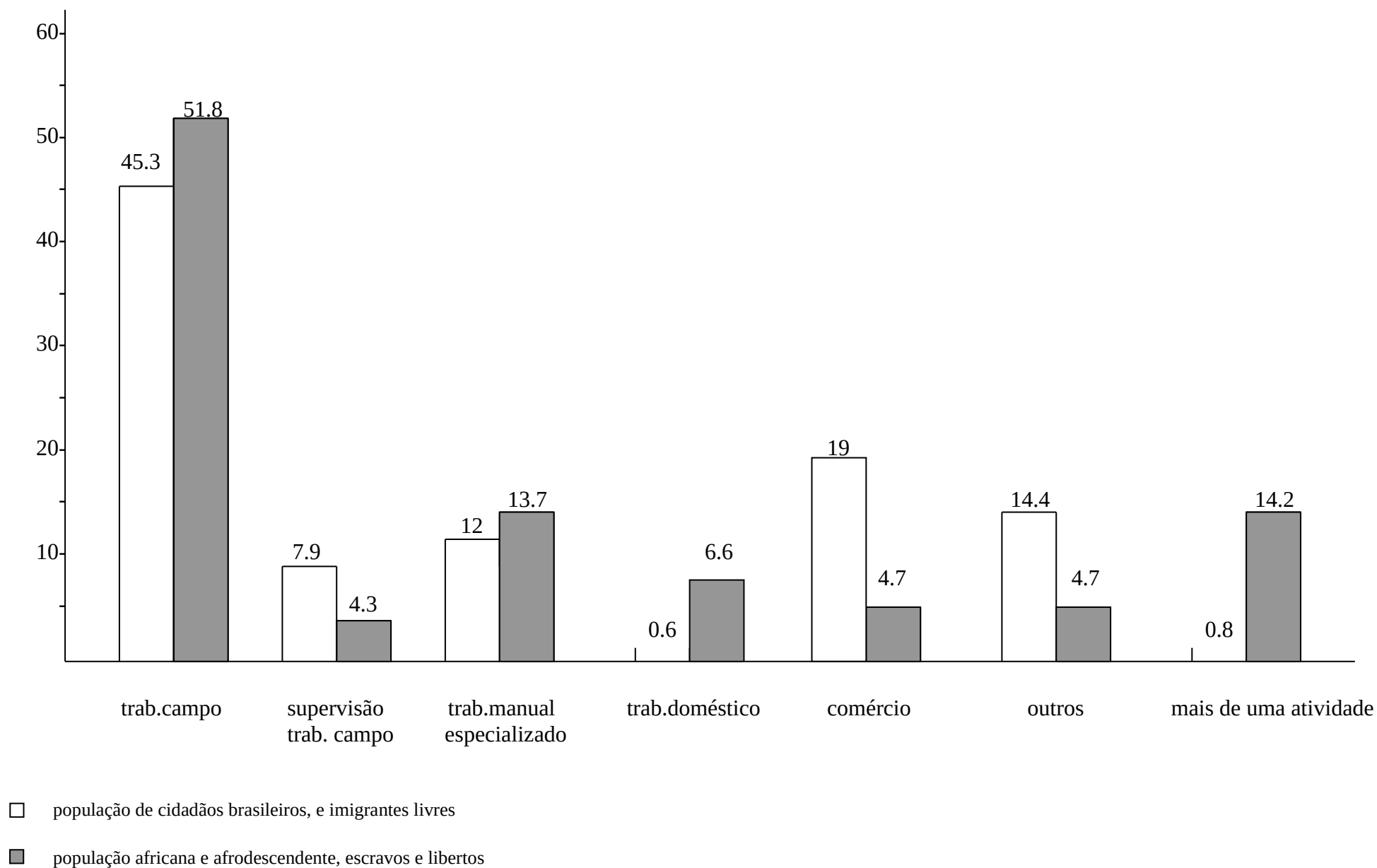
		04 pardos
01 Portugal		
01 Português	01 capitalista	
01 Ilha dos Açores	01 estalagem	
01 SP	01 padaria	
01 Brasil	01 cigarreiro	
01 Pará 01 BA 01 Portugal	03 vigário / padre	
01 RJ	01 sacristão	
01 RJ	01 advogado	
01 França	01 engenheiro	
01 Pati do Alferes 01 S.Cruz dos Mendes 01 Corte (RJ) 01 PE	04 professor	
03 Itália	03 artista	
01 MG	01 médico	
	01 estudante de medicina	
01 Campo Grande 01 Arrozal 01 RJ 06 MG 02 Brasil	13 oficial de justiça	
02 Portugal	02 senador	
01 Pati do Alferes	01 procurador	
01 RJ	01 secretário da Câmara Municipal	
01 Vassouras	01 solicitador	
01 RJ	01 fiscal	
02 Vassouras 01 RJ	03 tabelião público	
02 Portugal	02 guarda livros	
04 RJ	04 militar	03 brancos
01 S.João de Meriti (RJ)	01 pedestre	
01 Vassouras 01 Brasil	02 praça da guarda municipal	
01 Angra 01 Jacarepaguá 06 RJ 02 SP	10 praça do corpo policial	

**Naturalidade – forma resumida (total amostra de 430 indivíduos)
população de cidadãos brasileiros e imigrantes livres**

País/Macro Região	Região/Província	Freguesia/Município
Brasil: total 267		
	RJ: total 146	
		02 Corte
		01 Município Neutro
		27 Vassouras
		33 Pati do Alferes
		01 SCM
		01 Massambará
		05 SFT
		02 SSF
		02 Iguassú
		01 Piraí
		01 Campo Grande
		01 S.João de Meriti
		01 Jacarepaguá
		01 Angra
		01 Arrozal
		01 Cebolas
		02 Pilar
		01 Ipiranga
		01 Bananal
	MG: total 45	
		02 S.J.del'Rey
		01 Baependi
		01 Sta. Rita de Ipitipoca
		01 Jacuandoa
	SP: total 07	
	BA: total 05	
	PA: total 01	
	PE: total 02	
Portugal: total 154		
	01 das Ilhas	
	02 Ilha dos Açores	
	02 Ilha terceira	
	01 Ilha da Madeira	
	11 Ilha de S.Miguel	
	01 Ilha de S.Jorge	
	01 Ilha do Pico	
	02 Ilha do Faiol (Façal)	
	17 Porto	
	02 Braga	
	01 Coimbra	
	02 Lisboa	
	01 Viana	
		01 Vila de Monteigos
		01 Vila do Sexo do Ervedal

		01 S.Tiago de Piães
		01 Arraial do enfecionado
		01 Arraial de S.Antônio do Bacalhau
Espanha: total 03		
Itália: total 05		
França: total 01		
Alemanha: total 01		
Paraguai: total 02		
Ilha de Cantão (China): total 02		
		(?) 01 São João (?) 01 Barcellos

Atividades da população de cidadãos brasileiros, e imigrantes livres; população africana e afrodescendente, escravos e libertos, 1820 – 1880



Intermediários (administradores, feitores e capatazes): informações pessoais e profissionais
(considerada a profissão que a pessoa respondeu nos interrogatórios e as indicações em meio aos relatos)

Nome	Naturalidade	Idade	Estado Civil	Condição	Responsabilidades	PC / Ano
Balduino	Costa da África	c.30	casado	escravo	capataz	PC 053, 1859
João Moçambique	Moçambique	40 e tantos	casado	escravo ?	trabalhador de roça e feitor e seus parceiros	PC 066, 1866
Antonio Moçambique	Nação Moçambique	ignora	casado	escravo	carreiro / carreiro, mas por estar sem o que fazer estava a ajudar o feitor	PC 088, 1844
Antonio	Nação Moçambique				feitor de roça	PC 114, 1845
Valentim	Moçambique	c.60	casado		capataz dos serviços de roça / servia no terreiro	PC 099, 1867
Epifânio Moçambique	Nação Moçambique				serviço de roça e depois feitor	PC 117, 1838
Antonio (Antonio Capataz) (ignora filiação)	nac: Rebolo, nasc: Panga	c.35	solteiro		capataz de seus parceiros / trabalhador de enxada	PC 115, 1856
Luís Congo	Congo	50 / 40	casado	escravo (test. informante)	feitor / capataz	PC 020, 1872
Miguel (“Velho”)	Benguela	ignora	casado		sapateiro / “velho que servia de capataz” (estava ajuntando milho na hora do crime)	PC 088, 1844
Emiliano José da Rocha	Brasil	34	solteiro		administrador	PC 074, 1874
José Joaquim Ventura da Silva	Brasil	25	casado		administrador	PC 077, 1877
Manoel Cypriano	Crioulo	30	solteiro	escravo ? (test. informante)	capataz do terreiro	PC 111, 1878
Herculano Afonso Gonçalves	Rio de Janeiro	28	solteiro		feitor de terreiro	PC 082, 1879
João Pinheiro da Cruz	Rio de Janeiro	35	solteiro	pardo	feitor	PC 039, 1845
José Caetano de Souza	Rio de Janeiro			pardo	feitor	PC 033, 1840
Joaquim Mariano Barbosa	Rio de Janeiro	38	casado	branco	administrador	PC s/no. - 1843
Pedro José Soares	Rio de Janeiro	22	solteiro		administrador	PC 028, 1852
Marcelino Ferreira da Silva	Vassouras	35	solteiro		feitor	PC 055, 1860
Aureliano Alves Santiago	Vassouras	30	solteiro		feitor de roça	PC 078, 1876

Pedro da Silva Trindade (parentes: mapa Pocinho)	Vassouras	34	solteiro		feitor de roça	PC s/no. - Pocinho, 1874
Manoel Francisco de Oliveira Xavier	Pati do Alferes	54	casado		administrador	PC 111, 1878
Manoel (filho de Felizarda, já falecida)	Queimados, Iguassú, Rio de Janeiro	c.47	solteiro		trabalhador de roça e capataz de toda a gente de seu sr.	PC 080, 1879
Maximiano José Rodrigues	Minas Gerais	40	solteiro		feitor	PC 111, 1878
Justino (filho de Francisco Leite e Mariana)	Minas Gerais	31	solteiro		feitor de terreiro	PC 100, 1869
Antonio Justino de Lima (filho de Justino Ferreira de Lima e Maria Francisca Rodrigues)	Minas Gerais	39	casado		feitor	PC 077, 1877
Francisco Bernardes da Costa	Minas Gerais	37	casado		feitor	PC 066, 1866
José Antonio Fernandes Fortes	Minas Gerais	39	solteiro		administrador	PC 066, 1866
Francisco Querino Antonio Cardoso (filho de Querino Antonio Cardoso)	Minas Gerais, Arraial do Rio Preto	50	casado		feitor	PC 084, 1880
Luís José de Siqueira (não sabe de quem é filho)	Minas Gerais, S.J. del Rey	c.25	solteiro		administrador	PC 094, 1856
João Antonio Dias	São Paulo	32	solteiro		administrador	PC 100, 1869
Domingos	Pernambuco	25	casado	escravo (test. informante)	capataz de roça	PC 068, 1870
Agostinho de Freitas	Alagoas	35	solteiro	liberto / pardo	feitor	PC 015, 1878
Domingos Perena/Pereira Lopes	Portugal	40	solteiro		administrador	PC 078, 1876
Domingos Pereira	Portugal				feitor	PC 100, 1869
Manoel da Costa	Portugal	50	casado		feitor	PC 010, 1877
Serafim Pereira Pinto Bastos	Portugal	37	solteiro		administrador / feitor	PC 083, 1880
Joaquim Martins Carneiro	Portugal	37	solteiro		administrador	PC 100, 1869
Manoel Borges da Costa (filho de Manoel Borges da Costa)	Portugal	32	solteiro		feitor	PC 062, 1864
Manoel Gonçalves Gilde	Portugal	40	solteiro		administrador	PC 020, 1872
Francisco Soares Macedo	Portugal				feitor	PC 068, 1870

Joaquim Ferreira dos Santos (filho de João Ferreira)	Portugal	40	casado		feitor	PC 062, 1864
Manoel Cardoso da Silveira	Portugal				feitor	PC 073, 1875
Antonio José da Cunha	Portugal	44	solteiro		feitor	PC 031, 1879
Joaquim Ferreira Pinheiro	Portugal	c.60 / 70			feitor de terreiro	PC 010, 1877
Manoel de Magalhães	Portugal	36	solteiro		feitor de roça	PC 009, 1872
Antonio Ferreira da Costa	Portugal				feitor	PC 008, 1877
Domingos Teixeira da Costa	Portugal	30	solteiro		feitor / administrador	PC 003, 1867
Domingos José Soares	Portugal	46	casado		feitor	PC 072, 1873
Antonio Pimentel	Portugal / Ilha de São Miguel	30	casado		feitor de terreiro	PC 116, 1875
Manoel Vieira Rapoza (filho de Francisco Vieira e Roza Rapoza)	Portugal, Ilha de São Miguel	20	solteiro		feitor	PC 053, 1859
Manoel de Medeiros	Ilha de São Miguel	33	solteiro		feitor	PC 072, 1873
Agostinho José de Medeiros	Ilha de São Miguel	23	solteiro		feitor	PC 055, 1860
		38	solteiro		feitor de terreiro	PC 009, 1872
Francisco José de Medeiros (sobrinho do Sr. do réu)	Ilha de São Miguel	33	solteiro		administrador	PC 055, 1860
Antonio da Silva Almeida	Ilha de São Miguel	46	viúvo		feitor de terreiro	PC 068, 1870
Victorino de Paiva e Souza	Ilha de São Miguel	30	solteiro		feitor	PC 065, 1866
José Dutra (filho de Manoel Dutra e Rosa Maria)	Portugal, Ilha do Faiol / freg. Cedros	28	solteiro		feitor	PC 051, 1858
Jorge Machado Bitancurt	Ilha de São Jorge	20	solteiro		feitor	PC 036, 1841
Manoel de Souza Nunes	Ilha de São Jorge	28	solteiro	branco	feitor	PC 049, 1857
Bento Luís Martins	Ilha Terceira	28	solteiro		feitor	PC 088, 1844
Manoel da Rocha Pereira	Ilha Terceira	35	solteiro		administrador	PC s/no. - 1877
Antonio Ferreira Lourenço	Ilha Terceira	30	solteiro		administrador	PC s/no. - 1872
Joaquim Ferreira da Silva (filho de José Ferreira da Silva, já falecido)	Portugal, freg. Sanguedo	42 /c.47	solteiro		feitor de terreiro	PC 079, 1878

Jerônimo de Siqueira Vasconcelos	Portugal, São Tiago de Piães	32	solteiro		feitor	PC 066, 1866
Manoel Texeira Coelho	Porto	40	casado		administrador	PC 065, 1866
José Soares da Silva			casado		feitor	PC 005, 1822
Antonio Sebastião		c.23	solteiro		feitor	PC 005, 1822
Francisco das Chagas Manso		c.18	solteiro	pardo	feitor	PC 007, 1828
José Gomes da Silva [M..ilegível]		20	solteiro	pardo / cabra	feitor	PC 114, 1845
Domingos José de Matos		46	solteiro		feitor	PC 114, 1845
José Maria		c.35	solteiro	escravo ? (test. informante)	feitor de terreiro	PC 104, 1864
José Bastos Oliveira					feitor	PC 080, 1879
Manoel Duarte Simões					feitor	PC 066, 1866
Matheus Borges					feitor	PC 048, 1856

Intermediários (tropeiros e carreiros): informações pessoais e profissionais

(considerada a profissão que a pessoa respondeu nos interrogatórios e as indicações em meio aos relatos)

Nome	Naturalidade	Idade	Estado Civil	Condição	Responsabilidades	PC / Ano
Antonio Moçambique	nação Moçambique	ignora	casado	escravo	carreiro / carreiro, mas por estar sem o que fazer estava a ajudar o feitor	PC 088, 1844
Francisco	Moçambique	45 / 50 e tantos	solteiro	escravo	tropeiro e trabalhador de roça	PC 066, 1866
Antonio	nação Rebolo	50		escravo	carreador	PC 114, 1845
Pedro Dias	nação Angola			escravo	carreiro	PC 117, 1838
João	Loanda (natural e filho de)	34	solteiro	escravo	tratador de bestas / tropeiro	PC 046, 1853
Gabriel	nação Benguela natural de Angola	30 a 35	solteiro	escravo	tropeiro e trabalhador de roça	PC 070, 1867
Victor	nação africana	ignora	solteiro	escravo	trabalha no que o sr. manda, atualmente carroceiro de um outro	PC 060, 1862
Francisco Rodrigues Moreira	Brasileiro	55	casado	livre	tropeiro	PC 069, 1872
Messias	Crioulo	60	casado	escravo? (test. informante)	tropeiro	PC 111, 1878
Manoel Rodrigues Moreira	Crioulo	33	solteiro	crioulo forro	arreiro de tropa	PC 007, 1828
José Fagundes Bello	Rio de Janeiro	32	solteiro		tropeiro	PC 043, 1847
Felizardo	Vassouras	c.25 / 24	solteiro	escravo	serviço de roça / carroceiro	PC 072, 1873
Bibiano	Vassouras	c.18	solteiro	escravo	carroceiro	PC 069, 1872
Possidônio (filho de Rosa)	Vassouras	14	solteiro	escravo	carroceiro / lavrador	PC 069, 1872
Francisco Appolinário	Vassouras	15	solteiro	pardo	carreiro	PC 019, 1853
Joaquim Rodrigues da Costa	Pati do Alferes	50	casado		arreador	PC 111, 1878
José Maria da Silveira	freg. Iguassú				arreador de tropa	PC 108, 1842
Adão (filho de Francisco)	Barra Mansa	45	solteiro	escravo	tropeiro e trabalhador de roça	PC 066, 1866
Quiteliano (filho de Rosária)	Minas Gerais	30	solteiro	escravo	tropeiro	PC 046, 1853
Francisco José Ferreira	Santa Rita da Ibitipoca	20	solteiro		tropeiro	PC 036, 1841

Joaquim	Bahia			escravo	trabalhador de enxada e tropeiro	PC 080, 1879
Manoel Bahiano	Freg. do Lagarto	c.30	solteiro	escravo	trabalhador de roça e carreiro	PC 098, 1863
Antonio	Pernambuco	50	solteiro	escravo	carreiro	PC 069, 1872
Justiniano	Pernambuco	25	solteiro	escravo	carroceiro	PC 060, 1862
Antonio Dias Machado	Portugal	37 / 33	solteiro		carroceiro	PC s/no. - 1874
Manoel Custódio Pereira	Porto	38			administrador das carroças	PC 060, 1862
Domingos Gomes da Costa	Porto	36	solteiro		carroceiro	PC 060, 1862
Serafim da Silva Maya		44	casado	pardo	arreiro de tropa	PC 007, 1828
Francisco Antonio Dias		c.21	solteiro	pardo	anda com a tropa	PC 007, 1828
Antonio Lopes		c.18	solteiro	pardo	tropeiro	PC 007, 1828
Cláudio José Lima		c.22	solteiro	pardo	tropeiro	PC 007, 1828

Parte IV – REDES SOCIAIS

“Antero, escravo de FJF, disse que JM lhe dissera, em sua casa, que seus filhos haviam contado que tinham ouvido dizer que MBS (...) tinha encontrado um preto de MJTC (...)”⁴⁰

Para abordar o processo de constituição das chamadas comunidades escravas ou da *população de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos* a proposta é de concebê-las a partir de laços de amizade e vizinhança, da experiência da mobilidade e da violência, de tensões e conflitos inerentes a um organismo vivo e em formação e não apenas a partir de instituições fundamentais ligadas à família e à religião. A escolha por esta abordagem se fundamenta na noção de redes de sociabilidade e fluxos de ideias dinamizadas nestas redes, como princípios estruturais que viabilizam o estudo da mudança.

A abordagem de redes de sociabilidade deve ser entendida antes de tudo como uma estratégia metodológica que permite considerar a mobilidade de indivíduos, as relações extra parentais e a prática cotidiana na construção de identidades sociais. Como sugere MacFarlane, embora o conceito de comunidade seja uma unidade estabelecida arbitrariamente para fins analíticos, entende-se que ele “(...) reflete alguma realidade do mundo observável e externo”. (MacFarlane: 1977, p.3). Considera-se, no presente estudo, que esta realidade trata do processo de socialização de africanos e afrodescendentes em uma sociedade escravista.

De uma maneira geral, a abordagem de redes sociais permite inferir sobre o estabelecimento de laços sociais de parentesco, de amizade e entre vizinhos, assim como as formas como estes são conduzidos no cotidiano (Wetherell, 1998). Como sugere Wetherell, mais que o estudo de um indivíduo da constituição de um grupo ou de uma instituição, admitem-se as relações entre indivíduos, grupos ou instituições como unidades de análise. Este enfoque de centrar a atenção nas relações, princípio número um da análise de redes, permite o estudo de múltiplas fronteiras sociais (cuja natureza é relacional) e as identidades negociadas na dinâmica destas fronteiras (Barth, 1970; Jones, 1997), na integração de organizações sociais complexas e multifacetadas.

Fronteiras sociais são, assim, o principal objeto de análise como forma de abordar a interação e a integração social de diferentes atores naquele contexto escravista, assim como algumas arenas de negociação e construção de identidades. Sugere-se partir-se das inter-relações das chamadas comunidades escravas com as comunidades de lavradores de roça, em diálogo com a proposta de Mattos (1995), como mencionado inicialmente. Estas comunidades têm um sentido

³⁹ Adaptado de trecho do artigo Dinâmicas de fronteiras entre comunidades escravas e de lavradores livres, em Agostini (2010).

⁴⁰ CHD-FESS, 2º. Ofício, caixa 470, (PC s/ No.: Pocinho, 1874) p.141.

abstrato, quase metafórico, que oferecem referenciais analíticos, mas não deixa de expressar aspetos da realidade, como considerado no início desse livro.

Como forma de evitar uma visão polarizada e rígida sobre essas “comunidades” como categorias *a priori* definidas e bem delimitadas, sugere-se focar em “dramas” / casos / conflitos personagens liminares que não só informam sobre a dinâmica das fronteiras entre elas – e conseqüentemente da formação de identidades sociais –, como também oferecem um olhar menos dicotômico das relações entre livres e escravos, brancos e negros, permitindo um olhar mais abrangente para a sociedade. Os processos criminais servem como fonte potencial para isso por permitir inferências sobre o cotidiano de diferentes personagens, a partir dos relatos de testemunhas e partes envolvidas nos processos. Através destes relatos é possível construir fragmentos de histórias e de paisagens sociais, assim como observar a atuação destes diferentes personagens no contexto da escravidão em uma determinada vizinhança ou região.

Sugere-se, assim, observar os fragmentos de histórias que informam sobre as relações e os espaços de trabalho e identidades a eles associadas; sobre a atuação de africanos e afrodescendentes em espaços de diversão e lazer; assim como a circulação espacial de diferentes personagens numa determinada vizinhança. O estudo de redes de dizeres e ouvir dizeres permite, na composição de fragmentos de história, saber quem diz o quê para quem (as direções da comunicação), e quem sabe (ou diz saber) o quê sobre quem (o conteúdo das informações transmitidas). Assim, relatos de testemunhas que respondem que “soube por fulano, em tal circunstância, tal coisa, sobre cicrano”, sem dúvidas, têm um melhor potencial de análise do que o relato de outra que responde que “soube alguma coisa”. Mais que fazer uso do conteúdo da informação transmitida, portanto, cabe observar as redes de conexão entre os diferentes personagens e o fluxo das informações e ideias que se tem a respeito de terceiros.

O cruzamento e/ou a associação de pequenos dramas e fragmentos de histórias pode ser realizado através da montagem de redes de sociabilidade e de “ouvir dizeres”. Alguns processos especiais podem ser selecionados de maneira a permitir o aprofundamento de determinadas discussões em um contexto menos fragmentado, viabilizando o enfoque de fronteiras sociais a partir de casos mais densamente analisados.

Observando como se estabelecem as relações entre cativos e os diferentes personagens presentes na sociedade vassourense do século XIX, nota-se que além do “olhar branco” dos proprietários de escravos, grande parte das informações sobre os “lares negros”⁴¹ é obtida através

⁴¹ SLENES (1988) trata da visão de naturalistas (ou dos filtros para análise da mesma) sobre a família escrava. Fazemos uso dos termos do título deste artigo como indicação de uma visão mais genérica sobre “olhares brancos” e “olhares negros” que são comuns entre os pesquisadores que as usam como categorias dicotômicas, sendo o “olhar branco” associado à perspectiva da elite, de uma maneira geral. Não desconsideramos, contudo, a multiplicidade de “olhares brancos” como é o próprio caso das perspectivas de naturalistas viajantes e senhores de escravos que podem se apresentar de forma bem diferenciada. No artigo referido, Slenes apresenta aspectos e problemas na análise da visão dos viajantes.

dos dizeres e ouvir dizeres de agregados, pequenos sitiantes, negociantes, feitores, enfim, de uma multiplicidade de olhares que viviam lado a lado ao “mundo construído pelos cativos” (Genovese, 1988).

No decorrer dos processos, de uma maneira geral, nota-se uma tendência das autoridades em buscar o testemunho de pessoas não escravas, evitando a todo custo ter que confiar nos dizeres de um cativo, considerado, em termos judiciais, apenas como informante e não testemunha em um processo. É claro que, frente às necessidades de elucidação dos crimes, escravos são ouvidos, o que tornou esta documentação de interesse mais abrangente. Por outro lado, a rede de ouvir dizeres, isto é, a rede de fofocas da população livre, passa a relatar e compor parte daquele “universo escravo”, possibilitando ao pesquisador olhar os ‘lares negros’ através de lentes alternativas àquelas associadas somente às classes abastadas. Com isto, é possível evidenciar a fronteira que se estabelece entre homens pobres, livres e brancos, ou ‘quase brancos’ e homens escravos e negros no contexto da escravidão. Pode ser focalizada, assim, a dinâmica de fronteiras sociais, a circulação de determinados personagens na dinâmica destas fronteiras, e a construção de espaços de liminaridade neste contexto.

A seguir apresentam-se exemplos de redes em formas de mapas/diagramas que representam uma vizinhança ou um “fragmento de sociedade” e, em seguida, uma “rede de ouvir-dizer” associada a uma dessas vizinhanças. Essa representação gráfica não é geograficamente realista, por não haver precisão de localização dos sítios nos processos. Ela é uma forma de agregar os dados visualmente: as pessoas, suas posses, suas relações, suas ações cotidianas, seus movimentos na hora da situação liminar, isto é, o conflito. A rede de fofoca, exemplificada a seguir, com base no “crime do Pocinho”, sugere como sistematizar as falas de e sobre personagens (fofocas) para onde o pesquisador leva sua lente de aumento, independente do interesse das autoridades policiais que produzem o documento; ou seja, tornando central na análise mesmo uma simples testemunha ou qualquer personagem na trama de um processo, aparentemente de pouca relevância.

Exemplo: a rede de fofocas sobre Chico Mandú

As acusações contra Chico Mandú, um dos acusados no “crime do pocinho”:

Fofoca: referência a uma camisa e calça ensangüentada que, no dia do crime, Chico Mandú teria dado para Maria Ferro lavar, dizendo ter sido aquele sangue proveniente de uma cutia que ele havia caçado.

Fofoca: Chico Mandú era violento e metido a valentão. Referência a uma conversa de Chico Mandú teria tido com sua mulher na qual diziam, de acordo com os relatos de José crioulo e Francisco Antonio de Paula Muniz:

“(…) [falando a mulher de Mandú:] se você me aborrecer ou me der pancada, eu vou contar ao tio Chico [Muniz] aquilo que você fez a prima Maria que foi morta. Ao que Mandú respondeu a sua mulher: pois se você contar isso não só te mato com o nosso filho e depois mato-me também e fica assim decidido tudo”p.21v

“(…) [falando a mulher de Mandú:] se continuar a me aborrecer e maltratar-me, não estou para atura-lo; vou contar ao tio Chico [Muniz] que ... (não dizendo o que). Ao que respondeu Mandú: pois se você contar não só mato a você, como a meu filho e a mim mesmo”.

Francisco Muniz se lembra que Maria não gostava de Mandú, a ponto de ter se recusado a levar água para este a pedido de sua mãe, e só o fez quando seu pai a mandou, levando este a desconfiar que Mandú a tivesse tentado seduzir.

José Crioulo afirmou que ao passar pelo túmulo de Maria Mandú teria proferido palavrões ofendendo-a.

A rede de fofocas sobre Chico Mandú:

José Crioulo (p.12, 21v, 26v)

: desconfia de Chico Mandú, visto que este começou a fazer promessas e a tornar-se muito religioso, o que até então não era.

: a parda Antonia (Antonia da Costa Vieira) lhe disse a respeito da roupa ensanguentada que Maria Ferro teria lavado e que Constância é que havia lhe dito isto.

: disse que na hora do enterro do filho de Izabel, ao passar pelo túmulo de Maria, Mandú proferiu palavras obscenas.

: desconfiava de Mandú pois Emília lhe dissera que tinha ouvido a discussão entre Mandú e sua mulher.

Antonia da Costa Vieira (p.27)

: José Crioulo lhe contou sobre a lavagem da roupa ensangüentada de ‘Chiquinho Mandú’ por Maria Ferro.

: diz que em conversa com Constância, esta lhe disse que ouvira dizer a história das roupas ensangüentadas que Mandú teria pedido à Maria Ferro para lavar, mas não disse de quem ouvira isto.

: diz que Mandú é tido e respeitado como valentão e, nesse sentido, é voz geral que foi ele o assassino.

: informa de Francisco Muniz lhe ofereceu dinheiro para saber quem era o assassino e ela não aceitou por não saber, mas desconfia que seja Mandú.

Constância das Neves Gonçalves (p.29)

: afirma ter havido a conversa sobre as roupas com Antonia, mas nega ter se referido à Maria Ferro como quem as lavou assim como que elas fossem de Chico Mandú. (na acareação dos relatos de Antonia e Constância, a primeira afirma que a segunda é que tem razão).

Vicencia Maria Eugênia (p.26)

: ouviu a todas as pessoas da casa de Muniz que foi Chico Mandú o assassino de Maria, onde também ouviu a história das roupas ensangüentadas lavadas por Maria Ferro.

João Antônio da Silva Braga (p.15)

: desconfia de Mandú, porque Francisco Muniz lhe disse que Maria se recusara a levar água ao acusado.

: confirma o que Delphina e seu marido dizem sobre suas suspeitas de ser Chico Paulista (Francisco Muniz) o assassino por suspeitar que Maria não era sua filha.

Francisco Antônio de Paula Muniz (Chico Paulista) (p.19, 41v)

: soube que Maria Ferro teria lavado as roupas ensangüentadas de Mandú por sua filha Efigênia, que por sua vez ouviu de sua madrinha Ambrosina.

: Emília contara a sua filha Efigênia que estando em casa de Chico Mandú ouviu a discussão entre este e sua mulher.

Efigênia de Paula Muniz (p.20v, 25)

: disse que sua madrinha, D. Ambrosina, lhe contara que Delphina Ferreira lhe havia dito que Maria Ferro havia lavado a tal roupa ensangüentada de Mandú. E que esta conversa foi só entre ela e sua madrinha.

Ambrosina Delphina Rodrigues (p.21)

: disse que nunca soube de tal camisa. Seu filho foi quem lhe falou que Efigênia estava depondo relacionando seu nome a uma falsidade. (na acareação dos relatos de Efigênia e Ambrosina, as duas mantêm seus depoimentos contraditórios).

Emília Maria da Conceição (p.28)

: disse que nada sabe e nunca conversou com ninguém de maneira a atribuir o assassinato a este ou àquele. Disse que tudo que andam dizendo que ela falou é falso.

: considera que Mandú não tenha sido capaz de cometer este crime, ainda mais por tê-lo visto trabalhando na hora que se diz este teria acontecido.

Maria Antonia (Maria Ferro) (p.13, 26v, 183)

: declarou mais de uma vez que nunca lavou camisa ensanguentada e nem sabe porque anda metida neste processo.

Delphina Ferreira (p.16, 31, 180v)

: Maria Ferro veio reclamar que as escravas de Joaquim Lopes estavam levantando uma falsidade com relação a ela e a lavagem de uma roupa ensangüentada de Chico Mandú. E que nenhuma roupa ensanguentada, de quem quer que seja, foi lavada em sua casa (onde Maria Ferro morava).

: Disse que nada falou a respeito da lavagem com Efigênia e que a roupa ensanguentada não pertencia à Mandú e sim à Chico Paulista (Francisco Muniz).

Francisco Ferreira da Silva (Chico Mandú) (p.13, 32v, 113)

: diz ser falsa a história que dizem que ele deu roupas ensangüentadas para Maria Ferro lavar, e que esse falso testemunho era levantado por Efigênia.

: disse que quando foi enterrar uma criança com José crioulo não proferiu palavras obscenas contra o túmulo de Maria.

: cita pelo menos quatro testemunhas que o viram no dia em que aconteceu o assassinato ou que estiveram em sua companhia.

: relata que a família de Chico Muniz vota-lhe ódio e inimizade, chamando-o sempre de – negro – apesar de haver sido empregado do dito Muniz por cindo dias.

Vizinhança em rede a partir do PC066 / 1866; 1880 – SFT, representação em mapa com dinâmica de espaços, movimentos e dizeres

Parte V – ÍNDICE TEMÁTICO

Agressões (cabeça)

PC 115, 1856, p.22 (vass 02): Albino Crioulo: (...) mandando o Juvenal que ele segurasse na cabeça de seu finado senhor e que ele segurando então o seu parceiro Juvenal fincou-lhe a faca na barriga três ou quatro vezes (...)

PC 115, 1856, p.100 (vass 02): FAL, lavrador: (...) ele Barão por isso lhe arremessara com o cabo de um chicote de martelo sobre a cabeça (...)

PC 073, 1875, p.33v (vass 02): JFR (lavrador): mandou buscar uma candeia e verificou que era o corpo do feitor Cardoso que tinha um grande ferimento na cabeça (...)

PC 008, 1877, p.5 (vass 02): Declaração: (...) o feitor (...) [recebeu] golpes de enxada (...) graves ferimentos na cabeça (...)

PC 008, 1877, p.11v (vass 02): Manoel (nat. Costa da África): (...) então o feitor deu-lhe uma relhada e Brás respondeu-lhe com uma enxadada no alto da cabeça no lado esquerdo (...)

PC 008, 1877, p. 61 (vass 02): Braz (nat. freg. PA): (...) descarregando-lhe [no feitor] em um dos lados da cabeça dois golpes com o olho da enxada, um dos quais não acertou bem (...)

PC 015, 1878, p.46v (vass 02): Sebastião (nat. Pernambuco): Disse mais que o réu deu em Agostinho uma facada no peito e que depois de estar seguro ainda passou-lhe o canivete pelo pescoço. Disse mais que Agostinho era feitor de fazenda há cerca de um mês (...)

PC 080, 1879, p. 11 (vass 02): Gil (nat. Costa da África): (...) Bastos [feitor] empregava castigos severos de chicote e palmatória a ponto de feri-los nas nádegas e costas onde muitas vezes criavam bichos e muitas vezes empregava a palmatória nas solas dos pés à ponto de estas caírem (...) Respondeu que o cabeça foi ele respondente que depois foi auxiliado pelo capataz (...) e começou a dar pancadas no capataz Manoel, então ele respondente deu com o olho da enxada na cabeça de Bastos (...)

PC 080, 1879, p. 29v (vass 02): Custódio (nat. freg. SSF): (...) nisto o seu parceiro Gil que estava perto deu com o olho da enxada na cabeça de Bastos que caiu logo Manoel agarrou-o então pelas pernas, enquanto Gil continuava a dar pancada, sendo por fim ajudado também por Manoel (...) visto que a primeira pancada dada por Gil o homem com certeza tinha morrido (...)

PC 080, 1879, p.52 (vass 02): Narciso (brasileiro): (...) Gil desfechou-lhe uma pancada com a enxada que o lançou por terra e Manoel segurou-o pelas pernas e Gil continuou a dar com a enxada sendo ajudado também por ele Manoel (...) *a testemunha FGS, p.40 descreve os ferimentos: só na cabeça.*

PC 092, 1849, p.28v (vass 05): JPM (carpinteiro, pardo): (...) que isso que dissera [Martiniano, compadre do réu Rafael] (...) nunca diria em Juízo, quando fosse chamado, porque a amizade que consagrava ao réu seu compadre faria com que ele sofresse mil torturas até mesmo decepar-lhe a cabeça.

PC 112, 1835, p.25v (vass 03): João Crioulo: Disse que [as pancadas] foram somente na cabeça (...)

PC 046, 1853, p.2 (vass 03): Participação: (...) sendo [Narciso] espancado tão barbaramente que esmagaram-lhe a cabeça em diferentes partes (...)

PC 062, 1864, p.17v (vass 03): Agostinho (Crioulo): (...) [o réu] gritou que dessem caminho se não que dava fogo, o que feito duas vezes disparou a pistola fazendo pontaria a cabeça de Henrique (...)

PC 069, 1872, p.20 (vass 05): MDM (lavrador): Perguntado porque razão depois do preto ferido por um tiro deram-lhe ainda bordoadas na cabeça, respondeu que o preto continuou a resistir.

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) Ouviu ele informante o estalo da palmatória (...) ouviu também (...) Anastácio dissera Ai ! Senhor Joaquim quebrou minha cabeça (...)

PC 079, 1878, p.33v (vass 05): Conrado (Crioulo): (...) o feitor meteu-lhe a palmatória na cabeça, gritando Anastácio – Ah! Senhor Joaquim, senhor quebrou-me a cabeça – (...)

PC 079, 1878, p.34 (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) ele informante ouviu Anastácio dizer – Ah! Senhor Joaquim não me quebra a cabeça – (...)

Alimentação

PC 010, 1877, p.10 (vass 02): MC (feitor): diz que tendo o preto que costuma todos os dias ir em companhia do assassinado ao moinho da fazenda buscar fubá para o consumo dos escravos que trabalham na roça (...)

PC 015, 1878, p.46v (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): Diz que (...) Agostinho [feitor] (...) implicava constantemente com ele dando-lhe feijão sem toucinho e castigando constantemente sem motivo (...)

PC 015, 1878, p.88 (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): (...) à hora do almoço ele e seus parceiros se queixaram de ser a comida má e por isso o feitor Agostinho castigou a todos com relho dizendo que nada tinha com o preparo da comida.

PC 108, 1842, p.12 (vass 05): Perpétua Felicidade da Conceição (preta forra, nat. freg. PA, costura e roça): (...) Silvestre foi a Simão Antonio em casa de Thomé Joaquim e comprara um pouco de farinha, carne seca e carne de porco e perguntando ela para quem fim era aquela comida, respondeu o dito Silvestre que era matulutagem para seu primo José Maria (...)

PC 108, 1842, p.13v (vass 05): Maria Eufrásia (de Nação Benguela, roça): (...) o réu Silvestre foi buscar carne seca, farinha e carne de porco em [ilegível] Antonio para matulutagem do dito José Maria, que ele o apelidava de primo e também o moleque José trouxe uma galinha (...)

PC 005, 1822, p.10v (vass 03): JSW (lavrador): (...) achando o preso na porta de sua senzala comendo uma espiga de milho na mão, digo, de milho assado (...)

PC 060, 1862, p.6 (vass 03): Victor, africano: Disse que se achava no seu juízo perfeito e que só tinha bebido meio martelo de vinho.

PC 058, 1862, p.39 (vass 03): Bonifácio (Angola): (...) se lembra ter tido uma briga com esta sua parceira que não quis lhe dar um pouco de feijão para comer (...)

PC 061, 1863, p.15 (vass 03): Francisco (de Nação): (...) que segunda feira à noite, estando em sua senzala, ouviu sua senhora braba, por ter achado a cozinheira cozinhando, fora do costume, e que isso seria perto das dez horas, e a ré respondeu que ela estava na cozinha escamando alguns peixes (...)

PC 071, 1871, p.3v (vass 03): Corpo Delito (Severiano): (...) Procedendo a abertura do abdômem vê-se os intestinos extremamente distendidos por gases: o estômago recalçado para cima e cheio de alimento (feijão e farinha) achando-se também porção desse alimento espalhados pela cavidade do ventre.

PC 116, 1875, p.23v (vass 03): AP (feitor de terreiro): Ouviu dizer que estando Felisberto ceando junto ao fogo [na senzala] (...)

PC 078, 1876, p.32v (vass 03): DPL (administrador): (...) às dez horas da noite mais ou menos, acabando de jantar juntamente com o enfermeiro Luiz Querino de Oliveira (...)

PC 015, 1878, p.10v (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): Diz que há muito tempo que andava de pontas com o feitor, por isso que o mesmo o maltratava não só de barriga como de pancadas, a ponto de nunca atender as pessoas com quem ia apadrinhar-se

PC 111, 1878, p.73 (vass 03): Anibal (nat. PA): (...) às dez horas da noite (...) estando em sua senzala em companhia da parceira Celestina a comer cana com uma faca na mão sucedeu que voltou a mesma Celestina da cozinha segurando um limão azedo e passando pelos lábios ele réu estranhou-lhe isso dizendo que não queria que ela bebesse cachaça porque ficava doente e dava incomodo aos outros, ao que ela replicou que não se importava e que havia de beber o quanto quisesse (...)

Armas

PC 010, 1877, p.14v (vass 02): Izidoro Pagem: (...) levantando-se Malaquias viu estar ele armado de um chuxo (...)

PC 010, 1877, p.34v (vass 02): AJS (lavrador): (...) Malaquias tinha uma faca na cintura e um sucho encabado num pau (...)

PC 077, 1877, p.19 (vass 02): Corpo Delito (Thomaz, nat. da BA): Tendo se apresentado no ato que se entregou à justiça com uma espingarda acompanhada de um bernal com as competentes munições (...)

PC 077, 1877, p.79 (vass 02): Thomaz, nat. da BA: (...) tirou a espingarda [de caça] e o embornal [do quarto do feitor] e escondeu-a no quarto do capim (...)

PC 015, 1878, p.88 (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): Reconhece como seu o canivete de mola com cabo de osso de um palmo de comprimento (...)

PC 117, 1838, p. 14v (vass 05): AJE (vive de sua agência): que eles resistiram fazendo jougo/jongo (?) de musquetaria sobre a escolta (...)

PC 053, 1859, p.23 (vass 05): Balbuíno (nat. Costa da África): (...) que a espingarda presente é a que ele [réu, feitor] usava na roça que matava passarinhos com ela, a qual era produto de outra mais velha que barganhou com José Victoriano, voltando quatro mil réis (...)

PC 070, 1867, p.39v (vass 05): AFS (lavrador): (...) em ocasião que se procurava lenha para acender fogo cujo pau tinha a parte mais grossa aberta em três pontas [se tratava de um cabo de foice usado como arma no crime].

PC 013, 1874, p.11 (vass 05): MJA (lavrador): (...) que o [preto fugido] resistiu com um cacherenguengue (...)

PC114, 1845, p.5 (vass 03): AC (sapateiro, pardo): (...) ouviu dizer do ferido que Antonio Rebolo lhe dera uma facada com uma faca de cabo branco (...)

PC114, 1845, p.5 (vass 03): JGSM (feitor): (...) ouviu dizer ao mesmo ferido que o Antonio Rebolo lhe dera uma facada com uma faca de cabo branco (...)

PC 046, 1853, p.67v (vass 03): Quintiliano (nasc: Santa Luísa): Perguntado que armas usa quando anda em viagem, respondeu que de um único canivete velho que tem (...) *Quintiliano trabalha na tropa*

PC 058, 1862, p.10 (vass 03): IFC (lavrador): (...) o inspetor mostrou um canivete de cabo branco (...)

PC 065, 1866, p.34 (vass 03): José (nat. Vassouras): (...) por ter dado um tiro de pistola em uma sua parceira de nome Laura Crioula (...) Na fazenda andam todos com a sua faca para o que for necessário (...)

PC 099, 1867, p.34v (vass 03): Valentim (Moçambique): (...) quando acordou foi ter a casa de seu parceiro Manoel (...) sem saber o fim que levou sua espingarda (...)

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): Lino (Nação Moçambique): (...) puxou por uma faca quebrada que costumava servir-se para limpar a máquina do vapor (...)

PC 075/009, 1872, p.5 (vass 03): Corpo Delito: (...) foi apresentada uma faca na mesa, de construção francesa, com cabo de ébano, cuja folha se acha partida pelo meio, tendo apenas 4 polegadas de comprimento e $\frac{3}{4}$ de polegada de largura sem corte na extremidade quebrada (...)

PC 075/009, 1872, p.6v (vass 03): Lino, Nação Moçambique: (...) puxou por uma faca quebrada que costumava servir-se para limpar a máquina do vapor (...)

PC 116, 1875, p.6 (vass 03): BM (fazendeiro): (...) e então levarão também o instrumento do delito, que não passa de um pequeno pedaço de uma faca ordinária velha (...)

PC 078, 1876, p.32v (vass 03): DPL (administrador): (...) disse que a faca parecia ser [a de Julião], pois que o réu andava sempre com faca na cintura.

PC 078, 1876, p.38v (vass 03): Margarida (empregada na enfermaria): diz que reconhece a faca apresentada e (...) que já tem visto com Julião.

PC 078, 1876, p.52v (vass 03): PJGC (formado em medicina): (...) o réu depois de ameaçado por ele testemunha que estava armado de um revólver declarou que de modo algum entregaria a faca; então ele mandou que Roda filho e o escravo Enéas que tinha vindo chamá-lo em Vassouras acompanhassem até a cadeia o escravo.

Cabeça (referências)

PC 080, 1879, p. 11 (vass 02): Gil (nat. Costa da África): (...) Respondeu que o cabeça foi ele respondente que depois foi auxiliado pelo capataz (...)

PC 117, 1838, p. 19v (vass 05): Belarmino Cabinda: (...) que ele não tinham atirado e que os companheiros cabeçudos é os que tinham atirado.

PC 117, 1838, p. 31v (vass 05): Epifânio Moçambique: (...) que os cabeças eram João Angola, Vicente Moçambique, Miguel Viado, Manoel Pedro, Manoel Congo, Francisco Carpinteiro (...)

PC 117, 1838, p. 41v (vass 05): Manoel Congo: (...) perguntado se ele réu é que fora o cabeça (...) respondeu que não foi o cabeça.

PC 092, 1849, p.28v (vass 05): JPM (carpinteiro, pardo): (...) que isso que dissera (...) nunca diria em Juízo, quando fosse chamado, porque a amizade que consagrava ao réu seu compadre faria com que ele sofresse mil torturas até mesmo decepar-lhe a cabeça.

PC 051, 1858, p.6 (vass 05): JD (feitor): (...) apanhado um pequeno número de chicotadas, retorcendo o pescoço para trás convulsamente (...) a causa da morte fora o dito escravo virar a língua como é costume entre eles de raiva procuram este gênero de morte, apressado correu buscar um tição de fogo e aplicando-o nas partes inferiores para o impedir (...) que a causa da morte fora um ataque de cabeça (...)

PC 003, 1867, p.37 (vass 05): JSC (lavrador): (...) estando no Madruga (...) DT e ASF e João Cabeça (...)

PC 070, 1867, p.56v (vass 05): Rodrigo (nac: Munhanhene, nasc: Angola): (...) Disse que quando uma pessoa faz um crime destes fica com a cabeça variada e diz cousas à toa. (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) Ouviu ele informante o estalo da palmatória (...) ouviu também (...) Anastácio dissera Ai ! Senhor Joaquim quebrou minha cabeça (...)

PC 079, 1878, p.33v (vass 05): Conrado (Crioulo): (...) o feitor meteu-lhe a palmatória na cabeça, gritando Anastácio – Ah! Senhor Joaquim, senhor quebrou-me a cabeça – (...)

PC 079, 1878, p.34 (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) ele informante ouviu Anastácio dizer – Ah! Senhor Joaquim não me quebra a cabeça – (...)

PC 037, 1841, p.16 (vass 03): Pedro (Crioulo): (...) na ocasião do primeiro interrogatório ele estava doente e com a cabeça quebrada.

PC 111, 1878, p.27v (vass 03) Anibal (Crioulo): Diz estar arrependido do ato que praticou e que fê-lo por ficar zangado na ocasião e estar com a cabeça perdida.

Cachimbo

PC 088, 1844, p.31 (vass 03): FHT (enfermeiro): (...) tendo o de nome Dario deixado o serviço ele perguntou o que ia fazer, ao que o dito escravo nada respondeu e continuou a seguir para o lado de um córrego onde bebeu água e acendeu o cachimbo (...)

PC 088, 1844, p.38v (vass 03): Ciro: (...) ele com seus parceiros foram juntar milho e que o seu parceiro Dario foi beber água e acendendo cachimbo; que o feitor ralhou (...)

PC 088, 1844, p.82 (vass 03): Antonio (Nação Moçambique): (...) o moleque chamado Hilário indo beber goa, pôs uma brasa de fogo no cachimbo pelo que o feitor o agarrou (...)

PC 045, 1850, p.15v (vass 03): IFM (lavrador): (...) achando-se o barril cheio d'água, a bainha da faca e cachimbo do preto Valentim sobre um toco de pau

PC 045, 1850, p.20 (vass 03): Jacintha (Nação Mina): (...) achou-se o barril d'água, a bainha da faca e o cachimbo do preto Valentim (...)

PC 045, 1850, p.21 (vass 03): Agostinho (Nação Moçambique): (...) Perguntado como sabia que Valentim era o criminoso, respondeu que por ter sido achado perto do cadáver a bainha da faca e o cachimbo pertencente a Valentim (...)

PC 066, 1866, p.12 (vass 03): Augusto (Nação Mina): Perguntado se sabe que junto ao cadáver fora encontrado um cinto e um cachimbo, e que seu parceiro Adão, tendo o vício de pitar, e possuindo cachimbo, no dia seguinte ao da morte do feitor, apresentava-se com um novo, não tendo em si aquele em que anteriormente pitava, respondeu que sabe por lhe haver dito Adão, que junto ao cadáver do feitor, fora achado um pito; sabendo mais que Adão tem o vício de pitar e que tinha um cachimbo de seu uso; e que quando no dia seguinte ao da morte do feitor, a autoridade exigiu de Adão apresentar-lhe cachimbo, este apresentou um novo; isto sabendo por lhe haver dito o mesmo Adão.

PC 066, 1866, p.16v (vass 03): João Moçambique: Disse que sabe que seu parceiro Adão pita e possui cachimbo, não sabendo se o perdeu; observando porém que quando a autoridade ordenou-lhe que apresentasse o cachimbo que possuía, andou o mesmo Adão abaixo e acima sem o encontrar.

PC 066, 1866, p.23v (vass 03): Adão (Crioulo): Disse que sabe que junto ao cadáver de Simões foi encontrado um cachimbo quebrado, e que é verdade que no dia seguinte ao da morte, quando a autoridade foi à fazenda de seu senhor, exigiu dele interrogado que apresentasse o cachimbo de seu uso, a cuja existência respondeu que se achava na senzala, e que Silvério poderia entregar por ter ficado pitando nele e mandando-se buscar em mão de Silvério o cachimbo este respondeu que ele não tinha lá cachimbo nenhum, em vista de cuja resposta pediu ele interrogado para ir em pessoa buscar o cachimbo, e sendo-lhe isto concedido, dirigiu-se à senzala e pediu a Silvério a entregar o mesmo cachimbo, e este respondeu-lhe que o que tinha em seu poder era de Elias, e ele interrogado reclamou, dizendo não ser de Elias, e sim dele; em vista de cuja reclamação Silvério entregou o cachimbo, que ele interrogado veio apresentar à autoridade: e que quanto ao cachimbo novo, que Silvério apresentou, não é dele interrogado, mas sim comprado na freguesia, quando foram levar o cadáver do feitor Simões, para dar sepultura, por dois vintens, por ele interrogado emprestados à Silvério.

PC 116, 1875, p.28v (vass 03): Ambrosio (Moçambique): (...) estava Felisberto sentado junto do fogo que tinha preparado quando veio do fundo da senzala o escravo Fabio trazendo consigo um

cachimbo em uma das mãos; chegando junto do fogo de Felisberto quis tirar um tição ao que Felisberto respondeu que não tirasse porque precisava do fogo.

PC 082, 1879, p.22v (vass 03): Disse que achando-se ela informante no quarto costurando junto com sua parceira Ana e deu vontade de fumar e dirigiu-se para um rancho acender seu cachimbo; aí encontrou-se com Umbelino o qual pediu-lhe fogo e acendeu seu cigarro, agradecendo-lhe a espontaneidade (...)

Castigos

PC 115, 1856, p.68 (vass 02): Albino Crioulo: diz que se achando em ferros por ser quem conduzia a correspondência de José Pestana para sua senhora moça (...) tendo sido já por esse motivo açoitado (...)

PC 115, 1856, p.100 (vass 02): FAL, lavrador: (...) ele imediatamente os fez prender dirigiu-se ao senhor Barão do Pati do Alferes para consentir que eles fossem recolhidos ao tronco de sua fazenda, visto na casa de Leite não haver uma prisão própria (...)

PC 020, 1872, p.14v (vass 02): Luís Congo: diz que faltando algumas escravas à forma da noite do domingo passado, o administrador MG mandou metê-las no tronco quando chegaram.

PC 020, 1872, p.29 (vass 02): Leandro (pardo): diz que [Bolieiro] nunca era castigado e ocupava-se em um serviço leve (...)

PC 020, 1872, p.34 (vass 02): Antonio natural prov. Minas (Antonio Bolieiro): (...) ouviu gritos de sua mulher, que sofria um castigo injusto, imposto pelo administrador da fazenda Manoel de tal (...) Diz ainda que nas ocasiões em que seu senhor se achava na fazenda, que ali pancada era coisa que não se via, o que dava lugar a ele e seus parceiros viverem tranquilos e satisfeitos (...)

PC 051, 1858, p.6 (vass 05): JD (feitor): (...) quando o tratou de castigar por ser ele um escravo altivo e insolente mandou que primeiramente tirasse de seu corpo a camisa para nesse estado apanhar, ao que o dito escravo violentamente a isso opôs-se, pelo que ele respondente querendo forçar a tirar a camisa teve necessidade de lutar com ele corpo a corpo, conseguindo finalmente que a camisa fosse tirada (...) apanhado um pequeno número de chicotadas, retorcendo o pescoço para trás convulsamente (...) a causa da morte fora o dito escravo virar a língua como é costume entre eles de raiva procuram este gênero de morte, apressado correu buscar um tição de fogo e aplicando-o nas partes inferiores para o impedir (...) que a causa da morte fora um ataque de cabeça (...) *como no caso da construção da imagem do quilombola herói pode ter a ver com uma autodefesa de arbitrariedades de autoridades, aqui a idéia de um suicídio engolindo a propria lingua explica um assassinato*

PC 051, 1858, p.9 (vass 05): EMJ (costureira e caseira): (...) a voz do feitor JD que dizia – Tira a camisa negro – ao que o negro respondia que a camisa não tirava (...)

PC 051, 1858, p.13 (vass 05): Adão (de Nação): (...) [Rafael] dizendo que não queria apanhar com relho e pedia que fosse castigado com palmatória (...)

PC 051, 1858, p.14v (vass 05): Pedro de Nação Angola: (...) que a briga dele era evitando os castigos pulando de uma para outra parte (...)

PC 051, 1858, p.14v (vass 05): João (de Nação): (...) no ato de apanhar fugira com seu parceiro Adão e que não viu quando Rafael morreu (...) disse que cativo não se levanta contra feitor, que isso não pode ser, que não sabe e nem viu Rafael levantar-se contra o réu (...)

PC 064, 1866, p.142 (vass 05): Ricardo (Moçambique): (...) seu parceiro trouxe a sua tarefa de café com terra e sujo (...) [seu senhor] mandou que ele interrogado e seu outro parceiro Emeliano, munidos cada um de um chicote surrassem ou castigassem Tibúrcio, ao que lhes obedeceram e quando já cansados, ordenou seu senhor que passassem os vergalhos a seus parceiros Francisco e Lucas (...) mandou seu senhor que botassem Tibúrcio no Paiol, o que feito fechou a porta do paiol (...) isto depois de haverem dado no paciente um banho de água e sal (...)

PC 064, 1866, p.23 (vass 05): Lucas de Nação: (...) quando há dias, véspera de dia Santo, estando todos estendendo café (...) seu senhor mandou aos outros parceiros que lhe tirassem a camisa e o amarrassem (...)

PC 079, 1878, p.13 (vass 05): JFS (feitor): Disse que estava em casa pelas seis horas da tarde (...) ouviu grande alarido na sanzalas das negras, para se dirige com uma palmatória afim de castigá-la, se fosse preciso o que fez dando umas poucas de [ilegível] em uma das escravas com as quais os outros trataram de acomodarem-se (...)

PC 079, 1878, p.15 (vass 05): Severino (Crioulo): (...) achando-se na sua sanzala ouviu grande algazarra na sanzala das pretas, e que o senhor [grifo no documento] Joaquim feitor para ali se tinha dirigido com uma palmatória afim de contê-las e sossega-las o que conseguiu imediatamente castigando de leve a escrava Carolina por ser a mais barulhenta (...)

PC 079, 1878, p.17 (vass 05): Delphim (Crioulo): (...) persuadido o senhor Joaquim que aquele choro era barulho, dirigiu-se à sanzala de Carolina e aí perguntou-lhe que barulho era aquele, e se ela já o tinha salvado, e pela falta do seu cumprimento da obrigação de tomar louvado deu o senhor Joaquim com a palmatória nela (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Conrado (Crioulo): (...) que o senhor Joaquim feitor desceu para o terreiro e daí se dirigiu para a sanzala das pretas e perguntou que barulho era aquele que ali estavam fazendo, e estas responderam-lhe que eram crianças que estavam choando, e daí se dirigiu à sanzala da preta Carolina e ao entrar foi dizendo: senhor cristo, senhor cristo e deu-lhe com a palmatória (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) saiu o senhor Joaquim feitor e dirigiu-se a sanzala das pretas levando consigo uma palmatória para saber que barulho ali estavam fazendo, e estas lhe responderam que não havia barulho nenhum, mas sim o choro de uma criança e que daí dirigira a sanzala dele informante onde se achava a preta Carolina e ao entrar para dentro da mesma foi dizendo senhor cristo, senhor cristo e dando-lhe com a palmatória e esta respondera que já o tinha salvado (...)

PC 046, 1853, p.41 (vass 03): FSC (negociante): (...) a crioula Eva tinha apanhado muito por ordem de seu senhor, sendo que o caxeiro confirmou esse último dito do crioulinho, dizendo que ele mesmo tinha dado os bolos na crioula, que estava com o chicote para também dar nela (...)

PC 059, 1862, p.11v (vass 03): APM (lavrador): (...) ouvira que (...) tendo a preta Deolinda levado uns tapas da governanta da casa (...)

PC 061, 1863, p.15 (vass 03): Francisco (de Nação): (...) por ter achado a cozinheira cozinhando, fora do costume (...) sua senhora o mandou dar uns bolos em Rita e aqueles bolos foram dados por um seu parceiro de nome Miguel (...) Disse que quando sua senhora morava no Pati tratava Rita bem, que depois de mudar-se para o sítio, principiou a judiar com Rita, primeiramente a por na roça depois na cozinha e que ultimamente atirou para ama de um seu senhor moço (...)

Circunstância fúnebre

PC 053, 1859, p.6 (vass 05): Corpo Delito (Ignácio, nat. Costa da África): (...) o escravo deitado sobre couro e esteira em uma senzala situada no terreiro (...) bem como uma calça de algodão riscado (...)

PC 064, 1866, p.5v (vass 05): Ricardo (Moçambique): (...) quando ele interrogado e seus parceiros vieram almoçar, deu ordem a que trouxessem Tibúrcio, a fim de ser sepultado (...) com o mesmo Vendas veio ele interrogado com seus parceiros Francisco e Emeliano conduzindo o corpo de Tibúrcio para ser sepultado, embrulhado numa esteira (...) quando se dirigiram com o corpo para porta da Igreja, mandou Vendas que levassem para o cemitério e tratassem de enterrá-lo (...) mandando botar o corpo na cova e lançar-lhe terra (...)

PC 064, 1866, p.20 (vass 05): AJS (fiscal): (...) recomendou ao sacristão no sentido de fazer observar as posturas da Câmara que quando viessem sepultar qualquer corpo, a não ser em caixão fechado, ou em rede amortalhado e coberto, lhe desse parte afim de impor a respectiva multa (...) O sacristão comunicou-lhe pretender-se sepultar-se um cadáver enrolado numa esteira e amarrado num pau (...)

PC 005, 1822, p.2 (vass 03): Corpo Delito: (...) na fazenda (...) onde se achava enterrado o cadáver do preto José Cabinda (...) o qual sendo desenterrado com licença do Reverendo (...)

PC 033, 1840, p.8v (vass 03): HVA: (...) chamado (...) para ver a referida preta, achou atrás de umas senzalas a preta enterrada, com a parte do corpo da cintura para cima fora da cova (...)

PC 033, 1840, p.9v (vass 03): AC: (...) [foi ver] (...) a preta que se achava morta (...) foi atrás de umas senzalas e achando o arrastão seguiu (...) achou uma cova e a mencionada preta desinteressada, tendo os dentes da parte superior e inferior quebrados.

PC 033, 1840, p.12v (vass 03): Pedro Hinabane: (...) indo ele com João Congo pelo arrastão, viu uma cova e cavando com a cavadeira com que ia arrancar café achou a preta esperança enterrada (...)

PC 116, 1875, p.6 (vass 03): BM (fazendeiro): (...) [à justiça] me determinará se quer que para lá lhe mande o cadáver para proceder ao indispensável corpo de delito, e ser depois sepultado, ou se quer vir a esta fazenda para fazer-se este exame (...)

PC 078, 1876, p.32v (vass 03): DPL (administrador): (...) conduziu esta [escrava Honorata] para um dos leitos da enfermaria (...) outras pessoas conduziram o cadáver de LQ [enfermeiro] para um leito na botica (...)

PC 078, 1876, p.35 (vass 03): BFC (pedreiro): (...) encontrou a preta Honorata (...) sobre um leito da enfermaria das mulheres e LQ caído também morto na porta do quarto contíguo a dita enfermaria (...) conduziram o cadáver de LQ para um leito da botica.

PC 078, 1876, p.59v (vass 03): DPL (administrador): (...) procurou-o [LQ] na enfermaria das pretas e aí encontrou-o no chão todo ensanguentado e dando o último suspiro.

Conflitos entre escravos e dívidas

PC 015, 1878, p.46v (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): Diz que Sebastião não deve merecer fé por ser desafeto a ele interrogado e muito amigo do feitor e que Sebastião ficou seu inimigo por cobrar-lhe a quantia de sete mil réis que lhe deve acerca de 3 anos e ainda não lhe quis pagar (...) Que não se julga criminoso porque Agostinho sempre o tratou bem enquanto foi escravo, depois que seu senhor o libertou e tornou-se feitor mudou inteiramente o seu modo de proceder. Implicava constantemente com ele dando-lhe feijão sem toucinho e castigando constantemente sem motivo (...)

PC 015, 1878, p.88 (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): Diz que o feitor era seu parceiro Agostinho que ficou liberto depois da morte de seu senhor, e desde outubro do ano próximo passado em que começou a feitorizar os escravos não se passava dias sem castigar muito os escravos a ponto de ter ficado um seu parceiro sem poder trabalhar (...) Que quanto à Sebastião (...) é bom, mas que torna-se implicante quando embriaga-se e já teve uma dívida com ele por causa de sete mil réis que lhe devia o mesmo parceiro (...)

PC 070, 1867, p.18 (vass 05): Ofício: (...) remeto a faca grande com bainha de couro que pertence a Gabriel, cuja faca não estava com ele há muito tempo, porém sim no poder do escravo Jorge Benguela que a tinha guardada há muito tempo em sua caixa (...) conta Gabriel que deu essa faca [ilegível] garantia de 10 tostões que devia a Jorge (...)

PC 070, 1867, p.20 (vass 05): Gabriel de Nação Benguela: (...) Disse que a faca se achava em poder de Jorge Benguela desde a ocasião que foram plantar arroz na fazenda do Silva, por causa de dez tostões que ele respondente devia a Jorge, dizendo que ficasse com a faca até que ele achasse dez tostões para lhe pagar.

PC 070, 1867, p.24 (vass 05): Jorge Benguela: (...) seu parceiro Gabriel tomou emprestado dele respondente dez tostões e quando voltaram para fazenda, antes do natal, Gabriel entregou a faca dizendo que a guardasse até ele poder pagar (...) que nunca mais Gabriel lhe pediu a faca a qual ele tinha guardado em sua caixa que sempre a tem fechada.

PC 070, 1867, p.56v (vass 05): Rodrigo (nac: Munhanhene, nasc: Angola): (...) tendo praticado a morte em razão de JCV lhe não querer pagar o que lhe devia. (...) Disse que devendo-lhe Valle vinte e cinco mil réis e não lh'os querendo pagar então depois de o ter matado (...) lançou mão dos objetos que foram depois achados na sua senzala (...)

PC 070, 1867, p.85 (vass 05): Rodrigo (nat. da Costa): (...) estando o dito Joaquim a dever a ele respondente 25 mil réis, pois que comprando ele respondente nessa venda sabão, fumo e outras miudezas, dando em pagamento café, milho ou produtos de seu trabalho de lavoura, havia ficado Joaquim devedor do excesso de seus produtos (...) há sete anos entretinha relações com Joaquim, fazendo aquelas comprazinhas, transações que manifestavam a confiança recíproca de mútuas atenções. (...)

Conflitos entre homem e mulher

PC 080, 1879, p.27 (vass 02): Eva (nat. Costa da África) (trabalhadora de roça): Perguntada se tinha conhecimento que existisse entre seus parceiros ajuste para matar a Bastos, respondeu que dessas artes eles não falavam perto dela respondente com medo que fosse contar aos brancos e que não consentia que fizessem isso.

PC 108, 1842, p.12 (vass 05): Perpétua Felicidade da Conceição (preta forra, nat. freg. PA, costura e roça): (...) Perguntando a ele réu o que andava fazendo, só saindo e entrando sem sossego, respondeu que estava posseando [? ilegível] suas cousas, e que negócios de homens mulheres não se metiam (...)

PC 108, 1842, p. 14v (vass 05): CLC (lavrador): (...) apareceram em casa os moleques de JJJ e MRV, comadre dela Perpétua e como essa exigisse a remessa do escravo, o réu respondera que isto eram negócios de homens e não de mulheres (...)

PC 092, 1849, p.19 (vass 05): Delminda (Crioula): (...) o pardo Rafael (...) entrando em casa de seu senhor (...) entrou a espancá-la e por fim tendo apagado uma vela que ela tinha acendido continuou a maltrata-la e até pegou-lhe nas goelas , que então seu irmão de nome Romão foi chamar a seu senhor para acudi-la (...) temendo ser castigada fugiu e voltou logo apadrinhada pelo alfaiate Hipólito (...) Disse que tendo ela um filho dele [Rafael], o qual morreu, e procurando depois deixar e fugir do mesmo Rafael, ele por essa razão sempre a andava espancando (...) Disse que conhecia a Manoel Moreira da Cunha e que só uma vez tinha tido com ele amizade.

PC 092, 1849, p.28v (vass 05): JPM (carpinteiro, pardo): (...) disse que um compadre do réu [Rafael] de nome Martiniano, que muito o estima, em conversação muitos dias depois da prisão do réu (...) lhe dissera que a apunhalada que o réu havia dado em Cunha não era efetivamente para ele e sim para um Joaquim Lucas, empregado em casa de RDSA, por causa de uma negra amásia do réu (...) que isso que dissera (...) nunca diria em Juízo, quando fosse chamado, porque a amizade que consagrava ao réu seu compadre faria com que ele sofresse mil torturas até mesmo decepar-lhe a cabeça.

PC 070, 1867, p.20 (vass 05): Gabriel de Nação Benguela: (...) estar [Rodrigo] com raiva dele porque ele foi amante da escrava Helena, com quem hoje está amasiado o seu parceiro Rodrigo (...) que seu parceiro Rodrigo quis brigar com ele e lhe disse que na sua ausência ele respondente tinha falado mal dele e que seu parceiro Rodrigo quis lhe bater com um relho, então ele respondente lhe disse que não tinha falado mal de ninguém e que fosse embora, ao que seu parceiro Rodrigo lhe retorquiu, dizendo que o que lhe valia era o senhor Vicente que estava no Rancho perto da senzala dele respondente. (...) Disse que ele ria e falava com seu parceiro Rodrigo, mas que a raiva estava no coração.

PC 070, 1867, p.24 (vass 05): Jorge Benguela: Disse que [Gabriel e Rodrigo] não se davam, porque tendo o escravo Gabriel por sua amiga a escrava Helena, Rodrigo tomou-a para sua amásia, e daí eles não se gostavam.

PC 070, 1867, p.27 (vass 05): Helena (Nação Cabinda): Perguntada se o escravo Rodrigo era seu amante, respondeu que era; perguntada se ela antes de ser amásia do escravo Rodrigo não tinha sido também amásia de Gacriel, respondeu que primeiro foi amiga de Gabriel e que agora era de Rodrigo (...) Disse que não sabe se houve alguma dúvida entre eles (...) Disse que o escravo Rodrigo dava [sua roupa para lavar] e que mesmo domingo ele lhe deu a calça e a camisa que estavam sujas para lavar (...)

PC 110, 1875, p.2 (vass 05): Participação: (...) entrara o denunciado no quarto escalando por uma janela. Amante desprezado de Ludovina o denunciado atirou-se com furor, não só com pau de que se servira para espancar a dita [preta livre] mas ainda com um canivete de folhas largas sobre Leodomino, a quem odiava supondo-o o preferido.

PC 046, 1853, p.21 (vass 03): JFG (negociante): (...) sabe por ouvir dizer que por ciúmes que tinham de uma escrava de APS (...) [os réus] dirigiram-se a casa de AFG e entrando pelo muro para o lado da cozinha tentaram vidar Claudina (...)

Cultura Material

PC 115, 1856, p.15 (vass 02): Antonio, de nação Rebollo: vira no caminho uma bota e o chapéu que conheceu ser de seu senhor

PC 115, 1856, p.17v (vass 02): Victorino de nação Congo: (...) [o capataz] voltou e lhes dissera – estamos perdidos – encontrei uma bota, o chapéu e o cavalo de senhor (...)

PC 115, 1856, p.84v (vass 02): Jerônimo, natural Pernambuco e Dona MLMS: Por Jerônimo foi dito que uma vez, logo que aí chegou viu JLL em casa de seu senhor vendo uns caixões de sabão e pedindo uns jornais, DM foi dito que tudo isso era falso, e que estes caixões de sabão vieram da corte e que seu pai os foi esperar na estrada, não na casa de Pestana com quem não tinha amizade, como disse Jerônimo, e que quanto a jornais também era falso por quanto nunca viu seu pai ler folha alguma.

PC 115, 1856, p.100 (vass 02): FAL, lavrador: (...) ele Barão por isso lhe arremessara com o cabo de um chicote de martelo sobre a cabeça e que saltando este ainda fora quebrar umas louças que se achavam numa prateleira da casa do mesmo Enéas onde todos se achavam.

PC 068, 1870, p.4 (vass 02): Corpo de Delito: cadáver de um homem de cor branca (...) português e feitor (...), conservando na mão direita um chicote de feitor (...)

PC 068, 1870, p.18 (vass 02): Guilhermina natural da Costa da África: (...) um corpo deitado de bruço que pelo traje lhe pareceu ser o do feitor Francisco, (...) Diz que reconhece o machado que era o machado da cozinha que estava no rancho de sapé, no pomar velho.

PC 068, 1870, p.27v (vass 02): ASA, feitor de terreiro: viu o Feitor Francisco já morto (...) com um chicote na mão direita e um saco de chapas na esquerda e um machado da cozinha de roça que servia para rachar lenha (...)

PC 073, 1875, p.38 (vass 02): Mariano (brasileiro): (...) o feitor retorquiu que havia de quebrar-lhe a viola nas costas, Marcos respondeu que a viola tinha custado o réu dinheiro (...)

PC 073, 1875, p.81 (vass 02): Marcos (natural prov. RGS): (...) de sua senzala para o corredor (...) deu-lhe com um cabo de chicote e ele interrogado apanhando um pau (...) que era uma foice deu duas bordoadas (...)

PC 008, 1877, p.19v (vass 02): MRQ (negociante): (...) viu muitas vezes o feitor quando passava pela casa dele testemunha, dar aos pretos fumo e aguardente, e nunca o viu maltratar os escravos (...)

PC 015, 1878, p.88 (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): Reconhece como seu o canivete de mola com cabo de osso de um palmo de comprimento (...)

PC 080, 1879, p. 27 (vass 02): Eva (nat. Costa da África) (trabalhadora de roça): Perguntada se conhecia as duas enxadas (...) Respondeu que sim que uma era de Gil e outra de Manoel.

PC 080, 1879, p. 29v (vass 02): Custódio (nat. freg. SSF): (...) [quem roubou os bolsos do feitor assassinado?] que o relógio foi o Gil e o chapéu não sabe só se foi seu irmão Quintiliano que estava na roça de carapuça.

PC 083, 1880 p.10v (vass 02): Irineu (nat. freg. PA): (...) estando fugido foi a casa de negócio da Rocinha e aí comprou, de noite, uma garrafa com aguardente (...)

PC 117, 1838, p. 41v (vass 05): Manoel Congo: Disse que os carpinteiros que fugiram levaram as suas ferramentas.

PC 117, 1838, p. 47 (vass 05): Belarmino: (...) Manoel Congo levava a ferramenta da tenda de ferreiro, que era sua.

PC 117, 1838, p. 48 (vass 05): Miguel Crioulo: Perguntado se era certo que levavam uma safra de ferro, respondeu que levavam a bigorna, martelo e torno da tenda de ferreiro (...) que ouvira dizer que era para consertar as espingardas.

PC 117, 1838, p. 54 (vass 05): Rita Crioula: (...) Manoel Congo levava uma bigorna e martelo da tenda.

PC 117, 1838, p. 55v (vass 05): Lourença Crioula: Perguntada se eles levavam safra de ferreiro com bigorna, martelo e torno, respondeu que era verdade e que Manoel Congo dizia que era para fazerem suas obras no mato.

PC 092, 1849, p.16v (vass 05): Miniluina Roza (livre) (nat. Prov. RJ): (...) indo a casa do réu [Franciso Marciano – livre/liberto: filho de escravos] afim de trazer umas embiras para tecer umas esteiras (...)

PC 092, 1849, p.19v (vass 05): Manoel do Sacramento (livre, lavrador) (nat. Bahia): (...) indo a sua mulher a casa do réu [Franciso Marciano – livre/liberto: filho de escravos] buscar umas imbiras (...)

PC 092, 1849, p.17v (vass 05): JGA (vive de seus bens): (...) foi encontrado na sua estrebaria uma capa e um par de sapatos de Rafael (...) no quarto da preta Delminda se achou uma camisa e par de calças que diz ela ter o réu dado para lavar.

PC 053, 1859, p.6 (vass 05): Corpo Delito (Ignácio, nat. Costa da África): (...) o escravo deitado sobre couro e esteira em uma senzala situada no terreiro (...) bem como uma calça de algodão riscado (...)

PC 053, 1859, p.17 (vass 05): AFR (lavrador): (...) o preto Ignácio perguntou-lhe se tinha cachaça para vender, ao que disse que não, retirou-se (...) então o réu disse que o preto Ignácio fosse com ele (...) para ver a quem ele ia dar a garrafinha de aguardente (...)

PC 064, 1866, p.5v (vass 05): Ricardo (Moçambique): (...) quando ele interrogado e seus parceiros vieram almoçar, deu ordem a que trouxessem Tibúrcio, a fim de ser sepultado (...) com o mesmo Vendas veio ele interrogado com seus parceiros Francisco e Emeliano conduzindo o corpo de Tibúrcio para ser sepultado, embrulhado numa esteira (...) quando se dirigiram com o corpo para porta da Igreja, mandou Vendas que levassem para o cemitério e tratassem de enterrá-lo (...) mandando botar o corpo na cova e lançar-lhe terra (...)

PC 064, 1866, p.20 (vass 05): AJS (fiscal): (...) recomendou ao sacristão no sentido de fazer observar as posturas da Câmara que quando viessem sepultar qualquer corpo, a não ser em caixão fechado, ou em rede amortalhado e coberto, lhe desse parte afim de impor a respectiva multa (...) O sacristão comunicou-lhe pretender-se sepultar-se um cadáver enrolado numa esteira e amarrado num pau (...)

PC 070, 1867, p.10 (vass 05): Notificação: (...) Cumpre-me comunicar que encontrei em poder do escravo Rodrigo alguns Gêneros e objetos roubados da casa de negócio de MCC, como sejam, um rolo de fumo ainda intacto, um outro já aberto e reduzido a quatro pacotes, um caixote com uma porção de açúcar, um pedaço de toucinho, uma caixa de folha de flandres com roscas e três escovas novas para cabelo, uma caixa de charutos cheia de cobres e um bocado de linha crua uma caixinha com botões de ouro para um punho de camisa e dois de peito, dois mais de metal para peito de camisa com pedras verdes e uma foice grande com um pedaço de pau encravado.

PC 070, 1867, p.18 (vass 05): Ofício: (...) remeto a faca grande com bainha de couro que pertence a Gabriel, cuja faca não estava com ele há muito tempo, porém sim no poder do escravo Jorge Benguela que a tinha guardada há muito tempo em sua caixa (...) conta Gabriel que deu essa faca [ilegível] garantia de 10 tostões que devia a Jorge (...)

PC 070, 1867, p.24 (vass 05): Jorge Benguela: (...) sábado à noite ele saiu conjuntamente com seus parceiros (...) e foram a casa de negócio do CFBC comprar fumo, açúcar e um pouco de cana (...) seu parceiro Gabriel tomou emprestado dele respondente dez tostões e quando voltaram para fazenda, antes do natal, Gabriel entregou a faca dizendo que a guardasse até ele poder pagar (...) que nunca mais Gabriel lhe pediu a faca a qual ele tinha guardado em sua caixa que sempre a tem fechada.

PC 070, 1867, p.29 (vass 05): JSPG (cobrador): (...) Angelo quis comprar de Lindolfo uma faca para vender Pio caxeiro, empregado de FBC e que Lindolfo dissera a Angelo que não podia vender a faca porque ele não podia aparecer a vista da gente, pois se ela aparecesse eles podiam tomar muito couro, e que foram esconder a faca na casa das cangalhas.

PC 070, 1867, p.34 (vass 05): Gabriel (nasc: Angola): Disse que [a polícia] achou no quarto de seu parceiro Rodrigo, fumo, açúcar e outras coisas que eram da casa do defunto Joaquim.

PC 070, 1867, p.85 (vass 05): Rodrigo (nat. da Costa): (...) estando o dito Joaquim a dever a ele respondente 25 mil réis, pois que comprando ele respondente nessa venda sabão, fumo e outras miudezas, dando em pagamento café, milho ou produtos de seu trabalho de lavoura, havia ficado Joaquim devedor do excesso de seus produtos (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Anacleto (Crioulo): Disse que na quarta feira, nove do corrente, ao avizinhar-se a noite vindo ele da roça, trazendo um braçado de tábua, ao chegar ao galinheiro vizinho à biquinha e perto do terreiro da casa aí encontro-se com o senhor Joaquim feitor e este lhe perguntou se era aquela tábua só que levava, respondeu que não, que não era só aquela porque o mais já tinha na sanzala para concluir a esteira, (...) e daí seguiu ele informante ao passar pelo terreiro, em frente a sua sanzala deixou o braçado da tábua e seguiu para o lugar da forma (...)

PC007, 1828, p.23v (vass 03): DFSG (lavrador): (...) se chegara a ele o preto Francisco Congo (...) e perguntou-lhe por umas pedras lipas, respondeu-lhe o morto Joaquim crioulo que as ia buscar (...)

PC 045, 1850, p.13 (vass 03): Valentim (Moçambique): Disse que estava armando mondéo no mato

PC 045, 1850, p.15v (vass 03): IFM (lavrador): (...) achando-se o barril cheio d'água, a bainha da faca e cachimbo do preto Valentim sobre um toco de pau

PC 045, 1850, p.20 (vass 03): Jacintha (Nação Mina): (...) achou-se o barril d'água, a bainha da faca e o cachimbo do preto Valentim (...)

PC 045, 1850, p.21 (vass 03): Agostinho (Nação Moçambique): (...) Perguntado como sabia que Valentim era o criminoso, respondeu que por ter sido achado perto do cadáver a bainha da faca e o cachimbo pertencente a Valentim (...)

PC 045, 1850, p.32v (vass 03): Valentim (Moçambique): Disse que se achava no mato tirando cipó para fazer cestos (...) disse que era verdade achar-se nesse dia fazendo mordéos e bem assim tirando cipós para cestos.

PC 046, 1853, p.21 (vass 03): MCF (caxeiro): (...) Narciso (...) comprando alguns objetos, entre os quais foi um canivete e uma garrafa de aguardente, neste ato para pagar esses objetos pechinchara Narciso umas notas do banco que supõe ele testemunha conter a soma de 30 mil réis mais ou menos (...)

PC 058, 1862, p.22v (vass 03): Bonifácio (Angola): (...) que é um canivete que ele comprou para tirar bichos (...)

PC 058, 1862, p.17v (vass 03): JLC (lavrador): (...) o levou à cozinha e lhe mostrou uma preta deitada em uma esteira e aquela preta estava esfaqueada (...)

PC 103, 1864, 35v (vass 03): Silvino (nat. Ceará): (...) tinha roupa nesse quarto [em que morava] e duas camisas no corredor da casa (...) disse que [tinha o canivete] para picar fumo (...)

PC 065, 1866, p.34 (vass 03): Justino, nat. Vassouras: (...) encontrou na estrada uma faca de ponta de um palmo ou pouco mais a qual reconheceu ser de Hilário Roiz de Avellar.

PC 065, 1866, p.34 (vass 03): José (nat. Vassouras): (...) na fazenda andam todos com a sua faca para o que for necessário (...)

PC 099, 1867, p.14v (vass 03): Generoso (de Nação): (...) foi a casa de Ancelmo vender um pouco de toucinho, e seguindo disse-lhe Ancelmo que viesse na volta receber o dinheiro (...) *Generoso é trabalhador de roça*

PC 099, 1867, p.16v (vass 03): Termo de confrontação (Generoso, de Nação e Paulo Crioulo): (...) foi dito por Generoso (...) que Paulo então se adiantou e ele informante vinha mais atrás carregando um caixão com toucinho.

PC 116, 1875, p.50v (vass 03): Raimundo (Crioulo): (...) Disse que o fogo era do réu [Felisberto] e que este estava picando fumo com o cacherenguengue.

PC 116, 1875, p.63 (vass 03): Felisberto (nat. Bahia): Disse que estava em sua senzala sentado em um sêpo, a beira do fogo.

PC 116, 1875, p.91 (vass 03): Felisberto (nat. Bahia): Disse que a faca era de seu uso e servia para cortar fumo (...)

PC 078, 1876, p.32v (vass 03): DPL (administrador): Disse que parecia ser [a faca] pois o réu andava sempre com faca na cintura (...)

PC 078, 1876, p.41 (vass 03): Emília (parda): (...) Perguntada se conhece a faca (...); diz que sim, que é de Julião.

PC 078, 1876, p.43v (vass 03): Domingos (crioulo): Disse que conhece [a faca] e que pertence à Julião.

PC 078, 1876, p.57v (vass 03): GMR (empregado da padaria): (...) encontraram o réu [Julião] que trazia uma faca na cintura (...)

PC 111, 1878, p.10 (vass 03): Messias (Crioulo): (...) que a faca (...) é justamente aquela que ele respondente encontrou no chão, porém que não sabe de quem esta seja.

PC 111, 1878, p.26 (vass 03): Manoel Cypriano (Crioulo): (...) vira uma faca ainda ensanguentada que ele reconheceu ser pertencente à Anibal (...)

PC 111, 1878, p.27v (vass 03): Anibal (Crioulo): (...) havia pegado na faca para tira-la de uma gamela de Celestina (...) [*Uma gamela de Celestina no interior de sua habitação*]

PC 084, 1880, p.34 (vass 03): MJB (marceneiro): (...) viu (...) um homem vestido com uma japona, trazendo consigo um saco e uma foice (...)

PC 019, 1853, p.8 (vass 01): JSP (preto forro, nat.MG): (...) voltando do seu trabalho às quatro horas da tarde (...) quando estava juntando a sua ferramenta para ir embora (...) [JSP é carpinteiro].

Espaço das Fazendas e Senzalas

PC 115, 1856, p.100 (vass 02): FAL, lavrador: (...) ele imediatamente os fez prender dirigiu-se ao senhor Barão do Pati do Alferes para consentir que eles fossem recolhidos ao tronco de sua fazenda, visto na casa de Leite não haver uma prisão própria (...)

PC 020, 1872, p.18v (vass 02): Efigênia Crioula: (...) estava ela na cozinha ouviu no terreiro umas relhadas (...) e não sabe [do paradeiro do réu na noite anterior] porque dorme separada dos outros (...)

PC 020, 1872, p.65 (vass 02): Antonio natural de Minas (Antonio Bolieiro): (...) e vendo ali uma espingarda do próprio administrador a qual se achava encostada no quarto do administrador, encostada em um canto (...)

PC 073, 1875, p.33v (vass 02): JFR (lavrador): (...) à noite estava no seu quarto na fazenda de Matacães (...) dirigiu-se logo para a senzala e entrando na varanda dos mesmos viu no chão o corpo [do feitor] (...)

PC 073, 1875, p.51v (vass 02): Agostinho (crioulo): (...) foi para o seu quarto jantar, estava jantando quando ouviu na varanda gritos (...)

PC 073, 1875, p.4 (entre 64 e 65) (vass 02): Marcos (filho do Rio Grande do Sul): (...) segundo costume tinham-se recolhido para suas senzalas, ele respondente na sua senzala pôs-se a tocar viola, (...) saiu ele e seus companheiros de suas senzalas, formaram, rezaram e de novo recolheram-se às senzalas que são fechadas por uma balaustrada com uma só porta (...) ouviu a voz do feitor dizendo ‘que governa aqui sou eu e não seu senhor e saia cá pra fora’, ele respondente saiu de sua senzala, acreditando que o feitor estivesse do lado de fora dos balaustres, e encontrando-o na varanda perto da porta de sua senzala quis fugir procurando o portão que fica do lado direito (...)

PC 077, 1877, p.79 (vass 02): Thomaz, nat. da BA: (...) tendo seu senhor dado ordem de lavar a prensa de fazer farinha a ele interrogado e a um seu parceiro Roque (...) tirou a espingarda [de caça] e o embornal [do quarto do feitor] e escondeu-a no quarto do capim e foi para casa da farinha conservando-se entre seus parceiros (...)

PC 083, 1880 p.26v (vass 02): SPPB (feitor): perguntado se no lugar onde se deu o fato foi encontrado algum vestígio em sinal de espera, respondeu que apenas havia aí um esteio deposterio com um acento, com sinal de escorregão no solo e uma pedra onde havia sinais de que recentemente aí se amolou uma faca. (*espaço da tocaia*)

PC 083, 1880 p.10v (vass 02): Irineu (nat. freg. PA): (...) Bernardo dizendo também que estava fugido e que sabia um ponto da fazenda do Dr. Nogueira onde eles podiam apanhar café para vender, para aí se dirigiram e pernотaram (...)

PC 092, 1849, p.22 (vass 05): Romão (Crioulo): (...) ouviu pancadas e procurando ver onde era foi até o quarto de sua irmã Delminda (...) *escravos de uma casa na Vila de Vassouras*.

PC 051, 1858, p.9 (vass 05): EMJ (costureira e caseira): (...) estava na sua casa, assentada na sua banca (...) ouviu o som [de dentro do paiol] de um encontrão na parede, caindo desta alguns torrões de barro (...) não viu se o preto foi conduzido para a senzala vivo ou morto porque estava em uma casa separada (...)

PC 051, 1858, p.13 (vass 05): Adão (de Nação): (...) do paiol fugira [no momento do castigo / confusão] (...) e no mato encontrando seus companheiros (...)

PC 053, 1859, p.6 (vass 05): Corpo Delito (Ignácio, nat. Costa da África): (...) o escravo deitado sobre couro e esteira em uma senzala situada no terreiro (...) bem como uma calça de algodão riscado (...)

PC 070, 1867, p.29 (vass 05): JSPG (cobrador): (...) denunciou a dois escravos (...) como autores da morte e que também ajudaram a Rodrigo a carregar os objetos roubados para esconder na senzala, digo, no capinzal (...) Lindolfo dissera a Angelo que não podia vender a faca porque ele não podia aparecer a vista da gente, pois se ela aparecesse eles podiam tomar muito couro, e que foram esconder a faca na casa das cangalhas.

PC 070, 1867, p.34 (vass 05): Gabriel (nasc: Angola): Perguntado se a polícia encontrou na casa em que ele e seus parceiros dormem alguma cousa, respondeu que ela achou no quarto de seu parceiro Rodrigo, fumo, açúcar e outras coisas que eram da casa do defunto Joaquim. Perguntado se Rodrigo tem companheiro de quarto, respondeu que não.

PC 070, 1867, p.39v (vass 05): AFS (lavrador): (...) em ocasião que se procurava lenha para acender fogo cujo pau tinha a parte mais grossa aberta em três pontas [se tratava de um cabo de foice usado como armano crime]. (...) polícia mandou proceder uma rigorosa busca em todos os objetos pertencentes aos escravos em casas de dormir, paióis e ranchos da roça (...).

PC 070, 1867, p.56v (vass 05): Rodrigo (nac: Munhanhene, nasc: Angola): (...) lançou mão dos objetos que foram depois achados na sua senzala (...) havendo apenas passado na mesma noite pelo buraco que havia praticado para servir-lhe de passagem para fora, o fumo.

PC 070, 1867, p.85 (vass 05): Rodrigo (nat. da Costa): (...) Disse que Gabriel morava em um repartimento da senzala para o qual entrava pela mesma porta por onde ele respondente entrava para o seu (...)

PC 079, 1878, p.13 (vass 05): JFS (feitor): Disse que estava em casa pelas seis horas da tarde (...) ouviu grande alarido na sanzalas das negras, para se dirige com uma palmatória afim de castigá-la, se fosse preciso o que fez dando umas poucas de [ilegível] em uma das escravas com as quais os outros trataram de acomodarem-se, daí saindo no terreiro chamou Anastácio em voz alta que nesta ocasião achava-se na cozinha (...) Ao romper do dia, depois de distribuir os mantimentos foi ao quarto de Anastácio e encontrou-o sem fala (...)

PC 079, 1878, p.15 (vass 05): Severino (Crioulo): (...) achando-se na sua sanzala ouviu grande algazarra na sanzala das pretas (...) depois ao dirigir o senhor Joaquim da sanzala para o terreiro aí precisou de Anastácio e por ele chamou (...) e este se achava na porta da cozinha (...)

PC 079, 1878, p.16v (vass 05): Alexandre (Crioulo): (...) estava no açude que é um pouco distante da casa e do terreiro, aí amarrando umas palhas de esteira (...)

PC 079, 1878, p.17 (vass 05): Delphim (Crioulo): (...) o senhor [grifo no documento] Joaquim feitor desceu ao terreiro e dirigiu-se à senzala das pretas para saber que barulho era que ali estava se fazendo, e como entre elas mais se distinguisse uma criança filha de Serem (? pouco legível) estava chorando, e que persuadido o senhor Joaquim que aquele choro era barulho, dirigiu-se à sanzala de Carolina e aí perguntou-lhe que barulho era aquele, e se ela já o tinha salvado, e pela falta do seu cumprimento da obrigação de tomar louvado deu o senhor Joaquim com a palmatória nela (...)

PC 079, 1878, p.32 (vass 05): Delfino (Crioulo): (...) foi à senzala do capataz (...)

PC 079, 1878, p.34 (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) foi o feitor saber o motivo do barulho (...) e a escrava Serena lhe disse que era um crioulo que estava chorando, dali dirigiu-se à senzala onde mora sua parceira Carolina (...)

PC 005, 1822, p.3 (vass 03): Pedro, de Nação Benguela: (...) Achava-se preso em casas por não haver cadeia (...)

PC 005, 1822, p.4 (vass 03): JSS (feitor): (...) retirou-se para sua casa distante da fazenda meia légua pouco mais ou menos (...)

PC 005, 1822, p.10v (vass 03): JSW (lavrador): (...) achando o preso na porta de sua senzala comendo uma espiga de milho na mão, digo, de milho assado (...)

PC 033, 1840, p.11 (vass 03): JCS (feitor): tendo chamado a gente da fazenda para ir para o serviço, deu falta da negra Esperança e perguntado ao marido dela, José Crioulo, ele lhe respondera que ela tinha saído de casa mais cedo que ela (...)

PC 033, 1840, 12v (vass 03): Pedro Hinabane: Disse que indo arrancar mudas de café e passando de manhã pela porta da senzala de José Crioulo (...)

PC114, 1845, p.7v (vass 03): Antonio Nação Moçambique: (...) aparecera o preto Antonio Rebolo chamando por ordens de seu senhor ao preto Damásio (...) o acompanhasse pelo alto de um morro (...) o que Damásio recusou a fazer por ter de passar pelo fujão onde tinha deixado a chave de sua senzala, assim seguiram indo se juntarem no caminho para casa (...)

PC 045, 1850, p.6 (vass 03): JGS (lavrador): (...) sabe que o preto Valentim coabitava com a preta Joaquina a qual se achava grávida (...) que o preto Valentim andava emancipado com a preta Joaquina, a qual estava grávida (...)

PC 045, 1850, p.20 (vass 03): Jacintha (Nação Mina): (...) à noite [ilegível] ela ao paiol para deitar seu filho, lugar em que dorme (...)

PC 046, 1853, p.45 (vass 03): JAS (lavoura): Disse que era agregado do queixoso e mora cerca de ¼ de légua distante da casa do mesmo [Fazenda Secretário], e que derrubava em casa do mesmo e ia dormir a sua casa todas as noites (...)

PC 058, 1862, p.20v (vass 03): Marcos (de Nação): Disse que estava na sua senzala doente e que ouvira uns gritos na cozinha (...) correu para roça e foi chamar seus parceiros (...)

PC 060, 1862, p.6 (vass 03): Victor (Africano): (...) ele indo deitar-se no carro, o morto Samuel o foi procurar e aí puxando-o pelo pescoço e o desafiando para provar que não que não estava bêbado (...) [brigaram], e ainda gritou e depois morreu, e ele mudou de cama em que estava, e deixando o morto veio deitar-se no carro (...)

PC 060, 1862, p.25 (vass 03): Justiniano (nat. Prov. Pernambuco): (...) depois de lutarem separarem-se cada um para as suas carroças (...)

PC 103, 1864, 12v (vass 03): ABM (advogado): (...) o preto Silvino na tarde desse dia se havia evadido de casa e nessa noite voltara, introduzindo-se por uma janela ao lugar onde dormia a escrava (...) [*esta casa localiza-se na cidade de Vassouras*]

PC 103, 1864, 18v (vass 03): Eleodoro (nat. Pará): Disse que estando dormindo (...) e levantando-se assim que abriu a porta da casa que comunica com o lugar onde dorme a rapariga, entrou e achou Thereza esfaqueada (...) [*esta casa localiza-se na cidade de Vassouras*] (...)

PC 103, 1864, p.19 (vass 03): Angélica, nat. prov. Bahia: (...) acordou aos gritos de sua parceira Thereza e reconheceu ser Silvino a estava esfaqueando de joelhos sobre os peitos dela e ela testemunha levantou-se e foi ao quarto do seu senhor acordá-lo (...) [*esta casa localiza-se na cidade de Vassouras*]

PC 103, 1864, 35v (vass 03): Silvino (nat. Ceará): (...) Perguntado em que lugar da casa de seu senhor morava ele interrogado, respondeu que morava em um quarto por debaixo da casa, pelos fundos (...) que tinha roupa nesse quarto e duas camisas no corredor da casa (...)

PC 099, 1867, p.18 (vass 03): Valentim (Moçambique): Disse que [na hora do crime estava] no terreiro da casa de Ancelmo (...) Disse conhecer as pessoas que juraram neste processo há muito tempo, pois que moravam nas terras da fazenda de seu senhor (...)

PC 099, 1867, p.34v (vass 03): Valentim (Moçambique): (...) Disse que no dia de ano bom ao amanhecer saiu de sua senzala foi a casa de um parceiro que cria galinhas de nome Ancelmo, e levou consigo uma garrafa de aguardente e não tendo almoçado foi bebendo da mesma (...) o tiro foi se empregar em Ancelmo por uma fresta da casa e sem embargo de seu atordoamento teve o instinto de correr ou fugir e meteu-se no cafezal onde ficou a dormir até alta noite, quando acordou foi ter a casa de seu parceiro Manoel que também cria galinhas, sem saber o fim que levou sua espingarda (...)

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): Lino (Nação Moçambique): Disse que tendo vindo da Fazenda do Retiro para esta do Secretário para levar azeite, deixou-se ficar nessa fazenda para tomar parte no brinquedo que tem o nome de cachambú (...)

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): MM (feitor): (...) ele fora com o dito capataz à senzala e que abrindo a porta ao entrar viu o escravo Felix ferido no ventre (...) que ele interrogando os escravos que moram no mesmo salão nenhum deles soube dizer como se passou o fato porque estavam todos dormindo (...)

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): VAS (empregado nos transportes da Fazenda): (...) na ocasião em que entrou o feitor na senzala era acompanhado por ele testemunha (...) interrogando Lino para que lhe mostrasse o instrumento com que ferira Felix, os escravos do mesmo salão foram ao cubículo de Felix e de cuja cama trouxeram a faca quebrada (...)

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): JJM (empregado na Fazenda): (...) ouviu que o capataz José Cozinheiro batia na porta do feitor MM, dizendo que havia barulho na senzala, que ele se levantara e aproximando-se à senzala ouvira dizer que Felix estava com as tripas de fora, e que então em vez de entrar tratara de ir chamar o farmacêutico da Fazenda para tratar o ferido; que procurando o mesmo farmacêutico este lhe ordenara que fizesse conduzir o ferido à enfermaria

PC 009 / 075, 1872, p.14v (vass 03): VAS (lavrador): (...) tinham os pretos acabado de dançar o cachambú quando ele testemunha que estava recolhido a seu quarto, ouviu vozes dizendo que tinha sido ferido um preto, ele testemunha saiu para fora e em companhia do feitor Magalhães dirigiu-se à uma senzala onde dormem vinte pretos solteiros, e aí chegando viu Felix com uma facada (...) responderam-lhe que fora seu parceiro Lino, o que foi confirmado pelo escravo Antonio Alfaiate (...) apresentando uma faca quebrada [que] fora achada no cubículo em que ele [réu] morava (...)

Disse que chamou-se logo os médicos porém como esses morassem longe quando vieram tratar da ferida já haviam passado dez horas (...)

PC 009 / 075, 1872, p.16v (vass 03): MM (feitor de roça): (...) estando fora o Dr. C. e deixado permissão para os pretos tocar o Machambú, tiveram os pretos entretidos com isso até às dez horas da noite, essas horas retiraram-se os pretos, e, fechando ele testemunha as portas das senzalas recolheu a seu quarto era onze e meia da noite, quando o capataz José Cozinheiro veio bater à porta do seu quarto dizendo-lhe que estava um preto ferido, ele testemunha saiu em companhia do capataz dirigir-se à senzala onde estava o preto ferido (...) No lugar onde dormia Lino encontrou-se uma faca quebrada que, sendo-lhe apresentada, foi por ele conhecida como a que se tinha servido para praticar o ferimento (...) Disse que José Cozinheiro que dormia na senzala vizinha (...)

PC 009 / 075, 1872, p.19 (vass 03): AJM (feitor de terreiro): (...) ouviu na porta de MM e José capataz disse nessa ocasião que havia barulho na senzala, Magalhães tinha a chave da senzala levantou-se e saiu para fora em companhia do capataz dirigindo-se à senzala, ele testem. acompanhou-os (...) ouviu dizer pelos pretos que dormiam na mesma senzala que havia certa indisposição entre eles por causa do lugar onde dormiam, mas que antes disse não consta que tivessem desarmonia.

PC 116, 1875, p.2 (vass 03): Participação: (...) na noite de vinte e quatro de dezembro (...), às onze horas mais ou menos, manifestou-se um conflito entre o denunciado e o seu parceiro Fábio, a propósito de um fogo que aquele preparara no interior da senzala.

PC 116, 1875, p.14 (vass 03): MSA (administrador): (...) não houve quem visse semelhante cousa, e mesmo a senzala estava sem luz

PC 116, 1875, p.25v (vass 03): Eleutério: (...) estando na senzala, juntamente com mais parceiros viu chegar Fabio junto ao lugar em que Felisberto estava com seu fogo. (...) A testemunha imediatamente levantou-se de sua cama e foi ter com Fábio que se achava ferido, e a testemunha juntamente com seus parceiros Raimundo pedreiro e Ambrósio pediram socorros aos pagens que moram no quarto contíguo e este comunicou ao administrador.

PC 116, 1875, p.26v (vass 03): Raimundo (nat. Ceará): (...) estando a testemunha deitado em sua cama ainda acordado; estando Felisberto sentado no chão perto de um fogo que tinha preparado, a testemunha viu chegar na extremidade oposta da senzala seu parceiro Fábio junto do Fogo de Felisberto (...)

PC 116, 1875, p.28v (vass 03): Ambrosio (Moçambique): (...) estando na sua cama na senzala onde dormia com Fabio, Felisberto e mais parceiros; estava Felisberto sentado junto do fogo que tinha preparado quando veio do fundo da senzala o escravo Fabio (...)

PC 116, 1875, p.30v (vass 03): Eleutério: (...) às dez horas da noite mais ou menos, estava ele informante encostado no balaústre da janela tomando fresco (...)

PC 078, 1876, p.4v (vass 03): Corpo Delito: Na escada da entrada para o salão que dá passagem para a enfermaria, notaram algumas manchas de sangue nos degraus de pedra da mesma escada; na soleira da porta principal de entrada viram uma grande mancha de sangue no assoalho e uma outra na porta; seguindo em direção à enfermaria das mulheres, notaram diversas pegadas de sangue que terminavam num quarto além desta enfermaria, onde observavam igualmente no assoalho uma grande mancha de sangue.

PC 078, 1876, p.32v (vass 03): DPL (administrador): (...) deixou-se cair no paredão do terreiro que fica fronteiro a essa enfermaria e chegando à entrada desta achou a escrava Honorata caída junto a escada que dá entrada para a dita enfermaria (...). (...) lhe disseram que o mesmo [LQ] estava caído na porta da enfermaria das mulheres (...). (...) conduziu esta [escrava Honorata] para um dos leitos da enfermaria (...) outras pessoas conduziram o cadáver de LQ [enfermeiro] para um leito na botica (...)

PC 078, 1876, p.35 (vass 03): BFC (pedreiro): (...) às sete horas da noite mais ou menos, tendo entrado para seu quarto que fica no pavimento térreo da casa do CPJVA apresentou-se aí a parda Emília (...). (...) Emília retirou-se e a testemunha saiu até a porta de entrada de seu quarto (...). (...) Encontrou a preta Honorata (...) sobre um leito da enfermaria das mulheres e LQ caído também morto na porta do quarto contíguo a dita enfermaria (...) conduziram o cadáver de LQ para um leito da botica.

PC 078, 1876, p.37v (vass 03): Florinda (servente da enfermaria): (...) às sete horas da noite mais ou menos, estando na cozinha da enfermaria (...)

PC 078, 1876, p.38v (vass 03): Margarida: (...) às sete horas da noite mais ou menos, estando na cozinha da enfermaria fazendo um chá (...) imediatamente seu LQ atravessou com as duas mãos sobre a [ilegível ... porta?] da sala para a enfermaria das mulheres

PC 078, 1876, p.41 (vass 03): Emília (parda): (...) LQ (...) dirigiu-se (...) para a enfermaria das mulheres e chegando no quarto que tem contíguo à enfermaria, aparou-se na porta do referido quarto (...)

PC 078, 1876, p.52v (vass 03): PJGC (formado em medicina): (...) Disse que a enfermaria é muito distante da senzala e que nela somente existem os escravos ocupados no tratamento dos enfermos (...)

PC 078, 1876, p.55v (vass 03): MMR (lavrador): (...) Disse que as senzalas são bastante distantes da enfermaria e não se podia explicar a estada do réu nesse lugar de um modo natural porque nem estava doente nem tratava dos doentes.

PC 078, 1876, p.59v (vass 03): DPL (administrador): (...) às sete da noite acabara ele testemunha de jantar em companhia de LQO, isto feito LQ saiu para enfermaria , ele testemunha foi na mesma ocasião pelo terreiro que se acha em frente à enfermaria (...)

PC 078, 1876, p.66 (vass 03): Emília (parda): (...) LQ entrou para um quarto serrou a porta e imediatamente tornou a abri-la, caindo junto da porta.

PC 078, 1876, p.75 (vass 03): AAS (feitor de roça): LQ (...) voltou para dentro, seguido até a porta por Julião dirigiu-se para um quarto mais interno, cerrando a porta que pouco depois tornou a abrir, caindo junto da mesma porta, isso ouviu (...) de Emília.

PC 111, 1878, p.8 (vass 03): Celestina (nat. PA): (...) estando na cozinha, às nove horas da noite, mais ou menos, (...) fazendo os seus serviços, foi ali Anibal (...) procura-la convidando-a afim de irem para o quarto (...) logo que entrou Anibal (...) principiou a questionar com ela respondente (...) cujo barulho a sua parceira Rufina que mora no quarto imediato ouviu (...)

PC 111, 1878, p.9 (vass 03): JGP (enfermeiro): Disse que estando às dez horas da noite no seu quarto, ouviu uns gritos no terreiro (...)

PC 111, 1878, p.9v (vass 03): MJR (feitor): (...) estando às dez horas da noite (...) no seu quarto, ouviu uns gemidos e não podendo sair por se achar doente, abriu um pouco a janela (...)

PC 111, 1878, p.10 (vass 03): Rufina (Crioula): (...) disse que apesar de ser vizinha do quarto de Celestina (...)

PC 111, 1878, p.10 (vass 03): Messias (Crioulo): Disse que estando em sua casa depois de ter se tocado a recolhida (...)

PC 111, 1878, p.11 (vass 03): Manoel Cypriano (Crioulo): (...) na noite de sexta feira, depois de tocar recolhida, indo para seu aposento (...)

PC 111, 1878, p.17 (vass 03): Celestina: (...) apareceu Anibal (...) perguntando qual a razão porque não ia à senzala; ao que respondeu que já ia (...)

PC 111, 1878, p.44v (vass 03): JFC (lavrador, agregado): (...) à noite, estando em um quarto do administrador da fazenda (...) ele testemunha retirou-se para sua casa (...)

PC 082, 1879, p.19v (vass 03): Umbelino (nat.prov. RJ): Disse que na sexta feira deu parte de doente e veio para enfermaria (...)

PC 082, 1879, p.21v (vass 03): Ana (Crioula): (...) achando-se ela informante num quarto contíguo a sala onde achava-se Ursula engomando, interceptado por uma parede, digo, achando-se em frente à porta do dito quarto a outra da mesma sala onde Ursula se achava (...)

PC 082, 1879, p.22v (vass 03): Claudina (Crioula): Disse que achando-se ela informante no quarto costurando junto com sua parceira Ana e deu vontade de fumar e dirigiu-se para um rancho acender seu cachimbo (...) Ursula estava dentro da sala engomando (...)

PC 082, 1879, p.23v (vass 03): ALSB (enfermeiro): Disse que achando-se na enfermaria que é um tanto atirada da casa de moradia onde se deu o fato (...)

PC 082, 1879, p.24v (vass 03): HAG (feitor de terreiro): (...) conversando com o senhor Braga na enfermaria ouviu altos gritos e alaridos na casa de moradia um tanto distante da enfermaria (...)

PC 084, 1880, p.69 (vass 03): Manoel (nat Bahia): disse que a senzala em que ele estava dormindo era próxima do galinheiro

Espaços alternativos

PC 068, 1870, p.18 (vass 02): Guilhermina natural da Costa da África: (...) Diz que que era o machado da cozinha que estava no rancho de sapé, no pomar velho.

PC 068, 1870, p.27v (vass 02): ASA, feitor de terreiro: (...) machado da cozinha de roça que servia para rachar lenha (...)

PC 068, 1870, p.34 (vass 02): Eulália natural desta prov. do Rio de Janeiro (8 a 9 anos): diz que na segunda feira de manhã cedo, estando sentada num rancho do pomar velho tratando dos outros crioulinhos viu o réu vir correndo apanhar o machado que estava no rancho (...)

PC 020, 1872, p.18v (vass 02): Efigênia Crioula: (...) estava ela na cozinha ouviu no terreiro umas relhadas (...)

PC 073, 1875, p.40v (vass 02): Bartolomeu (crioulo): Nessa ocasião viu já Marcos correndo no terreiro por detrás das senzalas.

PC 073, 1875, p.41 (vass 02): JCFC (farmacêutico): Na saída da varanda da varanda para o terreiro, encontrou-se em um portal uma mancha de sangue (...)

PC 008, 1877, p.10 (vass 02): FFR (lavrador): (...) estando trabalhando no eito conjuntamente com os escravos de JPS o feitor dos mesmos deu ordem de retirada para casa e ordenou que conduzissem o trem de cozinha; três escravos foram tomando diversos objetos (...)

PC 008, 1877, p.11v (vass 02): Manoel (nat. Costa da África): (...) no sábado (...) o feitor deu ordem para se retirar a gente do serviço que se tinha ultimado nesse lugar e que mudassem a cozinha para Mato Dentro que alguns escravos pegaram em alguns trens deixando ficar o tacho e o caldeirão, que o escravos Brás estando com pouca vontade de carregar o feitor dera-lhe ordem para ele mesmo levasse o trem que faltava (...)

PC 008, 1877, p.17v (vass 02): FFRJr. (trabalhador de enxada): (...) em um sábado (...) estava na fazenda Floresta pertencente a JPS trabalhando na roça; eram três da tarde mais ou menos e estando dentro de um rancho ouviu o feitor Costa dar ordens aos pretos para conduzirem para casa trens de cozinha (...) chegando à porta do rancho ouviu o feitor dizer-lhe – rapaz pega esse trem e leva para casa (...) foi a casa de MQ [uma casa de negócio] a quem chamou para ajudá-lo por ser o vizinho mais próximo (...)

PC 008, 1877, p. 22v (vass 02): Manoel (africano): (...) tendo o feitor acabado o serviço no sítio chamado da Firmeza deu ordem aos escravos que levassem o trem de cozinha para Mato Dentro para jantar; que os escravos pegaram em algumas peças (...) nessa ocasião saiu Felismino de seu rancho correndo (...)

PC 083, 1880 p.38 (vass 02): Irineu (nat. freg. PA): (...) Bernardo dizendo também que estava fugido e que sabia um ponto da fazenda do Dr. Nogueira onde eles podiam apanhar café para vender, para aí se dirigiram e pernотaram (...)

PC 083, 1880 p.40 (vass 02): Bernardo (nat. freg. PA): (...) disse que [soube da acusação] por uns tropeiros no rancho de sucupira (...)

PC 117, 1838, p. 16v (vass 05): Justino de Nação Benguela: respondeu que era escravo (...) e andava pelo terreiro tratando dos porcos.

PC 117, 1838, p. 47 (vass 05): Belarmino: (...) Manoel Congo levava a ferramenta da tenda de ferreiro, que era sua.

PC 117, 1838, p. 48 (vass 05): Miguel Crioulo: Perguntado se era certo que levavam uma safra de ferro, respondeu que levavam a bigorna, martelo e torno da tenda de ferreiro (...) que ouvira dizer que era para consertar as espingardas.

PC 117, 1838, p. 54 (vass 05): Rita Crioula: (...) Manoel Congo levava uma bigorna e martelo da tenda.

PC 117, 1838, p. 55v (vass 05): Lourença Crioula: Perguntada se eles levavam safra de ferreiro com bigorna, martelo e torno, respondeu que era verdade e que Manoel Congo dizia que era para fazerem suas obras no mato.

PC 092, 1849, p.40 (vass 05): Rafael (nat. Minas): (...) [fugindo] fora ao Morro da Vaca, e daí ao rancho do Juca em Matacães, onde pernaitara (...) que no dia seguinte foi até Matacães que daí voltara e pernaitara no rancho de roça da fazenda do Barão do Tinguá, onde no dia posterior fora preso por dois pretos da fazenda.

PC 070, 1867, p.20 (vass 05): Gabriel de Nação Benguela: (...) que nessa noite ele não saiu para fora, pois estava no terreiro da fazenda de seu senhor a tocar tambor para ele e seus parceiros dançarem o cachambú. (...) (...) que seu parceiro Rodrigo quis brigar com ele e lhe disse que na sua ausência ele respondente tinha falado mal dele e que seu parceiro Rodrigo quis lhe bater com um relho, então ele respondente lhe disse que não tinha falado mal de ninguém e que fosse embora, ao que seu parceiro Rodrigo lhe retorquiu, dizendo que o que lhe valia era o senhor Vicente que estava no Rancho perto da senzala dele respondente (...)

PC 070, 1867, p.29 (vass 05): JSPG (cobrador): (...) foram esconder a faca na casa das cangalhas.

PC 070, 1867, p.39v (vass 05): AFS (lavrador): (...) polícia mandou proceder uma rigorosa busca em todos os objetos pertencentes aos escravos em casas de dormir, paióis e ranchos da roça (...).

PC 069, 1872, p.8 (vass 05): Antonio (nat. Pernambuco): (...) fez um rancho em terras de AP e aí vivia escondido comprando algumas vezes o que necessitava em uma venda próxima (...)

PC 088, 1844, p.31 (vass 03): FHT (enfermeiro): (...) tendo o de nome Dario deixado o serviço ele perguntou o que ia fazer, ao que o dito escravo nada respondeu e continuou a seguir para o lado de um córrego onde bebeu água e acendeu o cachimbo (...)

PC 045, 1850, p.13 (vass 03): Valentim (Moçambique): Disse que estava armando mondéo no mato

PC 045, 1850, p.32v (vass 03): Valentim (Moçambique): Disse que se achava no mato tirando cipó para fazer cestos (...) disse que era verdade achar-se nesse dia fazendo mordéos e bem assim tirando cipós para cestos.

PC 055, 1860, p.2 (vass 03): Corpo Delito: (...) tendo tido aviso de FJM que no mato por de trás de sua casa se achava o rancho dos quilombolas, terror dos moradores deste lugar (...)

PC 099, 1867, p.18 (vass 03): Valentim (Moçambique): Disse que [na hora do crime estava] no terreiro da casa de Ancelmo (...)

PC 078, 1876, p.66 (vass 03): Emílio: (...) vinha da roça onde estava cozinhando (...)

PC 082, 1879, p.22v (vass 03): Disse que achando-se ela informante no quarto costurando junto com sua parceira Ana e deu vontade de fumar e dirigiu-se para um rancho acender seu cachimbo; aí encontrou-se com Umbelino o qual pediu-lhe fogo e acendeu seu cigarro, agradecendo-lhe a espontaneidade (...)

Ferreiros e caçadores

PC 020, 1872, p.25 (vass 02): ALM (alfaiate): diz que [o escravo Antonio Bolieiro] costumava caçar e tinha uma espingarda e uma pistola de dois canos, o que sabe por ouvir dizer (...)

PC 020, 1872, p.28v (vass 02): Luís Congo (capataz): perguntado se Bolieiro era caçador, disse que costumava caçar algumas vezes (...)

PC 020, 1872, p.29 (vass 02): Leandro (pardo): diz que [Bolieiro] nunca era castigado e ocupava-se em um serviço leve (...) que nunca o viu de espingarda e sempre que ia caçar levava uma foicezinha.

PC 117, 1838, p. 47 (vass 05): Belarmino (Cabinda): (...) Manoel Congo levava a ferramenta da tenda de ferreiro, que era sua.

PC 117, 1838, p. 48 (vass 05): Miguel Crioulo: Perguntado se era certo que levavam uma safra de ferro, respondeu que levavam a bigorna, martelo e torno da tenda de ferreiro (...)

PC 117, 1838, p. 54 (vass 05): Rita Crioula: Perguntada se os carpinteiros levavam ferramentas, respondeu que levavam e que Manoel Congo levava uma bigorna e martelo da tenda.

PC 117, 1838, p. 55v (vass 05): Lourença Crioula: Perguntada se eles levavam safra de ferreiro com bigorna, martelo e torno, respondeu que era verdade e que Manoel Congo dizia que era para fazerem suas obras no mato.

PC 042, 1838, p.10 (vass 05): Manoel Congo: Disse que se ocupa no ofício de ferreiro e que também remedeava no ofício de caldeireiro.

PC 087, 1840, p.3 (vass 05): Participação: (...) julgo por mandado de um ferreiro Manoel Simões é que se cometeu o crime (...)

PC 087, 1840, p.9 (vass 05): José Liandro (nat. cidade de S. João del'Rey): Disse que ao tempo da prisão estava dentro da tenda trabalhando, cuja tenda é dentro desta Vila de Vassouras (...) que ia comer em casa da mesma [Feliciana Maria] por lá cozinhar Maria de tal para ele Réu e o mestre ferreiro Manoel de tal. (...) que a dita Maria lhe fora evazar com palavras por duas vezes na tenda onde estava trabalhando.

PC 087, 1840, p.9 (vass 05): José Liandro (nat. cidade de S. João del'Rey): Respondeu que [na hora em que se diz cometeu o crime] estava dentro de uma tenda de ferreiro. (...) Disse que ela viera a tenda, onde ele se achava, a procurar o Mestre, e não achando o dito Mestre, virou-se contra ele réu (...) Disse que a denúncia era em razão da dita senhora ter rixa com ele réu por causa de um filho que saiu da casa da tenda, dizendo ele réu havia sido a causa; e que por esse motivo é que principiou a dúvida; e que o Mestre vendo isto após também para fora.

PC 053, 1859, p.23 (vass 05): Balbuíno (nat. Costa da África): (...) que a espingarda presente é a que ele [réu, feitor] usava na roça que matava passarinhos com ela (...)

PC 054, 1860, p.7 (vass 03): JJM (lavrador): (...) Mariana ousava de armas para caçar passarinho e (...) atirava bem.

PC 054, 1860, p.12 (vass 03): MRA (lavrador?): Perguntado se Mariana ousava de armas, respondeu que sim, que ousava de armas e que gostava de caçar.

Festa, descanso, prazeres

PC 073, 1875, p.15 (vass 02): José Mina: [seu parceiro Marcos] tinha ido a casa de Aguiar afinar a sua viola e que não pedira licença (...), então lhe disse o feitor que havia de afinar a viola nas costas, ao que Marcos replicou que não merecia ser castigado porque era véspera de dia santo (...)

PC 073, 1875, p.35 (vass 02): José Mina: (...) Marcos então lhe disse [ao feitor] que seu senhor nunca lhe tinha proibido de afinar a viola, que a noite de sábado era para divertir-se (...)

PC 073, 1875, p.38 (vass 02): Mariano (brasileiro): (...) o feitor retorquiu que havia de quebrar-lhe a viola nas costas, Marcos respondeu (...) e que seu senhor não proibia que eles se divertissem no sábado (...)

PC 073, 1875, p.4 (entre 64 e 65) (vass 02): Marcos (filho do Rio Grande do Sul): (...) segundo costume tinham-se recolhido para suas senzalas, ele respondente na sua senzala pôs-se a tocar viola, porque não tinha sido dado ainda o sinal de silêncio (...) o senhor Manoel feitor entrando para varanda disse: - eu hoje acabo com viola e violeiro e tudo (...) falando sozinho : - não sei pra que essa proibição, hoje é sábado a gente podia se divertir , e que seu senhor não se importava com isso – (...)

PC 073, 1875, p.81 (vass 02): Marcos (natural prov. RGS): (...) essa falta não era grave por ser o dia de sábado em que há mais folga na fazenda (...)

PC 041, 1836, p.10 (vass 05): Matheos de Nação Rebolo: [que havia fugido] às vésperas do entrudo, com medo que seu senhor lhe desse pancadas.

PC 092, 1849, p.20 (vass 05): Honório (Crioulo): Disse que ele e Ambrósio saíram da novena e foram para casa de seu senhor (...)

PC 092, 1849, p.28v (vass 05): JPM (carpinteiro, pardo): (...) que dele [Rafael] não se podia esquecer jamais em razão da desordem que houve no dia do entrudo.

PC 053, 1859, p.4 (vass 05): Ignácio (nat. Costa da África): Disse que indo no domingo, 25 do mês passado, em direção à roça do escravo Paulo, pertencente à Fazenda do Buraco da Onça a falar com o mesmo para lhe pedir umas mudas de cará (...) lhe retorquiu o dito feitor que o que lhe parecia era que ele tinha alguma amizade com as negras da fazenda (...)

PC 070, 1867, p.20 (vass 05): Gabriel de Nação Benguela: (...) que nessa noite ele não saiu para fora, pois estava no terreiro da fazenda de seu senhor a tocar tambor para ele e seus parceiros dançarem o cachambú.

PC 070, 1867, p.24 (vass 05): Jorge Benguela: (...) sábado à noite ele saiu conjuntamente com seus parceiros Manoel Moçambique, Baldoíno e Bernardo, todos com licença do feitor, logo que chegaram do serviço, e antes da forma, e foram a casa de negócio do CFBC comprar fumo, açúcar e um pouco de cana, e logo depois voltaram para casa, encontrando ainda todos acordados, e seus parceiros dançando o cachambú.

PC 046, 1853, p.14v (vass 03): ALC (carpinteiro): (...) sabe que os autores desta morte são JFG e um seu caxeiro (...) aos quais tendo jogado como de costume (...) com o dito escravo (...) Que ele testemunha sabe por ver que o dito Gorito desde o ano passado costumava jogar com o escravo falecido e outro desta fazenda, o jogo do Bumbá, onde buro a dinheiro sendo que para isso os recolhia para dentro de sua casa.

PC 046, 1853, p.16 (vass 03): MISR (pedreiro): (...) ouviu dizer (...) que o escravo Narciso estivera jogando na casa de JFG e aí ganhou muito dinheiro (...) sabe por ver que JFG costuma jogar na sua casa até com pretos cativos a dinheiro (...)

PC 046, 1853, p.18 (vass 03): Cezário (filho de ATA): (...) tem ouvido dizer que JFG costuma jogar na sua casa, não só com homens forros, como com cativos.

PC 046, 1853, p.18v (vass 03): JFST (lavrador): (...) sabe por ver que JFG costuma jogar em sua casa dinheiro o pacão, o truque e outros jogos como ele testemunha já viu com pessoas livres.

PC 046, 1853, p.19 (vass 03): (...) tem visto JFG jogar a dinheiro com pessoas livres em sua casa, mas que com escravos não tem visto.

PC 046, 1853, p.39 (vass 03): FGC (telheiro): (...) FSC nesse jogo [ilegível] com o escravo Narciso o ameaçara com o bacalhau e dizendo que não jogava de condição de inferior a sua, retirou-se ele do jogo (...) o conhece [ao negociante Gorito] (...) uma vez ter ele uma alteração vocal com o falecido FS por causa do entrudo.

PC 046, 1853, p.41 (vass 03): FSC (negociante): (...) estava em sua casa de negócio com seu caxeiro, ao qual ouviu ler a História do Brasil até às onze horas da noite e depois foi deitar-se (...) v. tb. PC 040, 1835, p.15 (vass 03): Libelo acusatório: (...) Porém o que faz mais horrendo o crime (...) Só a antropophaga – a um preto congo – a um natural do indômito País do Zaire na Negrícia, que na origem tem por religião a enganosa feiticaria (vejam-se os compêndios de geografia universal recentemente publicados por um oficial general do exército) é que lançaria mão de tão horrorosa atrocidade ! É logo um monstro (...)

PC 046, 1853, p.41 (vass 03): FSC (negociante): (...) ele testemunha jogando em casa de AFG com JG e muitas outras pessoas (...) estava também no jogo o escravo Narciso que por bem trajado ele testemunha supôs ser livre e camarada de uns paulistas que ali estavam (...) sabendo depois que era escravo (...) [disse] que não jogava com pretos, deixou o jogo e foi para sua casa, sendo que quando saía ainda JG o chamou e instou para continuar a jogar (...)

PC 054, 1860, p.7 (vass 03): JJM (lavrador): tirando o dito benedito uma sorte pedira para libertar-se (...) respondera-lhe que quem tinha tirado uma sorte de quatro contos e seiscentos não devia ser cativo, e no dia seguinte passou-lhe a carta, pelo preço de um conto (...)

PC 054, 1860, p.15v (vass 03): JMM (lavrador): (...) Benedito tendo tirado um prêmio na loteria a forrara e depois casara-se com ela [Mariana] (...)

PC 054, 1860, p.16v (vass 03): JAM (pedreiro): Perguntado se [Benedito] era amigo de [ilegível] de pagodes (...)

PC 060, 1862, p.6 (vass 03): Victor, Africano: (...) disse mais que se achava em seu perfeito juízo e que só tinha bebido meio martelo de vinho.

PC 065, 1866, p.11v (vass 03): CSS (nat. Prov. Bahia): (...) quanto a espécie de brinquedo era de palavras e gestos próprios de crianças (...)

PC 065, 1866, p.34 (vass 03): José (nat. Vassouras): (...) a [preta Laura] estava assentada brincando com um menino filho de seu senhor (...)

PC 065, 1866, p.33 (vass 03): José crioulo: Disse que [a preta Laura] estava assentada brincando com um menino filho de seu senhor.

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): Participação: (...) a embriaguez do denunciado (...) que se achava em tal estado em virtude do seu costume e de ter havido na senzala o divertimento conhecido sob o nome de cachambú (...)

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): Lino, Nação Moçambique: Disse que tendo vindo da Fazenda do Retiro para esta do Secretário para levar azeite, deixou-se ficar nessa fazenda para tomar parte no brinquedo que tem o nome de cachambú entre os escravos: e que de fato tomou parte na dança e nas libações de aguardente e que seria cerca de onze horas (...)

PC 009 / 075, 1872, p.14v (vass 03): VAS (lavrador): (...) que no dia dois [de novembro] às dez da noite mais ou menos, tinham os pretos acabado de dançar o cachambú quando ele testemunha que estava recolhido a seu quarto (...)

PC 009 / 075, 1872, p.16v (vass 03): MM (feitor de roça): (...) Disse que no sábado, dois do corrente [mês de novembro], estando fora o Dr. C. e deixado permissão para os pretos tocar o Machambú, tiveram os pretos entretidos com isso até às dez horas da noite, essas horas retiraram-se os pretos, e, fechando ele testemunha as portas das senzalas recolheu a seu quarto (...)

PC 116, 1875, p.30v (vass 03): Curador: (...) no dia do conflito os escravos preparavam-se para a festa do natal do dia seguinte e por conseguinte havia mais animosidade, e essa podia ser produzida pelo álcool (...)

Fogo

PC 073, 1875, p.33v (vass 02): JFR (lavrador): (...) à noite estava no seu quarto na fazenda de Matacões (...) dirigiu-se logo para a senzala e entrando na varanda dos mesmos viu no chão o corpo, mandou buscar uma candeia e verificou que era o corpo do feitor Cardoso (...) então mandou participar o ocorrido a seu patrão, que estava na fazenda de Ferreiros e mandou fazer uma fogueira onde estava toda a noite com alguns escravos conduzindo o corpo [do feitor] (...)

PC 073, 1875, p.35 (vass 02): José Mina: (...) depois viu Marcos sair pelo portão, como estivesse escuro pediu um tição para ir ver o que tinha acontecido e viu um corpo no chão que reconheceu ser do feitor, o qual estava ferido (...)

PC 073, 1875, p.37 (vass 02): Mariano Velho, Monjolo: (...) ele informante e seus parceiros com tições de fogo foi ao lugar onde se tinha dado os [ilegível] e viram no chão o corpo de Cardoso, ferido e ensanguentado (...)

PC 073, 1875, p.40v (vass 02): Bartolomeu (crioulo): (...) saltou para fora afim de ver o que era na varanda e achou seus parceiros alumando com tição de fogo e [ilegível] no chão o corpo do feitor todo ensanguentado.

PC 108, 1842, p.12 (vass 05): Perpétua Felicidade da Conceição (preta forra, nat. freg. PA, costura e roça): (...) chegando a casa José Moleque (...) pedindo fogo ela testemunha dera-lhe fogo, e ele retirou-se, e daí a pouco chegou outro moleque de nome Calisto (...) e perguntando ela testemunha o que queria, disse que estava com fogo, e que andava fugido, e ela testemunha dera-lhe um prato de feijão, dizendo que corresse e fosse para casa de Manoel Valentim e com ele se apadrinhasse e fosse logo para casa porque sua senhora precisa dele (...)

PC 108, 1842, p.13v (vass 05): Maria Eufrásia (de Nação Benguela, roça): (...) chegando a porta de casa o moleque Calisto, perguntou ela o que andava fazendo e ele moleque respondeu que andava fugido, e que estava com fome, e ela lhe deu um prato de feijão, e daí a pouco apareceu outro moleque de nome José (...) e pediu fogo (...)

PC 092, 1849, p.17v (vass 05): JGA (vive de seus bens): (...) encontrou a sua escrava de nome Delminda na janela da cozinha e perguntando-lhe se não se deitava ela lhe respondeu se ele queria passear que fosse que ela ficava tomando sentido no fogo (...)

PC 092, 1849, p.19 (vass 05): Delminda (Crioula): (...) o pardo Rafael (...) entrando em casa de seu senhor (...) entrou a espancá-la e por fim tendo apagado uma vela que ela tinha acendido continuou a maltrata-la e até pegou-lhe nas goelas (...)

PC 051, 1858, p.12 (vass 05): Antonio (de Nação): (...) [o feitor] mandou levar o cadáver para a senzala e que o único remédio que fizeram foi o de ter o réu posto fogo nas partes inferiores do cadáver (...)

PC 051, 1858, p.14v (vass 05): João (de Nação): (...) no ato de apanhar fugira com seu parceiro Adão e que não viu quando Rafael morreu (...) (...) que fugiram na ocasião em que ele réu [o feitor] o chamara para trazer a candeia com o fim de alumiar a Rafael que tinha perdido a fala (...)

PC 051, 1858, p.24 (vass 05): JD (feitor): (...) [Rafael] tinha perdido a fala, pegou um tição de fogo e chegou-lhe ao anus pois julgou que ele tivesse virado a língua, mas nessa ocasião não deu sinal de vida, conduziu para senzala (...)

PC 088, 1844, p.82 (vass 03): Antonio (Nação Moçambique): (...) o moleque chamado Hilário indo beber goa, pôs uma brasa de fogo no cachimbo pelo que o feitor o agarrou (...)

PC 066, 1866, p.26v (vass 03): BMC (trabalhos domésticos): (...) disse que nesse dia nenhum negro ali foi, nem mesmo o de nome Manoel Pinto, cozinheiro que todas as madrugadas, quando passava para roça, ia pedir fogo.

PC 099, 1867, p.15v (vass 03): Generoso (de Nação): (...) Paulo (Crioulo): Disse que chegando a casa de Ancelmo, acender o fogo e por lenha lá, isso fazia por ordem do seu senhor (...)

PC 116, 1875, p.2 (vass 03): Participação: (...) na noite de vinte e quatro de dezembro (...), às onze horas mais ou menos, manifestou-se um conflito entre o denunciado e o seu parceiro Fábio, a propósito de um fogo que aquele preparara no interior da senzala.

PC 116, 1875, p.14 (vass 03): Felisberto (nat. Bahia): (...) que estando ele conduzido sentado perto do fogo na senzala e tendo consigo a pequena faca apresentada pelo condutor com a qual ele conduzido cortava fumo; apresentou-se o ofendido tentando espalhar o fogo dele ao que o conduzido respondeu que não fizesse tal.

PC 116, 1875, p.21 (vass 03): MSA (administrador): (...) não houve quem visse semelhante cousa, e mesmo a senzala estava sem luz.

PC 116, 1875, p.23v (vass 03): AP (feitor de terreiro): Ouviu dizer que estando Felisberto ceando junto ao fogo se apresentara Fabio dizendo que ia espalhar o dito fogo, Felisberto disse que não fizesse tal, ao que respondeu Fabio dizendo que lhe dava um tapa (...)

PC 116, 1875, p.25v (vass 03): Eleutério: (...) estando na senzala, juntamente com mais parceiros viu chegar Fabio junto ao lugar em que Felisberto estava com seu fogo. Fabio apanhou um graveto aceso que fazia parte do fogo de Felisberto, este lhe disse que não mexesse no dito fogo que precisava dele, ao que Fabio lhe respondeu que lhe dava uma bofetada.

PC 116, 1875, p.26v (vass 03): Raimundo (nat. Ceará): (...) estando a testemunha deitado em sua cama ainda acordado; estando Felisberto sentado no chão perto de um fogo que tinha preparado, a testemunha viu chegar na extremidade oposta da senzala seu parceiro Fábio junto do Fogo de Felisberto, vindo aí esparramou com o pé os gravetos que faziam parte do dito fogo; Felisberto observou a Fábio que não fizesse tal porque ele precisava de fogo pois que estava com uma faquinha picando fumo (...)

PC 116, 1875, p.28v (vass 03): Ambrosio (Moçambique): (...) estando na sua cama na senzala onde dormia com Fabio, Felisberto e mais parceiros; estava Felisberto sentado junto do fogo que tinha preparado quando veio do fundo da senzala o escravo Fabio trazendo consigo um cachimbo em uma das mãos; chegando junto do fogo de Felisberto quis tirar um tição ao que Felisberto respondeu que não tirasse porque precisava do fogo. Fabio em resposta deu uma bofetada (...) O informante apenas ouviu Fabio dizer que estava ferido, levantou-se de sua cama acendeu um pouco de palha de milho para poder ver o lugar em que Fabio tinha sido ferido (...)

PC 116, 1875, p.50v (vass 03): Raimundo (Crioulo): (...) Disse que o fogo era do réu [Felisberto] e que este estava picando fumo com o cacherenguengue.

PC 116, 1875, p.52v (vass 03): Ambrosio (de Nação): Disse [que a senzala] estava escura e com fogo e esse mesmo espalhado.

PC 116, 1875, p.63 (vass 03): Felisberto (nat. Bahia): Disse que estava em sua senzala sentado em um sêpo, a beira do fogo.

PC 078, 1876, p.41 (vass 03): Emília (parda): (...) LQ [enfermeiro] dirigindo-se à testemunha e à Honorata, perguntou a esta se havia tomado banho que estava usando, esta respondeu que não, e que tinha acabado, então LQ lhe disse que fosse à botica acender a lamparina e buscar um pouco de jequitibá (...)

PC 078, 1876, p.66 (vass 03): Emília (parda): (...) LQ segurando no peito com a mão e andando e a [ilegível] e viu Julião acompanhá-lo até o meio da porta onde estava o candeeiro, donde voltou: Luiz Querino entrou para um quarto serrou a porta e imediatamente tornou a abri-la, caindo junto da porta.

PC 082, 1879, p.22v (vass 03): (...) deu vontade de fumar e dirigiu-se para um rancho acender seu cachimbo; aí encontrou-se com Umbelino o qual pediu-lhe fogo e acendeu seu cigarro, agradecendo-lhe a espontaneidade (...)

Liberdade

PC 077, 1877, p.19 (vass 02): Corpo Delito (Thomaz, nat. da BA): (...) Tendo se apresentado no ato que se entregou à justiça com uma espingarda acompanhada de um bernal com as competentes munições (...)

PC 077, 1877, p.53v (vass 02): Thomaz, nat. da BA: Disse que tanto seu senhor como o feitor são a causa desses tristes acontecimentos pelas imoralidades que praticam. Disse mais que assim que fugiu foi entregar-se ao subdelegado dos Mendes Leopoldino Chaves.

PC 015, 1878, p.4v (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): (...) foi quando deu uma canivetada no feitor (...) luta entre ele e o feitor(...) quando o viu cair num buraco, fugindo imediatamente para esta cidade a fim de apresentar-se à justiça.

PC 015, 1878, p.28v (vass 02): JFS (Praça da Guarda Municipal): (...) apareceu o réu [Graciano, nat. Pernambuco] (...) declarando que vinha se apresentar, por isso que havia dado umas canivetadas em o feitor (...)

PC 080, 1879, p.3 (vass 02): Participação: (...) JBO (...) perguntando para onde iam o de nome Gil respondeu-me que se iam entregar à Polícia porque ele tinha feito uma morte no homem que eu conhecia (...)

PC 080, 1879, p. 24 (vass 02): MFM (lavrador): (...) lhe foi respondido que não [tomaram parte do assassinato], que apenas acompanhavam os outros a convite deles que lhes disseram quem nos quisesse acompanhar para Polícia venha que ficamos forros.

PC 080, 1879, p. 25 (vass 02): FGC (lavrador): procurando ele testemunha saber se os três escravos que acompanhavam os autores na morte também tinham nela tomado parte lhe responderam que não que acompanhavam-nos apenas por convite destes que disseram que aquele que os acompanhasse estava forro como eles iam ficar.

PC 080, 1879, p. 26 (vass 02): QJA (lavrador): (...) encontraram com cinco escravos (...)que passavam por seu senhor e ele testemunha sem ao menos tirarem o chapéu o qual vendo isto atravessou o animal na estrada e perguntou a onde iam ao que respondeu o de nome Gil, aonde vamos ! Vamos nos entregar à polícia em Vassouras porque senhor foi buscar o feitor para acabar com nós mas eu foi quem acabei com ele, eu mesmo é que o matei e virando as costas tocou os companheiros para diante dizendo vamos ?

PC 007, 1828, p.7 (vass 03): Francisco Congo: Disse que fora preso na Divisa pelo comissário de polícia indo pessoalmente entregar-se à prisão (...)

PC 114, 1845, p.19v (vass 03): Antonio (nac: Africano, nasc: Rebolo): Disse chamar-se Antonio e que era forro de justiça. Perguntado o que entendia por essas palavras – forro de justiça –, nada quis responder, incitado porém respondeu que era por estar preso *depois disso passa a não responder as perguntas, dissimulando.*

PC 045, 1850, p.6 (vass 03): JGS (lavrador): (...) sabe que o preto Valentim coabitava com a preta Joaquina a qual se achava grávida (...) que o preto Valentim andava emancipado com a preta Joaquina, a qual estava grávida (...)

PC 045, 1850, p.8v (vass 03): JMB (lavrador): (...) sabe que o preto Valentim vivia emancipado com a preta Joaquina a qual achava-se grávida do mesmo preto Valentim (...)

PC 054, 1860, p.7 (vass 03): JJM (lavrador): (...) sendo o dito Benedito bom escravo (...) durante o tempo que serviu ele testemunha dera-lhe um sítio com cafezais em terras suas para ele Benedito morar com sua mulher, o que teve lugar logo depois de efetuado o casamento (...)

PC 060, 1862, p.6 (vass 03): Victor, africano: (...) repetindo que tinha metido o ferro no pescoço de Samuel por falar a verdade não merecia castigo.

PC 060, 1862, p.15v (vass 03): JAS (guarda livros): (...) prometendo-lhe o subdelegado [à Victor, africano] de o mandar soltar se confessasse com que tinha morto Samuel, respondeu que o ferro com que tinha morto estava no carro (...)

PC 061, 1863, p.16 (vass 03): Rita (nat. RJ): Disse que não podendo mais suportar o mau tratamento que lhe dava a sua senhora (...) [foi] dar parte ao seu senhor moço Mutinga que ia pedir ao senhor Antonio Correia para lhe comprar (...) uma vez tão aborrecida foi pedir que queria ser vendida a sua senhora moça D.ME e que sua lhe dissera que era mais fácil ela ré se acabada nos bacalhaus do que ser vendida (...)

PC 062, 1864, p.44v (vass 03): Disse que andava fugido há oito meses (...) que a sua viagem nessa ocasião era para vir à Vassouras e pedir ao Dr. Assis que lhe arranjasse venda por não querer ir mais para a casa de sua senhora.

PC 103, 1864, p.12v (vass 03): VSC (pedestre): (...)viu aproximar-se um vulto que vinha se arrastando com uma trouxa em baixo do braço (...) viram ser o réu presente que disse que se vinha entregar à prisão por ter metido o canivete em uma parceira em sua casa (...)

PC 103, 1864, p.20 (vass 03): Silvino, nat. cidade Ceará: (...) foi a seu quarto buscar uma roupa porque tencionava fugir, porém destroncando seu pé foi se entregar na cadeia (...)

PC 103, 1864, p.35v (vass 03): Silvino, nat. cidade Ceará: (...) que depois de ter tirado a roupa da casa, pulando o muro do fundo do quintal, destroncou o pé e vendo que não podia fazer a viagem foi-se entregar na cadeia para não ser pegado na rua.

PC 078, 1876, p.21 (vass 03): QMR: (...) perguntou se não era ele [Julião] que tinha assassinado Luís Querino, Julião respondeu-lhe afirmativamente (...) disseram a Julião que estava preso pois que era criminoso; aquele respondeu-lhe puxando a faca que não se encontrava naquele lugar, pois que já vinha com tensões de entregar-se à autoridade em Vassouras. (...) Puxou [então] um revólver que trazia consigo (...) [e] amedrontou-o com o dito revolver. (...) Assim o conduziram até a presença deste juízo (...)

PC 078, 1876, p.21 (vass 03): Julião (Bahia): Perguntado que destino tomou logo depois de ter praticado o crime; disse que foi para o mato e que considerando [ilegível ... deus?] veio entregar-se a esse juízo porque tinha certeza de ser capturado.

PC 078, 1876, p.52v (vass 03): PJGC (formado em medicina): (...) o réu depois de ameaçado por ele testemunha que estava armado de um revólver declarou que de modo algum entregaria a faca; então ele mandou que Roda filho e o escravo Enéas que tinha vindo chamá-lo em Vassouras acompanhassem até a cadeia o escravo.

Nomeação

PC 115, 1856, p.17v (vass 02): Victorino de nação Congo: (...) ouvira dois gritos que conhecera ser de seu senhor, que a estes gritos o Pai Antonio, capataz, mandou parar as enchadas (...)

PC 115, 1856, p.18 (vass 02): Bonifácio de nação Munjolo: ouvira dois gritos (...) que o capataz o Pai Antonio nesta ocasião mandou parar (...)

PC 115, 1856, p.22 (vass 02): Albino Crioulo: (...) que a esses gritos acudira o capataz a quem o senhor costumava chamar por moleque (...)

PC 115, 1856, p.27 (vass 02): Victorino, de nação Congo: (...) nesta ocasião saíra o Pai José acompanhando o mesmo capataz (...) Perguntado se o Pai José saíra do eito com o Pai Antonio (...) soubera que o Pai José trouxera o cavalo de senhor e que gritava ao senhor Manduca, dizendo que tinham matado senhor (...)

PC 115, 1856, p.29 (vass 02): João Moleque: diz que não saíram do eito, que só Pai Antonio e José Crioulo

PC 115, 1856, p.31v (vass 02): Francisco, natural e Angola: (...) ouvira gritar seu senhor por duas vezes “oh moleque, oh moleque”, nesta ocasião o Pai Antonio mandou parar as enxadas (...) e saíra correndo com o Pai José (...) [neste PC 115 muitas referências a esses “Pais”]

PC 115, 1856, p.100 (vass 02): FAL, lavrador: (...) o mesmo Barão indignado com isso lhe dissera que ele moleque criado no colo de sua senhora estava dando aí espetáculo ao que respondeu Albino que não dava espetáculo (...)

PC 068, 1870, p.71 (vass 02): Manoel Maranhão: (...) por haver morto o feitor de seu senhor de nome Xico (...)

PC 020, 1872, p.12 (vass 02): JFA (negociante): (...) o feitor lhe respondeu que [o escravo] chamava-se Antonio Bolieiro (...)

PC 020, 1872, p.34 (vass 02): Antonio natural prov. Minas (Antonio Bolieiro): (...) ouviu gritos de sua mulher, que sofria um castigo injusto, imposto pelo administrador da fazenda Manoel de tal (...)

PC 020, 1872, p.65 (vass 02): Antonio natural de Minas (Antonio Bolieiro): (...) o mesmo administrador de nome Manoel de cujo sobrenome não sabe (...)

PC 080, 1879, p.17 (vass 02): Quintiliano (nat. freg. SSF): perguntado donde é natural, respondeu que deste Município; Perguntado onde reside, respondeu que na fazenda de seu senhor desde seu nascimento, pois que é cria da fazenda.

PC 080, 1879, p. 38 (vass 02): Gil (nação Mina): Perguntado qual o seu nome, respondeu chamar-se Gil de nação Mina (...) que não podia dizer [de quem era filho] porque não conheceu seus pais.

PC 080, 1879, p. 55 (vass 02): Gil (nat. Costa da África): (...) tratava os escravos com suma barbária (...) sendo o seu costume dar pancadas em todos os pretos e de modo bárbaro (...) *Curador falando no interrogatório ??*

PC 080, 1879, p. 87 (vass 02): Gil (nat. Costa da África): Diz que alega em favor de seu direito o ter assassinado JBO porque (...) *Curador falando no interrogatório?*

Quando parece ser o curador falando a referência à naturalidade é “da Costa da África”, quando é o réu respondendo a perguntas pessoais diz chamar-se “Gil de Nação Mina”

PC 117, 1838, p.6v (vass 05): GJPL (lavrador): (...) ouviu dizer que entre outros eram os cabeças Manoel Congo que se intitulava rei e Mariana crioula que se intitulava rainha (...)

PC 117, 1838, p.7v (vass 05): MJC (lavrador): (...) pelo escravos Manoel Congo Ferreiro, o qual ouviu dizer que se intitulava rei, sendo ele preso em companhia de Mariana crioula que se intitulava rainha.

PC 117, 1838, p.10v (vass 05): LCM (lavrador): (...) que entre estes existia um de nome Manoel Congo oficial de Ferreiro que se intitulava rei e outra de nome Mariana Crioula que se intitulava rainha (...)

PC 117, 1838, p. 12 (vass 05): JICT (lavrador): (...) ouviu dizer aos mesmos escravos presos que Manoel Congo Ferreiro era um dos cabeças e que estava coroado rei e Mariana Crioula rainha (...)

PC 117, 1838, p. 14v (vass 05): AJE (vive de sua agência): (...) o escravo Manoel Congo que se intitulava rei do quilombo e Mariana Crioula que se intitulava Rainha (...)

PC 117, 1838, p. 19v (vass 05): Belarmino Cabinda: (...) que pai Paolo o carregou (...)

PC 117, 1838, p. 27v (vass 05): Brizida Crioula: respondeu que Brizida Crioula e que morava nesta fazenda e que era cria da mesma fazenda.

PC 117, 1838, p. 29v (vass 05): Josefa de Nação Angola: (...) que ela fugiu porque obedeceu à voz do rei que era Manoel Congo (...)

PC 117, 1838, p. 30v (vass 05): Emília Conga: (...) que pai Manoel Congo, João Abgola e Manoel Pedro foi os que fizeram ela fugir (...)

PC 117, 1838, p. 31v (vass 05): Epifânio Moçambique: (...) que os cabeças eram João Angola, Vicente Moçambique, Miguel Viado, Manoel Pedro, Manoel Congo, Francisco Carpinteiro e pai Ignácio Rebolo e que ele tinha ido por convite de Francisco Carapina (...)

PC 117, 1838, p. 48 (vass 05): Miguel Crioulo: (...) porque seu mestre Manoel Congo o seduziu (...)

PC 087, 1840, p.9 (vass 05): José Liandro (nat. cidade de S. João del'Rey): (...) por lá cozinhar Maria de tal para ele Réu e o mestre ferreiro Manoel de tal.

PC 108, 1842, p. 7 (vass 05): José Cassange: (...) Silvestre (...) e José Mariano Crioulo, que era tratado de primo pelo Silvestre (...) No mesmo dia este Silvestre encontrando no caminho o moleque Calisto Moçambique, escravo de Maria que ia se apadrinhar com Manoel Valentim (...)

PC 108, 1842, p. 8 (vass 05): Calisto Moçambique: (...) que só conhecia um crioulo chamado José Carioca que na sua casa esteve (...)

PC 108, 1842, p.12 (vass 05): Perpétua Felicidade da Conceição (preta forra, nat. freg. PA, costura e roça): (...) respondeu o dito Silvestre que era matulutagem para seu primo José Maria, ou José Carioca, o qual [ilegível] o nome chamando José Mariano umas vezes, José Maria outras, e também José Carioca, por este último nome sempre ela testemunha o conheceu (...)

PC 108, 1842, p.13v (vass 05): Maria Eufrásia (de Nação Benguela, roça): (...) achava-se presente em casa o José Maria ou José Carioca (...)

PC 028, 1852, p.6v (vass 05): MJP (lavrador): (...) chama-se Manoel Joaquim de Paiva, filho de Francisco Joaquim e Bernarda Joaquina (...) nascido na freguesia de Paiva, distante da cidade do Porto 5 léguas (...)

PC 028, 1852, p.23 (vass 05): MJP (lavrador): (...) natural do Porto (...)

PC 028, 1852, p.10 (vass 05): IR (carpinteiro): (...) chegou um Joaquim Laranjeira e dissera que o barbado (assim denominam por autonomasia a MJP) (...)

PC 028, 1852, p.12v (vass 05): FBM (lavrador): (...) um indivíduo que só conheceu pelo alcunho de Laranjeira (...)

PC 030, 1856, p.4 (vass 05): MAC (vendedor de pão): (...) chama-se Manoel Alves Canela, filho de Antonio José da Silva, nacionalidade: do Porto, naturalidade: freguesia das Canellas (...)

PC 024, 1867, p.8 (vass 05): MAJ (carcereiro): Chama-se Miguel Antonio Joaquim, filho de Antonio Joaquim de São José, (...) nascido em São José del'Rey (...)

PC 003, 1867, p.13 (vass 05): MSS (?): (...) que amarrasse bem o escravo Manoel (nome posto pelo suplicado) (...)

PC 003, 1867, p.23v (vass 05): DTC (feitor): (...) que prendesse o Manoelzinho ao que ele testemunha retorquiu que o preto chamava-se Adão e não Manoel

PC 003, 1867, p.27 (vass 05): Adão (crioulo): (...) que o réu logo que chegou em sua fazenda mudou o nome dele testemunha e então daí em diante reconhecido pelo nome de Manoel (...) [em resposta o réu declara:] (...) não só não levou para sua casa o escravo Adão com a promessa de apadrinhá-lo e nem ainda o crismou com nome de Manoel (...)

PC 003, 1867, p.37 (vass 05): JSC (lavrador): (...) estando no Madruga (...) DT e ASF e João Cabeça (...)

PC 003, 1867, p.43v (vass 05): LLT (lavrador): (...) esse escravo fugido costumava a trabalhar em casa de Joaquim formiga, matador de formigas na fazenda de AMG (...)

PC 033, 1840, 12v (vass 03): Pedro Hinabane: (...) passando de manhã pela porta da senzala de José Crioulo (...) Disse que o José Crioulo que era um porco que tinha matado com o Pai Catráio (...) indo ele com João Congo pelo arrastão, viu uma cova e cavando com a cavadeira com que ia arrancar café achou a preta esperança enterrada (...)

PC 036, 1841, p.2 (vass 05): Participação: (...) foram testemunhas MJDC, intitulado – Serrador (...)

PC 092, 1849, p.5 (vass 05): AGA (lavrador): Disse que morando o Fortunato [Fortunato Ribeiro da Silva] (...) em casa dele testemunha como aprendiz do carpinteiro João Francisco da Costa, que lhe estava fazendo uma casa (...) No dia vinte e oito (...) veio Mestre João Francisco dizer (...) que [devia ir procurar] seu discípulo Fortunato que tinha sido espancado (...)

PC 046, 1853, p.14v (vass 03): ALC (carpinteiro): (...) sabe que os autores desta morte são JFG e um seu caxeiro cujo nome não sabe se não o primeiro, que é Manoel, aos quais tendo jogado como

de costume (...) com o dito escravo (...) ouviu também dizer a J e T dois irmãos gêmeos de AJS, por outra Antonio Ferreiro.

PC 046, 1853, p.21 (vass 03): MCF: (...) três pretos sendo um de nome Manoel Crioulo escravo da viúva do falecido JAP, sendo os outros um de nome Quintiliano e outro João Mineiro, escravos de CFS (...)

PC 046, 1853, p.41 (vass 03): FSC (negociante): (...) enquanto o caxeiro varria a casa, o crioulinho chegou para ele testemunha e lhe contou que seu Pai Quintiliano, Pai João e Manoel da Pedra haviam dado muita pancada no negro de seu Loló, acrescentando que a crioula Eva (...)

PC 046, 1853, p.67v (vass 03): Quintiliano, nat. Minas: Disse que estava preso por causa da morte de um preto do senhor Lolo perto da Água Santa.

PC 058, 1862, p.10 (vass 03): IFC (lavrador): (...) lhe dissera que um preto de Alexandre Polaco (...)

PC 062, 1864, p.9v (vass 03): José Cabinda: Perguntado qual o seu nome, respondeu chamar-se José Cabinda (...), Perguntado sua Nacionalidade, disse que veio de Loanda.

PC 062, 1864, p.22v (vass 03): José (nat. de Loanda): (...) ia passando com Adão de José da Rocha, Manoel Mulato de José de Souza e Anacleto do Guaribu (...)

PC 062, 1864, p.44v (vass 03): (...) a pistola era de um dos seus companheiros chamado Manoel Caboclo (...)

PC 065, 1866, p.34 (vass 03): José (nat. Vassouras): (...) por ter dado um tiro de pistola em uma sua parceira de nome Laura Crioula (...)

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): MM (feitor): fora chamado pelo capataz desta fazenda chamado José, conhecido por José Cozinheiro, para ir ver o escravo Felix que fora esfaqueado (...)

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): JJM (empregado na Fazenda): (...) ouviu que o capataz José Cozinheiro batia na porta do feitor MM (...)

PC 009 / 075, 1872, p.14v (vass 03): VAS (lavrador): (...) e aí chegando viu Felix com uma facada (...) responderam-lhe que fora seu parceiro Lino, o que foi confirmado pelo escravo Antonio Alfaiate (...) apresentando uma faca quebrada [que] fora achada no cubículo em que ele [réu] morava (...)

Padrinho

PC 020, 1872, p.34 (vass 02): Antonio natural prov. Minas (Antonio Bolieiro): (...) ouviu gritos de sua mulher, que sofria um castigo injusto, imposto pelo administrador da fazenda Manoel de tal, o que deu lugar a ele perder o uso da razão, porque na ocasião não tinha nem de quem se valer para pedir padrinho (...)

PC 010, 1877, p.19 (vass 02): Malaquias (nac. africano, nat. Benguela): foi encontrado por seu parceiro Izidoro que o aconselhara que o acompanhasse e apresentasse a seu senhor e que ele repondente não confiando no padrinho recusara-se a acompanhá-lo (...)

PC 015, 1878, p.10v (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): Diz que há muito tempo que andava de pontas com o feitor (...) a ponto de nunca atender as pessoas com quem ia apadrinhar-se

PC 015, 1878, p.88 (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): (...) à hora do almoço ele e seus parceiros se queixaram de ser a comida má e por isso o feitor Agostinho castigou a todos com relho dizendo que nada tinha com o preparo da comida. Que os seus parceiros foram tomar tomar padrinho, e ficando ele réu atrás ouviu o dito feitor Agostinho dizer que ele réu havia de pagar por todos (...)

PC 080, 1879, p. 21 (vass 02): Joaquim (nat. prov. Bahia): (...) dar muitas pancadas de relho, palmatória e o cabo do próprio relho e não atender nem a desculpas nem a padrinhos que os escravos davam por qual falta que tivessem cometido.

PC 041, 1836, p.9 (vass 05): JRM (lavrador): (...) estando em idade avançada e sendo muito doente, estava as vezes dias fora de sua casa, e que nessas ocasiões apareceram ali escravos de fora a apadrinhar-se e que o apenas tinha disto notícia ia levá-los a seu senhor.

PC 108, 1842, p. 7 (vass 05): José Cassange: No mesmo dia este Silvestre encontrando no caminho o moleque Calisto Moçambique, escravo de Maria que ia se apadrinhar com Manoel Valentim (...)

PC 092, 1849, p.19 (vass 05): Delminda (Crioula): (...) temendo ser castigada fugiu e voltou logo apadrinhada pelo alfaiate Hipólito (...)

PC 064, 1866, p.5v (vass 05): Ricardo (Moçambique): (...) seu parceiro trouxe a sua tarefa de café com terra e sujo (...) [este mesmo parceiro] evadiu-se e levou quatro dias fugido, findo os quais foi ter a casa da residência do Reverendo Pároco (...), achando-se mordido de uma cobra de cujo mal o referido sacerdote tratou-o e mandou comunicar a seu senhor (...)

PC 064, 1866, p.6v (vass 05): Francisco (nat. SFT): (...) findo os quatro dias fugido [seu parceiro Tibúrcio] foi apadrinhar-se com o Reverendo Vigário, achando-se mordido de uma cobra, pelo que o mesmo Vigário curou-o (...)

PC 064, 1866, p.17 (vass 05): Padre JFPS (nat. Prov. Pará): (...) apareceu em sua casa um preto de nome Tibúrcio (...) dizendo achar-se há quatro dias fugido, pedindo a intervenção dele para com seu senhor a fim de não ser castigado; declarando mais nessa ocasião o referido escravo (...) que quando de manhã se [ilegível] e dirigira-se à sua casa para o apadrinhar, fora mordido de uma cobra e já se sentia incomodado e privado de andar.

PC 064, 1866, p.22 (vass 05): FMS (lavrador): (...) estava em casa de JAOG [seu compadre] e que aí este lhe disse que o [seu] escravo Tibúrcio, afilhado dele testemunha, havia fugido e depois indo apadrinhar-se com o Reverendo Vigário desta freguesia, achando-se mordido de uma cobra (...)

PC 003, 1867, p.13 (vass 05): MSS (?): (...) o suplicado tratou-o [o escravo] sempre muito bem, pô-lo a trabalhar com os outros escravos e nunca mais falou apadrinhá-lo.

PC 003, 1867, p.37 (vass 05): LJSS (solicitador): (...) apareceu em sua casa o preto Adão seu afilhado de crisma (...) deu ao dito preto duas cartas, uma dirigida à mãe do autor e a outra ao mesmo autor (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) Ouviu ele informante o estalo da palmatória (...) ouviu também (...) Anastácio dissera Ai ! Senhor Joaquim quebrou minha cabeça (...) nesse inteirim ele informante fugira a ir apadrinhar com o senhor Dr. Cinto em Vassouras (...)

PC 079, 1878, p.32 (vass 05): Delfino (Crioulo): (...) o feitor ameaçou de castigar a todos (...) então ele informante fugiu para Vassouras e procurou a casa do Dr. Pinto de quem obteve uma carta de padrinho, voltando para fazenda no dia seguinte.

PC 079, 1878, p.33v (vass 05): Conrado (Crioulo): (...) ele e seus parceiros Anacleto e Delfim vieram para Vassouras procuraram o Dr. Pinto, deu-lhes uma carta para feitor (...)

PC 059, 1862, p.11v (vass 03): APM (lavrador): (...) ouvira que (...) tendo a preta Deolinda levado uns tapas da governanta da casa e que receando castigo maior correria com seu filho para se apadrinhar com o Dr. Telles (...)

PC 062, 1864, p.44v (vass 03): Disse que andava fugido há oito meses (...) que a sua viagem nessa ocasião era para vir à Vassouras e pedir ao Dr. Assis que lhe arranjasse venda por não querer ir mais para a casa de sua senhora.

PC 111, 1878, p.73 (vass 03): Anibal (nat. PA): (...) fugiu para se apadrinhar com José Mascarenhas (...)

População transeunte e liminar

PC 092, 1849, p.5 (vass 05): AGA (lavrador): Disse que morando o Fortunato [Fortunato Ribeiro da Silva] (...) em casa dele testemunha como aprendiz do carpinteiro João Francisco da Costa, que lhe estava fazendo uma casa (...)

PC 092, 1849, p.16v (vass 05): Miniluina Roza (livre) (nat. Prov. RJ): (...) indo a casa do réu [Franciso Marciano ou Mariano – livre/liberto: filho de escravos] afim de trazer umas embiras para tecer umas esteiras (...)

PC 092, 1849, p.19v (vass 05): Manoel do Sacramento (livre, lavrador) (nat. Bahia): (...) indo a sua mulher a casa do réu [Franciso Marciano ou Mariano – livre/liberto: filho de escravos] buscar umas imbiras (...)

PC 062, 1864, p.13v (vass 03): AON (pedreiro): Disse que estando em seu quarto em casa do CJBSW (...) *é casado*

PC 062, 1864, p.21v (vass 03): JAM (carpinteiro): (...) Disse que tendo vindo do serviço se recolhera ao seu quarto (...) *é casado*

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): JFC (empregado na Fazenda): (...) trabalhador atualmente na Fazenda do Secretário (...)

PC 078, 1876, p.35 (vass 03): BFC (pedreiro): (...) às sete da noite mais ou menos tendo entrado para seu quarto que fica no pavimento térreo da casa do comendador PJVA (...) que está trabalhando há quatro meses na fazenda (...)

Quilombolas e fugitivos

PC 115, 1856, p.22 (vass 02): Albino Crioulo: diz que seu parceiro José Crioulo é quem dava de comer a ele e seu parceiro Juvenal durante o tempo que estiveram fugidos.

PC 115, 1856, p.46v (vass 02): Maria (natural Mina): Perguntada se depois que seu parceiro Juvenal fugiu da casa de seu senhor ela nunca se encontrou com ele, respondeu que ia algumas vezes buscar ervas, porém nunca se encontrou com ele.

PC 083, 1880 p.10v (vass 02): Irineu (nat. freg. PA): (...) estando fugido foi a casa de negócio da Rocinha e aí comprou, de noite, uma garrafa com aguardente (...)

PC 083, 1880 p.38 (vass 02): Irineu (nat. freg. PA): (...) Bernardo dizendo também que estava fugido e que sabia um ponto da fazenda do Dr. Nogueira onde eles podiam apanhar café para vender, para aí se dirigiram e pernoitaram (...)

PC 092, 1849, p.8 (vass 05): Rafael (nasc: Prov Minas, termo de S. João del'Rey): (...) que depois de sua fuga, que fora direto aos cafés em cujo lugar se efetuou a prisão.

PC 092, 1849, p.40 (vass 05): Rafael (nat. Minas): (...) [fugindo] fora ao Morro da Vaca, e daí ao rancho do Juca em Matacães, onde pernoitara (...) que no dia seguinte foi até Matacães que daí voltara e pernoitara no rancho de roça da fazenda do Barão do Tinguá, onde no dia posterior fora preso por dois pretos da fazenda.

PC 003, 1867, p.43v (vass 05): LLT (lavrador): (...) esse escravo fugido costumava a trabalhar em casa de Joaquim formiga, matador de formigas na fazenda de AMG (...) [que o réu recomendara a seu feitor] que não lhe castigasse, visto ser ele um escravo fugido (...) e que aos domingos costumava trabalhar por fora de aluguel (...) e que o jornal era para o preto que isto sabe por ter ouvido dizer aos escravos do réu os quais afirmaram que seu senhor lhes davam os domingos (...) *(mais do que formar quilombos, tentativa de reinserção na sociedade, busca de novos esquemas ... incluindo a prisão como forma de aquisição da liberdade) ... o que não quer dizer que quilombos não fossem formados (...)*

PC 069, 1872, p.8 (vass 05): Antonio (nat. Pernambuco): (...) fez um rancho em terras de AP e aí vivia escondido comprando algumas vezes o que necessitava em uma venda próxima (...)

PC 069, 1872, p.12 (vass 05): Ofício: (...) ao aproximarem-se ao quilombo lhes saiu o preto que investiu com muita coragem (...) dizendo que não os temia, que pelo contrário eram poucos para ele (...) que este quilombola era o fragelo da humanidade (...) *PC para tratar da construção do quilombola como herói, na verdade interesse em livrar suas arbitrariedades + a própria construção do termo quilombo: autoridades o definem assim, eu já diria que ele passou a viver como um agredado ... meio escondido ...*

PC 069, 1872, p.27 (vass 05): João (?): (...) para irem prender um quilombola que estava morando nas roças de seu senhor (...)

PC 013, 1874, p.8 (vass 05): João Caetano (?): (...) que estando no cafezal do coronel A. oculto por se achar fugido (...)

PC 045, 1850, p.1 (vass 03): Traslado dos autos (participação): (...) [logo que o crime aconteceu o réu] evadiu-se, e voltando à noite em casa com destino talvez de vir buscar alguma coisa para melhor poder escapar foi presenciado por uma escrava (...) que o denunciou.

PC 045, 1850, p.7 (vass 03): JMB (lavrador): (...) à noite apareceu em casa de seu senhor, escondendo-se dos parceiros (...)

PC 055, 1860, p.2 (vass 03): Corpo Delito: (...) tendo tido aviso de FJM que no mato por de trás de sua casa se achava o rancho dos quilombolas, terror dos moradores deste lugar pelos roubos que praticam e a ousadia com que o fazem chegando a virem até os terreiros das fazendas armados, de facas, e um deles de pistola (...) lhe tem matado porcos, arrombando paióis (...) vendo o dito crioulo que ele quilombola era mais forte e ligeiro (...)

PC 061, 1863, p.15 (vass 03): Francisco (de Nação): (...) foi Rita encontrada [depois de fugir] num buraco de formigas (...)

PC 062, 1864, p.44v (vass 03): Disse que andava fugido há oito meses (...) que a sua viagem nessa ocasião era para vir à Vassouras e pedir ao Dr. Assis que lhe arranjasse venda por não querer ir mais para a casa de sua senhora.

PC 103, 1864, p.12v (vass 03): ABM (advogado): (...) acrescentando as pessoas da casa que o preto Silvino na tarde desse dia se havia evadido de casa e nessa noite voltara, introduzindo-se por uma janela ao lugar onde dormia a escrava (...)

PC 103, 1864, p.35v (vass 03): Silvino, nat. cidade Ceará: (...) voltou à casa dez para as onze horas afim de levar duas mudas de roupas, pois pretendia fugir para o [neriptorio ?.. ilegível] da cidade.

PC 099, 1867, p.34v (vass 03): Valentim (Moçambique): (...) sem embargo de seu atordoamento teve o instinto de correr ou fugir e meteu-se no cafezal onde ficou a dormir até alta noite, quando acordou foi ter a casa de seu parceiro Manoel (...)

PC 078, 1876, p.21 (vass 03): Julião (Bahia): Perguntado que destino tomou logo depois de ter praticado o crime; disse que foi para o mato e que considerando [ilegível ... deus?] veio entregar-se a esse juízo porque tinha certeza de ser capturado.

Relações familiares, amizades e etc.

PC 068, 1870, p.17 (vass 02): Marta natural da Costa da África: diz que chegando mais tarde do que os seus parceiros ao serviço e isto por ordem do seu senhor, por ela ter um filho ainda pequeno, o feitor Francisco a recebera com chicotadas (...)

PC 068, 1870, p.34 (vass 02): Eulália natural desta prov. do Rio de Janeiro (8 a 9 anos): diz que na segunda feira de manhã cedo, estando sentada num rancho do pomar velho tratando dos outros crioulinhos (...) e que gritou chamando a preta Guilhermina (...)

PC 068, 1870, p.53 (vass 02): Manoel Maranhão: diz ter cometido o crime por causa de sua companheira e seus filhos que eram maltratados pela vítima

PC 068, 1870, p.71 (vass 02): Manoel Maranhão: (...) tendo ela [sua mulher] por costume ficar fazendo mingau para as crianças e por isso não acudiu a forma (...)

PC 020, 1872, p.34 (vass 02): Antonio natural prov. Minas (Antonio Bolieiro): (...) ouviu gritos de sua mulher, que sofria um castigo injusto, imposto pelo administrador da fazenda Manoel de tal (...) Diz ainda que nas ocasiões em que seu senhor se achava na fazenda, que ali pancada era coisa que não se via, o que dava lugar a ele e seus parceiros viverem tranquilos e satisfeitos (...)

PC 020, 1872, p.65 (vass 02): Antonio natural de Minas (Antonio Bolieiro): diz que [sua mulher] chamava Eva, e que não sabe a idade, mas que é muito mais moça do que ele (...) Há de haver uns 14 anos [que estão casados]

PC 073, 1875, p.12 (vass 02): JASS (lavrador): (...) depois do jantar [Marcos] nessa noite saíra da fazenda sem consentimento do feitor para a casa de um vizinho e que na volta sendo repreendido (...)

PC 073, 1875, p.13 (vass 02): JGA (lavrador): se achando em sua casa na noite de sábado, aí aparecera o preto Marcos e Mariano (...) dizendo o segundo que obtivera licença do feitor para ir aí ver um pouco de fumo e o primeiro levava uma viola para ser afinada (...)

PC 073, 1875, p.28v (vass 02): Rita Francisca Barbosa: (...) Marcos tinha ido à casa de José Gomes agregado da fazenda de Matacães para afinar sua viola (...)

PC 015, 1878, p.4v (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): (...) escondeu-se atrás de um pé de café a espera do dito feitor Agostinho, foi quando passou o feitor e dando com o pé no pé dele interrogado – pois que já havia escuro – grita o feitor em ato de agarrá-lo para seu parceiro Sebastião: - agarra compadre, que aqui está o bicho – foi quando deu uma canivetada no feitor (...) *(para esta aliança feitor – Sebastião, capataz, ver também p.16v)*

PC 015, 1878, p.46v (vass 02): Sebastião (nat. Pernambuco): Disse mais que Agostinho era feitor de fazenda há cerca de um mês (...) Perguntado se o feitor maltratava os escravos, respondeu que o feitor queria que eles trabalhassem com coragem, porém que não maltratava os escravos (...) disse ainda que no tempo em que Agostinho era escravo, antes da morte de seu senhor, teve algumas disputas ligeiras com o réu, mas tornava-se logo às boas e não lhe consta que houvesse entre eles inimizade (...)

PC 117, 1838, p. 19v (vass 05): Belarmino Cabinda: (...) que pai Paolo o carregou (...)

PC 117, 1838, p. 29v (vass 05): Josefa de Nação Angola: (...) que ela fugiu porque obedeceu à voz do rei que era Manoel Congo (...)

PC 117, 1838, p. 30v (vass 05): Emília Conga: (...) que pai Manoel Congo, João Abgola e Manoel Pedro foi os que fizeram ela fugir (...)

PC 117, 1838, p. 31v (vass 05): Epifânio Moçambique: (...) que os cabeças eram João Angola, (...) e pai Ignácio Rebolo e que ele tinha ido por convite de Francisco Carapina (...)

PC 117, 1838, p. 46 (vass 05): Pedro Dias: Disse que chegara [Manoel Congo] e tomaria conta do governo deles.

PC 108, 1842, p. 7 (vass 05): José Cassange: (...) Silvestre (...) e José Mariano Crioulo, que era tratado de primo pelo Silvestre (...)

PC 108, 1842, p.12 (vass 05): Perpétua Felicidade da Conceição (preta forra, nat. freg. PA, costura e roça): (...) perguntando ela para quem fim era aquela comida, respondeu o dito Silvestre que era matulutagem para seu primo José Maria (...)

PC 108, 1842, p.13v (vass 05): Maria Eufrásia (de Nação Benguela, roça): (...) o réu Silvestre foi buscar carne seca, farinha e carne de porco em [ilegível] Antonio para matulutagem do dito José Maria, que ele o apelidava de primo (...)

PC 108, 1842, p. 14v (vass 05): CLC (lavrador): (...) sabe por ouvir dizer a Perpétua (...) apareceram em casa os moleques de JJL e MRV, comadre dela Perpétua (...) saindo a buscar provisões (...) que eram para matulutagem de seu primo [primo do réu] (...)

PC 092, 1849, p.22 (vass 05): Romão (Crioulo): Disse que tendo saído da novena e se dirigindo para casa (...)

PC 047, 1855, p.8 (vass 05): Rafael (nasc: Prov Minas, termo de S. João del'Rey): (...) se achou na noite do dia quinze em casa de Assumpção porque tinha por costume ir lá ir porque nessa casa era a onde se lavava a sua roupa.

PC 047, 1855, p.17v (vass 05): JGA (vive de seus bens): (...) no quarto da preta Delminda se achou uma camisa e par de calças que diz ela ter o réu dado para lavar.

PC 047, 1855, p.19 (vass 05): Delminda (Crioula): (...) Disse que tendo ela um filho dele [Rafael], o qual morreu, e procurando depois deixar e fugir do mesmo Rafael, ele por essa razão sempre a andava espancando (...)

PC 047, 1855, p.28v (vass 05): JPM (carpinteiro, pardo): (...) disse que um compadre do réu [Rafael] de nome Martiniano, que muito o estima, em conversação muitos dias depois da prisão do réu (...) lhe dissera que a apunhalada que o réu havia dado em Cunha não era efetivamente para ele e sim para um Joaquim Lucas, empregado em casa de RDSA, por causa de uma negra amásia do réu (...) que isso que dissera (...) nunca diria em Juízo, quando fosse chamado, porque a amizade que consagrava ao réu seu compadre faria com que ele sofresse mil torturas até mesmo decepar-lhe a cabeça.

PC 047, 1855, p.2 (vass 05): Denúncia: Este escravo Rafael costumava freqüentar a casa de Assumpção e vivia com uma ou algumas escravas suas em freqüentes desordens, e para as evitar e acabar com o escândalo, que delas provinha Assumpção ordenou que não queria que pisasse mais

em sua casa o escravo turbulento (...) nessa ocasião [Rafael] se achava reproduzindo as desordens esbordoando as escravas d'Assumpção, mas que com a chegada deste pudera se ocultar (...) isto com a proteção da noite e de algumas escravas da casa (...)

PC 053, 1859, p.4 (vass 05): Ignácio (nat. Costa da África): Disse que indo no domingo, 25 do mês passado, em direção à roça do escravo Paulo, pertencente à Fazenda do Buraco da Onça a falar com o mesmo para lhe pedir umas mudas de cará (...) lhe retorquiu o dito feitor que o que lhe parecia era que ele tinha alguma amizade com as negras da fazenda (...)

PC 003, 1867, p.37 (vass 05): LJSS (solicitador): (...) apareceu em sua casa o preto Adão seu afilhado de crisma (...) deu ao dito preto duas cartas, uma dirigida à mãe do autor e a outra ao mesmo autor (...)

PC 070, 1867, p.20 (vass 05): Gabriel de Nação Benguela: (...) que seu parceiro Rodrigo quis brigar com ele e lhe disse que na sua ausência ele respondente tinha falado mal dele e que seu parceiro Rodrigo quis lhe bater com um relho, então ele respondente lhe disse que não tinha falado mal de ninguém e que fosse embora, ao que seu parceiro Rodrigo lhe retorquiu, dizendo que o que lhe valia era o senhor Vicente que estava no Rancho perto da senzala dele respondente. *fronteira da fofoca HL-Evo*

PC 070, 1867, p.27 (vass 05): Helena (Nação Cabinda): Perguntada se o escravo Rodrigo era seu amante, respondeu que era; perguntada se ela antes de ser amásia do escravo Rodrigo não tinha sido também amásia de Gacriel, respondeu que primeiro foi amiga de Gabriel e que agora era de Rodrigo (...) Disse que não sabe se houve alguma dúvida entre eles (...) Disse que o escravo Rodrigo dava [sua roupa para lavar] e que mesmo domingo ele lhe deu a calça e a camisa que estavam sujas para lavar (...)

PC 112, 1835, p.20 (vass 03): Antonio Cabinda: (...) Disse que [seu filho] tinha ido buscar o almoço (...) e que [o filho mais pequeno] estava no Rio.

PC 033, 1840, 11 (vass 03): JCS (feitor): tendo chamado a gente da fazenda para ir para o serviço, deu falta da negra Esperança e perguntado ao marido dela, José Crioulo, ele lhe respondera que ela tinha saído de casa mais cedo que ela (...)

PC 045, 1850, p.6 (vass 03): JGS (lavrador): (...) sabe que o preto Valentim coabitava com a preta Joaquina a qual se achava grávida (...)

PC 045, 1850, p.7 (vass 03): JMB (lavrador): (...) que o preto Valentim andava emancipado com a preta Joaquina, a qual estava grávida (...)

PC 058, 1862, p.22v (vass 03): Bonifácio (Angola): Disse que quem tem a culpa disso é o capataz seu parceiro, que os vendo sempre em brigas, não dava razão a um nem a outro.

PC 059, 1862, p.16 (vass 03): Jacinto de Nação: (...) para ver se salvava a criança que era seu afilhado (...)

PC 061, 1863, p.13 (vass 03): MAM (lavrador): (...) Sabe por ouvir dizer que a Rita fugiu em consequência de uma briga que tivera com uma preta velha sua parceira (...)

PC 116, 1875, p.14 (vass 03): Felisberto (nat. Bahia, 14): O ofendido teimou dizendo cantava/cantara (?) com moleques e que se ele dessidess-se/duvidasse (?) lhe dava uma bofetada. O fensor feri-lhe que ele ofendido não era capaz de dar-lhe porque se achavam juntos dos parceiros

mais velhos. Apesar dessa reflexão tão justa e tão apreciada numa classe tão infame, o ofendido não atendendo o que acabava de ouvir caiu sobre o conduzido dando-lhe algumas bofetadas. O conduzido tentou desviar-se do ofendido e não sabe por conseguinte se nessa ocasião involuntariamente a pequena faca que trazia consigo tivesse ferido seu parceiro pois que não tinha semelhante tenções, ao contrário, havia completa harmonia entre ele e seu infeliz parceiro Fabio.

PC 116, 1875, p.23v (vass 03): AP (feitor de terreiro): Ouviu dizer que (...) Fabio dizendo que lhe dava um tapa [em seu parceiro Felisberto], Felisberto fez observar que ele não daria diante dos parceiros mais velhos que ali estavam. Fabio, pondo de parte estas considerações atirou-se a Felisberto e deu-lhe algumas bofetadas (...)

PC 116, 1875, p.25v (vass 03): Eleutério: (...) ao que Fabio lhe respondeu que lhe dava uma bofetada. Felisberto disse que ele não era capaz de tal e a testemunha aconselhou a Fabio que não batesse em seu parceiro. Fabio não atendendo à observação que tinha recebido da testemunha atirou-se sobre o ofensor (...)

PC 116, 1875, p.30v (vass 03): Curador: (...) o ofendido era filho da fazenda e tem parentes aí e o ofensor foi comprado há um ano, o que no meu entender era motivo para os informantes escravos fazerem carga ao ofensor, visto o ofensor ser parceiro antigo, atendendo ainda que no dia do conflito os escravos preparavam-se para a festa do natal do dia seguinte e por conseguinte havia mais animosidade, e essa podia ser produzida pelo álcool (...)

PC 116, 1875, p.48v (vass 03): Eleutério: (...) pediu a Fábio não desse em Felisberto e Fábio não fez caso de seu pedido (...)

PC 078, 1876, p.41 (vass 03): Emília (parda): (...) Disse que era verdade que LQ [enfermeiro] havia dado à Honorata dois cortes de vestido, mas que desconfia ser em retribuição de uns pássaros que Honorata havia criado.

PC 078, 1876, p.59v (vass 03): DPL (administrador): (...) quanto aos presentes dados por LQ à Honorata, soube depois que isso deu-se. Que gostando LQ de criação de pássaros encarregou à Honorata de cria-los [ilegível] promessa de gratificação, que tendo Honorata prestado esse serviço, Luiz Querino a gratificou dando-lhe algumas fazendas.

PC 078, 1876, p.66 (vass 03): Emília (parda): (...) Disse que LQ deu à Honorata duas saias de chita porque Honorata lhe criou uma sabiá, não sabendo porém se o presente foi por causa da sabiá ou por qualquer outro motivo (...)

PC 078, 1876, p.69 (vass 03): Margarida: (...) Disse que LQ tinha mania de criar sabiás e que presenteava seus amigos que costumava dar umas saias a pessoa que se encarregava desse serviço, e tendo Honorata tomado por algum tempo a seu cargo de criação dos sabiás deu-lhe LQ duas saias de chita ordinária.

PC 078, 1876, p.75 (vass 03): AAS (feitor de roça): (...) ouviu gritos da mãe de Honorata e suas parentas (...)

PC 111, 1878, p.27v (vass 03): Anibal (nat. PA): Perguntado há quanto tempo convivia com Celestina na mesma senzala, respondeu que há três anos (...)

PC 082, 1879, p.19v (vass 03): Umbelino (nat. Prov. RJ): Perguntado porque não tendo ele encontrado a falecida com outro seu parceiro não fez menção ao feitor ou administrador para dar providências (...) Disse que não fez menção (...) porque entendeu que as observações que por esses

fossem feitas a falecida de nada serviam porque ela naturalmente continuaria os mesmos desmandos (...)

Relações de trabalho

PC 115, 1856, p.17v (vass 02): Victorino de nação Congo: (...) ouvira dois gritos que conhecera ser de seu senhor, que a estes gritos o Pai Antonio, capataz, mandou parar as enchadas (...)

PC 115, 1856, p.111 (vass 02): JLRC, lavrador: (...) cujo arrendamento lhe pagava em milho e dinheiro (...)

PC 068, 1870, p.17 (vass 02): Marta natural da Costa da África: diz que chegando mais tarde do que os seus parceiros ao serviço e isto por ordem do seu senhor, por ela ter uma filho ainda pequeno, o feitor Francisco a recebera com chicotadas (...)

PC 068, 1870, p.18 (vass 02): Guilhermina natural da Costa da África: (...) um corpo (...) que lhe pareceu ser o do feitor Francisco, e que o supondo morto correu a chamar o capataz que é o preto Domingos (...)

PC 068, 1870, p.19v (vass 02): Domingos natural de Pernambuco (capataz): (...) porque foi o feitor Francisco quem ordenou a ele testemunha o castigo da preta Martha (...)

PC 068, 1870, p.27v (vass 02): ASA (feitor de terreiro): (...) o mandara [o capataz de roça, o preto Domingos] para o lugar do acontecimento em companhia de uma preta enfermeira da fazenda, com o fim não só de tomar conta da gente que tinha ficado sem feitor, como para prestar socorros ao feitor Francisco (...)

PC 068, 1870, p.27v (vass 02): ASA, feitor de terreiro: (...) era nele réu [Manoel Maranhão] que o dito feitor depositava mais confiança, a ponto de o chamar para as rondas de tocaias (...)

PC 068, 1870, p.71 (vass 02): Manoel Maranhão: (...) tendo ela [sua mulher] por costume ficar fazendo mingau para as crianças e por isso não acudiu a forma, bem como por não ter ordem de seu senhor para fazê-lo, o dito feitor constantemente levava isso a mal e castigava (...)

PC 020, 1872, p.14v (vass 02): Luís Congo: diz que faltando algumas escravas à forma da noite do domingo passado, o administrador MG mandou metê-las no tronco quando chegaram. Segunda feira pela manhã o administrador chamou a ele [que era feitor] para castiga-las, quando ele deu a primeira relhada (...) ouviu um tiro [assassinando o administrador] (...)

PC 073, 1875, p.15 (vass 02): José Mina: (...) lhe disse o feitor que havia de afinar a viola nas costas, ao que Marcos replicou que não merecia ser castigado porque era véspera de dia santo, e que esperasse o dia seguinte, e que esperasse o dia seguinte em que seu senhor vinha à fazenda para decidir se ele devia ser castigado (...)

PC 073, 1875, p.35 (vass 02): José Mina: (...) Marcos então lhe disse [ao feitor] que seu senhor nunca lhe tinha proibido de afinar a viola (...) que se quisesse castigar esperasse por seu senhor que vinha no Domingo (...)

PC 073, 1875, p.4 (entre 64 e 65) (vass 02): Marcos (filho do Rio Grande do Sul): (...) o senhor Manoel feitor entrando para varanda disse: - eu hoje acabo com viola e violeiro e tudo (...) falando sozinho : - não sei pra que essa proibição, hoje é sábado a gente podia se divertir , e que seu senhor não se importava com isso – dizendo isso, ouviu a voz do feitor dizendo ‘que governa aqui sou eu e não seu senhor e saia cá pra fora’ (...)

PC 008, 1877, p.5 (vass 02): Declaração: (...) o feitor (...) [recebeu] golpes de enxada (...) graves ferimentos na cabeça (...) O autor (...) foi preso em flagrante pelo senhor Felisbino Francisco Ramos que também se achava trabalhando na mesma lavoura (...)

PC 008, 1877, p.10 (vass 02): FFR (lavrador): (...) estando trabalhando no eito conjuntamente com os escravos de JPS o feitor dos mesmos deu ordem de retirada para casa (...)

PC 008, 1877, p.17v (vass 02): FFRJr. (trabalhador de enxada): (...) em um sábado (...) estava na fazenda Floresta pertencente a JPS trabalhando na roça; eram três da tarde mais ou menos e estando dentro de um rancho ouviu o feitor Costa dar ordens aos pretos para conduzirem para casa trens de cozinha (...)

PC 008, 1877, p. 22v (vass 02): Manoel (africano): (...) tendo o feitor acabado o serviço no sítio chamado da Firmeza deu ordem aos escravos que levassem o trem de cozinha para Mato Dentro para jantar; que os escravos pegaram em algumas peças (...) nessa ocasião saiu Felismino de seu rancho correndo (...) disse mais que o feitor era homem velho e que somente dava nos escravos quando esses mereciam (...)

PC 010, 1877, p.10 (vass 02): MC (feitor): diz que tendo o preto que costuma todos os dias ir em companhia do assassinado ao moinho da fazenda buscar fubá para o consumo dos escravos que trabalham na roça (...)

PC 010, 1877, p.14v (vass 02): Izidoro Pagem: (...) que [o feitor assassinado] lhes dava ao contrário bons conselhos (...)

PC 010, 1877, p.16v (vass 02): Pedro Mineiro: (...) que conhecia o assassinado [feitor] desde o tempo em que seu senhor morava em Minas, e que sempre foi muito bom homem, que dava a ele e a seus parceiros bons conselhos (...)

PC 010, 1877, p. 34v (vass 02): AJS (lavrador): Perguntado se o finado feitor tomava conta da gente, respondeu que não, tomava conta do terreiro, paióis, moinho, engenho e jardim (...)

PC 010, 1877, p. 37v (vass 02): Pedro (crioulo): Diz que o feitor Joaquim era feitor do terreiro, tomava conta dos paióis, engenho, moinho e jardim, e nunca se envolveu com a feitoria dos pretos da fazenda.

PC 010, 1877, p. 39 (vass 02): Manoel (Congo): (...) não havia motivo algum, antes pelo contrário, o finado tratava o réu até com carinho e não se envolvia com a feitoria dos escravos e sim tomava conta dos paióis, engenho, moinho e jardim.

PC 015, 1878, p.46v (vass 02): Sebastião (nat. Pernambuco): Disse mais que Agostinho era feitor de fazenda há cerca de um mês (...)

PC 080, 1879, p.3 (vass 02): Participação: (...) JBO (...) que se achava hospedado em minha casa , o qual tinha há tempos como meu feitor, e como tivesse um pequeno crime (...) onde saía absolvido, estaca ele a ver se arranjava outros modos de vida porque não queria mais a vida de feitor (...)

PC 080, 1879, p. 11 (vass 02): Gil (nat. Costa da África): (...) que Bastos [feitor] fora de novo posto na fazenda por seu senhor para ensinar os escravos (...)

PC 080, 1879, p.17 (vass 02): Quintiliano (nat. freg. SSF): (...) Bastos [feitor] era muito mau e havia voltado para fazenda para ensinar os escravos.

PC 080, 1879, p. 24 (vass 02): MFM (lavrador): Respondeu que [Bastos] havia sido feitor uns 6 ou 8 meses, porém que na ocasião em que deu-se o fato era hóspede e que quando feitor em princípio empregou rigor até por os escravos em regimem a que conseguido principiou a tratá-los com mais brandura.

PC 080, 1879, p. 25 (vass 02): FGC (lavrador): Disse que [Bastos, feitor] no princípio empregou algum rigor mesmo porque os escravos precisavam, mas que nunca empregou castigos severos demais e sim só o que mereciam, porém que logo que conseguiu pô-lo em regimem tornou-se até bom demais para eles.

PC 003, 1867, p.31v: GGL (lavrador): (...) o réu chamou seu pagem e mandou dizer ao feitor (...)

PC 003, 1867, p.43v: LLT (lavrador): (...) esse escravo fugido costumava a trabalhar em casa de Joaquim formiga, matador de formigas na fazenda de AMG (...) e que aos domingos costumava trabalhar por fora de aluguel (...)

PC 092, 1849, p.28v (vass 05): JPM (carpinteiro, pardo): (...) apareceu o réu [Rafael] e em conversação lhe disse (...) que estava disposto a tomar dele [vítima e outro] vingança, fazendo-lhes deitar as tripas de fora. A vista de tal ameaça ele ridicularizou-o, disse-lhe isso é muita tripa para se deitar fora, devendo você refletir antes no seu cativo do que fazendo tais ameaças (...)

PC 051, 1858, p.12 (vass 05): Antonio (de Nação): (...) porquanto, como parceiro do morto e por natureza inimigos dos feitores, sempre dizem quando podem cousas sobre eles (...)

PC 070, 1867, p.85 (vass 05): Rodrigo (nat. da Costa): (...) pediu licença ao feitor para ir comprar aguardente e saiu depois de ter salvado a seu senhor (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) o senhor Joaquim feitor dissera-lhe que se não fosse a roça dali em diante, que iria um outro feitor branco para o mandar (...)

PC 007, 1828, p.23v (vass 03): DFSG (lavoura): (...) Estando dentro em sua casa na noite do dia (...) tomando conta do mencionado crioulo Joaquim do serviço da roça porque era o seu feitor (...) [DF é senhor do dito escravo]

PC 114, 1845, p.7v (vass 03): Antonio, Nação Moçambique: Disse que estando como sempre servindo de feitor da roça (...)

PC 046, 1853, p.45 (vass 03): JAS (lavoura): Disse que era agregado do queixoso (...) e que derrubava em casa do mesmo e ia dormir a sua casa todas as noites (...) Estando ele trabalhando em uma derrubada do autor soube por o preto do mesmo que lhe foi levar o almoço (...)

PC 046, 1853, p.41 (vass 03): FSC (negócio): (...) o caxeiro confirmou [que a crioula Eva tinha apanhado muito por ordem do seu senhor] (...), dizendo que ele mesmo tinha dado os bolos na crioula por ordem de seu amo (...)

PC 075/009, 1872, p.18 (vass 03): JMS (trabalhador): Disse que conhecia [o escravo Lino], pois que já trabalhou com ele, que cumpria bem com sua obrigação.

PC 116, 1875-1876, p.6 (vass 03): BM (fazendeiro): (...) o remeterei [o delinqüente] logo que empregados meus de minha confiança o possam conduzir, e então levarão também o instrumento do delito (...)

PC 084, 1880, p.80 (vass 03): FQ (feitor e derrubador): (...) na qualidade de feitor dos escravos que trabalhavam no sítio e também acompanhava os escravos que tinham de ser vendidos (...)

PC 084, 1880, p.101 (vass 03): FQ (feitor e derrubador): (...) prestava serviços na qualidade de feitor (...)

Roça de escravo e aluguel

PC 020, 1872, p.65 (vass 02): Antonio natural de Minas (Antonio Bolieiro): Que em um domingo (...) não se lembra de que mês, tendo acabado de satisfazer as suas obrigações, seria uma hora depois do meio dia, quando assim como seus parceiros, se dirigiu para sua roça. As três para quatro da tarde o feitor chamou à forma os escravos, e tendo faltado a ela a mulher dele e mais três (...). Ao chegar de sua roça ao anoitecer soube que sua mulher se achava no tronco (...)

PC 003, 1867, p.43v: LLT (lavrador): (...) e que aos domingos costumava trabalhar por fora de aluguel (...) e que o jornal era para o preto que isto sabe por ter ouvido dizer aos escravos do réu os quais afirmaram que seu senhor lhes davam os domingos (...)

PC 052, 1858, p.12 (vass 05): Jorge (de nação Angola): (...) disse [que no domingo] só fazem um pequeno serão em casa e depois vão para as suas roças (...)

PC 053, 1859, p.4 (vass 05): Ignácio (nat. Costa da África): Disse que indo no domingo, 25 do mês passado, em direção à roça do escravo Paulo, pertencente à Fazenda do Buraco da Onça a falar com o mesmo para lhe pedir umas mudas de cará (...)

PC 053, 1859, p.15 (vass 05): PCR (lavrador): (...) indo Ignácio pedir a seu parceiro Paulo umas mudas de Cará para platar (...)

PC 054, 1860, p.7 (vass 03): JJM (lavrador): (...) sendo o dito Benedito bom escravo (...) durante o tempo que serviu ele testemunha dera-lhe um sítio com cafezais em terras suas para ele Benedito morar com sua mulher, o que teve lugar logo depois de efetuado o casamento (...)

PC 060, 1862, p.27 (vass 03): Victor (de Nação Africana): Disse que é cativo de MAM e trabalhava no que seu senhor o manda, mas que presente, trabalha como carrceiro das carroças de JP, onde seu senhor o tem alugado.

PC 099, 1867, p.34v (vass 03): Valentim (Moçambique): (...) Disse que no dia de ano bom ao amanhecer saiu de sua senzala foi a casa de um parceiro que cria galinhas de nome Ancelmo, (...) quando acordou foi ter a casa de seu parceiro Manoel que também cria galinhas (...)

Rotina do trabalho escravo

PC005, p.4: JSS feitor, casado: relato: descendo da roça com os escravos de seu amo (...) mandara pedir farinha pelo morto e o preso, serão 8 para as 9 da noite mais ou menos (...) e que acabara a farinha de se medir, retirou-se para sua casa distante da fazenda ½ légua (...)

PC114, p.7v: Antonio de nação Moçambique: relato: que estando como sempre servindo de feitor da roça aí aparecera o preto Antonio Rebollo, chamando-o por ordens de seu sr. ao preto Damásio, que aí estava trabalhando, acrescentando mais que o acompanhasse (...) o que Damásio recusou a fazer por ter ..ilegível (depopor?).. pelo fujão onde tinha deixado a chave de sua senzala

PC 115, 1856, p.14 (vass 02): José Crioulo diz que na quarta feira, dia de São José, de manhã estando ele com os seus parceiros a capinar café (...)

PC 115, 1856, p.15 (vass 02): João Crioulo diz que estando na quarta feira, dia de São José, de manhã na limpa dos cafés com os outros seus parceiros (...)

PC 115, 1856, p.18 (vass 02): Bonifácio de nação Munjolo: diz que estando a trabalhar no eito no dia de São José, de manhã ouvira dois gritos (...)

PC 068, 1870, p.24 (vass 02): JJT, lavrador: (...) o feitor fazia o seu fiel [o réu], chamando-o para rondas noturnas em procura de escravos fugidos.

PC 068, 1870, p.71 (vass 02): Manoel Maranhão: (...) tendo ela [sua mulher] por costume ficar fazendo mingau para as crianças e por isso não acudiu a forma (...)

PC 020, 1872, p.34 (vass 02): Antonio natural prov. Minas (Antonio Bolieiro): sua mulher tinha sido recolhida [ao tronco] por motivo insignificante, depois de chegar do serviço da colheita de arroz, e por ordem do mesmo administrador (...)

PC 020, 1872, p.65 (vass 02): Antonio natural de Minas (Antonio Bolieiro): Que em um domingo (...) não se lembra de que mês, tendo acabado de satisfazer as suas obrigações, seria uma hora depois do meio dia, quando assim como seus parceiros, se dirigiu para sua roça. As três para quatro da tarde o feitor chamou à forma os escravos, e tendo faltado a ela a mulher dele e mais três (...). Ao chegar de sua roça ao anoitecer soube que sua mulher se achava no tronco (...).

PC 073, 1875, p.12 (vass 02): JASS (lavrador): (...) indo ver a sua fazenda de Matacões aí chagara pouco antes das ave-marias demorando-se aí até depois do jantar dos pretos, neste tempo mais retardado por causa da colheita do café, falara ao feitor sobre diversos serviços e pouco tempo depois às sete horas mais ou menos retirou-se para sua fazenda de Ferreiros distante pouco mais ou menos meia légua (...)

PC 073, 1875, p.51v (vass 02): Agostinho (crioulo): (...) foi para o seu quarto jantar, estava jantando quando ouviu na varanda gritos (...)

PC 073, 1875, p.81: Marcos (natural prov. RGS): (...) tendo deixado de comparecer à chamada para reza que tinha lugar às oito horas da noite (...)

PC 010, 1877, p.11v (vass 02): AJS (lavrador): (...) sendo-lhe dito por um moleque que pastorava o gado (...)

PC 077, 1877, p. 9 (vass 02): JRC (nat. prov. RJ): (...) ouviu (...) Paula Valle ordenar que tocasse o sino para formar a gente (...)

PC 077, 1877, p.11v (vass 02): Januária (crioula): (...) estando recostada nua das portas da casa onde achavam-se seus parceiros sevando mandioca, à pouca distância do lugar do terreiro (...) seguiu [Thomaz] imediatamente cortou o capim e trouxe tempo este que os demais seus parceiros foram arrancar inhame; tendo vindo e chegado em casa primeiro Thomaz e depois os outros às ave marias e daí seguiram todos para a casa da mandioca, com a exceção de Thomaz que dando falta dele o feitor mandou chama-lo e ele compareceu e nessa foi raspar mandioca com os outros seus parceiros em turnos divididos dos outros que sevavam;tendo concluído o turno que raspava de cujo número fazia parte Thomaz primeiro dos que sevavam, esperavam aqueles a estes que concluíssem a sua tarefa (...)

PC 077, 1877, p.79 (vass 02): Thomaz, nat. da BA: (...) tendo seu senhor dado ordem de lavar a prensa de fazer farinha a ele interrogado e a um seu parceiro Roque (...) tirou a espingarda [de caça] e o embornal [do quarto do feitor] e escondeu-a no quarto do capim e foi para casa da farinha conservando-se entre seus parceiros (...)

PC 015, 1878, p.4v (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): (...) às nove horas do dia estando almoçando com seus parceiros apresentou-se-lhe o feitor Agostinho trocando-os para o serviço de capina de feijão dando-lhes de relho para furarem/fazerem (?) o eito, ao que eles obedeceram (...) às cinco da tarde largando o serviço foram arrancar inhame e seriam oito horas da noite quando indo aproximando-se da casa escondeu-se atrás de um pé de café a espera do dito feitor Agostinho (...)

PC 080, 1879, p. 14: Manoel (nat. prov. RJ): (...) que o serviço não podia adiantar-se mais em razão do café estar pequeno e das covas de milho plantados na véspera não poderem ser tocadas pelas enxadas, então Bastos desenrolando o chicote (...) que [a morte se deu]em uma derrubada próxima ao açude de seu senhor e onde há plantações de café novo.

PC 080, 1879, p. 21 (vass 02): Joaquim (nat. prov. Bahia): (...) trabalhando com seus parceiros na capina de uma palha em que há café novo e milho plantado mas ainda não nascido (...)

PC 083, 1880 p.68 (vass 02): Bernardo (nat. freg. PA): (...) insistiu em fazê-lo trabalhar apesar de ter dado parte de doente (...)

PC 051, 1858, p.6 (vass 05): JD (feitor): (...) na ocasião em que eles se achavam fazendo milho no paiol (...)

PC 051, 1858, p.12 (vass 05): Antonio (de Nação): (...) tendo vindo da roça (...) a noitinha depois do corte do capim, estava em casa de seu senhor no paiol trabalhando em milho com seus parceiros (...) entrou o réu e fechando a porta (...)

PC 051, 1858, p.23 (vass 05): FGC (lavrador): (...) conhece o feitor há dois meses mais ou menos e que até em sua própria casa foi ele trabalhar com os mesmos escravos de Manço (...)

PC 064, 1866, p.5v (vass 05): Ricardo (Moçambique): (...) seu parceiro trouxe a sua tarefa de café com terra e sujo (...)

PC 064, 1866, p.21 (vass 05): Pedro (nat. Freg. SFT): (...) Esteve pelo espaço de três semanas trabalhando em uma derrubada de FJA (...)

PC 064, 1866, p.23 (vass 05): Lucas de Nação: (...) foi para o trabalho de fazer cerca em casa de seu outro senhor JLC (...)

PC 064, 1866, p.39 (vass 05): Lucas (nac: Africano, nasc: Benguela, nat: Costa da África): (...) Achando-se em poder de JAOG, a quem seu senhor o havia entregado, tendo-se retirado temporariamente desta freguesia (...)

PC 003, 1867, p.25v (vass 05): Clemente (de nação Cabinda): (...) passando em terras do réu viu os pretos trabalhando no arrozal e na ocasião do almoço o feitor convidou-o para almoçar (...)

PC 003, 1867, p.27 (vass 05): Adão (crioulo): (...) [estava] trabalhando na barreira tirando barro para telha (...)

PC 070, 1867, p.24 (vass 05): Jorge Benguela: (...) sábado à noite ele saiu conjuntamente com seus parceiros (...), todos com licença do feitor, logo que chegaram do serviço, e antes da forma, e foram a casa de negócio (...).

PC 079, 1878, p.13 (vass 05): JFS (feitor): (...) Ao romper do dia, depois de distribuir os mantimentos foi ao quarto de Anastácio e encontrou-o sem fala (...)

PC 079, 1878, p.15 (vass 05): Severino (Crioulo): Disse que quarta feira (...) pelas sete horas da noite, ele como capataz da gente a essa hora chegou a casa vindo do serviço acompanhado dos mais escravos, mandou-os formar como do costume para rezarem e salvarem (isto é tomar louvado) e depois receberem ordem para se acomodarem (...)

PC 079, 1878, p.16v (vass 05): Alexandre (Crioulo): (...) estava no açude que é um pouco distante da casa e do terreiro, aí amarrando umas palhas de esteira (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Anacleto (Crioulo): Disse que na quarta feira, nove do corrente, ao avizinhar-se a noite vindo ele da roça, trazendo um braçado de tábua, ao chegar ao galinheiro vizinho à biquinha e perto do terreiro da casa aí encontro-se com o senhor Joaquim feitor e este lhe perguntou se era aquela tábua só que levava, respondeu que não, que não era só aquela porque o mais já tinha na sanzala para concluir a esteira, o senhor Joaquim feitor dissera-lhe que se não fosse a roça dali em diante, que iria um outro feitor branco para o mandar, e daí seguiu ele informante ao passar pelo terreiro, em frente a sua sanzala deixou o braçado da tábua e seguiu para o lugar da forma e minutos depois tocou o capataz o sino para formar a gente e formados rezaram e tomaram louvado e dispersados seguiram para suas sanzalas, excetuando Anastácio e André que dirigiram-se a cozinha (...)

PC 005, 1822, p.4 (vass 03): JSS (feitor): Disse que descendo da roça com os escravos do seu amo (...) mandava medir farinha pelo morto e o preso, serão oito para nove horas da noite (...)

PC 033, 1840, 12v (vass 03): Pedro Hinabane: Disse que indo arrancar mudas de café e passando de manhã pela porta da senzala de José Crioulo (...)

PC 045, 1850, p.13 (vass 03): Valentim (Moçambique): Disse que estava armando mondéo no mato

PC 045, 1850, p.32v (vass 03): Valentim (Moçambique): Disse que se achava no mato tirando cipó para fazer cestos (...) disse que era verdade achar-se nesse dia fazendo mordéos e bem assim tirando cipós para cestos

PC 019, 1853, p.8 (vass 01): JSP (preto forro, nat.MG): (...) voltando do seu trabalho às quatro horas da tarde (...) quando estava juntando a sua ferramenta para ir embora (...) [JSP é carpinteiro]

PC 055, 1860, p.8 (vass 03): João (Crioulo): Disse que é escravo do CJJB e por isso não tem profissão certa em razão de não poder dispor de tempo algum, mas que seu senhor quase sempre o manda trabalhar na lavoura.

PC 060, 1862, p.27 (vass 03): Victor (de Nação Africana): Disse que é cativo de MAM e trabalhava no que seu senhor o manda, mas que presente, trabalha como carroceiro das carroças de JP, onde seu senhor o tem alugado.

PC 060, 1862, p.31 (vass 03): Exame dos autos: (...) carroceiro, que então dormia em uma das carroças e levantando o encerado que a cobria viu passa o réu (...)

PC 060, 1862, p.48v (vass 03): Victor (nat. Costa da África, Nação Cassange): Disse que estava [na hora do crime] nesta cidade, nas carroças de JP defronte da casa deste. (...) meia noite, estando a dormir dentro de uma carroça (...)

PC 062, 1864, p.11 (vass 03): MBC (feitor): (...) Disse [conhecer o réu José Cabinda] (...) e que era escravo de D.Paulina e serviu de Pagem à JV

PC 062, 1864, p.16v (vass 03): Adolfo, de Nação: (...) era ocasião dos pretos serem fechados [por volta das nove ou dez horas da noite] (...)

PC 065, 1866, p.34 (vass 03): José (nat. Vassouras): (...) por ter dado um tiro de pistola em uma sua parceira de nome Laura Crioula, o que aconteceu em um sábado e em tempo de apanhar café, seria sete horas da manhã.

PC 078, 1876, p.37v (vass 03): Florinda (servente da enfermaria): (...) às sete horas da noite mais ou menos, estando na cozinha da enfermaria (...)

PC 078, 1876, p.38v (vass 03): Margarida: (...) às sete horas da noite mais ou menos, estando na cozinha da enfermaria fazendo um chá (...)

PC 078, 1876, p.40 (vass 03): Marcelina: (...) às sete horas da noite, mais ou menos, chegando da roça (...)

PC 078, 1876, p.41 (vass 03): Emília: (...) às sete horas da noite, mais ou menos, vindo da roça (...)

PC 078, 1876, p.55v (vass 03): MMR (lavrador): (...) o feitor lhe contou que ao largar o serviço da roça mandara alguns pretos, inclusive Julião, cortar capim, e este adiantou-se do serviço fazendo um pequeno feixe e voltando logo para a casa, antes dos outros (...)

PC 078, 1876, p.63v (vass 03): Enéas: (...) na noite de dez do corrente estava no tanque de despoldador despegando café (...)

PC 078, 1876, p.65 (vass 03): Domingos (Crioulo): (...) à noite, voltando da roça (...)

PC 078, 1876, p.66 (vass 03): Emília: (...) vinha da roça onde estava cozinhando e eram sete da noite em caminho encontrou-se com Julião que já tinha cortado capim (...) Disse que ela veio adiante [do pessoal que vinha da roça] no caminho, encontrou Julião com o feixe de capim já cortado.

PC 078, 1876, p.68 (vass 03): Marcelina: Disse que dez do corrente mês à noite chegando da roça foi ao córrego lavar os pés (...)

PC 078, 1876, p.69 (vass 03): Margarida: (...) estava ocupada em seus trabalhos de enfermeira, eram sete horas da noite em ponto, apareceu então o enfermeiro LQ e fez-lhe diversas recomendações (...)

PC 078, 1876, p.75 (vass 03): AAS (feitor de roça): Disse que dia dez de abril, à tarde, tendo já concluído o serviço da roça, voltava para casa e notou que Julião não se achava entre seus parceiros (...)

PC 111, 1878, p.8 (vass 03): Celestina (nat. PA): (...) estando na cozinha, às nove horas da noite, mais ou menos, (...) fazendo os seus serviços (...)

PC 082, 1879, p.21v (vass 03): Ana (Crioula): (...) antes das nove horas do dia (...) achando-se ela informante num quarto contíguo a sala onde achava-se Ursula engomando (...)

PC 082, 1879, p.22v (vass 03): Disse que achando-se ela informante no quarto costurando junto com sua parceira Ana e deu vontade de fumar (...)

Tempo

PC 115, 1856, p.14 (vass 02): José Crioulo diz que na quarta feira, dia de São José, de manhã estando ele com os seus parceiros a capinar café (...)

PC 115, 1856, p.15 (vass 02): João Crioulo diz que estando na quarta feira, dia de São José, de manhã na limpa dos cafés com os outros seus parceiros (...)

PC 073, 1875, p.15 (vass 02): José Mina: [seu parceiro Marcos] tinha ido a casa de Aguiar afinar a sua viola e que não pedira licença (...), então lhe disse o feitor que havia de afinar a viola nas costas, ao que Marcos replicou que não merecia ser castigado porque era véspera de dia santo (...)

PC 073, 1875, p.35 (vass 02): José Mina: (...) Marcos então lhe disse [ao feitor] que seu senhor nunca lhe tinha proibido de afinar a viola, que a noite de sábado era para divertir-se e que se quisesse castigar esperasse por seu senhor que vinha no Domingo (...)

PC 015, 1878, p.88 (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): (...) à hora do almoço ele e seus parceiros se queixaram de ser a comida má (...) Que daí procedeu que no sábado posterior quando a lua já entrava ele réu colocou-se a beira do caminho da roça junto à um pé de café (...)

PC 041, 1836, p.10 (vass 05): Matheos de Nação Rebolo: [que havia fugido] às vésperas do entrudo, com medo que seu senhor lhe desse pancadas.

PC 064, 1866, p.21 (vass 05): Pedro (nat. Freg. SFT): Disse que sabe que faleceu um escravo de JAOG e que veio sepultar-se no cemitério desta freguesia no dia de Nossa Senhora da Glória

PC 064, 1866, p.32 (vass 05): Francisco (nat. do Brasil): reside em casa de seus senhores JAOG e JLC há muitos anos, desde o tempo de seus anteriores senhores, de quem os atuais houveram-no (...)

PC 070, 1867, p.24 (vass 05): Jorge Benguela: (...) sábado à noite ele saiu conjuntamente com seus parceiros (...) e foram a casa de negócio (...) seu parceiro Gabriel tomou emprestado dele respondente dez tostões e quando voltaram para fazenda, antes do natal, Gabriel entregou a faca dizendo que a guardasse até ele poder pagar (...)

PC 070, 1867, p.85 (vass 05): Rodrigo (nat. da Costa): (...) em um sábado posterior ao ano bom de 1867 (...) ele dirigiu-se à referida venda (...)

PC 058, 1862, p.19 (vass 03): Anacleto (de Nação): Disse que foi [amásio da falecida] até o tempo da planta do feijão (...)

PC 078, 1876, p.57v (vass 03): GMR (empregado da padaria): Disse que na segunda feira da semana santa, à noite, tendo o Dr. Paulino recebido uma carta (...)

Termos, dizeres, gestos

PC 020, 1872, p.34 (vass 02): Antonio natural prov. Minas (Antonio Bolieiro): Disse [que depois de ter dado o tiro] que varreu os pés e foi ter com seu senhor na cidade (...)

PC 073, 1875, p.15 (vass 02): José Mina: [seu parceiro Marcos] tinha ido a casa de Aguiar afinar a sua viola e que não pedira licença (...), então lhe disse o feitor que havia de afinar a viola nas costas (...)

PC 010, 1877, p.14v (vass 02): Izidoro Pagem: (...) levantando-se Malaquias viu estar ele armado de um chuxo (...)

PC 010, 1877, p.34v (vass 02): AJS (lavrador): (...) Malaquias tinha uma faca na cintura e um sucho encabado num pau (...)

PC 015, 1878, p.10v (vass 02): Graciano (nat. Pernambuco): Diz que há muito tempo que andava de pontas com o feitor, por isso que o mesmo o maltratava não só de barriga como de pancadas, a ponto de nunca atender as pessoas com quem ia apadrinhar-se

PC 080, 1879, p. 29v (vass 02): Custódio (nat. freg. SSF): (...) [quem roubou os bolsos do feitor assassinado?] que o relógio foi o Gil e o chapéu não sabe só se foi seu irmão Quintiliano que estava na roça de carapuça.

PC 080, 1879, p. 55 (vass 02): Gil (nat. Costa da África): (...) tratava os escravos com suma barbária (...) sendo o seu costume dar pancadas em todos os pretos e de modo bárbaro (...) *Curador falando no interrogatório ??*

PC 080, 1879, p. 87 (vass 02): Gil (nat. Costa da África): Diz que alega em favor de seu direito o ter assassinado JBO porque (...) *Curador falando no interrogatório ??*

PC 117, 1838, p. 19v (vass 05): Belarmino Cabinda: (...) que ele não tinha atirado e que os companheiros cabeçudos é os que tinham atirado.

PC 108, 1842, p.12 (vass 05): Perpétua Felicidade da Conceição (preta forra, nat. freg. PA, costura e roça): (...) Silvestre foi a Simão Antonio em casa de Thomé Joaquim e comprou um pouco de farinha, carne seca e carne de porco e perguntando ela para quem fim era aquela comida, respondeu o dito Silvestre que era matulutagem para seu primo José Maria (...)

PC 013, 1841, p.6v (vass 05): MJDC (serrador): (...) Daniel queixando-se que o preto Luís lhe virava os dentes (...)

PC 108, 1842, p.13v (vass 05): Maria Eufrásia (de Nação Benguela, roça): (...) o réu Silvestre foi buscar carne seca, farinha e carne de porco em [ilegível] Antonio para matulutagem do dito José Maria, que ele o apelidava de primo e também o moleque José trouxe uma galinha (...)

PC 108, 1842, p. 14v (vass 05): CLC (lavrador): (...) saindo [o réu] a buscar provisões, voltava da venda com abundância delas, e que eram para matulutagem de seu primo (...)

PC 051, 1858, p.6 (vass 05): JD (feitor): (...) apanhado um pequeno número de chicotadas, retorcendo o pescoço para trás convulsamente (...) a causa da morte fora o dito escravo virar a língua como é costume entre eles de raiva procuram este gênero de morte, apressado correu buscar

um tição de fogo e aplicando-o nas partes inferiores para o impedir (...) que a causa da morte fora um ataque de cabeça (...)

PC 051, 1858, p.14v (vass 05): Pedro de Nação Angola: (...) que a briga dele era evitando os castigos pulando de uma para outra parte (...)

PC 051, 1858, p.20 (vass 05): PTG (lavrador): (...) examinando a cabeça não encontrou contusão alguma que pudesse produzir a morte e que só não teve lembrança de abrir a boca do morto para examinar se tinha a língua voltada.

PC 051, 1858, p.24 (vass 05): JD (feitor): (...) [Rafael] tinha perdido a fala, pegou um tição de fogo e chegou-lhe ao anus pois julgou que ele tivesse virado a língua, mas nessa ocasião não deu sinal de vida, conduziu para senzala (...)

PC 070, 1867, p.20 (vass 05): Gabriel de Nação Benguela: (...) Disse que ele ria e falava com seu parceiro Rodrigo, mas que a raiva estava no coração.

PC 070, 1867, p.29 (vass 05): JSPG (cobrador): (...) eles podiam tomar muito couro, e que foram esconder a faca na casa das cangalhas.

PC 070, 1867, p.56v (vass 05): Rodrigo (nac: Munhanhene, nasc: Angola): (...) Disse que quando uma pessoa faz um crime destes fica com a cabeça variada e diz cousas à toa. (...)

PC 013, 1874, p.11 (vass 05): MJA (lavrador): (...) que o [preto fugido] resistiu com um cacherenguengue (...)

PC 079, 1878, p.16 (vass 05): Valentim (Africano): Respondeu sem nexa o conhecimento dos fatos.

PC 079, 1878, p.17 (vass 05): Delphim (Crioulo): (...) persuadido o senhor Joaquim que aquele choro era barulho, dirigiu-se à sanzala de Carolina e aí perguntou-lhe que barulho era aquele, e se ela já o tinha salvado, e pela falta do seu cumprimento da obrigação de tomar louvado deu o senhor Joaquim com a palmatória nela (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Conrado (Crioulo): (...) que o senhor Joaquim feitor (...) se dirigiu para a sanzala das pretas e perguntou que barulho era aquele que ali estavam fazendo, e estas responderam-lhe que eram crianças que estavam chorando, e daí se dirigiu à sanzala da preta Carolina e ao entrar foi dizendo: senhor cristo, senhor cristo e deu-lhe com a palmatória (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) saiu o senhor Joaquim feitor e dirigiu-se a sanzala das pretas levando consigo uma palmatória para saber que barulho ali estavam fazendo, e estas lhe responderam que não havia barulho nenhum, mas sim o choro de uma criança e que daí dirigira a sanzala dele informante onde se achava a preta Carolina e ao entrar para dentro da mesma foi dizendo senhor cristo, senhor cristo e dando-lhe com a palmatória e esta respondera que já o tinha salvado (...)

PC 079, 1878, p.34 (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) foi o feitor saber o motivo do barulho (...) e a escrava Serena lhe disse que era um crioulo que estava chorando, dali dirigiu-se à senzala onde mora sua parceira Carolina e batendo-lhe no braço com a palmatória disse-lhe – sai cristo, sai cristo – ao que ela respondeu que já tinha salvado cá fora (...) Anastácio era um dos mais sacudidos da fazenda (...)

PC 079, 1878, p.33v (vass 05): Conrado (Crioulo): (...) o feitor meteu-lhe a palmatória na cabeça, gritando Anastácio – Ah! Senhor Joaquim, senhor quebrou-me a cabeça – (...)

PC 079, 1878, p.34 (vass 05): Anacleto (Crioulo): (...) ele informante ouviu Anastácio dizer – Ah! Senhor Joaquim não me quebra a cabeça – (...)

PC 005, 1822, p.10 (vass 03): AB (feitor): (...) sabe que travando-se de razões o morto com o preso (...)

PC 112, 1835, p.20 (vass 03): Antonio Cabinda: (...) Disse que queria dar neles por estarem fazendo bulha (...)

PC 046, 1853, p.24v (vass 03): AFB (ferreiro): Disse que os dois primeiros [vultos – escravos] afigurou-se estarem em mangas de camisa e o terceiro de camisola de lã. (...) ouviu o agredido dizer – Ah meus amigos, não me matem – (...)

PC 046, 1853, p.16 (vass 03): MISR (pedreiro): (...) não (...) lhe consta que Narciso tivesse inimizade ou indisposição com alguém, pois não só era chegado a pouco e que era bem criado e pacífico. *Narciso é crioulo*

PC 046, 1853, p.67v (vass 03): Quintiliano, nat. Minas: Disse que estava preso por causa da morte de um preto do senhor Lolo perto da Água Santa. *as outras testemunhas não-negras dizem que Narciso foi assassinado/encontrado na 'lagoa'; 'lagoa seca'; 'lugar das piteiras'; 'perto do secretarinho'*

PC 046, 1853, p.68 (vass 03): João (Angola): Disse (...) que era inocente, não é de sociedades, e só cuida de sua obrigação.

PC 061, 1863, p.9v (vass 03): FGC (trabalhador de enxada): (...) ela respondera-lhe eu atirei com a minhas duas filhas no açude, porém deus não quis que eu morresse (...) que quando ela ia se dirigindo ao açude a filha mais velha da ré perguntando a onde ia ela lhe respondera, vamos morrer minha filha e aquela filha pedira a ela ré que não morresse (...)

PC 116, 1875, p.6 (vass 03): BM (fazendeiro): Vou participar (...) deu-se um conflito entre dois escravos meus, Fabio Crioulo [Fabio é cria da Fazenda], filho da minha escrava Angélica, e Felisberto, natural da Bahia, que terá a idade de 14 para 15 anos (...) *o que diz o senhor sobre seus escravos*

PC 116, 1875, p.26v (vass 03): Raimundo (nat. Ceará): (...) Felisberto observou a Fábio que não fizesse tal porque ele precisava de fogo pois que estava com uma faquinha picando fumo, ao que Fábio respondeu cala boca aí moleque, não me conta história que te dou uma bofetada.

PC 116, 1875, p.14 (vass 03): Felisberto, Bahia: (...) que ele ofendido não era capaz de dar-lhe porque se achavam juntos dos parceiros mais velhos. Apesar dessa reflexão tão justa e tão apreciada numa classe tão infame (...) *a onde vai o relato do réu e a onde vai o relato de quem escreve*

PC 116, 1875, p.58 (vass 03): Ambrósio, Moçambique: Disse que Eleutério pediu a Fábio para não bolir com Felisberto mas que ele não fez caso.

PC 078, 1876, p.21 (vass 03): Enéas: (...) Mentiu dizendo que não sabia se Luís Querino havia sido ferido [ou morto], o motivo da mentira foi para não escubriar a Julião.

PC 078, 1876, p.21 (vass 03): Julião (Bahia): Disse que foi para o mato e que considerando [ilegível ... deus?] veio entregar-se a esse juízo porque tinha certeza de ser capturado.

PC 078, 1876, p.57v (vass 03): GMR (empregado da padaria): (...) para ir ver uma escrava digo uma preta e o enfermeiro que tinham sido feridos (...)

PC 111, 1878, p.8 (vass 03): Celestina (nat. PA): (...) logo que entrou Anibal (...) principiou a questionar com ela respondente dizendo-lhe que mangava muito para vir para o quarto (...)

PC 111, 1878, p.17 (vass 03): Celestina: (...) que algumas vezes costumava ele [Anibal] tirar bulha com ela, mas nunca a maltratava.

PC 111, 1878, p.27v (vass 03) Anibal (Crioulo): Diz estar arrependido do ato que praticou e que fê-lo por ficar zangado na ocasião e estar com a cabeça perdida.

Tratamento medicinal / Plantas e ervas

PC 115, 1856, p.46v (vass 02): Maria (natural Mina): Perguntada se depois que seu parceiro Juvenal fugiu da casa de seu senhor ela nunca se encontrou com ele, respondeu que ia algumas vezes buscar ervas, porém nunca se encontrou com ele.

PC 068, 1870, p.27v (vass 02): ASA, feitor de terreiro: (...) o mandara [o capataz de roça, o preto Domingos,] para o lugar do acontecimento em companhia de uma preta enfermeira da fazenda, com o fim não só de tomar conta da gente que tinha ficado sem feitor, como para prestar socorros ao feitor Francisco (...)

PC 020, 1872, p.17v (vass 02): Jacintha (escrava enfermeira): (...) achando-se na cozinha aquecendo remédio (...)

PC 008, 1877, p.11 (vass 02): MRQ (negociante): (...) encontrou o feitor ferido do alto da cabeça até o meio da face e ensangüentado; que ele mandou buscar arnica para com sua aplicação estancar o sangue (...)

PC 008, 1877, p.19v (vass 02): MRQ (negociante): (...) imediatamente saiu para o dito lugar levando consigo um vidro de arnica e alguns panos (...) levou o corpo para dentro do rancho de Felismino e aplicou a arnica à ferida pondo alguns panos para evitar a hemorragia enquanto não vinha o médico, que tinha sido chamado; pouco depois chegou o Dr. Peralta examinou o corpo declarando que podia ali fazer conveniente aplicação e que convinha levar o corpo para a casa, e pouco depois chegando a rede nela foi conduzido o feitor.

PC 041, 1836, p.9 (vass 05): JRM (lavrador): (...) estando em idade avançada e sendo muito doente, estava as vezes dias fora de sua casa (...)

PC 089, 1846, p.4v (vass 05): (...) por achar-se na cozinha curando seu pé (...)

PC 092, 1849, p.21 (vass 05): Casimiro (Crioulo): (...) passando (...) a fim de ir à botica buscar um remédio para a casa de seu senhor EJS (...)

PC 044, 1849, p.37 (vass 05): MJL (negociante): (...) quando a preta Donata viera para sua casa amarrada, vinha com ervas venenosas, que foram conhecidas por ele réu, e que apesar disso mandara ele aplicar pelo seu caxeiro BJO o competente castigo, pela fuga (...)

PC 051, 1858, p.12 (vass 05): Antonio (de Nação): (...) mandou levar o cadáver para a senzala e que o único remédio que fizeram foi o de ter o réu posto fogo nas partes inferiores do cadáver (...)

PC 052, 1858, p. 21 (vass 05): MJP (negociante): (...) viu o escravo de AJC (...) com um lado da cara ferido e uma brecha na cabeça, e muito ensangüentado, e que pedira a ele testemunha para lhe lavar a cabeça com aguardente (...)

PC 052, 1858, p. 23 (vass 05): MMJ: (...) o preto Antonio pedindo a seu marido que lhe curasse as feridas que tinha, as quais o mesmo seu marido lavava com aguardente (...)

PC 053, 1859, p.4 (vass 05): Ignácio (nat. Costa da África): Disse que indo no domingo (...) em direção à roça do escravo Paulo (...) afalar com o mesmo para lhe pedir umas mudas de cará (...)

PC 053, 1859, p.15 (vass 05): PCR (lavrador): (...) indo Ignácio pedir a seu parceiro Paulo umas mudas de Cará para platar (...)

PC 063, 1864, p.3v (vass 05): Declaração do curador: (...) Miguel fora castigado pelo réu sob o fútil e extravagante pretexto o de fazer feitiços (...) tanto que pouco depois a testemunha de folhas apressando-se em aplicar um remédio sobre o golpe já não o pode fazer porque ele se tinha mudado para outro mundo, era já cadáver (...)

PC 064, 1866, p.5 (vass 05): Ricardo (Moçambique): (...) achando-se [seu parceiro fugido e] mordido de uma cobra de cujo mal o referido sacerdote tratou-o e mandou comunicar a seu senhor (...) [depois de mandar surrar seu parceiro] mandou seu senhor que botassem Tibúrcio no Paiol, o que feito fechou a porta do paiol (...) isto depois de haverem dado no paciente um banho de água e sal (...)

PC 064, 1866, p.5v (vass 05): Ricardo (Moçambique): (...) achando-se mordido de uma cobra de cujo mal o referido sacerdote tratou-o e mandou comunicar a seu senhor (...)

PC 064, 1866, p.6v (vass 05): Francisco (nat. SFT): (...) findo os quatro dias fugido [seu parceiro Tibúrcio] foi apadrinhar-se com o Reverendo Vigário, achando-se mordido de uma cobra, pelo que o mesmo Vigário curou-o (...) seu senhor mandou busca-lo numa rede e conduzi-lo para casa, a onde foi tratado e ficou reestabelecido. (...) Foram buscar um pau, amarraram-no a esse pau e assim o conduziram à casa, a onde chegados mandou seu senhor que dessem no paciente um banho d'água e sal, depois do que mandou botá-lo n paiol, tendo levado remédio para ele tomar (...)

PC 064, 1866, p.8 (vass 05): Emeliano (Moçambique): (...) onde chegados seu senhor o mandou banhar em água e sal, depositá-lo num paiol, aonde deu-lhe remédio por duas vezes e o deixou passar a noite. (...) Ordenando-lhe que amarrado o corpo de Tibúrcio o conduzissem para esta Freguesia (...) Obedeceram a essa ordem e conduziram o cadáver embrulhado em uma esteira, vindo acompanhado de referido Vendas e chegados próximos à Igreja, quando se dirigiam com o corpo para o Adro, Vendas lhes disse que não estando o Vigário fossem logo para o cemitério, e foi procurar a chave do portão do mesmo (...) abrindo-o ordenando que lançassem logo o corpo na cova e o cobrissem de terra (...)

PC 064, 1866, p.17 (vass 05): Padre JFPS (nat. Prov. Pará): (...) apareceu em sua casa um preto de nome Tibúrcio (...) que quando de manhã se [ilegível] e dirigira-se à sua casa para o apadrinhar, fora mordido de uma cobra e já se sentia incomodado e privado de andar. Em vista disso ele, em primeiro lugar, tratou de preparar o remédio para combater os efeitos da mordedura da cobra e desse remédio fez aplicação ao escravo e em seguida escreveu ao senhor do mesmo.

PC 064, 1866, p.22 (vass 05): FMS (lavrador): (...) indo [o escravo Tibúrcio] apadrinhar-se com o Reverendo Vigário desta freguesia, achando-se mordido de uma cobra, que esse Vigário deu-lhe remédio e depois foi o preto para casa onde continuou a ser tratado (...)

PC 064, 1866, p.23 (vass 05): Lucas de Nação: (...) o Vigário deu remédio (...) chegando seu senhor deu remédio a Tibúrcio e continuou a tratar dele (...)

PC 064, 1866, p.58 (vass 05): FLA (enfermeiro da Sta. Casa de Misericórdia): (...) os escravos Lucas e Ricardo (...) que se achavam presos na cadeia (...) o primeiro entrou para o hospital, segundo constado livro respectivo à 21/01 e faleceu de desinteria no mesmo dia à noite, sendo que tinha entrado de manhã; que o segundo entrou para o hospital 06/03 e faleceu a 11 do corrente de enxação geral.

PC 064, 1866, p.142 (vass 05): Ricardo (Moçambique): (...) mandou seu senhor que botassem Tibúrcio no Paiol, o que feito fechou a porta do paiol (...) isto depois de haverem dado no paciente um banho de água e sal (...)

PC 069, 1872, p.16 (vass 05): Autópsia (Antonio, crioulo - quilombola): (...) sinais recentes de uma larga aplicação de bichos na porção inferior e face anterior da mesma cocha (...)

PC 058, 1862, p.10 (vass 03): JRP (lavrador): Perguntado se a preta foi em tempo tratada por médico, e se lhe faltou recursos necessários, disse que sabe que lá esteve um médico, mas que não sabe para que fim.

PC 058, 1862, p.19 (vass 03): Anacleto, de Nação: Disse que o réu deu parte de doente a seu senhor e ficou em casa no dia, no dia imediato um seu parceiro por nome Marcos também adoeceu e ficaram ambos em casa (...)

PC 058, 1862, p.20v (vass 03): Marcos, de Nação: Disse que estava na sua senzala doente e que ouvira uns gritos na cozinha (...)

PC 058, 1862, p.21v (vass 03): Ventura, de Nação: Disse que o réu deu parte à seu senhor de doente e ficou em casa com seu parceiro Marcos que também estava doente (...)

PC 058, 1862, p.22v (vass 03): Bonifácio (Angola): (...) que é um canivete que ele comprou para tirar bichos (...)

PC 009 / 075, 1872, p.2 (vass 03): JJM (empregado na Fazenda): (...) aproximando-se à senzala ouvira dizer que Felix estava com as tripas de fora, e que então em vez de entrar tratara de ir chamar o farmacêutico da Fazenda para tratar o ferido; que procurando o mesmo farmacêutico este lhe ordenara que fizesse conduzir o ferido à enfermaria.

PC 009 / 075, 1872, p.14v (vass 03): VAS (lavrador): (...) Disse que chamou-se logo os médicos porém como esses morassem longe quando vieram tratar da ferida já haviam passado dez horas (...)

PC 009 / 075, 1872, p.19 (vass 03): AJM (feitor de terreiro): (...) Disse que o enfermeiro não podendo fazer o tratamento mandou chamar os médicos que somente chegaram no dia seguinte, dez horas depois do ferimento (...)

PC 116, 1875, p.2 (vass 03): Participação: (...) transportou-se o ofendido à enfermaria, onde foi logo socorrido com tratamento médico (...)

PC 116, 1875, p.8 (vass 03): Corpo Delito (Fabio, Crioulo): (...) removida esta [camisa] encontrando na região epigástrica algumas tiras aglutinadas do comprimento de quatro polegadas e metodicamente aplicadas, removidas estas [vê-se o ferimento] (...)

PC 116, 1875, p.21 (vass 03): MAS (administrador): (...) imediatamente se expedido aviso ao Dr.FBJ médico da farmácia do que com toda presteza aprontou-se e [ilegível] todos os recursos da ciência a fim de salvar a pessoa do ofendido, o qual apesar de tudo veio a falecer (...)

PC 078, 1876, p.38v (vass 03): Margarida: (...) às sete horas da noite mais ou menos, estando na cozinha da enfermaria fazendo um chá (...)

PC 078, 1876, p.41 (vass 03): Emília (parda): (...) LQ [enfermeiro] dirigindo-se à testemunha e à Honorata, perguntou a esta se havia tomado banho que estava usando, esta respondeu que não, e

que tinha acabado, então LQ lhe disse que fosse à botica acender a lamparina e buscar um pouco de jequitibá (...)

PC 078, 1876, p.52v (vass 03): PJGC (formado em medicina): (...) recebeu uma carta de PJVA chamando-o a toda pressa para acudir como médico a escrava Honorata e LQO que tinham sido gravemente feridos (...) *na fazenda em que houve o crime tinha uma enfermaria onde o próprio LQO servia como enfermeiro*

PC 078, 1876, p.66 (vass 03): Emília (parda): (...) [na enfermaria] apareceu LQ [enfermeiro], perguntou à Honorata se ainda tinha banho; esta respondeu que já tinha acabado, então LQ mandou que ela fosse a botica e tirasse casca de jequitibá para teu banho todo o dia seguinte (...)

PC 078, 1876, p.69 (vass 03): Margarida: (...) dirigindo-se [o enfermeiro] LQ ao lugar onde estava Honorata perguntou-lhe se ela tinha feito as seringaterias ela respondeu que o tinha feito já estava acabado e então LQ lhe disse que fosse à botica buscar casca de jequitibá afim de preparar o banho para seringaterio (...)

PC 078, 1876, p.101 (vass 03): Julião (nat. Prov. Bahia): (...) disse que LQ estava com efeito doente tendo o braço atado o peito (...)

PC 111, 1878, p.6 (vass 03): Corpo Delito: (...) acha-se 13 cm abaixo do umbigo [vítima estava grávida de 7 p/ 8 meses] (...) uma solução de continuidade de 1,5 cm de extensão (...) tendo um ponto de sutura justamente no meio da solução, que como constou tivera sido aplicado pelo muito distinto e hábil facultativo o Sr. Dr. Josué Torres de Albuquerque que incontinentemente fora chamado e que remediara em consequência de uma hérnia do epiplon.

PC 111, 1878, p.9v (vass 03): MJR (feitor): Estando (...) no seu quarto (...) ouviu uns gemidos e não podendo sair por se achar doente (...)

PC 111, 1878, p.22 (vass 03): MJR (feitor): (...) achava-se ele testemunha doente no seu quarto (...) não podendo sair por causa do sereno (...)

PC 111, 1878, p.41 (vass 03): MFOX (administrador): (...) estando de cama por ter tomado um suador (...)

PC 111, 1878, p.27v (vass 03): Anibal (Crioulo): Disse que tendo tirado dois bichos em Celestina deixou a faca sobre a cama (...)

PC 111, 1878, p.43 (vass 03): BM (enfermeiro): Disse que Celestina depois do ferimento achou-se gravemente enferma apresentando uma peritonite.

PC 082, 1879, p.19v (vass 03): Umbelino (nat. prov. RJ): Disse que na sexta feira deu parte de doente e veio para enfermaria e mandou-a [Ursulina, sua amásia há 5 anos] chamar para dizer-lhe que achava-se doente e que ela viesse [ilegível ... pen..a-lo?] no que fosse necessário (...)

PC 082, 1879, p.23v (vass 03): ALSB (enfermeiro): (...) tratou logo de prestar como enfermeiro os recursos necessários à ofendida, mandando chamar para esse fim o médico de partido, o Dr. Beltrão.

Vendas

PC 115, 1856, p.84v (vass 02): Jerônimo, natural Pernambuco e Dona MLMS: Por Jerônimo foi dito que uma vez, logo que aí chegou viu JLL em casa de seu senhor vendo uns caixões de sabão e pedindo uns jornais, DM foi dito que tudo isso era falso, e que estes caixões de sabão vieram da corte e que seu pai os foi esperar na estrada, não na casa de Pestana com quem não tinha amizade, como disse Jerônimo, e que quanto a jornais também era falso por quanto nunca viu seu pai ler folha alguma.

PC 083, 1880 p.10v (vass 02): Irineu (nat. freg. PA): (...) estando fugido foi a casa de negócio da Rocinha e aí comprou, de noite, uma garrafa com aguardente (...)

PC 083, 1880 p.38 (vass 02): Irineu (nat. freg. PA): (...) Bernardo dizendo também que estava fugido e que sabia um ponto da fazenda do Dr. Nogueira onde eles podiam apanhar café para vender, para aí se dirigiram e pernотaram (...)

PC 053, 1859, p.17 (vass 05): AFR (lavrador): (...) o preto Ignácio perguntou-lhe se tinha cachaça para vender, ao que disse que não, retirou-se (...) então o réu disse que o preto Ignácio fosse com ele (...) para ver a quem ele ia dar a garrafinha de aguardente (...)

PC 070, 1867, p.10 (vass 05): Notificação: (...) Cumpre-me comunicar que encontrei em poder do escravo Rodrigo alguns Gêneros e objetos roubados da casa de negócio de MCC, como sejam, um rolo de fumo ainda intacto, um outro já aberto e reduzido a quatro pacotes, um caixote com uma porção de açúcar, um pedaço de toucinho, uma caixa de folha de flandres com roscas e três escovas novas para cabelo, uma caixa de charutos cheia de cobres e um bocado de linha crua uma caixinha com botões de ouro para um punho de camisa e dois de peito, dois mais de metal para peito de camisa com pedras verdes e uma foice grande com um pedaço de pau encravado.

PC 070, 1867, p.24 (vass 05): Jorge Benguela: (...) sábado à noite ele saiu conjuntamente com seus parceiros (...) e foram a casa de negócio do CFBC comprar fumo, açúcar e um pouco de cana (...) seu parceiro Gabriel tomou emprestado dele respondente dez tostões e quando voltaram para fazenda, antes do natal, Gabriel entregou a faca dizendo que a guardasse até ele poder pagar (...) que nunca mais Gabriel lhe pediu a faca a qual ele tinha guardado em sua caixa que sempre a tem fechada.

PC 070, 1867, p.29 (vass 05): JSPG (cobrador): (...) Angelo quis comprar de Lindolfo uma faca para vender Pio caxeiro, empregado de FBC e que Lindolfo dissera a Angelo que não podia vender a faca porque ele não podia aparecer a vista da gente, pois se ela aparecesse eles podiam tomar muito couro, e que foram esconder a faca na casa das cangalhas.

PC 070, 1867, p.34 (vass 05): Gabriel (nasc: Angola): Disse que [a polícia] achou no quarto de seu parceiro Rodrigo, fumo, açúcar e outras coisas que eram da casa do defunto Joaquim.

PC 070, 1867, p.85 (vass 05): Rodrigo (nat. da Costa): (...) estando o dito Joaquim a dever a ele respondente 25 mil réis, pois que comprando ele respondente nessa venda sabão, fumo e outras miudezas, dando em pagamento café, milho ou produtos de seu trabalho de lavoura, havia ficado Joaquim devedor do excesso de seus produtos (...)

PC 079, 1878, p.17v (vass 05): Conrado (Crioulo): (...) Disse que gosta [do feitor] pelo motivo de o senhor Joaquim feitor não os proibir de gastarem o seu dinheirinho nas vendas, e com prazer o que lhes apetece.

PC 046, 1853, p.21 (vass 03): MCF: (...) Narciso (...) comprando alguns objetos, entre os quais foi um canivete e uma garrafa de aguardente, neste ato para pagar esses objetos pechinchara Narciso umas notas do banco que supõe ele testemunha conter a soma de 30 mil réis mais ou menos (...)

PC 054, 1860, p.7 (vass 03): JJM (lavrador): (...) que Mariana era má mulher (...) na ausência de seu marido fazia compras à mascates de duzentos a quinhentos mil réis (...)

PC 054, 1860, p.10 (vass 03): SNM (negociante): (...) Benedito fora a sua casa comprar meia garrafa de aguardente no domingo (...) Mariana era má mulher a ponto de deixar sua casa e seu marido por espaço de duas semanas em seus passeios em vendas (...)

PC 054, 1860, p.12 (vass 03): MRA (lavrador?): Soubera por Benedito que saindo de sua casa para ir a Covanca comprar um pouco de toucinho (...)

PC 058, 1862, p.22v (vass 03): Bonifácio (Angola): (...) que é um canivete que ele comprou para tirar bichos (...)

PC 103, 1864, 35v (vass 03): Silvino (nat. Ceará): (...) disse que [tinha o canivete] para picar fumo (...) que o comprou de um mascate na estrada no Massambará, há três meses mais ou menos (...)

PC 062, 1864, p.6 (vass 03): Henrique (preto): Perguntado de que era o café que conduziam os pretos, respondeu que o mesmo preto dissera que era furtado de MV e que levava para vender na taberna

PC 062, 1864, p.11 (vass 03): MBC (feitor): (...) supõe que eles furtavam café de MV e levavam para vender na venda de M.

PC 062, 1864, p.44v (vass 03): José (nat. da África): (...) deixaram cair os sacos ao pé da cerca e ele deixou cair n'água um garrafão que levava para trazer cana porque viram gente cercando.

PC 099, 1867, p.14v (vass 03): Generoso (de Nação): (...) foi a casa de Ancelmo vender um pouco de toucinho, e seguindo disse-lhe Ancelmo que viesse na volta receber o dinheiro (...) *Generoso é trabalhador de roça*

PC 099, 1867, p.16v (vass 03): Termo de confrontação (Generoso, de Nação e Paulo Crioulo): (...) foi dito por Generoso (...) que Paulo então se adiantou e ele informante vinha mais atrás carregando um caixão com toucinho.

PC 019, 1853, p.11b (vass 01): Jeremias, Nação Angola (preto forro): (...) veio à Vila [de Vassouras] comprar duas garrafas de vinho (...)

Vestimenta

PC 115, 1856, p.15 (vass 02): Antonio, de nação Rebollo: vira no caminho uma bota e o chapéu que conheceu ser de seu senhor

PC 068, 1870, p.4 (vass 02): Corpo de Delito (feitor): cadáver de um homem de cor branca, c. 48, português, natural da Ilha de SãoMiguel, vestido de calça e camisa de algodão americano e jaqueta de casemira grossa, descalço, conservando na mão direita um chicote de feitor (...)

PC 020, 1872, p.5 (vass 02): Corpo de Delito (administrador): (...) examinando a roupa encontraram o potetot (?) camisa e calça ensopado em sangue e um peso na gola de potitol (?) (...)

PC 010, 1877, p.5 (vass 02): Corpo de Delito (feitor): (...) vestido de camisa de chita e de meia, calça de brim, pardo já usada e ceroula de algodão americano (...)

PC 077, 1877, p.3 (vass 02): Corpo de Delito (feitor): (...) vestido com calça de mescula azul e descalço e sem camisa, sendo o mesmo de cor branca, de barba no queixo e bigode (...)

PC 077, 1877, p.19 (vass 02): Corpo Delito (Thomaz, nat. da BA): (...) vestido de calça e camisa de riscado mescula e japona de baetão já usado. Tendo [assim] se apresentado no ato que se entregou à justiça (...)

PC 078, 1876, p.21 (vass 03): Enéas: (...) Julião recomendou à Enéas que pedisse ao escravo Marcio na Fazenda mandasse sua roupa. Disse mais que tinha uma calça de casimira que lhe dava à Enéas

PC 015, 1878, p.9 (vass 02): Corpo de Delito (Graciano, nat. Pernambuco): (...) apresentava (...) a face e o peito da camisa que era de algodão mineiro (...)

PC 015, 1878, p.16 (vass 02): Corpo de Delito (Agostinho): (...) na região precordial external algumas cicatrizes recentes de aplicação de sangue suga (...) no omoplata esquerdo (...) sinais recentes de aplicação de sangue sugas (...)

PC 080, 1879, p.4 (vass 02): Corpo Delito (JBO, feitor): (...) vestido de calça de Brim de algodão de Petrópolis riscado, camisa de meia, e dita de morim, descalço e sem chapéu tendo sobre o umbigo a chave de um relógio de algibeira e nos bolsos apenas um isqueiro e pouco fumo tendo perto duas enxadas (...) um chicote e um par de chinelos de trança (...)

PC 092, 1849, p.17v (vass 05): JGA (vive de seus bens): (...) foi encontrado na sua estrebaria uma capa e um par de sapatos de Rafael (...) no quarto da preta Delminda se achou uma camisa e par de calças que diz ela ter o réu dado para lavar.

PC 053, 1859, p.6 (vass 05): Corpo Delito (Ignácio, nat. Costa da África): (...) dirigindo-se ao quarto da fazenda (...) o escravo deitado sobre couro e esteira em uma senzala situada no terreiro (...) bem como uma calça de algodão riscado (...)

PC 070, 1867, p.3 (vass 05): Corpo Delito (JCV, negociante): (...) os pés se acham completamente limpos e junto deles existe um par de tamancos usados; que o cadáver tem vestido ceroula e camisa (...)

PC 070, 1867, p.27 (vass 05): Helena (Nação Cabinda): (...) Disse que o escravo Rodrigo dava [sua roupa para lavar] e que mesmo domingo ele lhe deu a calça e a camisa que estavam sujas para lavar (...)

PC 069, 1872, p.16 (vass 05): Autópsia (Antonio, crioulo - quilombola): (...) pouca barba, vestido com camisa e calça de algodão branco americano (...)

PC 079, 1878, p.6 (vass 05): Corpo Delito (Anastácio): (...) uma pessoa de cor preta, vestido com calça e camisa de algodão (...) deitado de costas numa esteira e com a cabeça sobre um cobertor, digo, travesseiro (...)

PC 079, 1878, p.10 (vass 05): Auto Autópsia (Anastácio): (...) um cadáver de cor preta (...) barba no queixo (...) lenço amarrado no queixo com manchas de sangue, camisa de chita, calça de algodão e palito de brim branco (...)

PC 005, 1822, p.3 (vass 03): Pedro de Nação Benguela: (...) vestido com uma camisa de algodão grosso algum tanto imunda de terra e uma ciroula do mesmo pano, rota nos joelhos, da mesma forma imunda.

PC 007, 1828, p.6 (vass 03): Auto de hábito e tousura (Joaquim crioulo): (...) vestido com uma camisa e calças de pano de algodão algum tanto imundas de terra.

PC 046, 1853, p.24v (vass 03): AFB (ferreiro): Disse que os dois primeiros [vultos – escravos] afigurou-se estarem em mangas de camisa e o terceiro de camisola de lã. (...)

PC 046, 1853, p.41 (vass 03): FSC (negociante): (...) ele testemunha jogando em casa de AFG com JG e muitas outras pessoas (...) estava também no jogo o escravo Narciso que por bem trajado ele testemunha supôs ser livre e camarada de uns paulistas que ali estavam (...)

PC 061, 1863, p.5 (vass 03): Corpo Delito (Margarida e Arminda, menores): (...) duas crianças deitadas em uma mesa do quarto [do lado direito da casa] vestidas de riscado (...)

PC 103, 1864, p.35v (vass 03): Silvino, nat. cidade Ceará: (...) tinha roupa nesse quarto e duas camisas no corredor da casa (...) que tinha outras camisas mas que estavam rotas (...)

PC 067, 1869, p.4 (vass 03): Corpo Delito (Felix): (...) um homem de cor negra (...) trajava calça e camisa de algodão branco (...)

PC 071, 1871, p.3v (vass 03): Corpo Delito (Severiano): (...) de cor parda, (...) muito pouca barba (...) vestido de camisa e calça de algodão branco (...)

PC 116, 1875, p.8 (vass 03): Corpo Delito (Fabio, Crioulo): (...) de cor preta (...)vestido com uma camisa de algodão branco grossa, suja, (...) tirada esta camisa de chita foi encontrada uma outra de chita de pintas verdes (...) removida esta encontrando na região epigástrica algumas tiras aglutinadas do comprimento de quatro polegadas e metodicamente aplicadas, removidas estas [vê-se o ferimento] (...)

PC 078, 1876, p.4v (vass 03): Corpo Delito (LQO, enfermeiro, pardo): (...) vestido com camisa de percal azul com riscas brancas, colete de brim riscado, calça amarela de algodão mineiro, paletó de brim pardo (...) e calçado com botinas de cordorão gaspeadas. Por cima da camisa de percal havia outra de meia, aberta adiante.

PC 078, 1876, p.4v (vass 03): Corpo Delito (Honorata): (...) Dirigiram-se à enfermaria das escravas (...) vestida com camisa de morim e saia de musselina já velha (...) e um lenço de chita em cassa, passando por baixo do [ilegível mento/meuto?] e atado no alto da cabeça (...)

PC 078, 1876, p.21 (vass 03): Termo de informação do crime: (...) Julião recomendou a Enéas que pedisse ao escravo Narciso na Fazenda que mandasse sua roupa. Disse mais que tinha uma calça de casimira que lhe dava a Enéas (...)

PC 078, 1876, p.25v (vass 03): Exame Cadavérico (LQO, enfermeiro): (...) vestido com camisa de pescal azul com riscas brancas, colete de brim riscado, calça amarela de algodão mineiro, paletó de brim pardo (...) calçado com botinas de cor (...) por cima da camisa de pescal havia outra de meia aberta adiante (...) o cadáver é de um homem de cor parda (...)

PC 078, 1876, p.41 (vass 03): Emília (parda): (...) Disse que era verdade que LQ [enfermeiro] havia dado à Honorata dois cortes de vestido (...)

PC 078, 1876, p.66 (vass 03): Emílio: (...) Disse que LQ deu à Honorata duas saias de chita porque Honorata lhe criou uma sabiá (...)

PC 111, 1878, p.27v (vass 03): Anibal (nat. PA): (...) entrando no quarto viu a sua roupa em um ninho de galinha e disse a Celestina que não fazia caso da roupa (...)

PC 082, 1879, p.22v (vass 03): (...) viu Umbelino que em virtude do barulho que fazia a roupa da informante ao entrar para dentro de casa (...)

PC 084, 1880, p.6 (vass 03): Corpo Delito (homem pardo desconhecido): (...) de cor parda (...), com pouca barba, cabelos grisalhos e meio crescidos (...) vestindo de camisa de algodãozinho branco, com calça de algodão azul e uma japona velha.

PC 084, 1880, p.34 (vass 03): MJB (marceneiro): (...) viu (...) um homem vestido com uma japona, trazendo consigo um saco e uma foice (...)

Lista dos processos transcritos

Os números dados aos processos, seguidos do ano (por exemplo: PC 005, 1822) não são uma notação reconhecida pelo arquivo CDH, mas uma referência de sistematização dos dados para a pesquisa e articulação dos bancos de dados apresentados a cima. A notação tal como referenciada pelo arquivo para o mesmo documento, vai ao lado junto a sigla CDH/FESS. Os nomes das partes (réus e vítimas) vão sempre acompanhados das naturalidades dos indivíduos se estas foram especificadas no processo.

Homicídios e Ofensas Físicas selecionados:

Crimes Escravos → Escravos

PC 005, 1822, partes: Pedro, Benguela (réu) e José, Cabinda (vítima). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 228 (15 pp.)

PC 007, 1828, partes: Francisco, Congo (réu) e Joaquim, Crioulo (vítima). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 228 (35 pp.)

PC 114, 1845 – 1847, partes: Antonio, Rebolo (réu) e Damásio, Cabinda (vítima). CDH/FESS – documentação não indexada (23 pp.)

PC 019, 1853 – 1854, partes: Antonio Manoel (réu) e Estevão, Crioulo (vítima). CDH/FESS – documentação não indexada (18 pp.)

PC 046, 1853, partes: João, de Luanda, Quintiliano, de MG, Manoel, Crioulo (réus) e Narcizo, Crioulo (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 465 (71 pp.)

PC 055, 1860 – 1862, partes: João, Crioulo (réu) e Ignácio, quilombola (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 466 (36 pp.)

PC 060, 1862, partes: Victor, Africano (réu) e Samuel, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (71 pp.)

PC 062, 1864, partes: José, Cabinda (réu) e Henrique, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (62 pp.)

PC 099, 1867 – 1869, partes: Valentim, Moçambique (réu) e Ancelmo (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 485 (45 pp.)

PC 067, 1869, partes: Basílio (réu) e Félix (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 468 (13 pp.)

PC 071, 1871 – 1873, partes: Marcolino (réu) e Severino, pardo (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 468 (16 pp.)

PC 009 / PC 075, 1872 – 1873, partes: Lino, Moçambique (réu) e Félix (vítima). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 469 (11 pp.) e 2º Ofício, caixa 228 (52 pp.)

PC 116, 1875 – 1876, partes: Felisberto, Bahia (réu) e Fábio, Crioulo (vítima). CDH/FESS – documentação não indexada (103 pp.)

Crimes Escravos → Escravas

PC 040, 1835 – 1836, partes: João, Congo (réu) e Rosa, Angola (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 464 (21 pp.)

PC 033, 1840 – 1841, partes: José (réu) e Esperança, preta (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 464 (21 pp.)

PC 045, 1850, partes: Valentim, Moçambique (réu) e Joaquina, Mina (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 465 (35 pp.)

PC 054, 1859 – 1861, partes: Benedito Rodrigues Manso, da Costa (réu) e Mariana de tal, Crioula (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 466 (70 pp.)

PC 057, 1859 – 1860, partes: Romualdo (réu) e Clara (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 466 (08 pp.)

PC 058, 1862 – 1863, partes: Bonifácio, Mombaca (réu) e Carlota, preta (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (47 pp.)

PC 103, 1864, partes: Silvino, Ceará (réu) e Thereza, preta (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 485 (42 pp.)

PC 065, 1866 – 1868, partes: José, Crioulo (réu) e Laura, Crioula (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (60 pp.)

PC 018, 1873, partes: Manoel (réu) e Eufrásia (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 452 (05 pp.)

PC 078, 1876 – 1877, partes: Julião, Bahia (réu) e Honorata (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 470 (126 pp.)

PC 111, 1878, partes: Anibal, Crioulo (réu) e Celestina, Crioulo (vítima). CDH/FESS – documentação não indexada (86 pp.)

PC 082, 1879, partes: Umbelino, Crioulo (réu) e Ursula (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 472 (26 pp.)

Crimes Escravas → Filhos (as)

PC 059, 1862, partes: Deolinda, Africana (réu) e filho, menor (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (19 pp.)

PC 061, 1863, partes: Rita, Crioula (réu) e Margarida e Arminda, filhas menores (vítimas). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (20 pp.)

Crimes Escravos → Senhores e/ou Feitores

PC 112, 1835, partes: Antonio, Cabinda (réu) e Pedro Thomaz Gonçalves (vítima). CDH/FESS – documentação não indexada

PC 034 / PC 035, 1840, partes: Ventura, Quiçaman e Bernardo, Muange (réu) e Bernardo Gomes de Aguiar Junior (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 464 (28 pp.)

PC 037, 1842, partes: Pedro, Bahia (réu) e Britto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 464 (35 pp.)

PC 038, 1843, partes: Manoel Francisco, Bahia (réu) e Joaquim, Moçambique (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 464 (36 pp.)

PC 088, 1844, partes: Antonio, Moçambique e Ciro, Congo (réus) e Bento Luiz Martins, Português (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 482 (91 pp.)

PC 048, 1856 - 1857, partes: Agostinho, monjolo (réu) e Matheus Borges (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 466 (27 pp.)

PC 050 / PC 115, 1856 - 1858, partes: Juvenal, Cabinda e mais 12 escravos (réu) e José Luiz Leite (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (100 pp.)

PC 066, 1866 - 1880, partes: Augusto, Mina e mais 6 escravos (réu) e Comendador Venâncio José Gomes da Costa (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (100 pp.)

PC 068, 1870, partes: Manoel, Maranhão (réu) e Francisco Soares de Macedo (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 468 (94 pp.)

PC 020, 1872, partes: Antonio Crioulo (réu) e Manoel Gonçalves Gilde (vítima). CDH/FESS – documentação não indexada

PC 073, 1875, partes: Marcos, Pelotas (réu) e Manoel Cardoso de Oliveira (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 469 (80 pp.)

PC 010, 1877, partes: Malachias, Benguela (réu) e Ten. Coronel Francisco José Alves Santiago (vítima). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 228 (88 pp.)

PC 077, 1877, partes: Thomaz, Bahia (réu) e Antonio Justino de Lima (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 470 (95 pp.)

PC 008, 1877 – 1878, partes: Braz, Crioulo (réu) e Antonio Ferreira da Costa (vítima). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 228 (83 pp.)

PC 015 / PC s/ No.: Vassouras, 1878, partes: Graciano, Pernambuco (réu) e Agostinho (vítima). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 234 (100 pp.)

PC 080, 1879, partes: Manoel, Crioulo (réu) e Gil, Mina (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 472 (122 pp.)

PC 083, 1880 - 1881, partes: Bernardo, Crioulo (réu) e Irineu, Crioulo (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 472 (77 pp.)

Crimes Senhores e/ou Feitores → Escravos

PC 036, 1841, partes: Jorge Machado Bitancourt (réu) e Luiz, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 464 (21 pp.)

PC 044, 1849, partes: Manoel Joaquim de Lima (réu) e Donata, preta (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 465 (12 pp.)

PC 051, 1858, partes: José Dutra (réu) e Rafael, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 466 (28 pp.)

PC 052, 1858, partes: Limão, Crioulo (réu) e Antonio, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 466 (40 pp.)

PC 053, 1859, partes: Manoel Vieira Raposa, Português (réu) e Ignácio, Africano (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 466 (30 pp.)

PC 063, 1864, partes: Raimundo dos Santos Queiroz (réu) e Miguel (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (17 pp.)

PC 064, 1866, partes: Ricardo, Moçambique, mais 3 escravos (réu) e Tibúrcio, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 467 (78 pp.)

PC 079, 1878 – 1881, partes: Joaquim Ferreira da Silva (réu) e Antonio, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 471 (119 pp.)

Crimes Escravos → População Livre

PC 087, 1840, partes: José Lenadro, Crioulo (réu) e Maria de Jesus, Portuguesa (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 482 (19 pp.)

PC 089, 1846, partes: Maria Joana (réu) e Messias Avelino (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 482 (29 pp.)

PC 092, 1849, partes: Francisco Mariano (réu) e Fortunato Ribeiro da Silva (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 482 (36 pp.)

PC 047, 1855, partes: Rafael (réu) e Manoel Moreira da Cunha (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 465 (150 pp.)

PC 056, 1860, partes: Maria (réu) e João Batista da Silva Ventania (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 466 (20 pp.)

PC 098, 1863, partes: Manoel Baiano (réu) e Antonio Francisco Belém, Português (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 484 (20 pp.)

PC 104, 1864, partes: Floriano, Bahia (réu) e Antonio Joaquim da Costa (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 485 (44 pp.)

PC 105, 1865, partes: Manoel, Bahia (réu) e Jerônimo, Bahia (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 485 (54 pp.)

PC 070, 1867, partes: Gabriel, Benguela/Angola e Rodrigo, Munhanhane (réu) e Joaquim da Costa Valle (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 468 (97 pp.)

PC 072, 1873, partes: Felizardo (réu) e Francisco Antonio Pereira (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 469 (137 pp.)

PC 074, 1874, partes: Hilário, Crioulo (réu) e Dr. Luiz Augusto de Azevedo Cunha (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 469 (164 pp.)

PC 081, 1879, partes: Pedro, Crioulo (réu) e Vital Antonio da Fonseca (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 472

PC 085, 1836, partes: Luiz, Cabinda (réu) e Manoel Modesto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 482 (05 pp.)

População Livre → Escravos

PC 086, 1830, partes: Luiz de Avilla Lacé (réu) e José (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 482 (40 pp.)

PC 006, 1832, partes: tropeiros (réu) e José, Crioulo (vítima). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 228 (25 pp.)

PC 026, 1838, partes: José Mariano da Silva, Ceará (réu) e Antonio, Cabinda (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 460 (17 pp.)

PC 043, 1847, partes: João dos Santos Crisóstimo (réu) e Miguel, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 465 (24 pp.)

PC 090, 1848, partes: Ernesto Frederico de tal (réu) e Jacinto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 482 (10 pp.)

PC 091, 1848, partes: Manoel Moreira, Porto (réu) e Joana, Africana (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 482 (26 pp.)

PC 093, 1855, partes: Manoel Pereira dos Santos (réu) e Orácio (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 483 (26 pp.)

PC 094, 1856 - 1857, partes: Luiz José de Siqueira (réu) e Antonio, pardo (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 483 (65 pp.)

PC 095, 1857, partes: Manoel Martins Vilella, Português (réu) e David (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 483 (38 pp.)

PC 049, 1857 - 1858, partes: José Pinto de Moraes (réu) e João, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 466 (47 pp.)

PC 096, 1858, partes: Antonio José Antunes, Porto (réu) e Izabel, preta (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 484 (03 pp.)

PC 097, 1859, partes: João de Carvalho e Mello, Português (réu) e José (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 484 (32 pp.)

PC 101, 1864, partes: João Maria Linhares e Antonio Alves Martins (réu) e Thomaz Seghr, Liverpool (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 485 (49 pp.)

PC 102, 1864, partes: Raimundo dos Santos Queiroz (réu) e Miguel, preto (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 485 (10 pp.)

PC 106, 1865, partes: Manoel dos Santos Mendonça, Português (réu) e Michaela Anna Thereza, preta (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 485 (44 pp.)

PC 110, 1875, partes: Antonio dos Santos (réu) e Leodominio José da Silva (vítima). CDH/FESS – documentação não indexada (30 pp.)

PC 076, 1877, partes: Sabino Augusto Sancho (réu) e Basília, Crioula (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 470 (111 pp.)

PC 107, 1878, partes: José Lopes de Almeida (réu) e Augusto, Crioulo (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 487 (72 pp.)

Fugas selecionadas:

Alguns dos documentos aqui considerados como fuga, estão sob o título de roubo na documentação, já que os acusados são pessoas que levavam escravos fugidos consigo

PC 041, 1836: Matheus, Rebolo (réu). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 464 (20 pp.)

PC 042 / PC 117: Manoel Congo e mais 17 escravos (réu). CDH/FESS – 2º Ofício, caixas 464 e documento sobre ‘rebelião liderada pelo escravo Manoel Congo’.

PC 108, 1842: Silvestre José Joaquim. CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 498 (22 pp.)

PC 028, 1852: Claudino, Pernambuco. CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 460 (34 pp.)

PC 030, 1856: Firmina, Africana . CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 460 (30 pp.)

PC 003, 1867: Adão, Crioulo . CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 227 (119 pp.)

PC 069, 1872 – 1873: Antonio, Pernambuco. CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 460 (106 pp.)

PC 013, 1874: João Caetano. CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 233 (99 pp.)

PC 001, 1875 – 1877: Felício. CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 266 (155 pp.)

PC 011, 1878: João, Africano (réu). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 229 (96 pp.)

Furtos selecionados:

PC 039, 1845: Evaristo, Crioulo (réu). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 464 (23 pp.)

PC 002, 1853: Lourenço, preto (réu). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 227 (20 pp.)

PC 109, 1865: Sebastião (réu). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 498 (56 pp.)

PC 032, 1879: Dionísio de Paula e Jorge (réu). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 460 (20 pp.)

PC 004, 1880: Máximo (réu). CDH/FESS – 1º Ofício, caixa 227 (90 pp.)

PC 084, 1880: Manoel, Crioulo e outros (réu). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 472 (109 pp.)

Outros processos selecionados:

(processos selecionados na pesquisa cujas partes não envolvem escravos)

PC s/ No.: Pocinho, 1874, Ordelina Paula de Jesus (ré) e Maria, menor (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 470 (204 pp.)

PC s/ No.: Pocinho, 1876, Pedro Ambrósio de Moura (réu) e Alexandre José Texeira (vítima). CDH/FESS – 2º Ofício, caixa 469 (47 pp.)

Índice com notação dos processos no Banco de dados // CDH – Cadastro Geral

Processo-Crime s/no. / fuga de preso, 1849, p.01.
Processo-Crime 001 / fuga 01, 1875, p.01.
Processo-Crime 002 / furto 01, 1853, p.03. (dinheiro)
Processo-Crime s/no. / furto, s.d., p.04. (café)
Processo-Crime 003 / fuga 02, 1867, p.04.
Processo-Crime 004 / furto 02, 1880, p.05. (objetos em casa de negócios)
Processo-Crime 005 / homicídio 01, 1822, p.07. (escravo/africano → escravo/africano)
Processo-Crime 006 / homicídio 02, 1832, p.08. (tropeiros → escravo/crioulo)
Processo-Crime 007 / homicídio 03, 1828, p.09. (escravo/africano → escravo/crioulo)
Processo-Crime 008 / homicídio 04, 1877, p.11. (escravo/crioulo → feitor/português)
Processo-Crime 009 / homicídio 05, 1872, p.13. (escravo africano → escravo)
Processo-Crime 010 / homicídio 06, 1877, p.14 (escravo/africano → feitor português)
Processo-Crime s/no. / homicídio, 1877, p.15 (feitor/brasileiro → empregado cocheiro)
Processo-Crime 011 / fuga 03, 1878, p.16.
Processo-Crime 012 / homicídio 07, 1878, p.17. (homens livres em uma casa de negócio, sendo um filho de escravo)
Processo-Crime 013 / fuga 04, 1874, p.18.
Processo-Crime s/no. / ofensas físicas, 1875, p.19. (negociação de pena)
Processo-Crime 014 / ofensas físicas 01, 1875, p.20. (amasio)
Processo-Crime 015 / ofensas físicas 02, 1878, p.22. (escravo → feitor/liberto)
Processo-Crime s/no. / ofensas físicas, 1878, p.23 (dois homens → fazendeiro e seu filho)
Processo-Crime 016 / sedução 01, 1821, p.25.
Processo-Crime 017 / desobediência/resistência 01, 1857, p.25. (uso indevido de arma)
Processo-Crime 018 / homicídio (tentativa) 08, 1873, p.26. (escravo → escrava)
Processo-Crime 019 / homicídio (acidente) 09, 1853, p.27. (livre → escravo)
Processo-Crime 020 / homicídio (tentativa) 10, 1872, p.36. (escravo → administrador)
Processo-Crime 021 / fuga 05, 1849, p.37. (da cadeia)
Processo-Crime 022 / fuga 06, 1852, p.38. (da cadeia)
Processo-Crime 023 / fuga 07, 1842, p.39. (da cadeia)
Processo-Crime 024 / fuga 08, 1867, p.39. (da cadeia)
Processo-Crime 025 / fuga 08, 1867, p.40. (da cadeia)
Processo-Crime 026 / ofensa física (?) 03, 1838, p.41. (homem livre do Ceará → escravo/africano)
Processo-Crime 027 / furto 03, 1843, p.42. (escravo)
Processo-Crime 028 / fuga 09, 1852, p.42.
Processo-Crime 029 / furto 04, 1859, p.43. (escravo)
Processo-Crime 030 / fuga 10, 1856, p.44.
Processo-Crime 031 / furto 05, 1860, p.45. (escravo)
Processo-Crime 032 / furto 06, 1879, p.46. (café)
Processo-Crime 033 / homicídio 11, 1840, p.47. (crioulo → preta)
Processo-Crime 034 / homicídio 12, 1840, p.48. (escravo/africano → senhor)
Processo-Crime 035 / homicídio 12, 1840, p.49. (escravo/africano → senhor)
Processo-Crime 036 / homicídio 13, 1841, p.50. (feitor → escravo)
Processo-Crime 037 / homicídio 14, 1841, p.50. (escravo → capitão do mato)
Processo-Crime 038 / homicídio 15, 1843, p.51. (escravos → senhor)
Processo-Crime s/no. / homicídio, 1843, p.52. (pernambucano → escrivão)
Processo-Crime 039 / furto 07, 1845, p.53. (roupas, dinheiro, armas)
Processo-Crime s/no. / homicídio, 1845, p.54. (homem livre → homem livre)
Processo-Crime s/no. / homicídio, 1834, p.55. (homem livre → homem livre)
Processo-Crime 040 / homicídio 16, 1835, p.56. (escravo africano → escrava)
Processo-Crime 041 / fuga 11, 1836, p.57.
Processo-Crime 042 / fuga 12, 1838, p.58.
Processo-Crime 043 / homicídio 17, 1847, p.59.

Processo-Crime 044 / homicídio 18, 1849, p.60. (senhor → escrava)
 Processo-Crime 045 / homicídio 19, 1850, p.61. (escravo → escrava)
 Processo-Crime s/no. / homicídio, 1852, p.62.(costureira → criança)
 Processo-Crime 046 / homicídio 20, 1853, p.63. (escravos → escravo)
 Processo-Crime 047 / homicídio 21, 1855, p.65. (escravo → homem livre)
 Processo-Crime 048 / homicídio 22, 1856, p.67. (escravo → feitor)
 Processo-Crime 049 / homicídio 23, 1857, p.67. (homens livres → escravo)
 Processo-Crime 050 / homicídio 24, 1858, p.68. (escravos → senhor)
 Processo-Crime 051 / homicídio 25, 1858, p.68. (feitor → escravo)
 Processo-Crime 052 / homicídio 26, 1858, p.69. (senhor e escravo → escravo)
 Processo-Crime 053 / homicídio 27 (tentativa), 1859, p.70. (feitor → escravo)
 Processo-Crime 054 / homicídio 28, 1860, p.71. (homem forro? → crioula forra)
 Processo-Crime 055 / homicídio 29, 1860, p.72. (escravo/crioulo → escravo africano)
 Processo-Crime 056 / homicídio 30, 1860, p.73. (escrava crioula → homem livre?)
 Processo-Crime 057 / homicídio 31, 1860, p.73. (escravo → escrava)
 Processo-Crime 058 / homicídio 32, 1862, p.74. (escravo → escrava)
 Processo-Crime 059 / homicídio 33, 1862, p.75. (escrava → filho)
 Processo-Crime 060 / homicídio 34, 1862, p.76. (escravo → escravo)
 Processo-Crime 061 / homicídio 35, 1863, p.77. (escravas → filhas)
 Processo-Crime 062 / homicídio 36, 1864, p.78. (escravo/africano → escravo africano)
 Processo-Crime 063 / homicídio 37, 1864, p.79. (feitor? → escravo)
 Processo-Crime 064 / homicídio 38, 1866, p.79. (senhor e escravos → escravo)
 Processo-Crime 065 / homicídio 39, 1866, p.81. (escravo → escrava)
 Processo-Crime 066 / homicídio 40, 1866, p.82. (escravos → feitor)
 Processo-Crime 067 / homicídio 41, 1869, p.84. (escravo → escravo)
 Processo-Crime 068 / homicídio 42, 1870, p.84. (escravo → feitor)
 Processo-Crime 069 / fuga 19, 1872, p.85.
 Processo-Crime s/no. / homicídio, 1872, p.87. (homens livres → homem livre)
 Processo-Crime 070 / homicídio 43, 1867, p.89. (escravo africano → homem livre)
 Processo-Crime 071 / homicídio 44, 1871, p.91. (escravo → escravo)
 Processo-Crime 072 / homicídio 45, 1873, p.91. (escravo → homem livre)
 Processo-Crime 073 / homicídio 46, 1875, p.93. (escravo → feitor)
 Processo-Crime 074 / homicídio 47, 1874, p.95. (escravo → homem livre)
 Processo-Crime 075 / homicídio 48, 1873, p.97. (escravo → escravo)
 Processo-Crime s/no. / homicídio, 1874, p.97. (mãe → filha)
 Processo-Crime 076 / homicídio 49, 1877, p.102. (homem livre → escrava, menor)
 Processo-Crime 077 / homicídio 50 (tentativa), 1877, p.103. (escravo → feitor)
 Processo-Crime 078 / homicídio 51, 1877, p.105. (escravo → escrava e enfermeiro)
 Processo-Crime s/ no. / homicídio, 1878, p.106. (escravo → ?)
 Processo-Crime 079 / homicídio 52, 1878, p.107. (feitor português → escravo)
 Processo-Crime 080 / homicídio 53, 1879, p.108. (escravos → feitor)
 Processo-Crime 081 / homicídio 54, 1879, p.110. (escravo → homem livre)
 Processo-Crime 082 / homicídio 55, 1879, p.111. (escravo → escravo)
 Processo-Crime 083 / homicídio 56 (tentativa), 1880, p.112. (escravos → senhor)
 Processo-Crime 084 / homicídio 57, 1880, p.113. (escravo → escravo)
 Processo-Crime 085 / ofensa física 04, 1836, p.114. (escravo → homem livre ?)
 Processo-Crime 086 / ofensa física 05, 1830, p.114. (homem livre ? → escravo)
 Processo-Crime 087 / ofensa física 06, 1840, p.115. (crioulo forro → mulher branca)
 Processo-Crime 088 / ofensa física 07, 1844, p.116. (escravos → feitor)
 Processo-Crime 089 / ofensa física 08, 1846, p.117. (liberta → homem livre)
 Processo-Crime 090 / ofensa física 09, 1848, p.118. (homens livres → escravos)
 Processo-Crime 091 / ofensa física 10, 1848, p.119. (homem livre → escrava)
 Processo-Crime 092 / ofensa física 11, 1849, p.119. (homem livre/liberto ? → homem livre)

Processo-Crime 093 / ofensa física 12, 1855, p.120. (homens livres → escravo)
 Processo-Crime 094 / ofensa física 13, 1856, p.121. (homens livres → escravo)
 Processo-Crime 095 / ofensa física 14, 1857, p.122. (homens livres → escravo)
 Processo-Crime 096 / ofensa física 15, 1858, p.123. (homem livre → escrava)
 Processo-Crime 097 / ofensa física 16, 1859, p.123. (homem livre → escravo)
 Processo-Crime 098 / ofensa física 17, 1863, p.124. (escravo →
 Processo-Crime 099 / ofensa física 18, 1867, p.125. (escravo → escravo)
 Processo-Crime 100 / ofensa física 19, 1869, p.126. (administrador e escravos →feitor)
 Processo-Crime 101 / ofensa física 20, 1864, p.127. (homens livres → preto norte-americano)
 Processo-Crime 102 / ofensa física 21, 1864, p.128. (homem livre → escravo)
 Processo-Crime 103 / homicídio 58 (tentativa), 1864, p.128. (escravo → escrava)
 Processo-Crime 104 / ofensa física 22, 1864, p.129. (escravo → homem livre)
 Processo-Crime 105 / ofensa física 23, 1865, p.130. (escravos fugidos → homem livre)
 Processo-Crime 106 / ofensa física 24, 1865, p.131. (homem livre → preta forra)
 Processo-Crime 107 / ofensa física 25, 1878, p.132. (homem livre → escravo)
 Processo-Crime 108 / sedução/furto/fuga ?? 02, 1842, p.134. (escravo)
 Processo-Crime 109 / furto 08, 1865, p.135. (vários objetos)
 Processo-Crime 110 / ofensa física 26, 1875, p.136. (homem livre ? → liberta e homem livre)
 Processo-Crime 111 / ofensa física 27, 1878, p.137. (escravo → escrava)
 Processo-Crime s/ no. / sedução
 Processo-Crime s/ no. / ofensa física, 1879, p.139. (homem livre → homem livre)
 Processo-Crime 112 / homicídio 59, 1835, p.140. (escravo africano → senhor)
 Processo-Crime 113 / fuga 20, 1842, p.141. (da cadeia)
 Processo-Crime 114 / homicídio 60, 1845, p.142. (escravo africano → escravo africano)
 Processo-Crime 115 / homicídio 61, 1856, p.143. (escravo africano → senhor)
 Processo-Crime 116 / ofensa física 28, 1875, p.146. (escravo → escravo)
 Processo-Crime 117 / insurreição, 1838, p.148.

Bibliografia

- AGOSTINI, Camilla. 2002. *Africanos no cativeiro e a construção de identidades no além-mar. Vale do Paraíba, século XIX*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp.
- _____. 2008. Africanos e a formação de identidades no além-mar: um estudo de etnicidade na experiência africana no Rio de Janeiro do século XIX. *História e Perspectivas*, n.º.39.
- _____. 2010. Dinâmicas de fronteiras entre comunidades escravas e de lavradores livres. *Habibus*. Vol.8 (1/2).
- _____. 2015. Suspeitos, transeuntes, impermanentes: personagens liminares e a dinâmica social em um microcosmo do Império. In: R. Salles e M. Muaze (eds.). *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão*. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras.
- ARQUIVO NACIONAL; Arquivo do estado do Rio de Janeiro; Arquivos Municipais de Vassouras. 1978. *IV Simpósio de História do Vale do Paraíba: fatos, leis e homens da história de Vassouras em exposição pública*. Vassouras.
- BARNES, J.A. 1969. Networks and political process. In: James Clyde Mitchell (ed.) *Social networks in urban situations*. Manchester: Manchester University Press.
- _____. 1972. *Social Networks*. Reading, Mass.: Addison-Wesley.
- BARTH, Fredrik. 1970 (1969). *Ethnic Groups and Boundaries. The social organization of culture difference*. Oslo: Universitets Forlaget.
- BOISSEVAIN, Jeremy. 1968: The place of non-groups in the social sciences. *Man* 3: 542-556
- _____. 1971. Second thoughts on quasi-groups, categories and coalitions. *Man* 6: 168-172
- _____. 1974. *Friends of Friends. Networks, manipulators and coalitions*. New York: St. Martin's Press.
- _____. 1979. Network Analysis: a reappraisal. *Current Anthropology* vol.20 (2).
- BOTT, Elizabeth. 1957. *Family and social network*. London: Watts.
- CARVALHO, Sheldon Augusto Soares de. *A reconstrução da opressão: comunidades de ex-escravos, a guetificação e o trabalho livre em Barbacena (1850-1929)*. Tese de doutorado. Niterói: UFF, 2015.
- CHALHOUB, Sidney. 1998 (1990). *Visões da Liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Cia das Letras.
- _____. 2012. *A Força da Escravidão. Ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GENOVESE, Eugene D. 1988. *A terra prometida: mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GINZBURG, Carlo. 1991. O inquisidor como antropólogo. *Revista Brasileira de História*. Vol.1

(21).

- _____. 2007 (2006). *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras.
- KAYE, Anthony E. 2007. *Joining Places*. Slave neighborhoods in the Old South. Chapel Hill; The University of North Carolina Press.
- KI-ZERBO, J. 1982. Introdução In: J. Ki-Zerbo (ed.) *História Geral da África* vol.I.
- LEITE, Miriam L.M. 1997. *Livros de Viagem*. 1803 – 1900. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- MacFARLANE, Alan. 1977. *Reconstructing historical communities*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATTOS, Hebe. 1995. *Das Cores do Silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- MAMIGONIAN, Beatriz G. 2017. *Africanos Livres*. A Abolição do tráfico de escravos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.
- MITCHELL, J.Clyde. 1969. *Social networks in urban situations*. Manchester: Manchester University Press.
- PESSOA, Thiago Campos. A indiscrição como ofício: o complexo cafeeiro revisitado (Rio de Janeiro, c. 1830-1888). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2015.
- SALLES, Ricardo. e MUAZE, Mariana. 2015. *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil no Quadros da Segunda Escravidão*. Rio de Janeiro: Faperj/7Letras.
- LENES, Robert W. 1985. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX. *Cadernos do IFCH*, Unicamp. Campinas, no.17.
- _____. 1988. Lares negros, olhares brancos: histórias da família escrava no século XIX. In: *Revista Brasileira de História*. Vol.8 (16).
- _____. inédito. Confidence and crisis in a peculiar market: the brazilian internal slave trade during a period of mobilization against forced labor, 1850-1888. Campinas, trabalho inédito (versão 1999).
- TOMICH, David. 2011. *Pelo Prisma da Escravidão: trabalho capital e economia mundial*. São Paulo: Edusp.
- TURNER, Victor. 1957. *Schism and continuity in an African society*. Manchester: Manchester University Press.
- _____. 1969. *The ritual process: structure and anti-structure*. Chicago: Aldine Publishing Co.
- _____. 1974. *Drama, Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- VAN VELSEN, J. 1987. A Análise Situacional e o método de estudo de caso detalhado. In:

Feldman-Bianco, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos*. Global Universitária, pp. 345-373.

VAN VELSEN, J. & THODEN, H.U.E. 1973. Coalitions and network analysis. In: *Network Analysis studies in human interaction*. Jeremy Boissevain & Clyde Mitchell (eds.). Paris: Mouton.

VANHEE, Hein. 1999. Vodou and the catholic cult in Saint-Domingue / Haiti. Lecture presented at conference *Bantu into Black*, Howard University, September, 17-18.

WISSENBACH, M.C.C. 1989. *Sonhos africanos, vivências ladinas – escravos e forros no município de São Paulo (1850-1880)*. São Paulo: USP (dissertação de mestrado).

XAVIER, Regina C.L. 1996. *A conquista da Liberdade: libertos em Campinas na segunda metade do século XIX*. Campinas: Centro de Memória – UNICAMP.